

MUDANÇA
de rota

ANE PIMENTEL



SUMÁRIO

[SINOPSE](#)

[EPÍGRAFE](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)

[CAPÍTULO TRINTA](#)

[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)
[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)
[EPÍLOGO](#)
[CAPÍTULO EXTRA](#)
[AGRADECIMENTOS](#)
[DEMAIS OBRAS DA AUTORA](#)
[REDES SOCIAIS](#)

MUDANÇA DE ROTA

ANE PIMENTEL

Copyright © 2020 ANE PIMENTEL

Capa: Layce Design

Diagramação: GD² Serviços Editoriais

**Essa é uma obra de ficção, seu intuito
é entreter pessoas, quaisquer semelhanças
entre nomes, datas e acontecimentos reais,
são mera coincidência.**

Todos os direitos reservados.

É estritamente proibida a reprodução
e/ou armazenamento de qualquer parte
desta obra, parcial ou completa, através
de quaisquer meios sem o consentimento
escrito da autora.

A violação dos direitos autorais
é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98
e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

MUDANÇA *de rota*

ANE PIMENTEL

Sinopse

Heloísa é uma fisioterapeuta que se dedica ao trabalho de corpo e alma. Quando ela viajou, com o tempo cronometrado, para o casamento da sua irmã no Chile, não contava com a possibilidade de perder seus objetos pessoais antes mesmo de entrar no país. Sem documentos, dinheiro ou celular, ela se viu perdida no aeroporto sem sequer dominar o idioma.

Murilo é piloto de avião. Assim que desembarcou no aeroporto de Santiago, se deparou com uma mulher chorando, sentada no chão. Ele ofereceu ajuda e descobriu que se tratava de uma brasileira prestes a ser deportada.

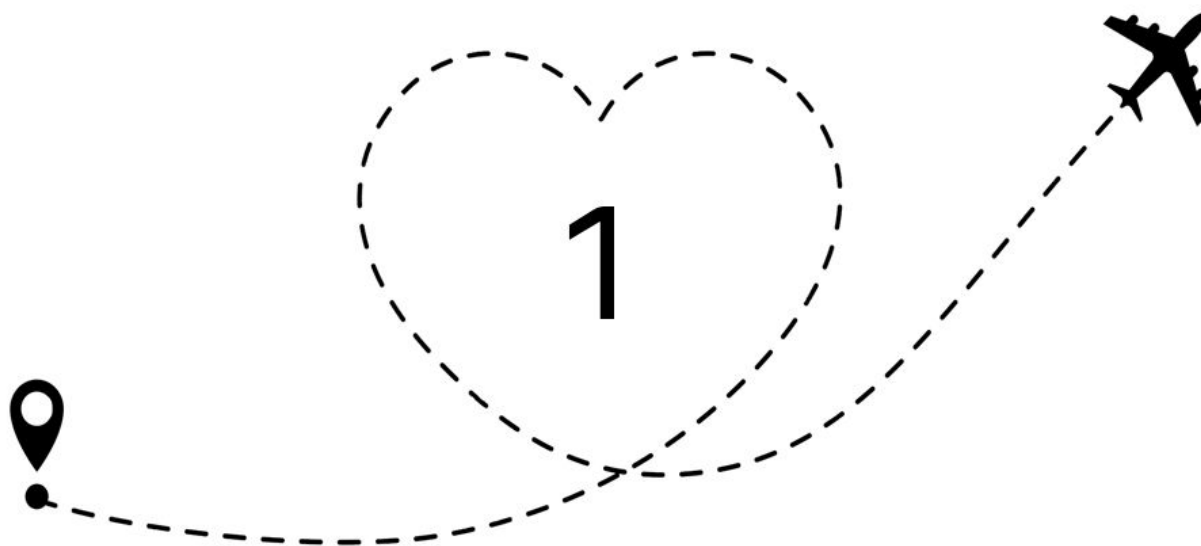
Será que eles conseguirão lidar com as turbulências que aquele encontro causará?

Embarque conosco nessa viagem e descubra!

*Para M. Você nem sonha, mas me
inspirou naquele dia triste.*

Epigrafe

*Se eles têm três carros, eu posso voar
Se eles rezam muito, eu já estou no céu
(Balada do Louco – Rita Lee)*



Helôisa

Quinze minutos não podem ser considerados atraso. É mais uma tolerância, não é? Ainda mais nesse caso, em que a companhia aérea recomendou que chegasse três horas antes da saída do voo só porque ele era internacional. Cento e oitenta minutos perdidos em um aeroporto sem finalidade alguma, uma vez que o tempo de embarque ainda contava com quase trinta minutos. Bem, então nesse caso não eram exatamente quinze minutos de atraso, mas sim os quinze minutos finais daqueles cento e oitenta minutos que eu deveria ter chegado se quisesse perder tempo sentada em Guarulhos.

Estava tudo certo, minha mala era de bordo e não precisaria ser despachada, então era só esperar um pouquinho para que autorizassem o início do embarque. Sentei-me em uma das poucas cadeiras vazias em frente ao portão 320, no terminal 3. Posicionei

minha mala próxima a mim e coloquei a minha bolsa no colo, desfazendo o nó que fechava a sua entrada para pegar meu celular.

Havia várias mensagens da minha mãe, me lembrando da necessidade de não atrasar porque era um dia importante e tudo o mais. Resolvi fazer uma chamada de vídeo pelo WhatsApp para que ela visse com seus próprios olhos que eu estava ali e que daria tudo certo. No terceiro toque, ela atendeu e sua imagem com *bobs* nos cabelos claros invadiu a tela.

— Eu te mandei várias mensagens, Heloísa, já estava preocupada — disse com um tom de voz realmente preocupado.

— Desculpe, mãe, não tive tempo de olhar o celular...

— Você nunca tem tempo... — ela me interrompeu.

— Está vendo — virei a tela para que mostrasse o ambiente — já estou no aeroporto, prestes a embarcar para o grande dia da Victória!

— Graças a Deus! Você já deveria estar aqui, se arrumando conosco, tirando fotos para o *making off* da sua irmã.

— Eu sei, lamento por isso, a senhora sabe que não foi por negligência, estava trabalhando...

— Filha, você trabalha demais — não respondi, ela continuou — está ficando tudo lindo, estamos ansiosos para que chegue. Vou mandar alguém pegar vocês... Aliás, cadê o Leandro?

Eu achava mesmo que ela não perceberia?

— Ele teve um imprevisto e não vai poder ir.

— Seu namorado não vai para o casamento da sua irmã? — Perguntou incrédula.

— Vou ter que desligar, mãe. Assim que aterrissar, aviso. Te amo!

— Também amo você, Helô.

Encerrei a chamada no momento exato em que anunciaram o embarque do voo para o Chile.



Depois de colocar minha mala no bagageiro, acima do meu lugar, me sentei curtindo a grande vitória de estar na janela. O voo estava lotado, quase não havia poltronas disponíveis na classe econômica e eu agradei mentalmente por não ser esmagada na poltrona do meio, tampouco estar desconfortável na do corredor. Na janela, eu poderia me recostar e me distrair com a vista, a previsão era que voo durasse pouco mais de quatro horas.

Coloquei o celular em modo avião e peguei meu fone de ouvido antes de colocar minha bolsa embaixo do banco da frente. Ao meu lado sentou um homem e eu quase parei de ser grata por estar na janela. Já é desconfortável viajar de classe econômica, com pouco espaço para pernas, imagine ao lado de um ser do sexo oposto que naturalmente acha que tem direito a ocupar mais espaço por causa do membro no meio das suas pernas? Não vou nem comentar sobre olhares e cantadas desnecessárias porque o homem ao meu lado ainda não o tinha feito, mas todas nós sabemos que isso acontece nos mais diversos lugares e, ainda mais, em meios de transporte. Ao lado dele estava uma mulher, mas como eles não haviam se falado ou tocado, supus que não estivessem juntos.

Interrompendo a minha análise, a voz grave do piloto preencheu o ambiente.

— Senhoras e senhores, aqui quem fala é o comandante Salles. Bem-vindos ao voo número 1852 da *Travel Airlines*, partindo do aeroporto internacional de Guarulhos com destino ao aeroporto internacional de Santiago do Chile. Nosso tempo de voo é de aproximadamente 4h08min. O clima em Santiago está bom e a previsão é que nossa viagem seja tranquila e sem turbulência. Tenham um bom voo!

— Sim, que tenhamos um bom voo — repeti baixinho para mim mesma.

Não é que eu tenha medo de voar, já o tinha feito algumas vezes ao longo da vida, mas convenhamos que quando o avião acelerava meu coração acompanhava. E a subida? Sempre me deixava tensa. Até que o avião chegasse a uma altitude estável, eu não conseguia relaxar inteiramente.

Assim que esse momento chegou, coloque os fones, selecionei a minha playlist de viagem e me deixei levar pela melodia.

*Vou deixar a vida me levar
Pra onde ela quiser
Estou no meu lugar
Você já sabe onde é*



Não sei em que momento eu consegui cochilar, mas aconteceu e quando acordei foi com a voz do piloto informando que já estávamos sobrevoando os Andes. A Cordilheira dos Andes é uma vasta cadeia montanhosa formada por um sistema contínuo de montanhas ao longo da costa ocidental da América do Sul e possui aproximadamente oito mil quilômetros de extensão e é a maior cadeia de montanhas do mundo (em comprimento). Meu assento ficava do lado esquerdo, por isso poderia apreciar, pela janela, a linda cadeia montanhosa. Os picos conservavam neve mesmo a gente estando no verão e aquele detalhe deixava a paisagem fantástica. Abri a câmera do celular e registrei a beleza singular daquela paisagem.

Algum tempo (e muitas montanhas depois), o sinal de alerta soou, indicando que o comandante do avião falaria.

— Senhoras e senhores, vamos nos preparar para o pouso. Mantenham o encosto de suas poltronas na posição vertical, sua mesa fechada e travada, e afivalem o cinto de segurança. Solicitamos que não usem qualquer equipamento eletrônico. A *Travel Airlines* reforça nosso compromisso em chegar no horário e, dentro de instantes, pousaremos no Aeroporto Internacional Comodoro Arturo Merino Benítez em Santiago do Chile. Agradecemos a preferência e desejamos uma boa estadia!

A aterrissagem foi tranquila e quando o avião diminuiu a velocidade, as pessoas começaram a abrir os cintos e se agitar. Comigo não era diferente, não dava para esperar que todas as mais de duzentas pessoas descessem antes de mim. Por isso, peguei a bolsa debaixo do banco da frente e joguei meu celular dentro rapidamente. Assim que a tripulação avisou que poderia

desembarcar, fiquei de pé, mesmo sabendo que dependia de as duas pessoas da minha fila saírem antes de mim.

Não dava para perder tempo porque estava tudo calculado. O voo chegaria quatro horas antes do casamento, um carro me pegaria no aeroporto e me levaria direto para o hotel onde minha mãe, minha irmã e as madrinhas de casamento estavam se arrumando. Meu vestido de *demoiselle* já estava esperando por mim no local, tanto quanto meus sapatos, maquiadores e cabelereiros.

Ainda não tinha perdoado a Victória totalmente por me fazer entrar de dama, usando vestido igual ao de outras cinco pessoas. Preferia ser uma simples convidada já que ela não quis arriscar a me colocar como madrinha. O motivo? O padrinho, obviamente. Ela deixou claro que não teria como reorganizar tudo caso eu e o Leandro terminássemos nossa relação. De certa forma, ela acertou, não é? Ali estava eu, desembarcando em solo chileno completamente sozinha.

Por falar em desembarcar, os dois passageiros ao meu lado finalmente se enfiaram na fila que se formou no corredor e eu ainda os empurrei um pouco para poder ficar em pé, ainda que não de maneira muito ereta, e retirar a minha mala do bagageiro. Fiquei segurando firme pelo puxador, enquanto joguei a minha bolsa nas costas.

Estiquei o pescoço algumas vezes, achando o ritmo de descida das pessoas bem lento, mas quando cheguei na frente da aeronave mal olhei para a tripulação e desci a rampa correndo para dentro da área de desembarque. Quando eu disse correndo, era literalmente falando, corri feito uma maratonista para passar todas aquelas pessoas e chegar, o quanto antes, na área de controle de imigração.

Quando cheguei na fila, tinham apenas sete pessoas na minha frente. Considerando um *boeing* lotado, minha corrida tinha valido à pena. Assim que chegou a minha vez, respirei fundo e me dirigi até a cabine na qual havia um homem uniformizado.

— *Hola buenas tardes. Pasaporte o documento, por favor* — ele falou rápido e em espanhol, mas deu para entender por que se parecia bastante com português.

— Sim — respondi em minha língua e puxei a bolsa das costas em busca do que havia me pedido.

Empurrei as balas, a *necessaire* de remédios e os lenços umedecidos que estavam no caminho para chegar até a minha carteira. O problema era que ela não estava embaixo desses objetos.

— Só um instante... — falei novamente e esperava que ele estivesse entendendo, enquanto revirava a bolsa — não está aqui? Onde foi parar?

— *Necesito su pasaporte o su documento de identidad original, de lo contrario no podré continuar con la asistencia y su liberación* — não entendi uma só palavra do que ele disse. O homem falou tão rápido que era como se estivesse brincando de trava-línguas.

— Vou pegar o tra-du-tor — soletei como se fosse adiantar.

Coloquei a mão no bolso de trás da minha calça jeans, onde normalmente guardo meu celular, mas ele também não estava lá. Tentei lembrar se joguei dentro da bolsa e fechei os olhos quando senti a minha cabeça latejar: foi exatamente o que fiz. Meu celular e minha carteira estavam na minha bolsa e agora tinham sumido, o que eu ia fazer?

— Desculpe, eu volto já — informei ao homem fardado e voltei para perto da fila de onde tinha saído.

Era provável que eu tivesse derrubado os itens na minha corrida maluca para chegar naquele lugar, só precisava refazer o caminho olhando atentamente onde tinha caído. Arrastei minha mala de rodinhas com passos apressados, com medo de que alguém achasse os objetos antes de mim, mas a cada metro percorrido o receio crescia dentro de mim.

Cheguei ao portão de desembarque pelo qual tinha saído e não havia mais sinal de passageiros deixando o avião. Uma mulher com a farda da *Travel Airlines* estava arrumando alguns papéis que pareciam estar quase saindo do seu balcão em frente ao portão.

— Oi, você poderia me ajudar? O avião ainda está aí?

Ela sacou o seu celular e sorrindo pediu para eu digitar no tradutor o que queria dizer. Escrevi:

*Perdi minha carteira com meus documentos e o meu celular.
Preciso ver se caiu dentro do avião.*

Assim que devolvi o aparelho, a mulher começou a digitar a resposta. Quando ela me devolveu o celular estava escrito:

Todos os passageiros já saíram e o avião está sendo limpo e verificado para o próximo voo. Posso te acompanhar para procurar.

Sorri de alívio ao ler e me enchi de esperanças. Parecia óbvio que minha bolsa, estilo sacola, que só era fechada com cordões dando um laço em sua “boca” tivesse ficado aberta, por descuido meu, e os objetos houvessem escapado de dentro dela.

— Minha carona já deve estar me esperando, vai dar tempo...
— falei para mim mesma enquanto conferia as horas no meu relógio de pulso.

A funcionária falou rapidamente com as pessoas que estavam a bordo e eu segui pelo corredor, olhando pelo chão até chegar a poltrona na qual havia viajado. Nenhum sinal. Olhei embaixo dela e de todas as outras antes de me sentar em um assento qualquer sem saber mais onde procurar.

O que eu faço agora?

Escrevi no tradutor da funcionária da companhia aérea. Ela digitou a resposta e virou a tela para mim.

*Você será deportada.
É impossível entrar no país sem documentos.
Sinto muito. Precisa de mais algum auxílio?*

Senti minha cabeça latejar novamente enquanto negava com a cabeça e sussurrava um “*gracias*” em agradecimento a simpática moça que me ajudou até ali. Quando ela se afastou, depois de me conduzir para fora do avião, eu me deixei cair. Ali, no chão do aeroporto de um país que não era o meu, senti as primeiras lágrimas de frustração molharem o meu rosto.

— Como isso foi acontecer? — perguntei em voz alta, chorando — como vou avisar a minha família que não chegaria a tempo? Ou melhor, que não chegaria. Como voltaria para o meu país? Seria mesmo deportada?

Estava sem documentos, sem dinheiro, sem celular e sem dignidade sentada no chão enquanto chorava.

— *¿Sucedió algo? ¿puedo ayudar?* — uma voz grave disse, próximo a mim.

Minha cabeça estava apoiada nos meus braços que, por sua vez, estavam apoiados nos meus joelhos flexionados. Logo, não senti a menor vontade de levantar a cabeça e falar com o chileno que não me entenderia.

— Ótimo, mais um para me lembrar que não entendo nada — resmunguei.

— Perguntei se tinha acontecido alguma coisa e se eu poderia ajudar — ele falou em português e eu levantei a cabeça abruptamente.

O homem era alto e usava sapatos pretos bem lustrados, calça azul-marinho e blazer da mesma cor. Os botões do blazer eram dourados, bem como as quatro listras na manga, próximo aos punhos. Quando meus olhos alcançaram a cabeça dele, fiquei dividida entre reparar no seu chapéu que continha um par de asas douradas na frente, nos seus óculos estilo aviador e na barba bem-feita.

— Brasileiro?

— Sim. O que aconteceu? — Perguntou com tranquilidade.

— Você se refere a eu estar jogada no aeroporto, não saber o idioma do país em que estou, ser roubada ou estar desesperada? — Disse, atropelando as palavras.

— Hum, uma coisa de cada vez. Respire fundo... — Ele se abaixou e estendeu a mão.

— Quem é você? — Perguntei enquanto aceitava sua ajuda para me levantar.

— Sou o comandante Salles.

— Comandante? Então, é piloto?

— Isso mesmo.

— Será que pode me ajudar? Por favor, pelo amor de Deus, estou desesperada...

— Notei que estava, mas ainda não consegui entender o motivo.

— Minha irmã vai se casar aqui no Chile e eu já deveria estar lá, usando um vestido igual ao outras pessoas...

— Hum.

— Desculpe, vou direto ao ponto: roubaram as coisas da minha bolsa. Documentos, dinheiro, celular, tudo!

— Tentou falar com a imigração?

— Não entendi quase nada, mas a funcionária da *Travel* mencionou algo sobre deportação... Consegue falar com alguém para me liberar?

— Acho que...

— Eu juro que não quero ser ilegal, morar nesse país nem nada, eu amo o Brasil.

— Não é essa a questão. É impossível entrar em um país, de forma legal, sem documentos. As leis de todo lugar impediriam seu acesso, é uma questão de segurança nacional.

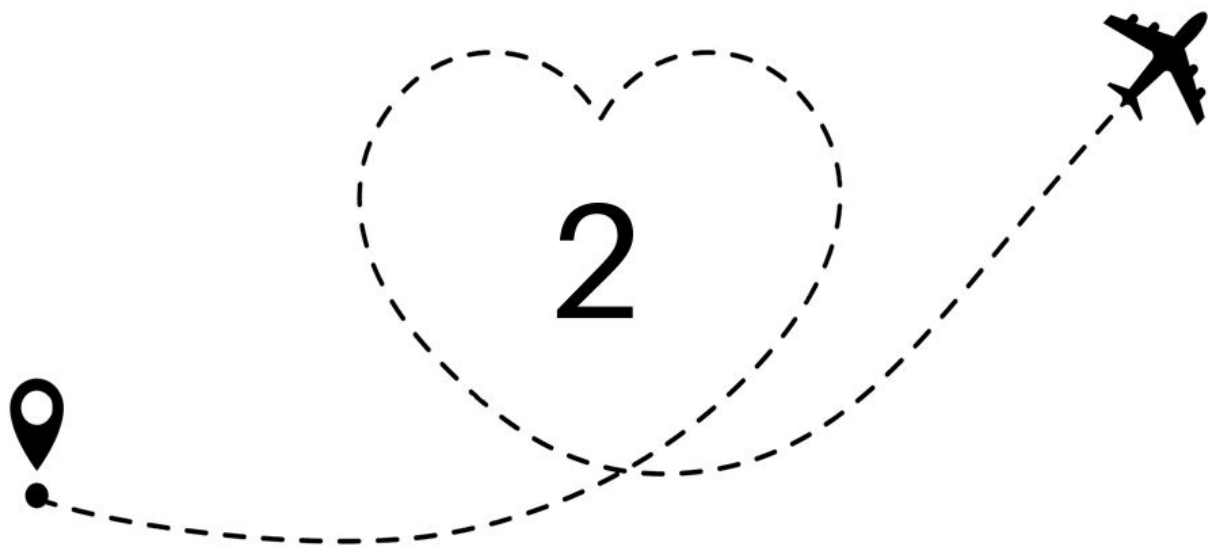
— Por acaso tenho cara de mulher-bomba? Terrorismo no Chile? Pelo amor de Deus, estamos na América do Sul!

— Posso acompanhar você até a imigração para traduzir as informações e descobrir que horas você volta ao Brasil.

— E o casamento?

— Sinto muito, senhora.

Não, ele não sentia. Ninguém, além de mim mesma, sentia o desespero e o medo se apossarem de meu corpo naquela hora.



Helôisa

Respirei fundo para me conter e não marchar pelo aeroporto como se fosse uma criança chorona enquanto seguia o comandante. Ele arrastava uma mala pequena e preta, com rodinhas que giravam em 360°. Comandante... Salles? Era esse o nome do piloto do avião que tinha me trazido?

— Você era o piloto do voo que veio de Guarulhos? — Perguntei, curiosa com a coincidência.

— Sim, voo 1852, estava a bordo? — Ele respondeu sem parar de andar.

— Estava, foi o voo que me trouxe de casa.

— Mora em São Paulo? — O piloto perguntou. Assenti com a cabeça, mas ele não viu.

— Moro sim — reafirmei.

— Vamos passar no balcão de achados e perdidos para ver se entregaram suas coisas lá antes de seguir para a imigração — informou e acelerou o passo.

O aeroporto era grande, não consegui mensurar se era maior ou menor que Guarulhos, mas caminhamos por alguns minutos até chegar no balcão ao qual ele se referiu. Assim que nos aproximamos, ele cumprimentou o funcionário em espanhol, antes de se virar para me perguntar o óbvio:

— Qual o seu nome?

Muito mal educadamente, havia esquecido de me apresentar ao homem que servia de tradutor.

— Desculpe, meu nome é Heloísa Delfino Maia — ele assentiu e informou ao homem o que, suponho, seja um resumo do que aconteceu comigo.

Alguns minutos se passaram enquanto o homem buscava meu documento entre as inúmeras carteiras de identidade e passaportes perdidos naquele lugar... Eu não era a única descuidada, mas provavelmente era uma das poucas que não sabia o idioma e estava atrasada para o casamento da irmã mais velha.

— Você tem passaporte, Heloísa?

— Tenho, mas embarquei só com a identidade porque sabia que não era preciso passaporte para entrar no Chile.

— Pelo menos ainda pode viajar — informou — se tivesse trazido poderia ter perdido junto com as outras coisas.

— Não sei como isso aconteceu — lamentei — não parei em lugar algum desde que saí do avião... Realmente acho que fui roubada.

O funcionário do aeroporto falou com o comandante e, pelo negar em seu aceno de cabeça, nem precisava de tradução para saber que não havia encontrado.

— Oh, mas que porra! — Xinguei e senti novas lágrimas se formarem em meus olhos.

— Vai ficar tudo bem... — E quando ele disse essa frase, duas delas escaparam — vamos para a imigração.

Eu o segui porque não tinha outra coisa para fazer. Os minutos passavam e as coisas só pioravam. Minha irmã ia ficar triste com minha ausência, meu pai preocupado e minha mãe bem próxima de furiosa. Eu podia ouvi-la dizer que tinha me avisado para vir antes, mas já estava me sentindo culpada o suficiente sem que ela precisasse me lembrar.

Maldita ideia da Victória de se casar na Catedral Metropolitana de Santiago. Por mais que o noivo fosse chileno, por que não valorizar seu próprio país? *Porque ela moraria no Chile, Heloísa.* Não tinha como culpá-la por isso.

— Comandante, o senhor tem telefone? — Ele tirou os óculos escuros, ainda em movimento, para me olhar — para eu tentar ligar para o meu celular e ver se alguém atende... — expliquei rapidamente.

Ele riu e colocou a mão no bolso pegando o celular. Seu polegar desenhou rapidamente o padrão de desbloqueio da tela antes de me entregar o aparelho. Digitei meu número rapidamente e fiz a ligação. Quando a chamada começou, minha esperança voltou a se renovar, mas ao terceiro toque, ela foi rejeitada.

— Rejeitaram, vou tentar novamente — cliquei na chamada e a repeti — desligaram o celular!

— Já estamos chegando... — informou como se fosse um alívio, mas só aumentava o meu desespero.

— Eles vão me deportar... — respirei fundo — como se fosse uma mercadoria que ninguém quer, sem nota fiscal e sem valor.

O piloto parou e isso me fez parar. Ele me encarou e, pela primeira vez, olhei em seus olhos. Eram escuros, praticamente pretos, e se eu pudesse descrevê-los diria que pareciam buracos negros no universo: profundos e devastadores.

— Você não é uma mercadoria, Heloísa.

— Mas é como me sinto nesse momento... — desviei o olhar.

Ele segurou meu queixo para que eu o encarasse.

— Se eu pudesse te colocaria no meio da Plaza de Armas, no centro de Santiago, para que todos pudessem te enxergar — engoli em seco — mas não existe a possibilidade de fazê-la entrar em um país estrangeiro sem documento de identificação.

Por um segundo, pensei que o início daquela frase fosse uma declaração de admiração ou, sei lá, de encantamento. Mas quem, em sã consciência, se encantaria com uma estranha chorosa, perdida e desastrada, que só o fazia andar de um lado para o outro no enorme aeroporto? Estava claro que ele se referia a ajuda que eu pedi quando descobri que era piloto.

— Preciso avisar a minha família... — Informei e nós voltamos a caminhar.

Ele se aproximou do lugar que me daria a chance de voltar para a casa e eu tentei me concentrar no celular nas minhas mãos. Para quem eu ligaria? Me julgue, mas não consigo lembrar o número de ninguém. Com discagem rápida e bateria portátil para garantir que o celular não descarregue, quem precisa decorar números de telefone? Ainda mais em época em que as operadoras vivem bloqueando os números e as pessoas vivem mudando de chip.

Redes sociais! Todo mundo vivia conectado e um *direct* no Instagram ou um *inbox* no Messenger seria visto mais rápido do que eu ser deportada e chegar no Brasil para avisar.

Procurei o ícone dos dois aplicativos e comecei pelo Messenger, desconectando da conta do comandante e entrando na minha. Assim que loguei, percorri os meus contatos em busca da minha mãe.

Oi, mãe, é a Helô. Aconteceu um problema, mas estou bem. Não conseguirei entrar no país porque perdi meus documentos e o meu celular. Sinto tanto por isso. Não estrague o momento inicial da Victória, deixe ela participar da cerimônia como se eu tivesse aí e só

quando ela perguntar por mim, provavelmente na festa, diga que serei deportada.

Eu amo todos vocês e não sei explicar como isso aconteceu. Eu estou bem e vou dar notícias assim que puder, ok?

Era improvável que ela olhasse o Facebook, mas quando o fizesse veria a mensagem. De qualquer forma, copiei o texto para o meu pai e para o meu cunhado. Quando terminei de enviar, o comandante Salles se aproximou.

— As notícias não são das melhores. Os voos para o Brasil estão lotados e o próximo disponível, direto para São Paulo, sai amanhã às 8 horas da manhã.

Tentei entender o que aquilo significava...

— Vou ficar sozinha no aeroporto, sem dinheiro e sem comunicação até amanhã? — Quase gritei quando a ficha caiu. — Não tem como eu falar com o Consulado brasileiro?

— Se você tivesse perdido os documentos quando já tivesse dentro do país, sim, eles emitiriam uma ARB, Autorização de Retorno ao Brasil, mas você não ingressou no país, Heloísa. Não há nada que possam fazer a não ser garantir a deportação sem custos que já é o que será feito amanhã.

— Tudo bem, desculpe por fazê-lo perder tanto tempo, já deveria estar descansando depois de pilotar...

— Aqui está uns *tickets* de alimentação e água para hoje e amanhã. E aqui, a sua passagem — ele me entregou os papéis e eu me certifiquei de guardá-los dentro do bolsinho com zíper no interior da bolsa.

— Obrigada, comandante.

— Não há de que. Nos vemos em breve.

Assinto e não sou capaz de abrir a boca porque se o fizesse seria para chorar escandalosamente. Ele se afastou, se virando antes de começar a caminhar. Eu dei alguns passos para trás, andando de costas, incapaz de perder de vista a única pessoa que

foi capaz de me compreender desde que toda aquela confusão começou. Senti quando minhas pernas tocaram na cadeira mais próxima e desabei nela, me sentando de uma vez.

Assim que senti senti algo incomodando no meu bolso. Que horas eu havia guardado o celular do meu amigo piloto?

— Comandante Salles — gritei alto.

Ele parou imediatamente e eu me levantei apressada, dando passos largos enquanto arrastava minha mala até ele. Tentei não correr desesperadamente como se aquele homem fosse uma boia salva-vidas e eu, alguém que havia caído na piscina sem saber nadar.

— Seu celular — disse, meio ofegante, estendendo o aparelho.

— Ah, o celular... Tinha esquecido completamente.

— Não quero ser deportada e acusada de furto — tentei brincar.

Ele riu.

— Obrigado por isso — ele pegou o aparelho e guardou no bolso frontal da calça social.

— Então, é isso. Adeus!

Foi a minha vez de dar as costas e andar. Um, dois, três... No meu quarto passo olhei para trás e notei que o homem continuava parado no mesmo lugar. E então, ele começou a andar. Mas na minha direção e não na oposta, que era o caminho que seguia antes do meu chamado. Fiquei parada, aguardando que, talvez, só talvez, ele pudesse me esconder na sua mala e me tirar daquele aeroporto imenso.

— Estou hospedado no hotel em frente ao aeroporto — ele fala assim que se aproxima — e era para lá que estava indo, mas estou realmente preocupado em deixar você sozinha aqui.

— Será que, por acaso, é possível que eu me hospede nesse hotel? — Perguntei esperançosa.

— O acesso a ele é pelo estacionamento do aeroporto, mas para chegar lá é preciso passar pelo controle de imigração. A tripulação dos aviões não tem acesso irrestrito e seguem o padrão, ou seja...

— Ou seja, estou realmente condenada a ficar sozinha e largada em um canto qualquer desse maldito aeroporto chileno — completei a frase dele.

— Era sobre isso que estava pensando — começou — talvez eu consiga te colocar em um lugar um pouco mais confortável do que essas cadeiras.

— Sêrio? Estou com medo de ter esperanças de novo — confessei.

— O aeroporto tem salas VIP que pertencem e são mantidas por algumas companhias aéreas.

— Eu sei, mas se nem no Brasil eu possuo acesso, imagine na qualidade de futura deportada? — Lamentei.

— Mas eu possuo. É bem mais fácil que eu consiga enfiar você em uma sala VIP do que dentro do país como imigrante ilegal. Vamos?

— Você, comandante, é a máscara de oxigênio que está me mantendo estável nesse caos aéreo.

— Acho que nunca fui tão essencial — ele riu — vamos ver o que posso fazer para te manter calma e respirando.



Depois de andar por mais alguns minutos, subir pelo elevador e caminhar mais um pouco, o comandante Salles me deixou sentada confortavelmente na sala VIP da *Travel Airlines*. O lugar era luxuoso e maior do que eu poderia imaginar e possuía sala de descanso, ala de entretenimento com tablets e videogames individuais e banheiros. As poltronas marrons, largas e confortáveis, da entrada já me fariam agradecer se pudesse dormir nelas. A área VIP contava também com *buffet* com frios como queijo e presunto; cereais, suco, leite, sanduíches, iogurte, salada de fruta, pão de queijo, café e leite. Tudo isso localizado em um ambiente com mesas, cadeiras e sofás para poder se alimentar tranquilamente.

Ele havia pedido para que eu esperasse ali enquanto via quem estava trabalhando e o que poderiam fazer por ele naquele momento. Quando voltou, sua expressão estava dividida entre preocupação e contentamento.

— Tenho duas notícias, uma boa e outra que pode ser considerada desconfortável...

— Se me disser que posso ficar nessa poltrona aqui já vou me sentir a mulher mais sortuda do mundo — informei e estava sendo sincera, era bem confortável.

— Você pode ficar na área VIP, desde que seja como minha convidada.

— Você vai ter que ficar comigo? — Perguntei, tão empolgada por não ficar sozinha que nem me importei em disfarçar.

— Sim, se você quiser. Há um quarto exclusivo com um pouco mais de privacidade e eu posso usá-lo, então podemos passar a noite lá.

— Eu quero — respondi rápido demais — quer dizer, se não for te atrapalhar muito, imagino que seu hotel seja mais confortável.

— Provavelmente sim — deu de ombros — mas não dormiria bem se soubesse que podia fazer mais do que deixar você nas cadeiras duras lá embaixo.

— Obrigada por isso, comandante, de coração — fiquei de pé e estendi a mão, ele a aceitou e apertou com firmeza.

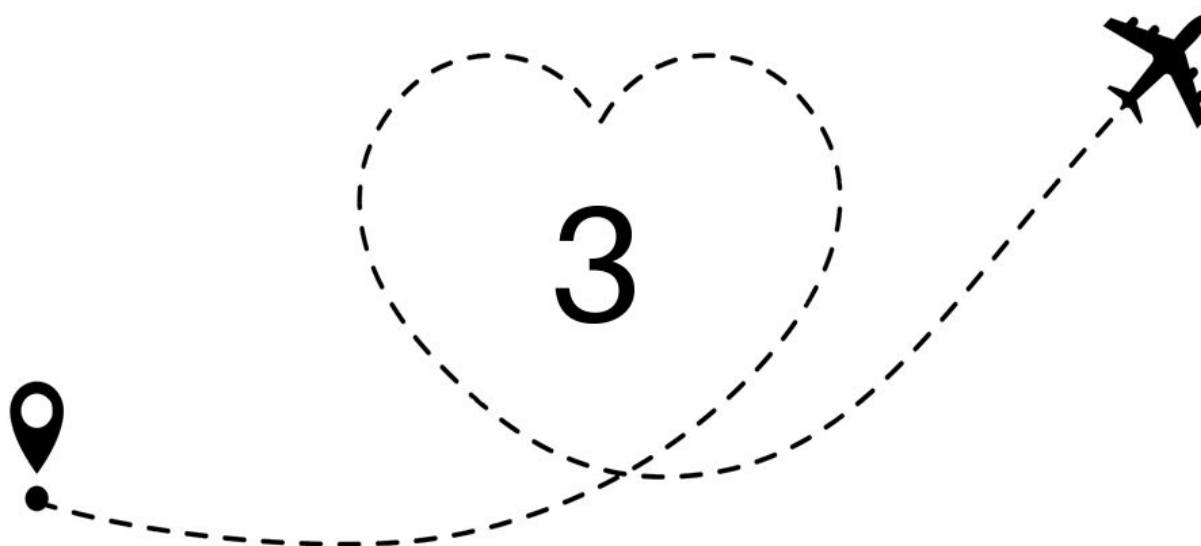
— Vou te mostrar o quarto — informou e eu o segui.

O espaço era pequeno, mas confortável. Havia uma cama de casal, não muito espaçosa forrada com jogo de cama branco. Sobre ela, dois travesseiros com fronhas brancas e duas almofadas azul marinho. Uma pequena mesinha branca e redonda continha um abajur e poderia servir de criado mudo para pequenos objetos, como celular e chaves. Não havia guarda-roupas ou cômodas, apenas uma prateleira na parede em frente a cama que poderia servir para separar uma muda de roupa. O lustre dava ao lugar toda a elegância e o ar-condicionado garantia o conforto.

— É perfeito — exclamei depois de observar — mas realmente lamento que precise ficar em um lugar pequeno como esse e tenha que o dividir, podendo ter uma suíte luxuosa só para você...

— Não se preocupe com isso. Tome banho e coma, vou te dar um pouco de privacidade. Volto em meia-hora.

Sem esperar minha resposta, o comandante voou para fora do pequeno quarto.



Murilo

“Uma vez que você tenha experimentado voar, você andar­á pela terra com seus olhos voltados para céu, pois lá você esteve e para lá você desejar­á voltar”. Não sei se foi realmente Leonardo Da Vinci quem disse isso, mas eu mesmo o teria dito se já não tivessem feito, porque era exatamente assim que havia acontecido comigo desde a primeira vez. Eu tinha cinco anos de idade e viajava com meus pais. Na verdade, eles dizem que eu voei antes, com apenas dois anos, mas minha memória não consegue capturar tal momento, por isso considero o voo que fizemos de São Paulo para Natal, no Rio Grande do Norte, como o marco inicial da minha paixão pela aviação.

Quando a aeronave começou a acelerar em busca da velocidade perfeita para subir, não senti medo. Pelo contrário, cole­i meu rosto na janela arredondada para ver o momento exato em que o chão começava a se afastar. Assim que aterrissamos, ao pisar no

chão, em meio à euforia de pular do último degrau da escada, disse em alto e bom som:

— Quero ser piloto, igual ao meu pai!

Enquanto minha irmã, aos sete anos, ficava em dúvidas entre ser veterinária, astronauta ou modelo, eu, aos cinco tive certeza de que queria “dirigir avião”.

Sempre imaginei que meu pai fosse ficar muito feliz por saber que eu escolhi seguir sua profissão, mas as coisas não foram exatamente assim. Inicialmente, ele achou que fosse “coisa de criança” e que logo mudaria de ideia. Com o passar do tempo, notei que ele estava sutilmente querendo me fazer mudar de ideia. Por fim, na nossa “conversa decisiva”, ele listou vários fatores para me fazer repensar, tais quais: oportunidades de trabalho limitadas, exames médicos frequentes, treinamentos... Ele chegou até a trazer alguns amigos seus de profissão que também começaram a me persuadir a procurar outra coisa. Mas só me convencia que, com a preparação certa, eu conseguiria realizar o meu sonho.

Ele não entendia ainda, mas sua figura era uma inspiração para mim. Vê-lo com aquele uniforme bonito, imaginar quão inteligente era por conseguir voar com uma máquina tão pesada era empolgante demais e tudo que queria era fazer o mesmo. Mas eu o entendi quando me explicou que eu precisava de uma estratégia e concordei em formar o meu plano B.

Quando terminei o ensino médio, me inscrevi para fazer o curso de piloto privado em uma escola reconhecida pela ANAC. Passei por exames, fiz a parte teórica e a prática e fui aprovado em todas elas. O passo seguinte seria me inscrever no curso de piloto comercial, necessário para poder ser remunerado e não só pilotar por diversão, mas fiz o que havia prometido para o meu pai. Dei início ao plano B: comecei a cursar administração na universidade. Dessa maneira, digamos que se um dia, por qualquer problema que seja, meus exames me proibissem de pilotar eu teria outra opção de trabalho com meu diploma de bacharel.

Conciliando planos, até aqui tem dado tudo certo: tenho 32 anos e sou piloto de avião há 10. Atualmente, comando um *boeing* 777-300 com capacidade para 374 passageiros e faço voos nacionais e internacionais.

Meu último voo foi tranquilo, do Brasil ao Chile, sem turbulências, cumprindo o horário e sem incidentes com passageiros. As coisas começaram a ficar estranhas *depois* do voo. Mais precisamente quando passei pelo portão de desembarque, no aeroporto de Santiago e me deparei com uma mulher sentada no chão, chorando desesperadamente. Algo me dizia que eu deveria falar com ela, saber o que havia acontecido e tentar ajudar de alguma forma. Se ela tivesse triste após ter recebido a notícia da trágica morte de algum ente querido, eu tentaria acamá-la e encaminhá-la até um táxi para que fosse em segurança para casa.

Quando eu perguntei o que tinha acontecido em espanhol, a língua padrão do Chile, ouvi-a resmungar e me surpreendi ao detectar que falava português. Uma brasileira estava chorando em solo estrangeiro e era meu dever, de ser humano, tentar ajudar. E a mulher realmente precisava de ajuda, havia perdido seus objetos pessoais e documentos e não tinha como entrar no Chile. Eu a ajudei da única maneira que poderia: servindo de intérprete e guia.

No momento da nossa despedida, eu dei as costas pronto para ir para o hotel descansar da viagem e me preparar para a próxima. Mas parecia errado deixá-la sozinha ali. Ainda assim, já tinha feito tudo que estava ao meu alcance. Até ela gritar meu sobrenome e eu me virar para encarar, mais uma vez, aquele rosto manchado de desespero.

O nariz e os olhos tingidos de vermelho me faziam sentir empatia pelo momento difícil daquela mulher. Não consigo imaginar o que deve ser planejar uma viagem, chegar ao destino e não poder usufruir do que planejou. Tampouco quando o destino é um país do qual não domina a linguagem e você está sozinho, sem nenhum amigo ou familiar para te apoiar.

As companhias áreas oferecem salas VIP para clientes específicos como os de primeira classe, *premium* ou que possuam algum tipo de cartão de crédito que lhe dê direito a usufruir de um espaço, geralmente de luxo, confortável e reservado. Essas salas são ótimas e oferecem bastante opções para os passageiros que possuem acesso como alimentação, poltronas, bar, banheiros para banho, tomadas, entre outros agrados que fazem com que valha a pena pagar mais caro. Mas como disse, o acesso a esse ambiente era restrito. Eu usei a minha influência – e a minha sorte – para contar com o quarto desocupado para que ela pudesse passar a noite. Como nem tudo era perfeito, ela só poderia usufruir daquilo como minha acompanhante e foi por isso que decidi abrir mão da minha hospedagem no hotel em frente ao aeroporto.

Assim que entrei no pequeno quarto empurrando a minha mala, percebi que aquilo poderia não dar certo. Não conseguiríamos ficar à vontade, uma vez que não nos conhecíamos.

— É perfeito — ela disse depois de observar o lugar — mas realmente lamento que precise ficar em um lugar pequeno como esse e tenha o que dividir podendo ter uma suíte luxuosa só para você...

— Não se preocupe com isso. Tome banho e coma, vou te dar um pouco de privacidade. Volto em meia-hora — saí antes que ela pudesse responder.

Já havíamos pousado há quase duas horas e eu ainda estava usando uniforme completo. Nem o quepe havia tirado e, se não fosse por já está escurecendo, nem os óculos escuros eu teria tido tempo de tirar. Tudo que eu mais queria era me livrar da roupa, tomar um banho quente para relaxar, jantar e dormir. Mas com alteração na minha hospedagem, tudo estava atrasado e fora de ordem. Primeiro, eu ia jantar. Sozinho. Depois, tomaria um banho rápido. Sozinho. Por fim, descansaria. Acompanhado.

Acompanhado de uma mulher que eu não conhecia e que precisava da minha ajuda. Só isso. Eu nem ao menos tinha

reparado se ela era bonita ou não. Não era importante, considerando o contexto.

Segui para procurar um restaurante, era melhor me manter afastado da sala VIP durante a meia hora que prometi para Heloísa. Quando encontrei um lugar que servia saladas, me sentei. Frango grelhado, saladas, água e frutas basicamente compõem meu jantar uma noite antes de voar. Ninguém gostaria de passar mal durante uma viagem, já imaginou o piloto? Uma dor no estômago aguda ou uma diarreia com fortes dores abdominais, poderiam ser fatais em determinados momentos. Por isso, aqui vai uma curiosidade da aviação: piloto e copiloto nunca comem a mesma comida servida na aeronave. Isso diminui muito a probabilidade de os dois terem intoxicação alimentar durante o trabalho.

Depois que me alimentei, paguei a conta e segui de volta para a área VIP. Assim que entrei no quartinho, notei que a mulher estava descansando. O lençol cobria todo seu corpo e apenas a sua cabeça, com fios tingidos de loiro, estavam à mostra.

Entreí devagar, tentando não fazer barulho para não a incomodar e peguei minha mala antes de entrar no banheiro. A primeira coisa da qual me desfiz foi do sapato. Depois dele, tirei o quepe e o coloquei na pia. Me liberei do terno, pendurando-o no cabide portátil e, em seguida me despi da camisa e da calça social, dobrando as peças com cuidado. A cueca e as meias foram guardados imediatamente no pequeno bolso da minha mala e só então pude entrar no box e abrir o chuveiro.

Depois do banho rápido, precisei vestir uma calça de moletom e uma camiseta. Não dormiria pelado por respeito a ela e também porque não queria ser chamado de piloto tarado e aproveitador. Se as circunstâncias fossem outras, passaríamos algumas horas conhecendo o corpo um do outro. Mas esse não era o caso.

— Deite-se na cama e feche os malditos olhos, Murilo — falei baixinho e segui a minha própria ordem.



— Comandante? — Uma voz feminina e baixa, parecia soar longe. — Comandante, Salles?

Voz feminina? Abri os olhos de uma só vez, como se a realidade me atingisse feito um raio. Uma mulher loira estava enganchada no meu corpo. Ou melhor, eu a estava prendendo com meus braços e pernas, como costumava agarrar o travesseiro quando dormia.

Soltei-a como se tivesse levado um choque, sentindo vergonha de ter feito tal coisa durante meu sono inconsciente.

— Perdão... Não tive a intenção de agarrar você, por mais que tudo pareça que sim — falo rapidamente — quer dizer, não parece que eu queria, eu só...

— Tudo bem — ela se afastou e puxou o lençol para se cobrir — eu só me assustei um pouquinho por não conseguir me mexer quando senti vontade de ir ao banheiro. Tentei me soltar, mas o senhor agarra forte...

— Realmente sinto muito, Heloísa, não sou o tipo de homem que oferece ajuda pensando em receber algo em troca.

— Eu já percebi, você foi um cavalheiro em todos os momentos — sorriu — são seis da manhã, acho que a única vantagem de dormir no aeroporto é não perder a hora do meu voo, não é? Que horas é o seu? O piloto precisa chegar muito antes?

— Não muito porque vou esperar o avião que vem de outra viagem, então enquanto as equipes limpam, abastecem o combustível e repõem a comida, eu recebo informações para saber se houve algum problema na aeronave ou no sistema durante o voo anterior e verifico a cabine.

— Seu trabalho parece muito difícil.

— Eu amo o que faço. E você, com o que trabalha? —
Pergunto.

— Sou fisioterapeuta e também sou apaixonada pelo meu trabalho.

— Uma prima minha é estudante de *fisio* — comentei a respeito da Letícia.

— A graduação agora acho que dura seis anos, quando cursei eram quatro. Ela já sabe que área pretende seguir? —
Neguei, na verdade não sabia. — Optei pela área hospitalar e fiz residência no hospital universitário. Mas se tivermos oportunidade depois, falamos sobre as infinitas especializações que fiz e faço, preciso ir ao banheiro!

Assenti e Heloísa se levantou da cama. E só então reparei no que ela estava usando: camisola preta, transparente, com detalhes em renda no busto. Dei graças a Deus por ela estar totalmente enrolada quando entrei no quarto, caso contrário não teria conseguido dormir ao seu lado.

Não era como se ela tivesse se levantado lentamente e dado uma voltinha para que eu pudesse conferir. Pelo contrário, ela se levantou e quase correu para a suíte, mas a minha mente acabou fotografando o momento. Talvez ontem eu não tivesse notado, mas a partir desse momento não dava para negar que a minha companheira de quarto era muito bonita.

— Que sorte, hein capitão? — Resmunguei sozinho.

Faltava pouco tempo para que eu continuasse tentando provar que era um cavalheiro. Daqui a poucas horas estaríamos embarcando de volta para nossas vidas.



Quando ela saiu do banheiro, estava vestida em uma calça jeans azul e blusa branca, parecia bem confortável para a viagem. Eu entrei no banheiro e fiz tudo que precisava rapidamente. Quer dizer, quase tudo. Minha barba estava crescendo fora dos limites em que deveriam e eu precisaria aparar quando tivesse mais tempo.

Já usava a camisa e a calça do uniforme quando saí para avisar que ela não precisava me esperar para comer. Ainda assim, ela me esperou. Nós tomamos café da manhã rapidamente, nos servindo da comida da área VIP e sem muita conversa. Heloísa estava, provavelmente, ansiosa para estar em terras brasileiras e eu para que ela saísse da condição “precisando de ajuda”.

Arrastamos nossas malas até nosso ponto de despedida.

— Então, essa é a hora da despedida — começou — não tenho palavras para agradecer a atenção e a ajuda, comandante.

— Nunca me sentiria tranquilo em deixar uma mulher desamparada — afirmei.

— Bem, acho improvável que a gente volte a se ver... O mundo é imenso.

— Aposto que nos veremos — sorri.

Ela ainda não sabia, mas era no meu voo que ela voltaria ao Brasil. Confesso que fiquei aliviado assim que soube, era como se aquilo significasse o fechamento das minhas atividades de “salvador” da loira. Ela voaria comigo e, assim que aterrissasse no próprio estado, estaria em casa.

— Quando o embarque começar, um funcionário a acompanhará até o interior da aeronave. É o procedimento padrão.

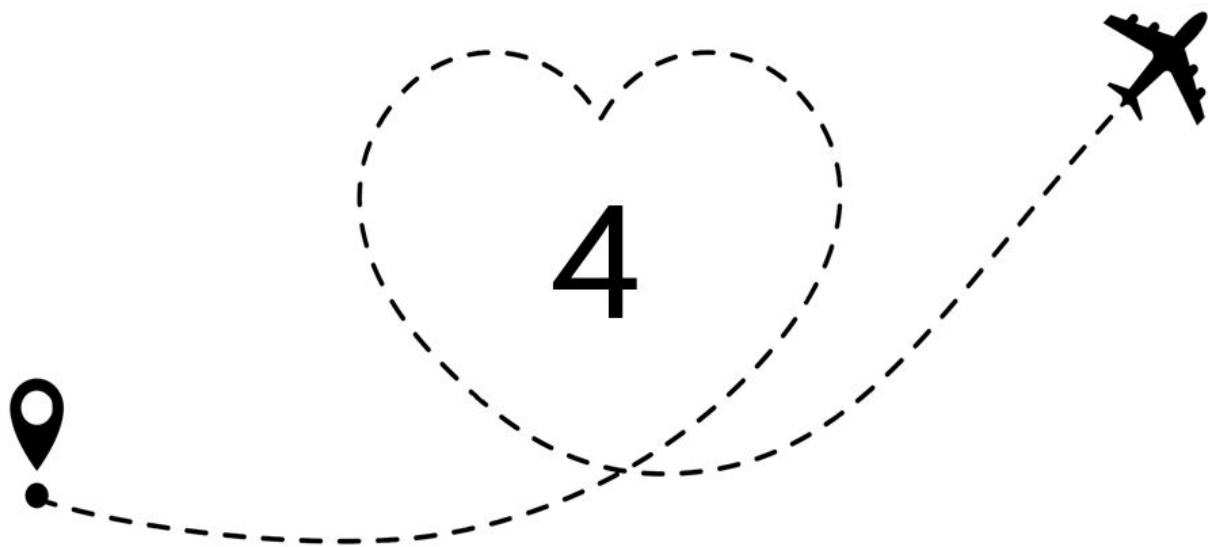
— É a garantia de que fui mesmo deportada — desdenhou — eles precisam garantir que não conseguir escalar as paredes e fugi do aeroporto.

— Mais ou menos isso — sorriu. — Preciso ir, não perca mais nada e fique bem.

— Pode deixar. Obrigada comandante, boa viagem, seja lá para onde esteja voando.

— Boa viagem, Heloísa.

Deixei-a próximo ao portão onde, provavelmente, embarcaria e segui para confirmar minha tripulação.



Heloísa

Vê-lo partir me causou uma sensação estranha de perda. Depois de todo o estresse, o comandante Salles havia sido um alívio para a Heloísa perdida. Ele se tornou familiar mesmo com poucas horas de convivência. Mas aquilo logo passaria, bastava estar em meu país, entendendo perfeitamente o que as pessoas falavam e sabendo para onde ir. Assim que o embarque foi autorizado um funcionário da imigração guiou-me até o interior da aeronave. Eles queriam *mesmo* se certificar de que a ilegal estava partindo. Não os culpava, política de segurança do país.

Quando estava instalada no avião, comecei a tentar ver o lado bom das coisas. Vantagens de ser deportada:

1. Não enfrentar fila de embarque (fui a primeira a entrar).
2. Sentar-se nas primeiras poltronas (fila com espaço ampliado para as pernas).

3. Não precisar explicar para os meus pais e familiares porque o Leandro não estava no casamento.
4. Não ter que responder quando seria o meu casamento.

Pude sentir, finalmente, a sensação de que aquilo tudo poderia ser um sinal de que o mundo estava conspirando ao meu favor. Para ser melhor, só queria não ter perdido meu celular.

Acoplei o fone de ouvido, fornecido pela companhia aérea, ao monitor de bordo e selecionei o canal de música. Vaguei até encontrar uma playlist que me interessasse. Queria fazer o trajeto até o Brasil ouvindo pessoas na minha língua nativa e quando encontrei a lista intitulada *canções do repertório brasileiro*, vibrei ignorando os olhares curiosos dos passageiros que passavam pelo corredor.

Quando na voz inconfundível da Elis Regina entoou os primeiros versos da canção, cantarolei animada junto a ela:

*Tristeza, por favor vá embora
Minha alma que chora está vendo o meu fim
Fez do meu coração a sua moradia
Já é demais o meu penar
Quero voltar àquela vida de alegria
Quero de novo cantar*

A minha lista de reprodução foi interrompida para ouvir as instruções da comissária de bordo. Eu sempre ficava atenta as instruções da tripulação, primeiro porque achava falta de respeito com o profissional ignorá-lo quando ele realizava a sua atividade. Em segundo lugar, se o avião precisar realizar um pouso de emergência era mais do que recomendado que eu soubesse como fazer meu assento flutuar em caso de pouso no mar. Considerando a minha onda recente de má sorte, todo cuidado e atenção era pouco.

— Decolagem autorizada! — Alguns segundos depois, a voz grave vinda das caixas de som foi o indicativo que meu *status* de ilegal em um país desconhecido estava chegando ao fim.

Inspirei fundo e soltei o ar devagarinho conforme o avião chegava as nuvens. Assim que estava estável, sem os solavancos da subida, me permiti relaxar.



— *Señorita...* — Uma mulher falou em espanhol e eu quase resmunguei feito uma criança birrenta.

Qual era o problema da vez?

Eu violei alguma conduta em território aéreo Chileno?

Era crime ouvir canção em português em voos internacionais?

Continue de olhos fechados Heloísa!

Se você fingir que está dormindo, ela não incomodará você. Era a regra básica de educação do avião.

A mulher silenciou e escutei alguns passos, por isso presumi que tinha ido embora. Alguns segundos depois, abri os olhos para conferir e encontrei um par de olhos escuros fixo em mim.

— Que susto! — Levei a mão ao coração — já imaginou acordar e ter alguém te olhando desse jeito?

— Desculpa — a mulher balbuciou segurando uma bandeja com uma taça em seu centro — aceita o espumante, senhora?

Parei alguns segundos para ter certeza de que estava entendendo certo. Ela estava me oferecendo champanhe? Aquilo provavelmente era comum na primeira classe, mas a uma deportada? Nem no meu voo de ida me ofereceram essa opção, por que disponibilizariam poucos momentos depois de ter que pagar quase tudo com o Ticket refeição que a imigração me ofereceu?

— Acho que é engano — informei a comissária — não pedi nenhum espumante.

— Heloísa Delfino Maia? — Perguntou e confirmei com um aceno de cabeça — é para você.

— Não tenho nem dinheiro aqui para pagar por isso — disse pausadamente. Será que o problema era o idioma? Ela estava falando português razoavelmente bem, mas era notório que não era brasileira. — *Yo não tengo money!* — Fiz uma salada de idiomas e balancei os dedos em gestos de negação para que a mulher compreendesse que eu não tinha dinheiro.

Eu não queria ser presa quando aterrissássemos por não pagar pelo espumante. A mulher sussurrou alguma coisa em espanhol, para ela mesma, e eu poderia traduzir aquilo em sua expressão como: se não tem dinheiro, por que pediu?

Antes que a mulher pudesse verbalizar alguma coisa ou que eu pudesse dizer mais uma vez que não havia pedido nada, uma voz infantil se expressou:

— Ela está dizendo que é uma cortesia — o garoto afirmou em português.

Olhei pela brecha da cadeira e vi o interlocutor tinha entre sete e oito anos de idade.

— Você é brasileiro — constatei o óbvio para o menino com os olhos fixos no *tablet* em suas mãos. — Tem certeza de que ela disse isso? Já está pago? Eu não tenho uma moeda de cinco centavos aqui.

— A senhora não é a tal Heloísa? — Balancei a cabeça afirmativamente — então, a bebida é sua e não precisa pagar por ela — ele disse sem desviar os olhos do aparelho em suas mãos.

— Eu não entendo...

— Deu para perceber — ele sorriu, se divertindo com a situação.

— Senhorita? — A comissária chamou e voltei a minha atenção para ela.

Dessa vez aceitei a bebida e agradeci com um fraco *gracias*. Dei um grande gole na taça como se o líquido fosse água mineral e não contivesse álcool. O sabor indescritível de uma bebida cara podia ser percebido no primeiro toque do líquido na língua. Mesmo

que não costumasse beber champanhe no dia-a-dia reconheceria que aquilo ali não era a Sidra com que a maioria das pessoas costumam brindar no *Réveillon*. As borbulhas finas se espalharam pela minha boca e a sensação de prazer me dominou. Foi inevitável sorrir em agradecimento àquela cortesia.

Talvez a bebida fosse um presente da imigração chilena pelo meu bom comportamento como intrusa em seu país. Ou será que foi oferecida por algum dos velhinhos das poltronas próximas a minha? Ah não, eles têm idade para ser o meu avô!

Meus pensamentos foram interrompidos por um sinal sonoro. Àquele som que antecedia algum aviso na aeronave.

— *Hola, este es el comandante. Pedimos a los pasajeros que permanezcan sentados en sus asientos con los cinturones de seguridad abrochados. Pasaremos por una ligera turbulencia, pero no hay nada de qué preocuparse*

Compreendi palavras soltas e antes que eu pudesse consultar o meu tradutor, na poltrona atrás da minha, senti a bandeja de alimentação tremer e a taça de plástico caiu no meu colo. Para a minha sorte ela estava vazia.

— Desculpem por não conseguir traduzir antes da aeronave começar a tremer — a voz grave falou em português — mas aqui é o comandante e peço que se mantenham sentados em suas poltronas com o cinto afivelado. Passaremos por algumas turbulências, mas não há nada com que precisem se preocupar.

Fechei a bandeja de alimentação enquanto observava o casal na fila ao lado de mãos dadas, o homem acariciava a mão da mulher que sorria para ele. Não compreendia o teor da conversa deles, mas o sorriso dela era radiante daqueles que a gente inveja. Era o mesmo sorriso que via na minha irmã quando ela falava do seu amado. Eu queria tanto ter celebrado o amor deles, queria ver o sorriso abobalhado do meu cunhado ao ver a Victória deslumbrante no seu vestido de noiva. Queria dançar com ela na festa e fazer piadas sobre a lua de mel que a deixaria vermelha de vergonha...

Um chute na minha poltrona dissipou os meus pensamentos e afugentou as lágrimas que começavam a se acumular em meus olhos.

— Você não está com medo? — O garoto indagou.

— Um pouquinho — confessei — você está? — Ele balançou a cabeça. A mulher ao seu lado, que pela semelhança física parecia ser sua mãe, dormia profundamente.

Contrariando as orientações do piloto, desafivelei o cinto e me arrastei para a cadeira vazia ao lado do garoto. Meu coração bateu apressadamente quando me sentei e fechei o cinto, olhando para os lados, desconfiada que a minha desobediência tivesse sido flagrada por alguém da tripulação.

— Quer que eu segure a sua mão? — Perguntei e a resposta dele foi segurar a minha mão em um aperto firme. — Qual o seu nome?

— Mateus — sorri ao lembrar que o meu primeiro beijo foi em um garoto chamado Mateus.

— Estava passando férias no Chile, Mateus?

— Meu pai trabalha em uma empresa de minérios no Chile e duas vezes por ano mamãe e eu o visitamos.

— Então, você sabe que a turbulência é apenas o quebra-molas do céu, né? — Ele deixa escapar uma risada infantil. A minha metáfora ruim conseguiu fazê-lo relaxar.

— Você acha que se eu tomasse os remédios da minha mãe seria melhor viajar? Ela dorme a viagem inteirinha, acho que nem sentiu essa turbulência.

Como eu desconfiei, a mulher faz uso de algum medicamento antes do avião decolar, isso explicava ela estar apagada ao lado do menino.

— Tomar remédio para perder a aventura de uma turbulência? — arqueio a sobrancelha — já pensou a cara de surpresa dos seus amigos quando você contar que passou por isso?

Você pode contar a eles que a moça da poltrona a sua frente pulou para a cadeira ao seu lado para apertar a sua mão bem forte — pisquei para ele que sorriu.

— Uma moça bem bonita.

— Fico lisonjeada com o elogio. Você é mais que bonito: é lindo e corajoso. Ainda toma conta da sua mãe e a protege dos quebra-molas do céu — ele gargalhou.

E eu segui puxando assunto quando uma nova turbulência começou.



Acabei adotando a cadeira ao lado do Mateus como minha e durante o restante do trajeto ele fez questão de exibir orgulhoso os jogos eletrônicos do seu *tablet*. Ele ressaltou animadamente que era nível diamante no *Free Fire* e eu o parabeneizei. Ainda que eu não soubesse de que jogo se tratava, diamante parecia um excelente nível.

Quando o avião pousou em solo brasileiro, contive o ímpeto de me juntar ao grupo de pessoas que se posicionavam em fila indiana antes mesmo de a porta da aeronave ser aberta.

Distraída com a conversa do meu companheiro de viagem, não prestei atenção nos recados do piloto. O avião já estava quase parado, o que significava que o pouso havia sido um sucesso, não tinha malas para precisar saber para qual esteira me dirigir, então nada do que ele dissesse poderia me interessar.

— Acho que já pode começar a acordar sua mãe... — indiquei para o garoto.

As portas foram destravadas e abertas, fazendo com que as pessoas que estavam de pé no corredor comessem a se movimentar.

Mateus chamou a mãe repetidas vezes até a mulher despertar.

— Nossa, foi rápido, não é? — Ouvi-a dizer ao se ajeitar.

Mais algumas palavras foram trocadas entre mãe e filho, antes dela se dirigir a mim:

— Você nos dá licença? — A mulher sorriu para mim e percebi que permaneci sentada impedindo a saída deles.

— Ah, claro — me levantei e fui para a minha poltrona pegar a minha bolsa.

— Tchau, Helóisa — Mateus se despediu ao passar por mim.

— Tchau, Mateus — sorri ao me despedir.

Peguei minha mala de bordo e conferi mais uma vez se não tinha deixado nada cair na minha poltrona. Aproveitei para olhar embaixo da poltrona e no porta-bagagem, só por precaução. Estava tudo vazio.

Estendi a alça da mala de bordo olhei para o chão para dar os poucos passos que me levariam até a porta de saída. Quando ergui o olhar, me deparei com o meu reflexo nas lentes dos óculos escuros, estilo aviador. Meu coração parou para depois voltar a bater aceleradamente ao reconhecer o homem.

Eu o conhecia.

O meu salvador em solo estrangeiro.

— Comandante Salles? — Indaguei surpresa.

— Espero que tenha feito uma boa viagem...

— O meu salvador me trouxe para casa? — sorri — Não fazia ideia.

— Não estava atenta às recomendações do piloto, senhora? É de praxe nos apresentarmos.

— Estava um pouco distraída, confesso.

— Com licença... — uma voz feminina resmungou e eu olhei para trás, notando que era a última passageira.

A tripulação me encarava e pelos olhares de todos deviam estar desejando que eu desembarcasse para que pudessem acabar seus afazeres e seguirem para suas casas.

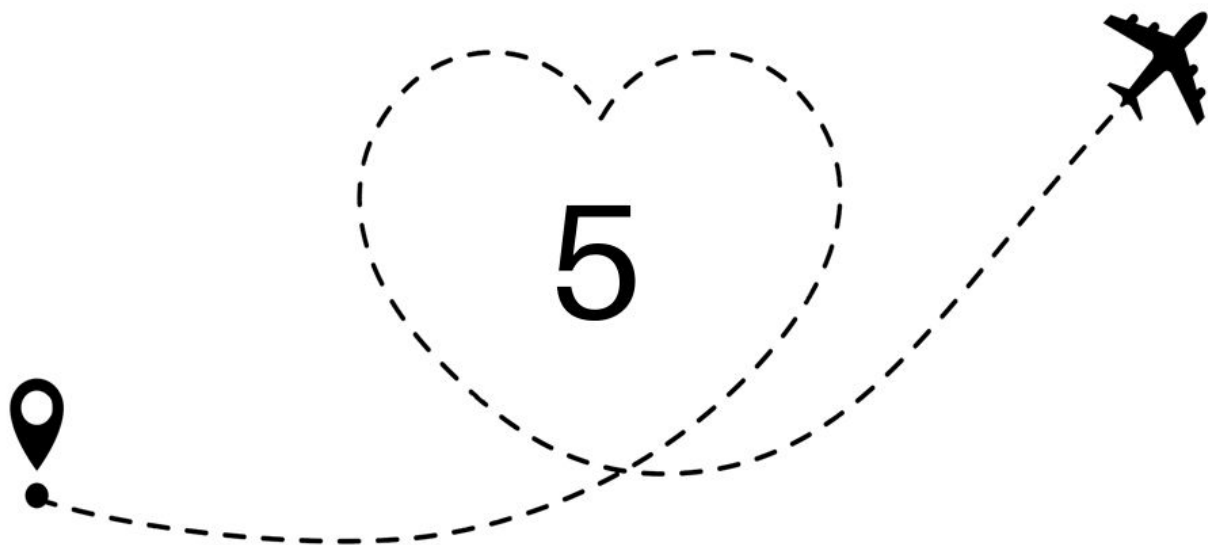
Coloquei um pé de frente ao outro e puxei a mala.

— A companhia aérea agradece a escolha e tenha um ótimo dia — alguém me desejou quando passei por eles.

— Obrigada — agradei e segui pelo túnel de conexão da aeronave ao aeroporto. Parei no meio do caminho e olhei para trás. Queria vê-lo pela última vez.

Ele sorriu discretamente e tocou a aba do quepe.

E foi impossível não sorri de volta.



Murilo

Missão cumprida, obrigado Senhor. Esse era o meu pensamento toda vez que pousava. A sensação de dever cumprido imperava. O mecânico da companhia aérea me ajudou a parar o avião no lugar certo e colocou um calço na roda dianteira. Depois de estacionar, desliguei a turbina e o “pisca-pisca” do sistema de anticolisão. Esse procedimento era obrigatório e servia como sinal de partida para as equipes: assim que o pisca apaga, elas entram em ação.

Eu estava pronto para seguir a minha vida normalmente depois da confusão que tinha sido as últimas horas. A Heloísa estava bem e em seu país. Eu sabia que ela estaria no voo, por isso pedi que servissem champanhe para que pudesse relaxar. Podia imaginar a tensão de voar novamente depois de ser deportada.

Estava pronto para encerrar de vez aquela missão.

Até ela sorrir para mim.

Ok, a maioria das pessoas costumavam sorrir para a tripulação da aeronave, e em especial para o comandante, afinal estavam gratas por retornarem em segurança ao solo firme, mas o sorriso da Heloísa ao me reconhecer parecia ter algo especial.

Gratidão. Apenas Gratidão, babaca.

Quando ela deixou o avião, arqueei tudo isso em uma das gavetas do meu cérebro e me concentrei nos últimos detalhes do meu trabalho. Depois que o último passageiro desembarca, a tripulação termina seu trabalho e o comandante informa ao piloto que assumirá a aeronave se houve algum problema durante seu voo. Além disso, é nesse momento que começa o corre-corre para deixar tudo pronto para a próxima decolagem.

Caminhei entre as pessoas apressadas do aeroporto e me dirigi para a área destinada ao desembarque, com o intuito de encontrar o carro que o aplicativo informava que me levaria para o conforto do meu apartamento. Algo em minha visão periférica me atraiu. Desviei o foco do celular e a vi sentada em um dos bancos do aeroporto. Dessa vez, seus pés descansavam sobre a mala e seus olhos estavam fechados.

Não seria considerado falta de educação passar por ela e fingir que não a vi, mas não consegui seguir sem saber se precisava de alguma ajuda.

— Acho que você gosta bastante de aeroportos — disse ao me aproximar.

— Comandante Salles... — Ela abriu os olhos vagarosamente.

— Murilo — arqueeu a sobrancelha, sem entender — meu nome é Murilo.

— Ah, oi Murilo...

Sim, definitivamente eu precisava de uma ducha quente e relaxante, além de oito horas ininterruptas de sono. Somente isso explicava os meus pensamentos nada cavalheirescos ao ouvir a simples pronúncia do meu nome.

— Esperando a sua carona de volta para casa?

— Teoricamente sim — retirou as pernas da mala e endireitou a postura — as pessoas não confiam em uma desconhecida que acabou de ser deportada do Chile. Então, até consegui fazer contato, mas se resumiu a enviar uma mensagem *inbox* para uma amiga e agora me resta torcer para ela visualizar antes da meia-noite para vir me resgatar.

— Você não cogitou ligar para ela? — Ela fez uma cara de brava — desculpa, pergunta estúpida.

— Se eu decorasse o telefone das pessoas, ligaria. Quem se preocupa com isso quando se tem a memória e a discagem rápida do celular? — Deu de ombros — a partir de agora vou anotar os contatos emergenciais em papéis e espalhar pelas minhas bolsas, afinal nunca se sabe quando serei deportada, não é? E você aguardando a sua carona?

— Não, pedi um carro pelo aplicativo. — Meu celular vibrou indicando que o motorista me aguardava no local de embarque — você quer uma carona?

— Não quero atrapalhar você novamente — hesitou.

— Não atrapalhará, será apenas um pequeno desvio na minha rota habitual.

— Eu estou realmente tentada a aceitar...

— Isso é um sim? O motorista está esperando.

— Sim — ela sorriu e se levantou do assento rapidamente. Nossas mãos se encontraram quando tocamos, ao mesmo tempo, a alça da mala dela. O toque dela era aveludado na minha pele — eu posso levá-la... — disse sem afastar a mão sobre a minha.

— Eu faço questão.

A caminho do carro, perguntei seu endereço e adicionei a parada no aplicativo, antes de informar ao motorista. Realmente, era um pequeno desvio na minha rota, eu costumava passar pelos

arredores do seu bairro, era um trajeto corriqueiro do aeroporto até a minha residência.

Coloquei as nossas malas no porta-malas e me sentei ao seu lado.

A voz do *Waze* foi o único som que ouvimos durante o início da nossa locomoção.

O aeroporto era nossa bolha de assuntos em comum e fora dele éramos dois desconhecidos dividindo o mesmo Uber.

— Eu poderia abusar de você mais um pouquinho e usar o seu celular? — Foi ela quem quebrou o silêncio.

— Ele é seu! — Retirei do bolso da calça e o entreguei.

— Eu preciso avisar a Gigi que não precisa mais me encontrar no aeroporto — explicou — vou aproveitar e avisar a minha mãe que estou sã e salva em solo brasileiro.

— Não tenha pressa — sorri.

Desviei o olhar para a janela para dar um pouco de privacidade a ela. Mas precisei voltar a minha atenção novamente para ela quando emitiu um barulho indicativo de choro. Quando a encarei, seus olhos estavam marejados e ela lutava contra as lágrimas.

— Aconteceu alguma coisa?

— A minha irmã... Ela estava deslumbrante — apontou para a imagem no Facebook: uma mulher sorridente vestida de noiva. — Eu queria tanto ter visto esse sorriso de perto... Eu deveria estar lá!

As lágrimas venceram a batalha e rolaram pela sua face.

— Você estava lá — acariciei a sua mão — tenho certeza de que a sua irmã sentiu o seu amor ainda que há quilômetros de distância.

— Se eu tivesse viajado com antecedência tudo seria diferente... Não seria através de fotos e vídeos que presenciaram o casamento dela.

— Não foi sua culpa — tentei consolá-la — isso poderia ter acontecido em qualquer outra circunstância. Tudo tem um motivo, ainda que seja doloroso aceitar.

— Você acredita mesmo que tudo tem um motivo? — Balancei a cabeça em afirmação.

— Eu não estava escalado para o voo do Chile. Substituí de urgência um colega e acabei encontrando você. Tudo tem um motivo, Heloísa.

— Sem você eu estaria completamente perdida...

— Sem você eu não teria como ser generoso e marcar um pontinho com o cara lá de cima — apontei para o teto do carro e ela deixou uma risada alta escapar.

— Só você para me fazer sorrir no caos.

— Não há caos algum. Eu olho para você e vejo uma mulher extraordinária.

— Se perder o casamento da irmã, ser roubada e deportada não for um caos, não sei mais o que é — soltou o ar com força.

— São circunstâncias...

— Ah Murilo, meu anjo da guarda me abandonou nos últimos dias.

— Ei, eu achei que eu fosse o seu anjo da guarda — protestei sorrindo.

— E é! — sorriu — nunca terei como agradecer tudo que fez por mim nas últimas horas.

Eu poderia listar várias formas de agradecimento...

O motorista pigarreou e notei que o carro havia parado em frente a um condomínio.

— Ah, já chegamos! — Ela sorriu — obrigada, obrigada, obrigada e obrigada — agradeceu repetidamente antes de abrir a porta do carro.

Desci do carro para ajudá-la com a mala.

— Ficamos por aqui — falei quando pousei as rodinhas da mala na calçada.

— Obrigada mais uma vez — ela insistiu.

— Não precisa agradecer.

— Preciso sim! Você foi o meu salvador — ela ficou na ponta do pé e depositou um beijo no meu rosto.

— Amigão, desculpa atrapalhar, mas é proibido estacionar aqui — o motorista avisou.

Foi a minha deixa para entrar no carro antes que pudesse retribuir o beijo dela.

— Heloísa — chamei depois de entrar no carro. Ela olhou para trás — tenta não ser deportada antes de assegurar que estou no mesmo aeroporto.

— Pode deixar, comandante Salles. — Sorriu.

Observei-a entrar no condomínio de apartamentos enquanto o carro se afastava.



Por mais que eu ame meu trabalho e todas as coisas boas que me proporciona, chegar no meu apartamento era meio que tranquilizador, de vez em quando. Um pouco de estabilidade e rotina em meio a uma vida de andarilho do ar. O apartamento não era grande, mas era o suficiente para um piloto solteiro repousar por algumas horas. Minha mãe reclamava bastante por eu não morar em um lugar enorme, mas seria desperdício de espaço contando os poucos dias por ano que consigo ficar ali.

Assim que passei pela porta, fui direto para o quarto deixar minha mala. Lá, me livreí de todas as roupas e andei nu até o banheiro. O banho foi rápido, lavando todas as partes essenciais, para que eu pudesse comer e dormir logo.

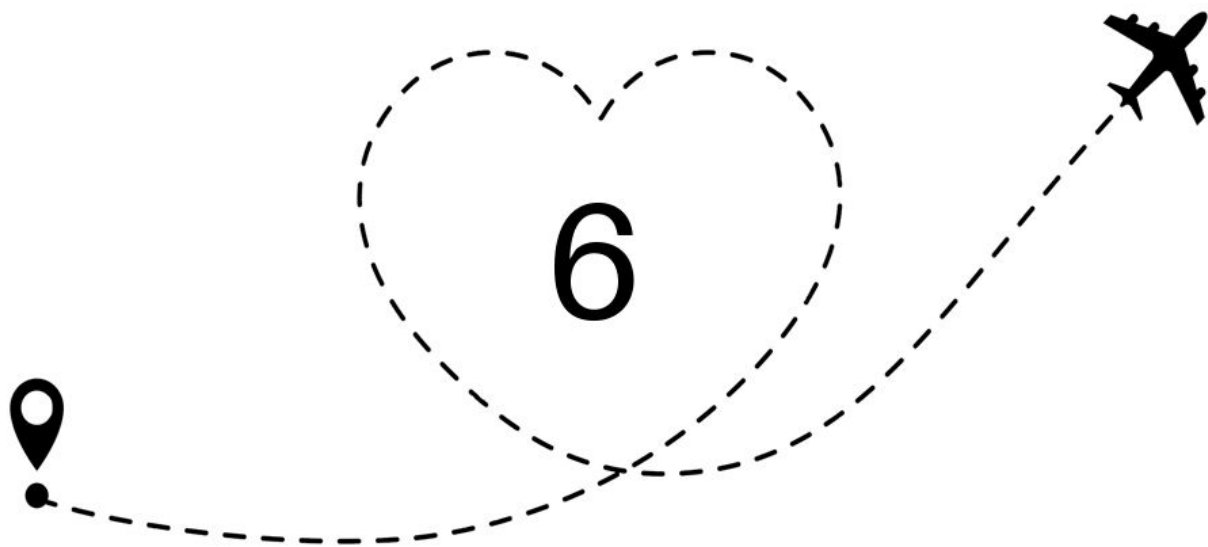
Ainda de toalha, segui para a cozinha. Depois de colocar uma lasanha congelada no forno, foi que vesti a cueca e um *short tace*l preto. Meus ombros estavam doloridos, tensionados, como se essa viagem tivesse exigido demais de mim. Recorri a adesivo analgésico e anti-inflamatório que dividi e apliquei nos dois ombros, que segundo a bula, alivia fadiga e dores musculares, bem como rigidez nos ombros.

Antes mesmo que a lasanha estivesse pronta, o interfone tocou. Surpreso, segui para o aparelho, descartando a embalagem do medicamento no caminho.

— Oi — atendi quando o alcancei.

— Senhor Murilo, tem uma Heloísa que diz conhecer o senhor... — Recebi a informação meio estático. O que será que aconteceu agora? — Pode mandar subir.

Só deu tempo de desligar o fogo quando a campainha tocou.



Helôisa

Passei pela portaria cumprimentando dona Lúcia, a porteira, e segui para o elevador, meu apartamento era no terceiro andar. Em frente a porta, levei a mão até a minha bolsa em busca do meu chaveiro, em formato de pompom felpudo, mas meus dedos tocaram um objeto de metal antes.

Por força do hábito, peguei o aparelho nas mãos e depois achei a chave para destrancar a porta. Apenas quando fui colocar os objetos no aparador, próximo a porta, notei que um deles não me pertencia.

— Não acredito! — Lamentei em voz alta enquanto confirmava as minhas suspeitas ao ver o papel de parede: era um céu cheio de nuvens e a parte da asa do avião — merda! Eu fiquei com o celular dele.

Em algum momento durante a nossa conversa acabei guardando o telefone na bolsa. Provavelmente, em um ato

involuntário ao descer do carro. Era sempre assim, eu saía do hospital, jogava o celular na bolsa e seguia para o estacionamento.

Mas dessa vez não era o meu celular. Ele vai achar que eu sou uma ladra.

A tela do celular brilhou e notificou a chegada de uma mensagem. Meus olhos seguiram para SMS e pela barra de notificação vi que se tratava da sua operadora de telefonia.

Ótimo, além de furto agora acumulava o crime de invasão de privacidade. Passei o dedo na tela para tentar uma autodefesa com meu cérebro, mas o aparelho não estava bloqueado. Nenhuma senha ou acesso através de digital. Aquele aparelho em mãos erradas poderia custar a exposição completa da vida do comandante Salles.

Ele não parecia o tipo de homem que desconhecia os perigos da invasão de privacidade e era óbvio que um celular era a porta de entrada mais fácil. Afinal, o aparelho dava acesso às fotos, vídeos, redes sociais, aplicativos de banco, entre outras coisas.

Eu precisava devolver aquela “arma” perigosa o quanto antes.

Deixei a mala no meio da sala, dei meia volta e fui de encontro ao comandante.



Parecia que nada dava certo na minha vida desde que havia colocado os pés no aeroporto chileno. Perdi tudo (ou fui roubada, muito provavelmente), chorei horrores, fui deportada e agora havia roubado um celular? Sem querer, era óbvio, mas estava com algo que não me pertencia. Consegui o endereço para devolução no próprio aparelho, acessando o aplicativo do Uber. Pedi um carro por ali mesmo e segui a minha saga, mesmo estando exausta.

Não sabia o número do apartamento, mas contava com a sorte para que não tivesse mais de um piloto naquele prédio.

— Boa tarde — cumprimentei o homem da portaria — eu me chamo Heloísa e preciso ir até o apartamento do senhor Salles.

— Boa tarde, qual o bloco e apartamento, senhora?

— Aí é que está o problema, não sei — o homem levantou as sobrancelhas — ele é piloto de avião, se chama Murilo Salles, o senhor o conhece?

— Tem um piloto no condomínio sim, mas...

— Pode interfonar para o apartamento dele? Diz que é a Heloísa e aí ele decide se pode ou não liberar minha entrada. Preciso devolver uma coisa que pertence a ele e é urgente...

O homem deve ter notado certa aflição na minha voz e a minha cara de acabada também era um forte indicativo que não poderia matar ou roubar ninguém, se fosse o caso, por isso pegou o interfone e fez a ligação. Alguns segundos depois, liberou a minha entrada.

— Obrigada — disse antes de seguir para o bloco e número indicados por ele.

Quando ele abriu a porta, quase abriu a boca. Ainda não sabia dizer se de fato tinha conseguido disfarçar minha cara ao dar de cara com o homem sem camisa. Era notório agora que o comandante Salles era um belo protótipo masculino. Daqueles que você admira por alguns segundos e a cada novo milésimo que passa descobre algo mais interessante para admirar.

Por mais que o uniforme justo e os óculos estilo aviator dessem charme a qualquer ser, não fazia jus ao que estava embaixo dele. Ele abriu a porta usando um mísero short preto e todos aqueles músculos e pele exposta me deixou agradavelmente surpresa.

— Heloísa, está tudo bem? — Perguntou perante o meu silêncio. — Aconteceu alguma coisa?

— Comandante... Quer dizer, Murilo — ele sorriu — vim te dar algo que te pertence...

— Veio me dar? — Arqueou a sobrancelha sorrindo.

— Seu celular — mostrei o aparelho — não sei como, mas acabei ficando com ele. Eu não pretendia roubá-lo, que isso fique bem claro — me apressei em explicar.

— Ah, o meu celular. Confesso que não tinha dado falta dele ainda — deu de ombros — e não se preocupe, não acharia que pretendia roubar.

— Assim que notei que estava em posse dele vim o mais rápido possível. Por sorte ele não tinha senha e acessei o Uber para descobrir seu endereço. A propósito comandante, você deveria utilizar uma senha de proteção.

Ele riu e seu sorriso também era lindo.

— Ele tem senha, mas acabei desativando quando o emprestei a você para que não precisasse desbloquear enquanto você utilizava.

— Entendi... Então é isso, o celular está de volta ao seu dono — entreguei o celular e nossos dedos se tocaram, me deixando levemente mais atenta.

— Obrigado — ele não fez questão de encerrar o toque.

— Hum, tchau... — Me despedi, mas não saí do lugar.

— Acabei de esquentar uma lasanha grande o bastante para duas pessoas, não quer ficar mais um pouco e comer? É o mínimo que posso fazer depois de você ter que correr da sua casa sem ao menos ter descansado ou comido... — ofereceu.

— Então, posso ser sincera? — ele assentiu — não queria que interpretasse as coisas de forma equivocada, não fiquei com seu celular de propósito para dar em cima de você, embora seja um homem muito bonito.

— Agradeço o elogio — sorriu — pode ficar tranquila, não achei que estivesse. O meu convite é sem segundas intenções, podemos chamar de um convite de amigo...

— E amigos fazem refeições juntos... — dei alguns passos em direção ao interior do apartamento.

— Exatamente. Coca com gelo e limão? — Indagou quando fechou a porta atrás de si.

— Gelo e limão — concordei sorrindo.

— Eu trago em um minuto — seguiu para a cozinha e acompanhei seus passos.

— Que cheiro maravilhoso.

— Não é? — sorriu — não é uma daquelas lasanhas de supermercado, é de uma empresa especializada em sabores caseiros — explicou enquanto tirava do forno uma embalagem grande.

— Meu estômago roncaria se não fosse tão tímido... — fui sincera.

Ele colocou dois pratos na bancada de mármore e me indicou uma das banquetas. Eu me sentei enquanto ele me servia de uma generosa fatia da massa. Salles se sentou na banqueta ao meu lado e nossas pernas se tocaram levemente, nos ajeitamos e começamos a comer.

— Nossa, parece que foi feita hoje — elogiei depois das primeiras garfadas.

— Tento manter a alimentação regrada, mas esse é meu prato preferido quando passo alguns dias sem vir para casa. Amo essa lasanha.

— Passa muito tempo sem vir aqui?

— Geralmente sim. Amo o que faço e sou um dos mais dispostos a cobrir viagens de pilotos que, por algum motivo, não podem comparecer ao trabalho.

— Como a viagem ao Chile em que foi meu salvador...

— Exatamente.

— Mas já tem viagem planejada?

— Sim, embarco amanhã mesmo para as que eram minhas.

— Para onde vai?

— Cancún e Nova York — Respondeu de boca cheia.

— Uau! Isso são as férias do sonho de qualquer mulher.

— Inclusive as suas?

— Principalmente as minhas. São dois dos meus pontos turísticos mais desejados.

— Sério? — assenti — e por que nunca foi?

— É preciso planejar quando não se é piloto de avião — perturbei — pessoas normais costumam ter menos disponibilidade para viajar. E quando o fazem não pulam de um ponto para outro tão abruptamente, então não dá para fazer tudo de uma vez.

— Ok, sou um pouco mais sortudo que as pessoas normais — gargalhou — você comentou que tem passaporte, não foi?

— Tenho e graças a Deus não levei nessa maldita viagem ou teria perdido tudo.

— Que sorte mesmo. Indo do Brasil para a América do Sul basta apresentar documento de identidade... — ele lembrou — já conseguiu visto para os E.U.A?

— Sim, como dura dez anos e eu planejava ir para a Disney, consegui há uns dois anos.

— Amigos viajam juntos... — ele insinuou.

— Claro que sim, Gizele e eu íamos para a Disney, mas houve um imprevisto. Sempre que dá viajamos juntas.

— Então por que não a chama para um novo roteiro?

— Como assim? — Perguntei sem entender.

— Sei lá, posso sugerir Cancún e Nova York... Que são pontos turísticos que todo mundo ama — perturbou.

— Ah, não é tão fácil assim... tem que preparar mala, reservar hotel, comprar passagem...

— Eu posso resolver o último problema... Tenho milhas acumuladas para dar volta ao mundo.

Foi então que minha ficha começou a cair: ele estava me convidando para viajar com ele?

— Acho que estou entendendo errado...

— Você poderia convidar sua amiga para te acompanhar e eu posso oferecer a passagem para que as duas se aventurem — disse despretensiosamente antes de levar o garfo a boca.

Minha cabeça começou rapidamente a imaginar aquela possibilidade e tudo parecia tão certo. A viagem ao Chile não havia dado certo, mas eu estava de folga do trabalho pelos próximos dias, afinal ficaria por lá.

Ficar em casa iria apenas me deixar ansiosa, remoendo meus problemas e tudo que eu mais queria era fugir deles por um tempo.

Não havia nada demais em viajar com meus amigos. Era só convidar a Gigi que ela, com certeza, toparia. Mesmo que fosse uma viagem maluca em cima da hora. Era a *vibe* dela.

— Conte-me mais sobre as milhas infinitas... — Pedi e ele sorriu.

Murilo me falou sobre a quantidade de milhas que conseguia acumular com suas viagens. São tantas e se acumulam tão rapidamente que se tornam um número gigante e praticamente inútil as suas necessidades. Costumava dar passagem para os pais ou outros familiares sempre que pediam, mas sempre vinham mais.

Estava tentada a aceitar. Não pelo dinheiro que economizaria com passagens, isso era bobagem. O que eu ganhava e guardava era suficiente para bancar a viagem inesperada. O que me atraía na situação era o fato de poder fazer todos aqueles pontos em uma viagem só. Além do fato de ele ter oferecido e se disponibilizado. Não seria um prejuízo para ele, que foi categórico em afirmar que as compras das passagens seria a forma de dar utilidade as milhas acumuladas, mas se tratava de um gesto interessante e, de certa forma preocupado com meu bem-estar depois do caos.

— Estou tentada a aceitar, mas preciso pagar pela corrida do Uber ao aeroporto.

— De jeito nenhum!

— Você fez muito por mim e estou me sentindo a usurpadora, então só me sentirei a vontade em aceitar as milhas se puder pagar, pelo menos o Uber.

— Você não vai desistir?

— Jamais.

— Ok.

— Hospedagem, alimentação e qualquer coisa a mais que formos fazer na viagem também será por minha conta.

— Quer dizer que não posso te convidar para jantar? — Ergueu a sobrancelha.

— Pode, mas vamos dividir a conta — ele gargalhou.

— Pode ligar para a sua amiga — concordou.

— Faço isso depois, agora vou lavar esses pratos.

— Não precisa! — Argumentou.

— Estou tentando deixar de ser uma sanguessuga, comandante. Por favor, pare de atrapalhar meu papel.

Era pouca louça suja, por isso corri para a pia mesmo com ele argumentando. Deixei tudo no corredor e enquanto seguíamos para sala meu olhar de fisioterapeuta avaliou aquele corpo, seguindo para o emplastro adesivo geralmente usado para o tratamento de lesões musculares.

— Você sente muitas dores? — Apontei para as bandagens aplicadas nos ombros.

— Às vezes. Embora não seja um trabalho braçal, exige muito a minha atenção, e toda a tensão se transforma em dor muscular — explicou.

— Você poderia tentar acupuntura. O resultado é muito bom para quem sente dores musculares.

— Achei que iria me recomendar uma sessão de fisioterapia.

— Esqueci meu cartão em casa — sorri — mas eu posso te oferecer uma massagem...

— Se fizer a oferta irei aceitar.

— Oferta feita!

— Deitado ou sentado? — Ele perguntou.

— Deitado é melhor. — Murilo se deitou de bruços no sofá cama e iniciei a massagem pelos ombros.

Eu havia feito um curso de massoterapia há algum tempo e sabia os pontos certos para provocar o relaxamento.

O suspiro que escapou dos seus lábios indicou que estava surtindo efeito.

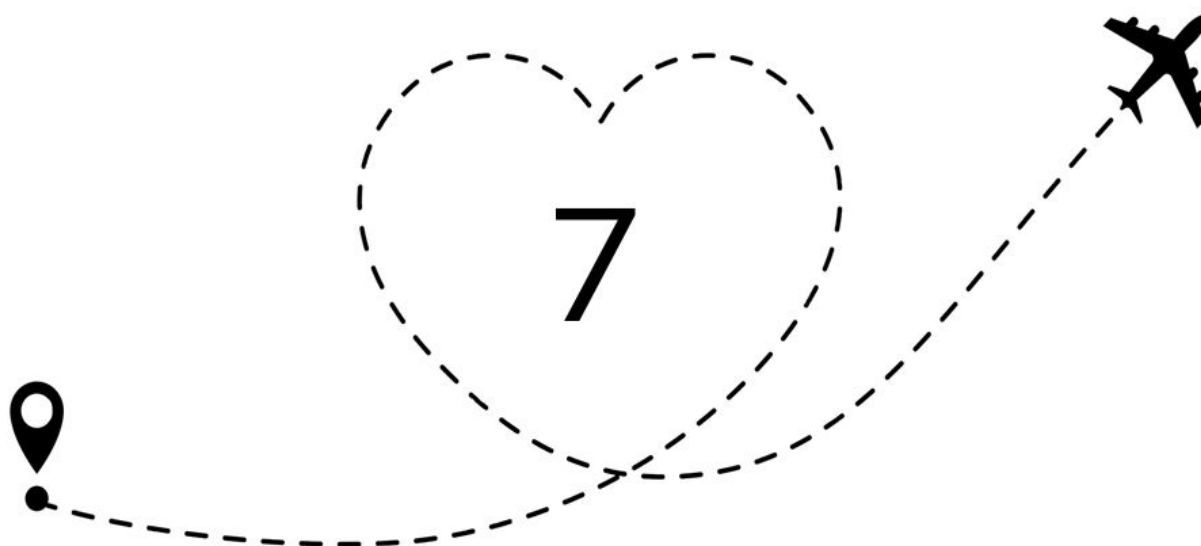
Meus dedos seguiram em direção as costas massageando toda a extensão do seu torso.

— Vou subir para ter um acesso melhor, certo? — Perguntei enquanto tirava os adesivos lentamente. Ele assentiu.

Sentei-me sobre seu bumbum e deixei que minhas mãos trabalhassem. Indo e vindo. Fazendo círculos e pressionando. Em determinado momento fiz uso dos cotovelos e precisei me inclinar. O comandante estava relaxado e não emitia nenhum som.

Meus olhos pareciam pesados na medida em que eu me dedicava a aliviar as dores do homem que me ajudou de infinitas formas. Inclinação sobre ele, meus movimentos se tornaram ainda mais suaves e lentos.

A última lembrança que tenho era do som da respiração pesada do Murilo.



Helôisa

Isso não pode estar acontecendo comigo de novo.

— A senhora não pode entrar se não tem o documento — ela disse com a expressão inflexível.

— Mas eu tenho a chave!

— Essa chave pode pertencer a qualquer pessoa...

— Isso é um absurdo — gritei — é só me deixar usar a chave na porta do apartamento e vai ver que é minha.

— Senhora, a regra é clara: só entra no condomínio com o documento que prova que o apartamento é seu.

— Quem é que anda com o contrato de financiamento na bolsa, pelo amor de Deus?

— A senhora mostrou para entrar ontem — ela lembrou.

— Ok, eu perdi, entendeu? Sei lá, me roubaram. Mas é a MINHA CASA. Eu preciso entrar.

— A senhora será deportada.

— Deportada? É um imóvel — as lágrimas já desciam dos meus olhos.

— Eu disse despejada...

— Nãããããoooo — gritei, me jogando no chão do... Aeroporto?

— Heloísa? — Abri os olhos sentindo meu coração bater descompassadamente. — O que aconteceu, você estava gritando?

Graças a Deus, era um sonho. Não estava sendo despejada, era uma droga de um pesadelo causado pela deportação. Lentamente, meu coração foi se acalmando até que eu notei que a minha cama estava se movendo. Respirando?

— Ai, meu Deus, comandante? — Me sentei de uma vez, me afastando do corpo que me servia de cama. — Eu dormi em cima de você?

— Parece que estávamos exaustos demais para ir para a cama — ele respondeu enquanto tentava esticar as costas.

— Cama?

— Já dividimos uma cama antes, não seria uma novidade — deu de ombros — acho que vou precisar de outra massagem.

— Desculpe, era para ajudar e acabei jogando todo meu peso imóvel sobre você.

— Está tudo bem, você não é tão pesada assim.

— Que tipo de profissional dorme no meio da massagem, em cima do cliente? — lamentei.

— O tipo que está fazendo um esforço imenso para ajudar alguém, mesmo depois de uma longa viagem... — ele sorri.

— Preciso ir para casa — anunciei, ficando de pé — que horas são?

— Sete da noite — responde depois de conferir na tela do celular.

— Apagamos por quase três horas? — ele assentiu — perdi muito tempo, preciso providenciar outro celular, recuperar meu número, falar com a Gi e se ela concordar, arrumar as malas.

— Quer uma carona até o shopping?

— Você precisa descansar. Que horas é o voo?

— Sai às 07h10min.

— E você consegue as passagens até que horas?

— Não se preocupe com isso, há vantagens em ser amiga do piloto — eu sorri.

— Prometo que envio até a meia-noite. Pode me emprestar seu celular pela última vez?

Ele me entregou o aparelho e voltei a acessar meu Facebook. Ignorei quase todas as mensagens do Messenger e cheguei até a da Gizele.

***Gizele: Meu Deus, Helô, estou cada vez mais preocupada com você. Pede pra pegar no aeroporto quando deveria estar no Chile, depois diz que não precisa mais. Por favor, me ligue. Para sua memória de passarinho, esse é o meu número XXXX
XX XX***

— Graças a Deus você mandou o número! — falei baixinho antes de digitar no aparelho para fazer a ligação.

A ligação chamou quase seis vezes antes de eu ouvir a voz da minha amiga:

— Alô?

— Oi, Gi, é a Heloísa.

— Pelo amor de Deus, sua filha da puta, quer me matar do coração? Sua mãe me disse que você nem foi no casamento. Que porra está acontecendo?

— Deus é um monte de palavrão na mesma frase, Gizele? — ela bufou — Eu estou bem e vou te explicar tudo. Está ocupada? Tem como vir me pegar em um apartamento e me dar uma carona para o shopping?

— Isso é hora de fazer compras? Mas é claro que eu vou, estou me coçando de curiosidade. Onde você está?

— Vou te mandar a localização pelo WhatsApp desse número, certo? — Olhei para o Murilo em busca de confirmação para minha ideia. Ele assentiu.

— Já estou entrando no carro... — respondeu rapidamente.

— Obrigada, te amo — desliguei.

Salvei o número no aparelho e cliquei para enviar mensagem pelo WhatsApp. Assim que a conversa abriu, enviei a localização. Assim que ela visualizou, mandou um áudio de resposta.

Putá merda, Heloísa, que homem lindo é esse? Quero saber cada detalhe sobre você estar na casa dele usando o celular dele. Espero que esteja usando mais coisas desse deus.

O áudio foi reproduzido em alto e bom som. E eu não sabia onde enfiar a cara depois de notar o sorriso do Murilo ao escutar.

— Desculpe por isso — lamentei, envergonhada.

— Sua amiga parece ser uma figura muito divertida...

— Ela é. Até demais... Bem, obrigada por tudo. Já estou sendo redundante porque não tem outra palavra para demonstrar a minha gratidão. Vou esperar lá embaixo, na portaria.

— Vou te acompanhar até lá.

— Não precisa, sério mesmo. Descanse... Vou te confirmar se vamos ou não viajar até meia-noite.

— Tudo bem. Posso, pelo menos, abrir a porta para você sair?

— Claro que sim — sorri.

Andamos até a porta, que ele abriu lentamente. Passei por ela em um passo mais acelerado e apertei o botão do elevador que ficava em frente.

— Até mais tarde — acenei com um tchauzinho antes de entrar na caixa metálica.



— Me conta tudo! Qual é a sensação de cometer um ato ilícito em solo estrangeiro? — me interrogou logo depois de se assegurar que eu não tinha nenhum arranhão.

— Eu não cometi um crime — respondi, entrando em seu carro, do lado do passageiro.

— Teoricamente cometeu — ela sorriu e se acomodou em seu lugar de motorista — tinha um policial gato te interrogando?

— Não tinha e mesmo se tivesse eu não entenderia quase nada do que ele falasse.

— A linguagem corporal é universal — colocou o carro em movimento e eu sorri. — Ok, sem policial, então quem é o cara gato do WhatsApp?

— Vou te contar tudo, mas antes quero te fazer um convite: topa viajar comigo?

— Viajar para onde? Quando?

— Cancún e Nova York. Amanhã.

— Caralho, tem certeza de que não cometeu nenhum crime e está fugindo? Quer que eu seja sua cúmplice?

— Não estou fugindo de nada...

— Por que para esses lugares em específico?

— Você topa ou não? É uma viagem para amanhã! — Aguardei ansiosa pela sua resposta, sem a Gi eu não sei se teria coragem de seguir adiante com essa loucura.

— É claro que eu topo. E mesmo que tivesse matado alguém, eu ajudaria você a se esconder pelo mundo...

— Nunca duvidei disso — sorriu — preciso dos seus dados para enviar para o Murilo...

— Quem é Murilo?

— A história é longa, mas em resumo: Murilo é o meu salvador em solo estrangeiro.

— Não quero resumos, quero nome completo, profissão, signo e tamanho do sapato.

— Tamanho do sapato — ergui a sobrancelha.

— A menos que você tenha dormido com ele e saiba o tamanho do seu pau, o número do sapato é uma informação relevante.

— Ele deve calçar 44... — Puxei na memória a lembrança do comandante e seus sapatos pretos lustrados.

— É um bom número... — Sorriu maliciosamente.

— Não é do meu interesse — dei de ombros.

— É de interesse de qualquer uma que tenha boceta e, até de quem não tenha, mas goste de pau — rebateu e eu gargalhei.

— Ai, Gizele, você é a melhor do mundo!

— Eu sei. Estaciono perto de qual entrada?

— Preciso recuperar meu número na operadora e comprar um celular.

— Trouxe cartão? — Ela perguntou assim que descemos no carro.

— Estava contando com um pequeno empréstimo da minha amiga empresária — perturbei.

— Vou cobrar com juros — ela riu — tem que cancelar os cartões, né?

— Só viajei com um internacional, para minha sorte. Mas sim, preciso cancelar esse e tirar outro RG.

— Documento novo só quando a viagem acabar — decretou — ainda estou surpresa que tenha sido você a me convidar para

algo assim e não o contrário...

— Não estou tentando roubar seu lugar de maluca, relaxe — perturbei enquanto entrávamos na loja — manda seus dados para o WhatsApp do comandante enquanto eu resolvo aqui.

— Certo.

— E tente se comportar...

— Vou tentar, mas só até a viagem começar — gargalhou.

Na loja da operadora consegui resgatar o número mesmo estando sem meu documento por ter memorizado o número do CPF e todas as outras informações que me pediram para confirmar. Preferi comprar um celular lá mesmo para adiantar o processo ao invés de bater perna e pesquisar os preços, dessa maneira, meia hora depois eu tinha novamente um Iphone para chamar de meu.

— Pronto! Mensagem enviada — disse após enviar nossos dados para o Murilo — agora deixa seu celular novo de lado e me conta tudo sobre esse seu novo amigo. Ele é um gringo gostosão que te ajudou no Chile?

— Ele é brasileiro, graças a Deus e... Piloto de avião!

— Ai meu Deus! Isso é muito melhor que a fanfic que o meu cérebro criou — bateu palmas animadas — ele te convidou para conhecer a cabine dele? Usou o clichê que te levaria as nuvens antes de te beijar?

— Você deveria ser escritora de romances e não empresária de moda — gargalhei.

— Não me enrola, amiga. A pergunta é: aconteceu?

— Claro que não, está maluca?

— Então, é por isso que estamos viajando? Para acontecer?

— Não pensei nisso, Gi. Acho que não, desde o início ficou claro que seria uma viagem de amigos. Pensei em você para ir comigo justamente por isso. Ele estará trabalhando, eu estarei viajando com minha melhor amiga ao invés de ficar no meu apartamento lamentando tudo que deu errado.

— Entendi, amiga — me abraçou — vamos fazer essa viagem ser inesquecível!

— Eu não tenho a menor dúvida disso.

— Cancún = biquíni — comentou — já Nova York em janeiro = frio. Não vai ser uma mala fácil de arrumar. Vamos lá para loja?

— Se é para dar lucro para alguém nesse mundo capitalista, que seja para você, rainha da moda — anunciei.

Minha amiga continuou empolgada falando sobre os looks da viagem e eu a acompanhei até a *Liber* em busca do que levaríamos nessa aventura.



Das vantagens em se ter uma *personal stylist*, a mais útil nesse momento era a mala pronta em tempo de recorde. Gizele fez uma mala compacta com uma combinação variada de *looks* para os dois destinos. Até o meu *aerolook*, a roupa do aeroporto, ela produziu: calça moletom cinza, com listra lateral preta e camisa larga do mesmo conjunto, associado a um par de tênis confortáveis.

Compras feitas, seguimos para a minha residência de onde partiríamos para o aeroporto. Em casa, pedi comida japonesa enquanto Gigi fazia as ligações telefônicas necessárias para comunicar sua ausência na loja pelos próximos dias.

Com o meu novo celular em mãos enviei áudio para os meus pais para tranquilizá-los e informar que acompanharia a Gi em uma pequena viagem – com certeza seria julgada se dissesse que decidi viajar de surpresa em férias depois de ter faltado o casamento da minha irmã. Por falar nela, conversei brevemente – sob a justificativa de não atrapalhar a lua de mel – via Skype para me desculpar e ouvi-la falar sobre estar muito feliz com o casamento.

Quando encerrei a chamada de vídeo pousei o celular na mesa de cabeceira e me deitei na cama. Eu tinha algumas horas antes de seguir para o aeroporto e queria descansar mesmo que fosse por um curto período.

— É o seu piloto? — Gi, que estava deitada ao meu lado, indagou quando o celular vibrou. — Será que a nossa viagem babou? — Sentei-me abruptamente na cama e peguei o celular com o coração acelerado.

O nome na tela não serviu para normalizar as batidas.

— É o Leandro...

— Eita! — Exclamou e se sentou na cama — ele sabe da viagem?

— Ele não sabe de nada. Não falei com ele desde a nossa última conversa.

— Você não vai atender? — Perguntou, eu assenti em resposta.

— Oi — atendi no último toque.

— Onde você está? Acabei de saber pela sua mãe que você foi deportada para o Brasil, por que não me ligou? Eu poderia ter ido ao seu encontro... — A preocupação em sua voz fez eu me sentir um pouco egoísta.

— Está tudo bem agora — busquei tranquilizá-lo.

— Você está em casa? Posso pedir comida japonesa e você me conta tudo que aconteceu.

— Sim, estou com a Gi e acabamos de jantar.

— Ok, eu posso passar aí amanhã para conversarmos?

— Eu vou viajar — fui direto ao assunto.

— Vai tentar voltar para o Chile?

— Não... Vou acompanhar a Gizele.

— Para onde? E você não pretendia me avisar?

— Foi uma decisão impulsiva e ainda estou digerindo que amanhã embarcarei para Cancún às 7 da manhã.

— Eu não sei nem o que dizer, Heloísa...

— Me deseje boa viagem... — Tentei apelar para seu bom humor.

— Boa viagem — seu tom foi seco — pensei que depois de tudo que aconteceu você fosse me procurar para conversarmos.

— Vamos conversar, mas não agora.

— Quando você voltar da viagem com sua amiga e se cercar do trabalho? Eu conheço esse roteiro, Heloísa. Estou preso nele há

mais tempo do que eu gostaria...

— Esse não é o tipo de conversa que temos por telefone.

— Esse é o tipo de conversa que não deveríamos adiar! —
Foi enfático.

— Eu não gosto de me sentir pressionada e você sabe disso.

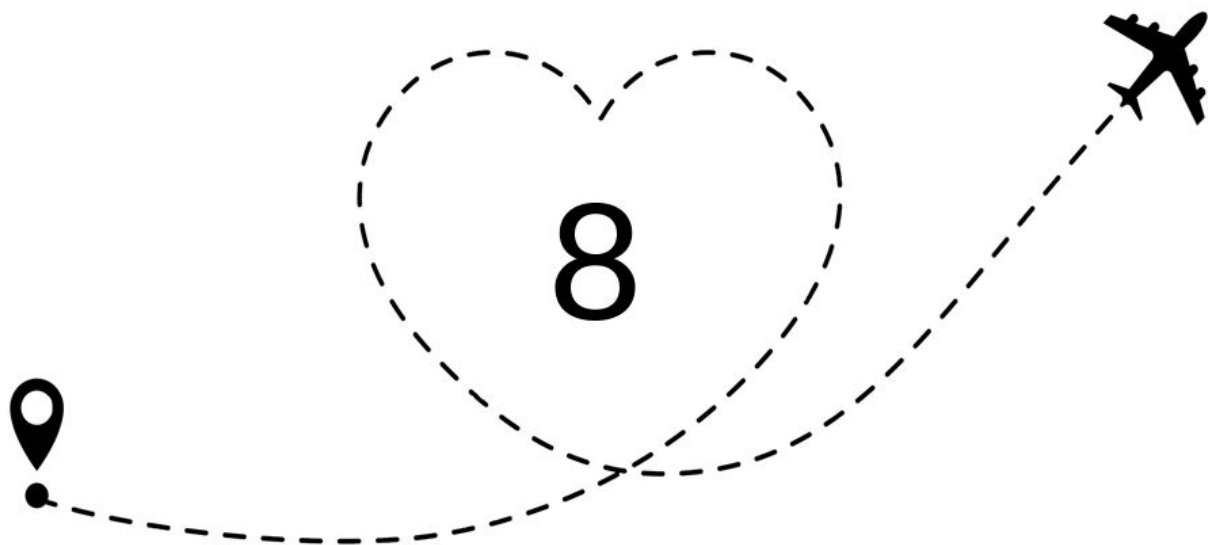
— Sei? — Indagou sarcástico — sinceramente eu achei que conhecia você, mas estava enganado.

Não respondi. Permanecemos em silêncio por um longo período.

— Boa viagem — encerrou a chamada antes que eu pudesse me despedir.

Minha amiga não fez nenhuma pergunta quando eu me deitei na cama, sua mão segurou a minha quando as lágrimas molharam a minha face e adormeci incerta de ter tomado a decisão correta.

Dessa vez, parecia um ponto final.



Helôisa

— Cancún, chegamos! — Gizele anunciou animada assim que o trem de pouso tocou o solo mexicano.

A empolgação me lembrava a de uma guia de turismo local que, às sete da manhã tentava animar os turistas sonolentos para que a viagem não fosse enfadonha. Quem visse a Gizele agora nem cogitaria a possibilidade de que ela passou as últimas doze horas em um avião.

— Eu só vou respirar aliviada quando passar pela imigração — debochei do meu recente histórico de deportação.

— Está repreendido! — Segurou a minha mão e deu três batidinhas no braço da poltrona que sequer era de madeira — Mas, para desencargo de consciência, deixe eu conferir, mais uma vez, os nossos passaportes.

Gizele se tornou a guardiã dos passaportes. Assim que embarcamos em Guarulhos ela o confiscou e guardou na sua bolsa,

dentro de um bolso interno. Perdi as contas de quantas vezes o zíper da bolsa foi aberto para a simples conferência da segurança dos documentos.

A minha deportação deixou a minha amiga um tantinho mais neurótica que eu. Ela até chegou a propor um revezamento de sono para vigiar a bolsa, mas eu fui enfática em afirmar que essa era uma neura sem precedentes e então ela foi vencida pelo sono. Mas cada vez que despertava fazia sua conferência insana.

— Você sabe que se os passaportes tivessem desaparecidos magicamente não havia nada que pudéssemos fazer, né? — Arqueie a sobancelha.

— Lógico que haveria! — Discordou veementemente — seu piloto teria que fazer um plano de fuga...

— Você é maluca! — Gargalhei.

— E nossos passaportes estão aqui — abanou-se com eles — agora levanta essa bunda da poltrona que estou ansiosa para conhecer o comandante Salles.

Cada vez que a voz do Comandante Salles ecoava no avião, minha amiga me cutucava sorrindo e fazia piadas sobre a sua voz ser *sexy* ou ainda como seria conhecer a cabine dele em modo *particular*.

— Já disse que ele não é *meu* piloto Gi e não esqueça que ele está em local de trabalho.

— Não se preocupe, jamais passou pela minha cabeça agarrá-lo e dizer: Obrigada pelas passagens e por salvar a minha amiga. E a propósito: você é muito gato! — Ela piscou para mim.

— É a sua cara fazer isso.

— É mesmo — sorriu — vou fazer tudo isso, mas quando ele não for o piloto do voo, mas sim o *seu* piloto.

Revirei os olhos.

A fila no corredor do avião já estava na metade, mas ainda faltava muita gente descer e isso me deixou ansiosa. Não sei

se a ansiedade era a palavra que mais se aplicava no momento, mas eu estava com as mãos frias e o coração acelerado. Uma parte minha atribuía essas sensações pelo que aconteceu no Chile e o medo de que isso torne a se repetir. A outra parte, a predominante, estava ansiosa para encontrar o comandante e saber se minha amiga se comportaria.

— Gi, você acha que errei ao não nos hospedar no mesmo lugar do cara que pagou as nossas passagens de avião? — Olhei para trás para perguntar a Gizele.

— Não — ergueu os olhos do celular para encontrar os meus — não é uma viagem entre amigos? É natural que você fique com a sua amiga. Ele disse algo sobre isso?

— Não, a última mensagem dele foi desejando boa viagem. Apenas fiquei pensando se isso não soaria rude, sabe?

— Relaxe amiga, você não fez nada errado.

A passos de tartaruga nos aproximamos da saída, mas entre as cabeças era possível ver a figura imponente em seu uniforme impecável.

— Puta que pariu! — Gizele exclamou baixo, atrás de mim — esse homem é ainda melhor que na foto.

— Gizele! — Repreendi, mas ela continuou a falar enquanto andávamos.

— Amiga, fecha os olhos e imagina a voz e esse homem entre as suas pernas.

A Gizele cochichando ao meu ouvido me deixou ainda mais nervosa.

— Pelo amor de Deus, cale a boca! — disse entredentes.

— A *Travel Airlines* agradece a preferência — disse uma das comissárias de bordo, parada ao lado da cabine.

— Bem-vindas a solo mexicano, aproveitem a viagem e se divirtam — ele disse as palavras com um sorriso padrão de quem estava fazendo seu trabalho.

— Pode deixar, comandante! — Gizele ergueu os óculos escuros para piscar para ele que sorriu de volta um pouco mais animado.

— Obrigada — respondi envergonhada.

— Sério, se você quiser se hospedar com ele eu não faço a menor objeção! Não deve ser difícil encontrar um quarto disponível... — ela não calou a boca enquanto desembarcávamos

— Eu estou quase torcendo para ser barrada na imigração, Gizele, pelo amor de Deus — reclamei.

— Não está e sabemos muito bem disso — enlaçou o braço livre ao meu — mas Ok, uma coisa de cada vez. Primeiro vamos passar lindamente pela imigração, depois fazemos o *check-in* e finalmente tomamos um banho quente.

— Agora você está falando a minha língua — sorri, um pouco menos apreensiva quando fomos chamadas para conferência dos documentos.



Tinha dado tudo certo, Graças a Deus. Sério, quando pudemos passar para a área de desembarque do Aeroporto Internacional de Cancún senti vontade de me ajoelhar e beijar o solo estrangeiro. O caos que tinha acontecido no Chile estava ficando para trás e eu me sentia aliviada por isso.

Com a Gizele ao meu lado, me sentia segura e o espanhol dela me deixava levemente com inveja. Foi graças a ele que pegamos um táxi e tranquilamente seguimos para o resort no qual fiz nossas reservas.

Um banho quente e uma refeição leve depois, já estava vestindo minha camisola azul, pronta para dormir. Estava ansiosa para aproveitar as belezas naturais de Cancún e registrar tudo no meu novo celular, é óbvio, mas já era noite e tudo aquilo seria feito no dia seguinte. Mas a minha amiga parecia que tinha outros planos.

Gizele saiu do banheiro vestindo o roupão branco com um grande G bordado em dourado do lado esquerdo do peito. Se tratava da inicial do *resort Grand Oasis*, mas por coincidência era a mesma letra que iniciava seu nome. Logo, Gizele estava se sentindo a rainha de Cancún.

— A rainha decreta: vamos sair — ela pulou na minha cama e moveu os quadris de um lado para o outro numa espécie de dancinha da felicidade.

— Como assim?

— Consegui ingressos para o Coco Bongo!

O nome não me remeteu a nada, por isso não esbocei nenhuma reação.

— Qual é, Helô? Você se lembra do Máscara. No filme tem aquela cena em que ele e a Cameron Dias vão para uma boate e fazem um show musical...

— Sei... — Lembrava vagamente da cena.

— Ah, quando estiver lá você vai lembrar. Nós vamos para essa boate! — Bateu palmas.

— Vamos? — Abandonei o celular para me concentrar na minha amiga — Eu achei que a gente ia dormir...

— Nós teremos muito tempo para dormir nessa vida, agora vamos para o Coco Bongo! — Saltou da cama animada — os ingressos já estão disponíveis no meu e-mail.

— Mas não me lembro de termos colocado roupa para boate na minha mala... — Tentei argumentar.

— Ah, a minha era maior que a sua. Eu trouxe!

Ela saltou em direção a sua mala e a abriu sobre a cama, retirando dois vestidos impecáveis: o primeiro era preto de paetê, com comprimento que ia até acima da linha dos joelhos, com um discreto decote no busto; O segundo era mais deslumbrante, ele seguia na mesma cor, mas com o modelo mais atual com manga longa bufante em apenas um dos braços.

— Você pensou em tudo, sua vadia! — Sentei-me na cama já animada.

— Qual deles você prefere?

— Os dois são divinos! — elogiei — prefiro o pretinho mais básico!

Pousou o vestido que escolhi na minha cama e fiquei admirando-o por alguns segundos.

— Agora levanta essa bunda da cama e vamos nos arrumar! A boate abre daqui a cinquenta minutos — informou.

— Como você conseguiu os ingressos assim em cima da hora? — Indaguei já de pé caminhando para pegar a *nécessaire* com a maquiagem para tentar esconder as olheiras de cansaço.

— Eu disse que eu e minha melhor amiga brasileiras estávamos em Cancún numa viagem de despedida de solteira e que eu não me perdoaria se voltássemos para o Brasil sem ela viver a experiência do Coco Bongo.

— Você mentiu! — Minha boca se abriu em um “O” maiúsculo.

— Digamos que eu distorci uns fatos — piscou para mim — como a sua melhor amiga, eu não poderia permitir que voltássemos para São Paulo sem aproveitar cada segundo dessa viagem. E nada melhor que começar na melhor balada caribenha. “Prepare-se para se surpreender com acrobatas voadores, tributos musicais impressionantes e a atmosfera contínua de festa que nos tornou mundialmente famosos!” foi o que eles me disseram.

— Você seria absolvida pelo júri com esses argumentos.

— E olhe que eu nem apresentei os meus atributos — ela passou a mão pelo seu corpo sensualmente, me arrancando uma gargalhada.

No meu dia a dia sempre estava usando jeans, camiseta básica e tênis ou sapatilha. Era uma combinação prática que permite que eu realizasse as minhas atividades com facilidade, pois era só jogar o jaleco e a touca por cima. Deixava os saltos e vestidos para meus raros dias de folga. Maquiagem também era um item que não fazia parte do meu dia. Habitualmente, usava apenas um *BB Cream (Blemish Balm)* que era um item multifuncional que reúne benefícios filtro solar, hidratante e outras funções que não lembro e um batom clarinho.

As produções mais elaboradas ficavam para os momentos como os de hoje. Mesmo que eu não quisesse, precisaria disfarçar as olheiras que me perseguem ultimamente. Principalmente depois das doze horas de voo em que não dormi pensando se conseguiria ou não entrar no México. Então, precisei escondê-las com boas camadas de corretivo, base e pó. Nos olhos, usei uma misturinha de sombras em tons terrosos e finalizei com um delineador dourado.

— Gata pra caralho! — Gizele me elogiou.

— Calma, que ainda não passei o batom vermelho sangue!
— Finalizei a aplicação do batom e dei uma voltinha exibindo-me por completo.

— Deusa de Cancún, rainha dos pilotos, maravilhosa! — Ela gritou no seu jeito Gizele de ser.

— A deusa de Cancún é você — aponte para ela que acabava de colocar a tarraxa da argola dourada.

Gizele desfilou de um lado para o outro do quarto como se fosse a própria Gizele Bündchen.

— Vamos! Não podemos privar os mortais de admirarem as deusas brasileiras.

— Como você é modesta... — Enlacei o seu braço ao meu e seguimos em direção ao elevador.

Gizele nunca se arrumou tão rápido na vida, quarenta minutos depois estávamos dentro do táxi que nos levaria até a boate. Nem mesmo a grande fila em frente à casa noturna a desanimou.

Atraímos alguns olhares ainda na fila, não sei se pelo fato de sermos duas brasileiras tagarelando alto ou pelo nosso *look bafônico*. A verdade era que homens e mulheres que passavam, nos dedicavam um segundo de sua atenção. E isso serviu para aumentar o meu ego, qualquer pessoa quer ser admirada, principalmente depois de se sentir uma mercadoria barata abandonada no chão da feira livre – sim, era como me sentia no aeroporto do Chile.

— Precisamos tirar uma selfie para registrar esse momento antes de estarmos suadas e bêbadas — ela pegou o celular e eu me aproximei.

Gizele registrou diversas fotos dos nossos rostos juntos, fazendo biquinhos, carões e, principalmente, sorrindo. Minha amiga ainda insistiu que eu tirasse algumas fotos sozinhas e me orientou nas poses e melhores ângulos para as fotos. Depois foi a minha

vez de fotografá-la, eu sabia que mais tarde, as fotos estariam no Instagram da sua empresa como demonstração do uso das roupas.

Quando o recepcionista fez a leitura do *QR CODE* dos nossos ingressos on-line e acessamos o interior da boate, perdi a minha capacidade de elaborar frases completas. Tudo que eu pensava vendo o interior do Coco Bongo era: UAU! Era a casa noturna mais foda que já vi na minha vida.

— Isso é fantástico! — Disse admirada observando a explosão de cores que fazia parecer que estávamos em um parque de diversões.

— Você entende agora por que menti para conseguir os ingressos? — Balancei a cabeça em afirmação. — Vamos pegar umas bebidas, as apresentações vão começar e vai ficar impossível de se movimentar.

Gizele segurou a minha mão e me guiou até um dos muitos bares ilhas espalhados pelo ambiente. Meus olhos registravam tudo rapidamente, eu não sabia onde fixar meu olhar: palcos, luzes, cortina de fumaça... Tudo chamava a minha atenção.

— Aqui — Gizele me entregou uma taça com uma bebida azul e ergueu seu copo em um brinde — a nós e a essa viagem incrível — brindou e levou aos lábios ingerindo uma grande quantidade.

— O que é isso? É delicioso... — Bebi um gole da bebida adocicada.

— É a especialidade da casa — deu de ombros — mais um! — Pediu para o jovem *bartender* que logo nos serviu mais da bebida.

— Qual será o teor alcoólico disso? — Questionei para minha amiga que já bebia rapidamente a segunda dose.

— Espero que o suficiente para a gente ficar mais soltinha.

— E eu espero que no limite para não terminarmos bêbadas dormindo na sarjeta... — Ponderei.

— Vem, vamos dançar! — Ela me puxou pela mão até a pista de dança que já estava enchendo.

A Dj, uma mulher de cabelos coloridos, comandava picafe ao som de *reggaeton*. O estilo musical que ganhou força nos últimos anos e que se tornou o hit de muitas baladas brasileiras. Seu som deriva do ritmo *reggae* em espanhol do Panamá, influenciado pelo hip hop, pela salsa e pela música eletrônica.

*Si el ritmo te lleva a mover la cabeza
Ya empezamos como es
Mi música no discrimina a nadie
Así que vamos a romper*

*(Se o ritmo te faz mexer a cabeça
Já começamos do jeito certo
A minha música não discrimina ninguém
Então, vamos começar)*

Dançamos essa e mais algumas músicas incríveis, balançando nossos corpos de maneira leve e solta. Quando estávamos suadas, subimos as escadas até o primeiro andar e ficamos no lado esquerdo para ter uma visão estratégica do palco onde aconteceria os números musicais principais.

Enquanto aguardamos o início do show continuamos dançando e envoltas na nossa bolha de felicidade. Uma canção após a outra e a casa vibra sob os comandos da DJ.

— Vamos virar tequilas?

— Não — protestei — a gente precisa ir mais devagar!

— Estamos em Cancún, baby! — Ela gritou* no meu ouvido para ser ouvida.

— Numa cidade desconhecida e sem amigos para nos socorrer.

— Temos o seu piloto.

— Ele não é o meu piloto.

— Você deveria dar para ele! Sexo quente e molhado faz bem para a pele.

— Oi? O que você falou? — Fingi que não ouvi e movi meu corpo ao som do Maluma.

— Eu daria para o Maluma! — Ela gritou.

— Até eu daria — Concordei sorrindo.

— *Vamos a ser feliz, felices los 4* — Gi entoa no ritmo da música — Eu, você, Maluma e o comandante Salles.

— Vamos virar essa tequila de uma vez! — Desconversei e acenei para o garçom que se aproximava e dava as instruções, em espanhol, para beber a tequila no estilo mexicano. Gizele era a tradutora simultânea.

Ele instruiu que primeiro lambemos a pele entre o polegar e o dedo indicador. Em seguida, que coloquemos o sal na pele umedecida. O homem nos entregou o copo com tequila e uma fatia de limão.

— *Arriba!* — Gizele ergueu seu copo para cima antes de beber.

Os passos seguintes eram lambar o sal e virar a tequila de uma só vez. Falhei na missão ingerir todo o líquido e precisei de dois goles para esvaziar o copo.

— *Arriba!* — Disse tardiamente e segui para o último item da lista: chupar a fatia de limão.

Quando fiz isso senti o meu corpo esquentar. Como se toda a energia da boate estivesse pulsando em mim.

— Bem-vindos ao México! — O mestre de cerimônia saúda a todos em espanhol e Gizele traduz para mim: — Vocês estão prontos para a melhor experiência das suas vidas? Então, façam muito barulho para receber o Máscara.

Ao som de gritos, assobios e aplausos o homem caracterizado surge no palco ao som da trilha sonora do

personagem.

— É igual ao filme — Gizele gritou, eufórica.

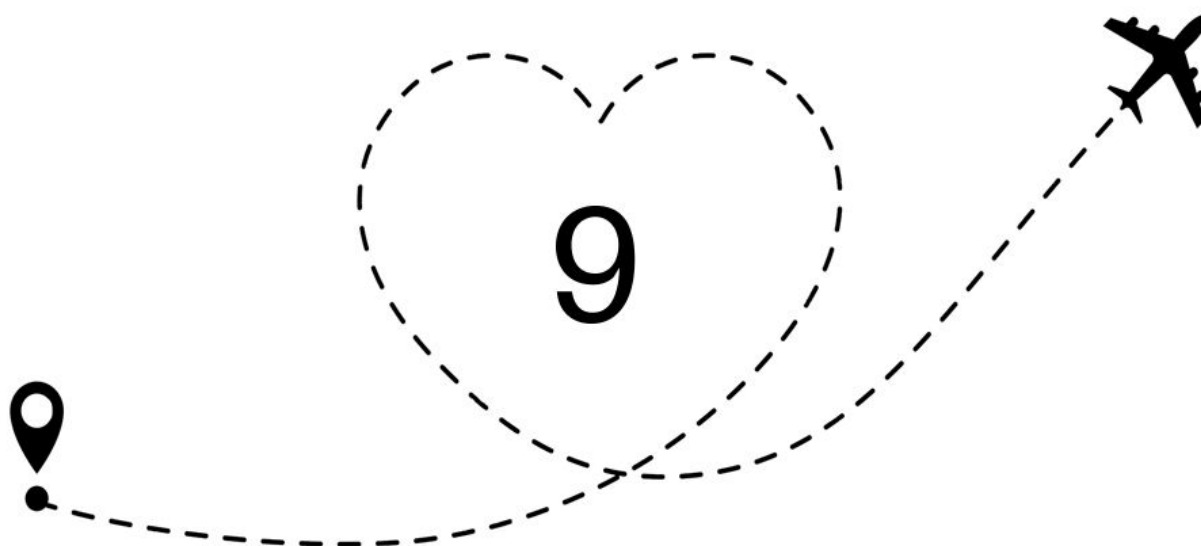
O número musical era espetacular. Desde a coreografia, passando as roupas, jogo de luz e canto. Sentia-me como em um filme mesmo, mas dessa vez não era espectadora e sim parte do show. Com a luz da lanterna dos nossos celulares, iluminávamos o ambiente.

— E aí, está gostando? — Ela perguntou ao meu ouvido.

— Mais do que eu poderia imaginar.

— E esse é só o primeiro dia — vibrou.

Ela tinha razão. Amanhã tínhamos um dia inteirinho para continuar explorando Cancún e eu não podia estar mais animada.



Helôisa

Fazia tempo que eu não me divertia tanto quanto na última noite. Eu dancei até os meus pés doerem e quando eles começaram a reclamar, abandonei os saltos e continuei dançando. Não sei se era o ritmo contagiante ou a minha própria bolha de felicidade, só sei que o Coco Bongo entrou para a lista de momentos inesquecíveis da minha vida.

Martín, meu cunhado chileno, costumava dizer que o destino é um nome qualquer que damos para as surpresas da vida. Era uma frase simples, mas ficou registrada na minha cabeça e sempre que algo acontecia fora do meu planejamento eu lembrava dela. Surpresas da vida. É, talvez os últimos acontecimentos fossem ocasionados pelo tal destino que queria me fazer mudar de rota, refutar algumas convicções ou até mesmo me levar para outros lugares.

Lugares que eu não sabia que gostaria de visitar, mas que agora parecem ambientes que eu *precisava* de alguma forma

conhecer. E agora estava em Cancún, numa viagem incrível com a minha melhor amiga, vivendo momentos que dificilmente sairão da minha memória.

Depois da noite fantástica no Coco Bongo, precisávamos de um pouco de sal na pele. Por isso, havíamos decidido conhecer a *Isla Mujeres* (Ilha das Mulheres). Para isso fechamos um pacote oferecido pelo hotel e embarcamos, com um pequeno grupo, em um barco que nos levaria até a pequena ilha mexicana localizada no mar das Caraíbas, a cerca de treze quilômetros da costa de Cancún.

A travessia de aproximadamente trinta minutos, já nos deu a dimensão da beleza do lugar. O mar que cercava a ilha era de um azul tão claro e límpido que encantaria qualquer espectador, foi impossível não admirar boquiaberta a imensidão daquela beleza extraordinária caprichosamente desenhada por Deus.

Assim que chegamos Rick, o guia local, um homem jovem de pele bronzeada pelo sol e fios longos na altura da nuca, discorreu um pouco sobre a origem da ilha e todos os mistérios que envolviam o descobrimento dela.

Ouvi maravilhada que existia mais de uma explicação para o lugar e uma delas dizia que foi descoberta por Francisco Hernández de Córdoba no ano de 1517. No período pré-hispânico, a ilha era consagrada à *Ixchel*, a deusa maia que representava a Lua, a fertilidade, o parto, a apicultura, a plantação, o sexo e o amor. Diziam que, quando Córdoba aportou por lá, deu de cara com um lugarejo repleto de lindas moça e esta seria a explicação para o seu nome: Ilha das Mulheres.

Havia também a história que contava que quando os colonizadores chegaram por aquelas bandas não encontraram homem nenhum no local porque todos estavam pescando. Logo, no local só estavam presentes as lindas mulheres que encantaram os navegantes e por isso, teriam dado origem ao nome *Isla Mujeres*.

— Graças a Deus um guia que fala Portunhol... — agradecei por não precisar me esforçar ou perturbar outra pessoa para

entender a narrativa — mas anote aí: a primeira coisa que farei quando retornar ao Brasil é me matricular em uma escola de idiomas para aprender espanhol — sussurrei para Gizele.

— O difícil é achar tempo na sua agenda — respondeu sorrindo.

— Trouxe um fato incontestável — lamentei — vou colocar como meta para o próximo ano.

— Relaxa, amiga, serei a sua tradutora oficial sempre que precisar. Mas agora o nosso guia gatinho acabou de falar que é hora de mergulhar no mar caribenho.

— Estava ansiosa por esse momento — falei quando o barco parou para o mergulho.

Assim que nos foi autorizado, nos jogamos nas águas claras do mar do Caribe. Eu me deixei mergulhar e emergi revigorada alguns segundos depois. Aquele lugar parecia mágico, como se aquela água tivesse o poder de limpar qualquer coisa ruim que estivesse passando na nossa mente. Era impossível ter qualquer outro pensamento que não fosse o de gratidão ali.

E eu estava realmente grata. Por aquele sol, por aquele imenso e lindo mar, por aquela viagem inesperada e por estar ali, viva e com saúde, desfrutando daquilo tudo.

Obviamente, o banho de mar não foi o suficiente para duas brasileiras malucas apreciar cada espacinho das opções para turistas naquele lugar. Por isso, buscamos complementar nosso passeio.

— Moço — Gizele gritou para o fotógrafo — queremos um book de fotos subaquáticas.

E assim foi feito, entre braçadas e poses, apreciamos e registramos tudo antes de seguir para o espaço onde era possível nadar com os golfinhos.

— Será que eles não vão morder? — Gizele questionou encarando o espaço que teríamos que entrar para o nado — eu já vi na internet que isso pode ser considerado maus tratos...

— Ai, será? — Ponderei — eu sempre quis, desde que vi fotos da Eliana, apresentadora de TV, nadando. É tão fofo.

— Vou só ter certeza de que é seguro para nós e para os bichinhos — minha amiga disse antes de ir conversar com o responsável pelo passeio.

Quando Gizele voltou estava mais tranquila e disse que a equipe assegurou que era seguro para ambos, humanos e animais. Por isso, seguimos em frente.

Naquele momento voltei a ter dez anos de idade, quando os meus sonhos pareciam encantados mesmo quando impossíveis, do tipo voar ou me teletransportar, sabe? Na prática escolhemos o básico que funcionou com um grupo de turistas, umas sete pessoas, descendo no *dolfinário* e ficando enfileiradas na beirada. A instrutora do golfinho foi nos passando as orientações e um por vez foi fazendo conforme nos era instruído.

O ponto alto do nado foi quando ela permitiu que o golfinho nos beijasse. A cada pose o fotógrafo fazia seu registro. Depois, nadamos segurando no golfinho e a cada atividade realizada o golfinho ganhava um peixinho como recompensa.

— Isso foi incrível — quase gritei quando encerramos o nado.

— Eu também adorei — Gizele informou — quase tão bom quanto nadar pelada com um homem nessas águas límpidas.

— Então você curtiu mesmo, para quase equivaler a isso... — gargalhei e ela me acompanhou na risada.

— Vamos procurar comida! — Gizele decretou.

Paramos para almoçar em um restaurante maravilhoso e acabamos optando por casquinha de lagosta gratinada e arroz. Dispensamos a sobremesa para não estarmos cheias demais no restante na visita guiada na cidadezinha da ilha.

Seguimos em um carrinho de golfe, bastante utilizada para se locomover na ilha, e seguimos conhecendo um pouco mais do lugar, além das paradas obrigatórias nas lojas de artesanato local. No fim

da tarde, erámos as pessoas mais exaustas e as mais felizes de toda Cancún.



Eu estava empolgada vendo as fotos no celular e enviando o vídeo do meu nado com os golfinhos para a minha irmã quando Gizele saiu do banheiro com a toalha enrolada na cabeça e parou em frente à minha cama.

— Eu convidei o comandante para jantar.

— Você o quê? — Perguntei na esperança de ter entendido errado.

— Enquanto eu hidratava meu cabelo pensei que tínhamos uma dívida com ele e o mínimo que podemos fazer depois dele nos trazer até Cancún era um jantar. Estou apaixonada — enfatizou a palavra — por essa cidade.

— Eu também — concordei — acho que devemos colocar Cancún como a nossa rota anual de viagem.

— Super topo vir para cá sempre... Agora vamos encontrar o nosso comandante que deve estar nos esperando faminto.



O restaurante sugerido por Murilo era mais um pedaço lindo daquele lugar. Se tratava de um bistrô com ambiente agradável, não muito sofisticado, com toalhas de mesas coloridas e uma super varanda em frente ao mar. A especialidade do restaurante era frutos do mar com pratos preparados com ingredientes frescos e da melhor qualidade. Apesar dessa especialidade, o cardápio era variado e oferecia desde pratos americanos, até comidas típicas mexicanas, além de oferecer drinks maravilhosos e criativos.

Optei por camarões ao molho *curry*, enquanto Gizele pediu uma moqueca de lagosta e o comandante preferiu salada e salmão grelhado.

Pedimos uma garrafa de vinho que tentasse harmonizar com os três diferentes pratos, mas quando o garçom foi servir as taças o nosso companheiro dispensou educadamente a bebida.

— Você não bebe? — Gizele perguntou imediatamente.

— Não nos dias que antecedem os voos — informou, antes de pedir suco de abacaxi para acompanhar sua refeição — ninguém quer um piloto de avião bêbado ou com ressaca, quer?

— Claro que não. Mantenha a sobriedade, capitão. Mas me diz, como é ser piloto de avião? — Gizele continuou ditando o rumo da conversa.

— Você quer a resposta breve e resumida ou o relato apaixonado do homem que sonha desde criança com essa profissão?

— Temos uma garrafa de vinho disponível e nenhuma pressa, aposto que é tempo o suficiente para escutar uma história entediante...

— Gizele! — repreendi e o Murilo gargalhou.

— A sua amiga tem razão. Pode ser bem entediante ouvir todos os botões que precisam ser ligados para voar. Então, se eu fosse vocês tomaria mais um cálice de vinho.

— Viu só, vamos beber — minha amiga sorriu e encheu a minha taça.

Ao contrário do que ele deu a entender, não havia nada de tedioso na paixão com a qual Murilo falava sobre a sua profissão. E nós nos vimos concentradas em cada palavra que saia dos seus lábios.

Ele nos contou a sua primeira lembrança em um avião e como os seus olhos ficaram deslumbrados com a imponência daquela máquina que desbravava o céu. Citou com admiração e orgulho a figura do pai, também piloto de avião, e como ele era o seu exemplo na profissão. Discorreu sobre as suas primeiras viagens e a rotina do piloto que não se restringe apenas a comandar a aeronave.

— E eu achando que as definições de tédio seriam atualizadas com sucesso — Gizele falou e ele sorriu.

— Você exala paixão pelo que faz e isso é raro atualmente — verbalizei o meu pensamento que fixou na minha cabeça enquanto ele falava sobre a profissão.

— Eu sou aquele velho clichê: “Escolha um trabalho que você ame e não terá que trabalhar um único dia em sua vida.”

— Por que tenho a impressão de que conheço uma pessoa que compactua dessa mesma frase? — Gizele arqueou a sobancelha me encarando.

— Realmente amo o que faço — dei de ombros sorrindo.

— E eu amo esse cheiro delicioso de frutos do mar! — Gizele sorriu para o garçom que aproximou para nos servir.

Enquanto jantávamos foi a nossa vez de falar sobre a viagem. Falamos empolgadas sobre a ida ao Coco Bongo, a Ilha

das Mulheres, a culinária local e o quanto estávamos apaixonadas por Cancún. Murilo nos escutou com atenção e pareceu tão empolgado quantos nós, ouvindo o nosso relato.

O jantar correu tão bem que parecia que éramos amigos de longa data, rindo, compartilhando momentos e fazendo piadas. Ao final da noite, a conversa fluía normalmente e eu me sentia cada vez mais à vontade com o meu novo amigo.

Quando o Murilo pediu licença para ir ao banheiro, aproveitei para pedir a conta. Ao retornar, ele se deparou com o garçom devolvendo meu cartão e não disse uma só palavra quando o encarei.

— Vamos caminhando até o hotel, Gigi? — Sugerir quando o garçom se afastou.

— Não é tão longe, não é? A noite parece estar linda para andarmos. Nos acompanha, comandante?

— Claro. Será um prazer.

A noite estava mesmo agradável. O céu estrelado e sem nuvens me fazia querer me deitar no chão para observar aquele show de luzinhas. Andamos em silêncio por alguns minutos até eu enxergar uma legítima *paleteria* mexicana.

— Acabei de encontrar nossas sobremesas — apontei para a *paleteria*.

A nova moda gastronômica que tem se espalhado pelo Brasil são as paletas: picolés de origem mexicana feitos geralmente de frutas ou chocolate e recheados com outros ingredientes. E nós provaríamos direto da fonte.

Depois de ler todo o cardápio e querer experimentar cada um, voltei a minha primeira opção e completei tardiamente os nossos pedidos. O caixa informou o preço e Murilo se adiantou entregando duas notas de peso mexicano, a moeda local.

— Eu vou pagar! — Interceptei as notas antes que a atendente pudesse tocá-las e entreguei o meu cartão de crédito.

— Você já pagou o jantar, Heloísa — Murilo protestou e confiscou o meu cartão, dando início a batalha de quem pagaria pelas *paletas*.

— E também vou pagar pela sobremesa — depusitei as notas em sua mão e peguei de volta o meu cartão.

— Gizele, você não vai convencer a sua amiga a me deixar se gentil? — Ele apelou sem desgrudar os olhos de mim.

— O meu picolé está saboroso demais para entrar nessa briga, comandante — Gizele sorriu e voltou a morder o picolé de maracujá com recheio de chocolate.

A atendente do caixa me lançou um olhar de impaciência e devolvi o olhar para Murilo. Eu poderia perfeitamente ignorar a mulher até ele se render e me deixar pagar pela sobremesa.

— Ok, você venceu! — Devolveu as notas ao bolso.

— Ela sempre vence! — Gizele completou, sorrindo.

— Ela tem razão — concordei com minha amiga e entreguei o cartão de crédito a mulher, digitando a senha em seguida.

Apreciei a paleta e a sensação de ter vencido a disputa como se fossem presentes dos deuses. Preferimos seguir enquanto devorávamos a sobremesa, ao invés de nos sentar para tomar os picolés.

Assim que chegamos no resort em que estávamos hospedadas, Murilo decidiu chamar um táxi.

— Não quer entrar e tomar uma xícara de café? — Gizele sugeriu, imitando a voz de Dona Florinda, uma conhecida personagem da comédia mexicana.

— Não seria muito incômodo? — Ele entrou na brincadeira.

— Não temos café — cortei o teatro dos dois que riram da minha cara.

— Estraga prazeres — Gizele perturbou — qual a previsão para Nova York, comandante?

— Frio intenso e se a previsão se confirmar teremos neve.

— Não tem como levar o sol do Cancún para lá? —
Perguntei.

— Se tivesse uma forma eu o faria, acredite.

— Com chuva ou neve nós vamos as compras! —
Sentenciou — você pode ir com a gente, comandante. É sempre bom ter braços fortes masculinos para ajudar a carregar as sacolas — ele gargalhou com o convite interesseiro dela.

— O que ganharei em troca? — Ele entrou na brincadeira, mais uma vez.

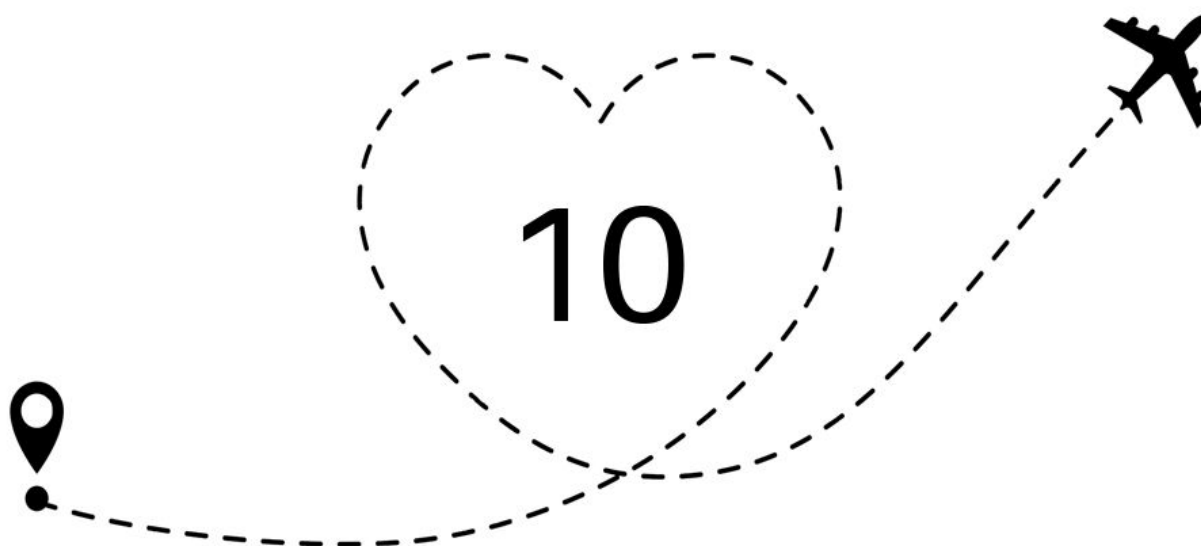
— Um café no *Starbucks* e uma massagem da melhor fisioterapeuta que eu conheço.

— Eu aceito — ele sorriu pouco antes de escutarmos a buzina do táxi — meu carro chegou.

Ele se despediu de Gizele com um beijo e se voltou para mim:

— Até Nova York, Heloísa — Beijou minha face e se afastou deixando o rastro quente do contato da sua boca na minha pele.

— Até... — Respondi perdida naquelas novas sensações.



Murilo

Não conseguia explicar concretamente o motivo pelo qual eu ofereci as passagens daquela viagem para ela. A ideia surgiu quase que instantaneamente na minha cabeça quando estávamos almoçando, no dia em que foi entregar meu celular. Em um segundo, a imagem da mulher chorando no chão do aeroporto se transformou na de uma mulher sorrindo, com óculos escuros e biquíni minúsculo, olhando para o mar do Caribe.

Eu realmente tinha muitas milhas e as passagens dela e da amiga não tinham me custado nada, ainda assim minha mente ficava tentando burlar a lógica para inventar fantasias sobre a situação.

No Brasil, antes de decolar, havia uma pequena dúvida em mim: ela iria mesmo? Se eu não conseguia encontrar motivos lógicos para aquela viagem, ela com certeza ponderaria e chegaria a mesma conclusão.

Enquanto o avião era lentamente empurrado até à *taxiway*, eu me perguntava se Heloísa estava ou não na minha aeronave. Você sabia que o avião era empurrado até a pista para taxear? Pois é, avião não dá ré, o procedimento se chama *pushback* e nele o avião é rebocado por um veículo, comumente chamado de trator de reboque, que é ligado ao avião por uma barra, e o empurra até a posição correta para o ponto de partida.

Iniciei a decolagem com todos os cuidados e atenção necessários, mas assim que tudo estava estável, a dúvida voltou a minha mente. Nos voos, depois da decolagem a aeronave segue o caminho pelo piloto automático, que libera os tripulantes de tarefas manuais, nos deixando focados na alta carga de trabalho envolvida para decolar e pousar.

Apesar de voar em piloto automático e de ter um copiloto ao meu lado, qualquer alteração nos dados do voo precisava do comandante. Mesmo assim a minha vontade era sair da cabine por uns instantes para me certificar de que minhas convidadas estavam a bordo.

Mas isso não era recomendado, claro. Os passageiros, em sua maioria, não entendem como o processo voar funciona e poderiam ter leves (ou nem tão leves assim) surtos porque o piloto estava fora da cabine, desfilando entre as filas, em busca de duas pessoas específicas.

Mas naquele momento, eu precisava ter a certeza de que elas tinham vindo, por isso apertei o pequeno botão que acionava a tripulação.

— Comandante Salles, precisa de alguma coisa? — A comissária de bordo que veio atender meu chamado foi a Rosa.

De todas as opções a bordo, Rosa era a menos adequada para a verificação. Ela, com certeza, faria suposições e as espalharia por todos os lugares, não me surpreenderia que o Brasil soubesse do meu interesse nas passageiras antes mesmo que o meu avião pousasse.

— Gostaria de verificasse se os assentos 38A e 38B estão ocupados, por favor — pedi, encarando-a.

— Sim, senhor. Gostaria que eu verificasse quem são os passageiros ou que enviasse algo para eles? — O olhar dela era atento e avaliativo. Rosa queria descobrir qual era o meu interesse naqueles assentos.

— Não precisa, só quero saber se estão ocupados.

— Sim, comandante — ela se retirou apressadamente da cabine.

— Trouxe diversão para o trabalho, Salles? — Hugo, o copiloto, perguntou com um sorrisinho.

— Duas amigas minhas fariam essa viagem, só isso.

— Amigas, é? Posso conhecer, então?

— Senhor, os assentos estão ocupados — Rosa voltou e informou, antes que eu pudesse responder ao Hugo.

— Obrigado, Rosa.

Ela se retirou e eu me senti estranhamente aliviado com a confirmação.



Não esperava que elas se hospedassem no mesmo hotel que eu. Era quase burrice achar que duas mulheres em uma viagem de turismo escolhessem o hotel modesto que a companhia reservava para a tripulação. Mesmo assim, não era errado ter uma pequena dose de esperança, era? E eu tive, mas o óbvio ficou constatado quando elas disseram o nome do *resort* no qual ficariam. Não posso dizer que foi decepcionante porque era esperado, mas se pudesse, diria.

— Vai ter companhia essa noite, Salles? — Hugo insinuou quando estávamos fazendo o *check-in*.

— Não — respondi ao pegar o cartão da mão da recepcionista.

— A Rosa está mais do que disposta a ficar com você hoje...
— Continuou.

— Não estou a fim — respondi de imediato, ao entrar no elevador.

— Vai passar a primeira noite em Cancún sem nenhuma mulher te ajudando a relaxar, comandante?

— Cuide do seu relaxamento, amigo. Hoje eu só quero dormir
— me despedi do copiloto e segui até meu quarto.



Por mais que eu quisesse e precisasse dormir, algo me mantinha acordado. Uma inquietação que não sabia de onde vinha. Ou preferia não investigar para saber. O fato era que depois do banho e do jantar, no qual dividi mesa com vários tripulantes do voo e fingi não entender os sutis convites para diversão, não apaguei em sono profundo, como deveria acontecer.

Se não fosse tão tarde, mesmo considerando as duas horas a menos em relação ao Brasil, teria ligado para os meus pais para jogar conversa fora até o sono chegar. Mas não os acordaria apenas para me distrair, por isso logo essa possibilidade é descartada.

Restava então, verificar se a pequena academia do hotel estava aberta, assim me exercitaria e uniria o útil ao agradável. Voar não era um trabalho fácil. E não estava me referindo apenas ao fato de tirar do chão e ajudar a controlar uma caixa de aço com mais de 150 mil quilos. Isso por si só era fascinante, mas os maiores créditos eram devidos a quem teve a ideia genial de criar um avião. Mas enquanto piloto, era necessário manter um bom nível de condicionamento físico, não só para evitar problemas básicos de saúde, mas também para manter minha licença. Nós éramos avaliados com frequência e alguns requisitos precisam ser preenchidos para continuar trabalhando como piloto comercial. Dessa maneira, ao ir malhar estaria fazendo algo que realmente precisava ser feito e, como brinde, usaria o esforço físico como sonífero.

E foi exatamente o que aconteceu. Depois de correr por meia hora, levantar pesos e fazer abdominais, meu corpo finalmente se rendeu.

No dia seguinte, eu aproveitei a praia mais próxima e me deixei banhar por aquele mar incrível. Por mais que eu voasse e

visitasse lugares assim, nunca deixaria de apreciar como se fosse a primeira vez. Meu olhar jamais se acostumaria com tamanha beleza ao ponto de deixar passar despercebido a magnitude que aquelas águas claras representavam. Um mergulho no mar do Caribe sempre seria digno de ser reverenciado, não importa se fosse o centésimo terceiro mergulho que você estivesse dando.

Era mágico.

Revigorante.

Hipnotizante.

No fim daquele dia, fui surpreendido com um convite para jantar. A mensagem não foi da Heloísa, mas me senti estranhamente animado com a possibilidade de encontrar com as minhas duas novas amigas. E não me decepcionei. O jantar foi incrível e nós três estávamos tão à vontade que parecia que fazíamos aquilo com frequência.

Quando voltei ao meu quarto de hotel, tentei não pensar em como seria estar acompanhado. Tentei não imaginar como seria se a brasileira perdida em solo estrangeiro tivesse se oferecido para entrar no táxi comigo e a gente, por acaso, acabasse na cama de novo. Eu juro que tentei, mas as cenas foram se desenvolvendo tão rapidamente na minha mente que, em algum momento, aquilo virou uma espécie de filme erótico.

Meu pau aprovou o filme e se animou rapidamente. E quando eu precisei acalmá-lo, era nas mãos sensíveis dela envolvendo-o e masturbando que eu estava pensando.



Não existe nada que se compare ao nascer do sol. Não importa onde esteja, se tiver a oportunidade de acompanhar esse show gratuito da natureza: faça. Eu tentava vê-lo em todos os lugares que ia, mas nem sempre era possível. O pôr-do-sol também era um espetáculo, mas havia algo ainda mais miraculoso no nascer, como uma oportunidade de bem-fadar o dia que está por vir.

E o raiar do dia em Cancún era esplêndido. Por isso, ainda escuro, eu me levantei. Depois de lavar o rosto e escovar os dentes, vesti um conjunto composto por calça e casaco de moletom preto e calcei um par de tênis, me preparando para sair. Os óculos escuros, a chave do hotel e o celular foram para o meu bolso frontal antes de entrar no elevador.

Eu poderia assistir a aurora da praia mais próxima ao hotel, chegaria lá em cinco minutos de caminhada, mas me vi pegando um táxi para passar os mesmo cinco minutos rodando até estar na praia em frente ao *resort* em que Heloísa e Gizele estão hospedadas. A praia estava vazia, como era de se esperar e eu, que já estava ali, decidi convidar as meninas para acompanharem o espetáculo da natureza.

O telefone chamou algumas vezes antes de ser atendido.

— Oi — a voz dela confirmava o óbvio: tinha acabado de ser acordada.

— Você já viu o nascer do sol?

— Está tudo bem, comandante? — ela perguntou em um sussurro.

— Está, desculpe acordar vocês. Mas então, você já viu o nascer do sol?

— Não que eu me lembre...

— Se tivesse visto com certeza se lembraria. Ele vai começar a aparecer daqui a pouco, se quiserem ver eu garanto que não vão se arrepender.

— Onde você está? — Ela perguntou e, ao fundo, ouvi que estava se mexendo.

— Na praia, em frente ao *resort Grand Oasis*.

— Vou chamar a Gizele e nós chegaremos aí em um instante...

— Até já — sorri e desliguei.

Elas não conseguiram chegar antes que o primeiro raio alaranjado surgisse na linha tênue que parecia dividir o céu e o mar. Foi devagar, como se um pincel de tinta cor de laranja fosse passado em uma tela pintada de preto. A cor mais clara não se destacava imediatamente. Aos poucos, ela ia se derramando, tingindo o tecido escuro e ganhando espaço.

O tempo vai passando e as pinceladas vão, insistentemente, marcando seu espaço na tela. Logo, o que era escuro vai ficando mais suave e a linha um pouco acima do mar vai clareando. Diante dos meus olhos, as nuvens vão ganhando tons de roxo e o fundo vai ficando cada vez mais alaranjado.

— Meu Deus, que coisa linda — eu a ouvi antes de vê-la.

Seus passos se aproximaram e ela se sentou ao meu lado na areia fofa.

— Realmente, é uma coisa linda — respondi, encarando seu rosto e enxergando o show laranja e roxo no fundo dos seus olhos. Ela conseguiu roubar a cena e o meu elogio já não era mais destinado a natureza. — Onde está Gizele?

— Não consegui derrubá-la da cama. Até tentei, mas ela disse que poderia olhar para o sol depois das oito... — ela riu.

— Nosso voo é as dez — lembrei.

— Estaremos lá, capitão.

Ficamos em silêncio e encaramos o horizonte, apreciando o show que se desenrolava em nossa frente. Heloísa parecia estar fascinada e eu me senti bem por ter ligado para que pudesse assistir.

— É incrível. Só Deus seria capaz de pintar uma obra tão linda assim... — Ela disse, depois de alguns minutos de contemplação — não sei como te agradecer.

— Agradeça a Deus, você acabou de dizer que Ele é o pintor — sorri.

— Sim, mas você é o culpado por eu estar aqui. Tanto aqui no México, quanto aqui nessa praia vendo o nascer do sol mais lindo do mundo.

— Não sei se é o mais lindo do mundo, mas está na lista...

— Você faz isso com frequência?

— O quê? Acordar pessoas de madrugada? Pode se dizer que sim, considerando que muitos voos acontecem nesses horários e sou o responsável por acender as luzes do avião.

Ela riu. E eu prestei atenção naquele som pela primeira vez.

— Não, Murilo, eu me referia a sua lista de lugares lindos em que o sol nasce mais lindo ainda.

— Ah sim, eu gosto. Por isso achei que você e sua amiga também pudessem gostar.

— Eu amei e ela também ia gostar se não tivesse acabado com a garrafa de vinho no nosso jantar ontem... Você não fica satisfeito com minha ladainha de agradecimento, mas eu realmente me sinto grata por esse momento.

— Por nada — disse, por fim.

— Você me salvou no Chile e ainda fez com que a situação não se tornasse um trauma me convidando para viajar novamente...

— Acha que poderia ser um trauma? — Perguntei, preocupado.

— Com certeza. Passar pela imigração fez minhas mãos suarem e meu coração bater acelerado. Talvez, eu nunca mais conseguisse sair do país de tanto pavor. Viu só? Você foi um herói e tudo que eu posso fazer é dizer obrigada.

— Eu não sou um herói... Sou um homem qualquer cheio de defeitos.

— Ah, capitão, então você os tem escondido bem porque tem se comportado como um perfeito cavalheiro desde que eu te conheci.

Se você soubesse o que pensei em fazer com você ontem não diria isso.

— Não podia me aproveitar de uma mulher indefesa em solo estrangeiro — perturbei.

— Eu fui até sua casa e dormi em cima de você. Em solo brasileiro. Você se comportou tão bem quanto, Murilo.

— Agora estou me sentindo como um aluno entediante e comportado demais.

— De jeito nenhum você e entediante podem estar na mesma frase...

Eu a encarei. Ela me olhou de volta.

— Você me acusou de ter dormido em cima de mim e eu não ter feito nada — rebati — parece bem entediante para qualquer mulher.

— Não acusei, apenas pontuei quando você disse que tinha sido cavalheiro apenas por eu estar vulnerável em solo estrangeiro. Você é naturalmente cavalheiro, capitão.

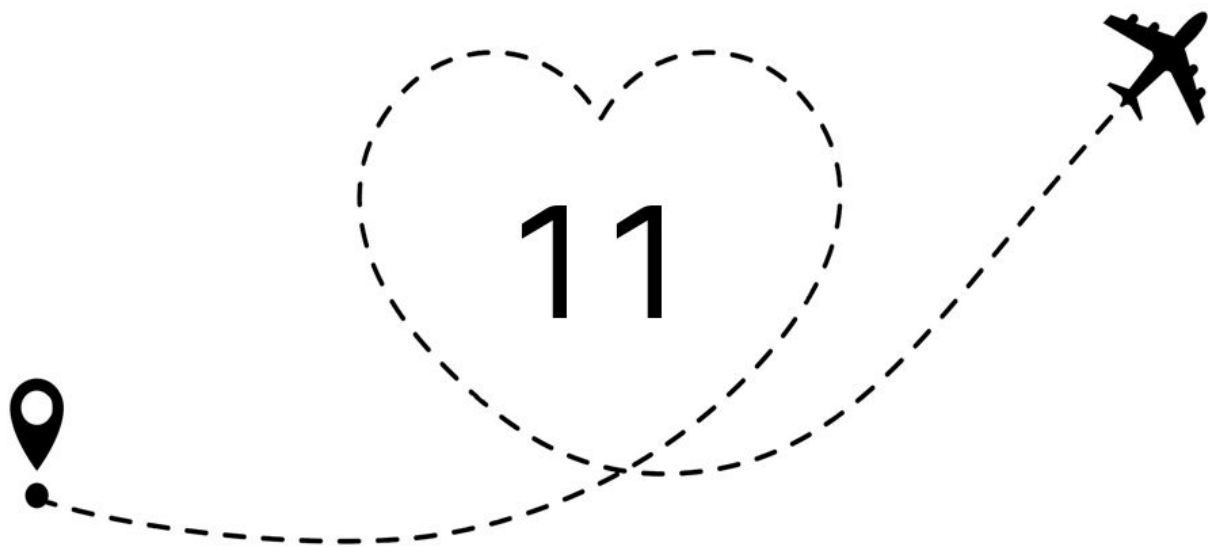
— Se fosse, não estaria pensando em beijar você agora — confessei.

Ela não respondeu. Não riu como se fosse uma piada. Não mandou eu parar de gracinha. Não se mexeu.

Eu sei que não deveria tentar provar que *não* era um cavalheiro. Mas me vi inclinando a cabeça em direção ao rosto dela.

Heloísa não se afastou. Não me ordenou que parasse. Não puxou o freio de mão.

E então e eu acelerei. Como um maratonista vendo a linha de chegada, com medo que o adversário corresse mais que ele. Eu não pensei e nem dei mais tempo para ela pensar. Minha boca se chocou contra a sua e, naquele segundo, pouco importava o nascer do sol.



Helôisa

Quando o vi sentado na areia, admirando o céu mais lindo que eu já havia visto na vida, não soube dizer se o aperto em meu coração era de excitação por presenciar aquele cenário encantado ou por encontrá-lo ali.

A mistura de cores no céu realmente parecia uma pintura digna de ser apreciada em silêncio contemplativo e foi o que fizemos assim que eu me sentei ao lado dele. Parecia tão certo estar ali. Mesmo que não fosse. Eu me sentia grata por ter a oportunidade de vivenciar aquele momento e quando comecei, mais uma vez, a agradecer acabei enfatizando o cavalheirismo do Murilo.

Será que foi apenas para me provar o contrário que ele me beijou? Não sabia. A única coisa que conseguia saber naquele momento era como aquela boca era possessiva.

Os lábios dele se chocaram contra os meus e a uma faísca surgiu nesse choque. Uma pequena fagulha em meio a um ar

carregado de energia resultou em uma explosão de atitudes impensadas.

Minhas mãos buscaram seu rosto e eu senti o prazer causado pela barba se espalhar a partir das minhas palmas. Irradiando pelos meus braços e eletrizando tudo. Puxei-o ainda mais, como se quisesse engoli-lo por completo. Murilo deixou a minha boca e sua barba saiu roçando e espalhando ondas de prazer até o meu pescoço, o qual levantei, dando espaço para que ele explorasse. Minhas mãos estavam em seus ombros, mas não parecia o suficiente por isso desci pelas costas até chegar na barra do casaco preto. Ele se afastou do meu pescoço e me deu espaço, erguendo os braços, para que eu me livrasse da peça.

Foi tudo muito rápido, assim que o casaco saiu passei a explorar a pele quente do seu peito enquanto ele tentava fazer o mesmo. Suas mãos invadiram meu blusão por baixo e encontraram rapidamente os meus seios. Sem sutiã. Eu estava dormindo só de calcinha e vesti o casaco com zíper e a *legging* rapidamente para encontrá-lo.

Em um segundo, eu deixei de estar sentada ao lado dele para estar em seu colo. Minhas pernas ao redor do seu corpo enquanto ele abria o zíper do blusão rosa claro. Quando sua boca tocou o mamilo esquerdo, eu me contorci. Ele percebeu a minha reação e passou a lamber e sugar até que eu jogasse a cabeça para trás, de olhos fechados.

Levantei a cabeça e me contorci, tentando levar minha mão para o meio de nós dois. Consegui espaço e enfiei minha pelo cós de elástico da calça preta, passando rapidamente pelo obstáculo da cueca até encontrar a sua ereção.

Ele gemeu contra os meus seios e o som enviou vibrações bem para o meio das minhas pernas. E foi bem ali onde a mão dele foi parar, para retribuir o meu toque. Ele não teve dificuldades para invadir minha *legging* e o elástico da minha calcinha, assim como também não houve empecilhos para que um dos seus dedos me

invadissem. Eu estava pronta e escorregadia, o que me fez dar um leve gemido.

A boca dele buscou a minha e um beijo tão frenético quanto nossas carícias se iniciou. Minha língua vasculhava a boca dele, enquanto a minha mão fazia o mesmo dentro da sua cueca. A língua dele retribuía na mesma intensidade em que seu dedo entrava e saía.

Meu corpo estava todo em estado de alerta e o mais sutil dos acréscimos me faria partir em pedacinhos. Eu me sentia quente e desejosa, minha mente não estava ali e tudo ao redor se resumia a nós.

Liberei seu pau, deixando-o fora da calça e ergui meu corpo, alucinada, pronta para descer sobre ele e senti-lo por completo, mas quando o fiz, Murilo puxou sua ereção de lado e eu escorreguei apenas próximo a ele.

— Não tenho camisinha — a voz não parecia a dele. Estava rouca, como se fizesse um esforço sobre-humano para proferir as palavras.

Aquela frase foi o choque de realidade que me trouxe de volta.

O que eu estava fazendo? Quem era aquela que se permitia estar em uma praia vazia, quase transando com um cara sem preservativo?

— Eu... — foi a única palavra que consegui dizer antes de me afastar do colo dele, ficando de pé.

Não sabia o que dizer e nem como reagir depois de tudo aquilo. Eu simplesmente virei as costas e corri de volta para o *resort*.

O meu coração batia freneticamente e eu atribuía tal descompasso ao fato de só parar de correr ao entrar no elevador. Não podia ser porque eu desejava dar todos os passos de volta e me sentar de novo no colo do piloto. Era impossível que fosse por isso, era apenas pelo esforço físico.

Olhei a minha imagem refletida no espelho amplo do elevador e enxerguei uma Heloísa assustada e confusa. Minha respiração estava ofegante e o meu rosto vermelho, com gotas de suor espalhadas por ele.

Quando o elevador chegou ao andar que eu estava hospedada, segui com passos firmes até a porta 902. Levei a mão ao bolso do casaco e não encontrei o cartão magnético que liberaria a minha entrada.

— Merda, será que esqueci de levar antes de sair? — Lamentei em voz alta.

Bati na porta e chamei o nome de Gizele repetidamente, mas nenhuma resposta veio do lado de dentro. O mais prudente era descer até a recepção e solicitar um novo cartão, mas e se o comandante estivesse lá a minha procura? E se ele *não* estivesse? Qualquer uma das possibilidades me assustava, pois eu não estava pronta para nenhuma delas.

Eu só queria entrar no maldito quarto.

Por isso, insisti batendo na porta com os nós dos dedos por vários minutos, quase berrando, morrendo de medo de que os outros hóspedes viessem reclamar. Até que minha amiga, finalmente, despertou. Assim que a porta abriu, segui correndo para o banheiro sem dizer nenhuma palavra. Me liberei das peças de roupas a caminho do box, e dessa vez rejeitei a água quente e deixei com a ducha gelada a função de resgatar a minha racionalidade.

Quando as primeiras gotículas de água molharam o meu rosto e escorreram pelo meu colo, lembrei da boca do comandante nos meus seios. E nem mesmo a água gélida aplacou as sensações que invadiram a minha mente sem pedir licença.

E ali, sob lembranças, a culpa me atingiu em cheio.

As lágrimas rolaram pelo meu rosto e toda a confusão de sentimentos e pensamentos que eu vinha evitando nos últimos dias

veio à tona. Escorreguei pela parede do banheiro até atingir o chão, deixando as lágrimas se misturarem a água fria.

Com um soluço resignado, veio a lembrança da minha última conversa com Leandro por telefone e a sua frase ecoou diversas vezes na minha mente:

Sinceramente, eu achei que conhecia você, mas estava enganado.

Ele tinha razão. Nem eu me reconhecia nesse momento.

Quem era essa mulher que, sem planejar, arrumou uma mala e saiu em uma viagem para fugir dela própria? Que havia acabado de se entregar ao calor do momento?

Onde essa Heloísa esteve escondida nos últimos anos?

As perguntas se aglomeravam em minha mente e eu não tinha respostas para nenhuma delas.



O banho demorou um pouco menos do que gostaria. Afinal, ainda precisava arrumar as coisas e fazer *checkout* no *resort*. Passamos poucos dias em Cancún, mas para mim parecia que a viagem já durava um mês diante da intensidade dos momentos.

Agora tinha a segunda e última cidade: Nova York. Quando saí do banheiro a minha empolgação estava no chão.

— O que você acha de adiar nossa visita a Nova York? — Perguntei sem muita convicção.

— O que aconteceu, amiga? — Gizele me encarou, arqueando a sobrancelha.

— Nada — fingi procurar algo na mala para não mentir olhando em seus olhos.

— Nada? Você saiu para ver o nascer do sol, voltou quase derrubando a porta do quarto e se trancou no banheiro... Desde quando precisa mentir para mim?

— Desde que tenho vergonha dos meus atos — ergui a cabeça e duas lágrimas teimosas rolaram pela minha face — eu, não sei como foi acontecer...

— Você e o capitão? — Perguntou buscando entender toda a situação.

Assenti.

— Uma hora estávamos contemplando o céu e na outra um beijo aconteceu...

— Vocês transaram sob o céu de Cancún? — Seu tom de voz não era de julgamento, mas sim de euforia.

— Não — respirei fundo — mas só porque não tinha camisinha.

— Ai meu Deus! — Exclamou — Isso é...

— Errado — completei com pesar.

— Excitante pra caralho! — Vibrou — você tem ideia de que viveu uma experiência incrível em um lugar dos sonhos?

— Esse não é o tipo de experiência que contamos, com orgulho, aos nossos netos.

— Você entendeu — deu de ombros — pode contar para as amigas do hospital e todas vão morrer de inveja.

— Inveja não é o sentimento que vou despertar, aposto que será algo mais próximo de julgamento e desaprovação...

— Amiga, não há motivos para se culpar. Você e o Leandro deram um tempo — justificou.

— Mas a gente sempre volta e agora parecia diferente...

— Um tempo é um tempo, Helô. Vocês estão separados não estão? — Balancei a cabeça em afirmação — então, você não fez nada passível de julgamento. Você é uma mulher livre.

— Eu queria muito enxergar pela sua ótica.

— Te empresto as minhas lentes — fez graça e eu sorri — você não é a pior mulher do mundo por beijar outro homem além do seu namorado ou melhor, seu ex. Nos últimos anos você se limitou a beijar apenas uma boca, não foi?

— Você não vale um centavo! — Sorri alto dessa vez e ela me acompanhou.

— E você me ama ainda assim — beijou o meu rosto — e eu te amo ainda um pouco mais por beijar o Murilo.

— Gizele! — Repreendi.

— Nada de Gizele — fez biquinho — a pergunta é: Foi bom?

— Bom o suficiente para eu temer estar no mesmo espaço que ele nos próximos dias — afundei na cama e escondi o meu rosto com as mãos.

— Isso não é bom, isso é maravilhoso, vadia! — Se jogou ao meu lado na cama.

— É? — Franzi o cenho — você não acha que eu deveria alterar a minha rota novamente e seguir para o Brasil?

— O piloto é ele — deu uma piscadela — mas por que a gente não segue os planos iniciais e vai para Nova York? Lá decidimos o que fazer.

— É um bom plano.

— Sabe o que é um bom plano também? Tomar café da manhã do hotel com a sua melhor amiga e contar em detalhes sobre a aurora e um certo piloto de avião...

— Eu te devo isso — me levantei da cama para vestir a roupa — mas temos que arrumar as malas antes.

— Deve isso e um corretivo da M.A.C — marca famosa de corretivo cuja sede fica coincidentemente em Nova York — para esconder as minhas olheiras.

— Vou ver o que posso fazer por você... — Desconversei sorrindo — vamos logo ou vamos perder o voo.



— Não costumo rezar no avião não, mas desde que saímos do Brasil esse tem sido um novo ritual.

A minha amiga não era uma pessoa religiosa e tampouco tinha medo de andar de avião, por isso gargalhei quando ela confessou o seu ritual.

— Não ri, convenhamos que sua viagem anterior estava meio carregada — perturbou — me ajude aqui e peça para que o pouso seja realizado em segurança.

Eu a encarei.

— Não me olha assim. Acredito veementemente no profissionalismo do nosso piloto, mas como diz a minha querida vovozinha nunca é demais uma oração.

Alguns minutos se passaram até que as rodas do trem de pouso tocaram no chão, nos dando aquele frio na barriga de sempre.

— A oração surtiu efeito, vamos? — Juntei-me as primeiras pessoas de pé que se remexiam na aeronave e se preparavam para ficar de pé.

— Você sabe que ficar em pé não vai abrir as portas, né?

— Eu sei — suspirei — mas quero sair desse avião o mais rápido que puder.

— Está evitando um certo piloto? — Perguntou baixinho. — Um piloto gostoso e com pegada? — Gizele sabia como torturar alguém.

— As pessoas podem ouvir — Sentei-me de volta na poltrona que ocupava.

— Eu duvido muito que elas sejam brasileiras e ainda mais que conheçam a pegada do piloto tão bem quanto você... — Insinuou e em resposta mostrei a língua para ela como uma criança birrenta faria.

Quando as portas finalmente se abriram, Gizele e eu ficamos de pé, e nos juntamos aos desesperados para sair o quanto antes do avião. Mas, ao invés de seguir o fluxo de pessoas que iam ao norte, caminhamos em direção oposta. Os passageiros nos olhavam com estranheza, pois estávamos bem mais perto da cabine do que da porta do fundo da aeronave.

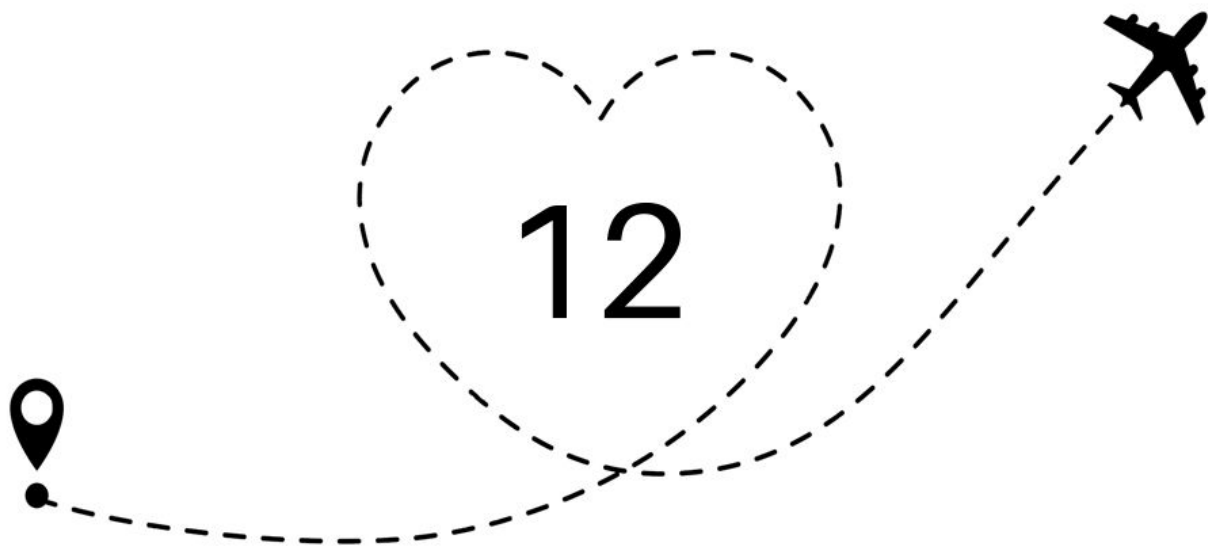
O motivo? Fugir do comandante Salles, obviamente. E a porta traseira garantiria isso, nenhum piloto sairia da sua cabine em direção ao fundo do avião. O desembarque por ali é assegurado por dois comissários de bordo. Por isso, a cada passo que dávamos em direção a saída sul, mais aliviada eu ficava por não precisar encará-lo depois de ter saído correndo como uma maluca.

Após uma pausa breve no banheiro do Aeroporto Internacional John F. Kennedy, seguimos para o longo corredor em direção as esteiras onde se encontravam as nossas malas. Gizele estava em uma ligação com a gerente da sua loja enquanto eu me convencia de que o trauma da imigração estava superado.

— Nossas malas! — Ela pegou pela alça a sua mala vermelha e eu a minha preta. — Próximo destino?

— Check-in no hotel — informei e ela largou a mala para me abraçar apertado.

— Chegamos, Nova York! — ela anunciou afastando o telefone da boca.



Helôisa

O frio daquele lugar era capaz de me matar. O pequeno trajeto da saída do aeroporto até um dos famosos táxis amarelos me fez sentir como se infinitas de agulhas afiadas estivessem sendo atiradas contra o meu rosto.

Nós sabíamos que a previsão era de frio intenso, mas não tinha ideia que mesmo com um casaco pesado pudesse sentir como se o vento gelado me abraçasse.

— Eu quero as minhas luvas, um cachecol e mais três camadas de roupas agora — informei assim que nos sentamos no táxi.

— Deveríamos ter deixado as luvas e um gorro na bolsa — Gizele lamentou — não achei que desse tempo de congelar antes de entrar no carro com aquecedor.

— Vamos sobreviver — disse esfregando as mãos.

No caminho até o hotel repassamos o que poderíamos fazer nas próximas quarenta e oito horas: Central Park, Wall Street, Times Square e Broadway.

Depois de pagar o taxista, fizemos check-in no enorme prédio espelhado de cinquenta e cinco andares, com nada menos do que quinhentos e sessenta e nove quartos. E descobrimos, com surpresa, que nosso quarto era o 4902 localizado no quadragésimo nono andar.

— Você tem alguma oração para o elevador? — Indaguei quando as portas da caixa de aço se abriram para nós.

— Engraçadinha... — Ela foi a primeira ao entrar e segurar a porta para que eu entrasse em seguida.

— Quanto tempo será que leva até o quadragésimo nono andar? — Perguntei depois de selecionar o número e estar atenta ao visor que indicava os andares à medida que o elevador subia.

— Dois, três minutos? — Chutou. — Quantas andares você acha que consegue descer pela escada? O máximo que já subi foram os quinze andares do meu prédio quando o elevador estava em manutenção. Mas, descer é diferente de subir, no embalo certo você chega ao último degrau rápido, né?

— É? — Franzi o cenho tentando entender o rumo da conversa — por que essa pergunta repentina?

— Fiquei pensando que, caso o hotel pegue fogo teremos que descer quarenta e nove andares pela escada.

— Eu cansei só de pensar nessa hipótese...

— É... Não vai acontecer, né?

— Não — afirmei sem muita convicção — mas se por acaso o alarme de incêndio soar é melhor correremos para a cobertura, estamos mais próximas de lá. São seis andares para cima contra quarenta e nove para baixo.

— É um bom plano — ela sorriu.

— Finalmente! — Suspirei quando as portas do elevador se abriram.

O ruído das rodinhas das nossas malas era o único barulho que se ouvia no enquanto caminhávamos até encontrar a nossa suíte. Assim que a porta foi aberta, Gizele invadiu o ambiente.

O espaço era formado por grandes janelões de vidro, permitindo uma visão panorâmica do ambiente que nos cercava. Meus olhos foram capturados pelo paredão de luzes iluminadas de uma ponte longínqua. Ao fim da ponte havia um arco-íris tornando a imagem ainda mais bela e poética.

— Gi, considerando o clima e tudo o mais, podemos mudar um pouquinho nossos planos e ficar deitadas nessa cama pelas próximas horas? Pedir comida e assistir Netflix me parece tão atrativo...

— Não tem a menor condição, Helô. Podemos sim pedir comida e descansar um pouquinho, mas temos só dois dias aqui e precisamos fazer valer a pena.

— Uhu, que discurso motivador — debochei.

— Se não quiser bater perna pode ficar aqui e eu arranjo outra companhia para você rapidinho — insinuou.

— Nossa, estou morrendo de vontade de sair agora! Bora?



A primeira coisa que apareceu na minha busca rápida sobre lugares imperdíveis em Nova York foi a *Times Square*. Localizada dentro do *Theater District*, região onde concentra os principais teatros da Broadway, a *Times Square* está sempre cheia de luzes porque existe uma lei que obriga a ficar sempre acesa e colorida. Diariamente cerca de 300.00 mil pessoas passam pelo local para tirar fotos, caminhar e aproveitar o lugar que se tornou um ícone da cidade.

E não é apenas o tamanho da avenida e as infinitas lojas que impressionam os turistas, mas também as suas ruas iluminadas pelos painéis gigantesco e os artistas de rua que disputam a atenção dos transeuntes. De modo que, é impossível seguir adiante sem parar para admirar o saxofonista talentoso ou o grupo de amigas vestidas de personagens de desenho oriental.

— Eu quero viver nesse lugar! Sinto que há qualquer momento iniciará um musical a céu aberto e nós seremos partes deles — falou entusiasmada. — Amiga, a sua vida daria um espetáculo da Broadway.

— Um espetáculo triste certamente — opinei.

— Eu pensei em algo menos dramático. Uma comédia romântica, cuja protagonista é uma fisioterapeuta que é impedida de comparecer ao casamento da irmã após ser barrada na imigração. Essa jovem mulher, completamente perdida em solo estrangeiro, é salva pelo piloto de avião gostoso, que parece que saiu direto dos estúdios de Hollywood.

— Nossa que roteiro original — ironizei.

— Eu ainda não cheguei ao clímax. O piloto gostoso apaixonou-se perdidamente pela mocinha deportada e juntos viverão

um tórrido romance.

— Aquela não é a MAC!? — aponte para as letras em aço para mudar o foco da conversa — eu devo um corretivo a uma amiga com uma imaginação criativa.

— Você esqueceu de dizer gostosa e melhor companhia de toda viagem.

— E nada modesta — completei, ela deu de ombros.

— Vamos entrar e comprar o corretivo — bateu palmas.

— Sim, senhora — concordei incrédula que a nossa passagem pela famosa marca de cosméticos se resumisse a um simples corretivo.



— Amiga, você precisa ver isso! — A voz da Gizele do outro lado chamou a minha atenção.

— Aquilo é uma pista de patinação? — Apontei para o lugar que ela indicava.

— É o que parece...Vamos patinar?

— Vou cair e bater com a cara no chão — informei.

— Eu, se estivesse no seu lugar, resolveria isso com um telefonema...

— Como assim?

— Como assim o que, Heloísa? Você vai preferir quicar com a bunda no chão a quicar no pau do piloto?

— Por que me destes uma amiga tão boca suja, Senhor? — Perguntei olhando para o céu cinza.

— Aproveite e pergunte por que Ele não deu o piloto para mim que saberia aproveitar melhor que você. Mas estou aceitando um C.E.O, também viu? — ela encarou o céu — vou fazer meu coque e vou para Starbucks em N.Y, estou dando todas as chances ao destino. Eu já li todos os romances de C.E.O destaque do New York Times e sabe o que eles têm em comum?

— O fetiche pelas suas secretárias — arrisquei.

— Também — deu de ombros — mas eles encontram o amor em lugares inesperados e isso inclui calçadas dos prédios comerciais, cafés e pontos de táxi.

— Você vai sair nesse clima frio procurando um C.E.O?

— A leitora apaixonada por CEO que habita em mim precisa abraçar essa oportunidade. Vai que eu também encontre o amor da

minha vida em uma viagem inesperada.

— Não era a você a garota dos patins? — Desconversei.

— Eu tinha vinte anos a menos e fazia aquilo em chão de cimento... — Ela rebateu.

— Está com medo de cair de bunda no gelo? — Perturbei sorrindo.

— Estou poupando você da humilhação pública de patinar ao meu lado.

— Isso é um desafio? — Provoquei totalmente satisfeita com o rumo da conversa.

— Só se você aceitar — ela piscou.

— Eu topo e se não cair, você paga o jantar.

— Vamos melhoras as apostas, se você cair eu decido os próximos passos da nossa estadia em Nova York — informou.

— Isso parece arriscado... — analisei.

— O que é arriscado: patinar ou deixar que a sua melhor amiga no controle da situação?

— Os dois — sorri.

— É tudo ou nada! E aí topa ou não?

— Que opção eu tenho? Topo.

A poucos passos da Times Square, está localizado o Bryant Park e dentro dele fica a pista de patinação. Trata-se da pista de patinação mais popular em Nova York, já que a entrada é gratuita. Nós passamos pela portaria do parque e recebemos uma pulseira, como aquelas de show, amarela que permitia nosso acesso. Como não tínhamos patins, acabamos alugando por lá mesmo e enquanto amarrava o cadelão daquela botinha comecei a me arrepender de ter apostado que não cairia.

Não era como um par de patins normal com rodinhas – que já causam desequilíbrio – esses são com lâminas de metal. Dá para imaginar ficar em pé sobre lâminas?

— Vamos lá, você na frente Gizele — disse me segurando na cerca da pista.

— Não pense que será fácil para mim também — disse, dando um passo para o lado — vou até a metade para ver se caio de cara e aí volto está bem assim?

Assenti. E assisti à safada deslizar graciosamente.

Estava ridícula ali segurando na grade enquanto crianças de cinco anos davam show de patinação. Por isso, dei um passo hesitante para soltar da minha proteção.

E mais um.

Como um bebê prestes a caminhar. Com braços abertos para equilibrar e a lentidão de uma lesma. Eu sequer podia chamar aquilo de patinar. Nem de andar poderia chamar, uma vez que mal saía do lugar.

Duas crianças passaram rapidamente por mim, nem chegaram a me tocar, mas eu mexi o braço um pouco mais forte e perdi o equilíbrio.

Caí e bati com força a bunda no chão.

— Ai, que merda! — Xinguei baixinho — como vou me levantar?

Com a mão na pista gelada, fiquei de quatro para tentar me ajoelhar e por fim me levantar, mas acabei deixando a mão escorregar e terminei deitada.

— Vou ser atropelada — lamentei de olhos fechados.

Assim que abri os olhos me perguntei se já tinha morrido, porque parecia que alguém estava me velando, olhando de cima para o meu corpo desfalecido no chão.

— Precisa de uma mãozinha? — Ele estendeu a mão.

O encontro que eu evitei no desembarque aconteceria da forma mais humilhante possível, obviamente. Quem me estendia a mão era o comandante Salles. Eu aceitei a ajuda, fazendo com que nossos dedos frios se tocassem. No ímpeto de me livrar da situação

mais vexatória, acabei puxando e fazendo com que ele perdesse o equilíbrio, caindo sobre mim.

Minha cabeça bateu na pista e eu soltei uma exclamação de dor.

— Desculpe, te machuquei? — Ele perguntou próximo ao meu rosto.

Eu neguei com a cabeça.

— Não consegue falar? Cadê a Gizele? Precisamos levar você para o hospital.

— Está tudo bem — disse um segundo depois — só estava dividida entre o constrangimento anterior e o atual.

Ele se levantou rapidamente e me estendeu a mão novamente. Dessa vez, com cuidado, consegui ficar de pé.

— Além de piloto é um exímio patinador? — Perguntei tentando deixar as coisas menos tensas.

— Um patinador medíocre, eu diria.

— Mas consegue ficar de pé e ajudar as patinadoras deploráveis — sorri.

— É só impulsionar que ele desliza no gelo... Quer tentar?

Ele não soltou minha mão e foi orientando pouco a pouco o que eu deveria fazer para equilibrar meu peso sobre as lâminas e como me movimentar.

— Isso aqui está lotado e eu caí de bunda e depois derrubei você — lamentei olhando a quantidade de gente que estava observando de fora da pista, além das várias que patinavam.

— Todo mundo que mora aqui já caiu e está acostumado a ver pessoas caírem, não se preocupe.

— Obrigada de novo — disse, quando demos alguns passos na pista.

— Não por isso. Heloísa eu queria conversar com você. Pedir desculpa por mais cedo e...

— Não precisa bancar o cavalheiro de novo, comandante. Está tudo certo.

— Não está. Eu praticamente ataquei você na praia.

Eu parei e o encarei.

— Você está de brincadeira?

— Estou falando sério. Quando você saiu correndo eu me senti o mais canalha de todos os homens.

— Então, sou eu quem deve um pedido de desculpas.

— Estou atrapalhando? — Gizele meio que freou, fez uma pose e parou em frente a nós. — É que vocês estão parados no meio da pista e estão atrapalhando as pessoas que querem patinar de verdade.

Olhei ao redor. Era verdade.

— Que tal namorar no cantinho?

— Não tem ninguém namorando aqui — respondi brava — mas vou sair do meio para não cair de novo.

— Você caiu? — Ela deu um sorrisinho cínico.

— Não! — Lembrei da aposta — quase ia cair, mas o Murilo me ajudou. Não foi, comandante? — eu o encarei, quase implorando que concordasse.

— Foi — ele disse apenas essas três letras.

— Ah, comandante, se você soubesse o quanto tinha a ganhar se não tivesse acabado de mentir...

— Gizele!

— Perdi alguma coisa? — Ele perguntou desconfiado.

— Não — me apressei em responder.

— Tem planos para hoje à noite, piloto? — Minha amiga insistiu.

— Na verdade não.

— É que nós temos dois ingressos para a Broadway, mas eu fui convidada para um desfile exclusivo e a Heloísa estava louca para ver Aladdin. Será que poderia fazer o favor de me substituir?

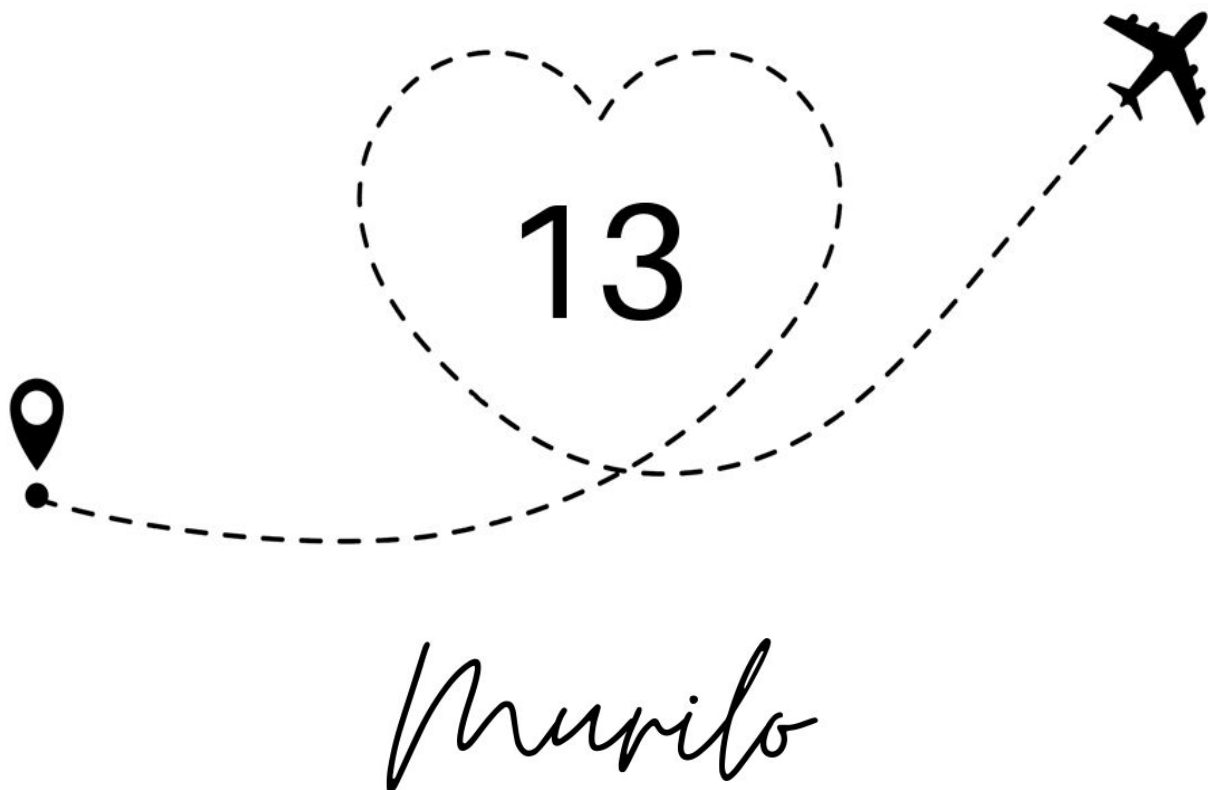
Eu a fuzilei com o olhar, mas a desgraçada fingiu não perceber.

— Se Heloísa não ver problema nisso... — Mais uma vez estava sendo cavalheiro e eu não sabia se queria xingar a minha amiga ou ele.

— Ela vai amar, não é Helô?

— Sim — disse, por fim.

Aquela afirmação, que inicialmente havia sido forçada, de alguma forma me fez esquentar um pouquinho mais diante do frio de Nova York.



Eu me descontrolei.

Não existe outra justificativa para ter atacado a Heloísa naquele alvorecer. Por mais que eu achasse que ela queria por não ter se afastado no instante em que minha boca encostou na dela, fui longe demais. E isso ficou claro quando ela saiu correndo como se fosse o próprio diabo fugindo da cruz.

Ou o contrário.

Era mais provável que a cruz tivesse criado pernas e fugido de mim, o diabo disfarçado de cavalheiro.

Senti vontade de me levantar e correr atrás dela. Embora não saiba se para me desculpar ou para tentar fazê-la mudar de ideia e voltar para o que estávamos fazendo. Parecia tão certo tê-la sentada em meu colo. Era como se eu a encontrar largada naquele aeroporto tivesse o propósito de nos conduzir para aquele momento.

Mas parece que ela não pensava da mesma maneira. E eu sequer perguntei se a mulher tinha namorado. Ou era casada. Vai ver ela tinha quatro filhos e uma vida feliz, mas sentiu necessidade de fugir por alguns dias e por isso estava ali. O que não significava que estava disponível para se sentar no meu colo e quase foder comigo.

Quando ela se foi tudo que conseguir fazer foi me deitar na areia e observar o céu ficar totalmente laranja, antes de se tornar azul claro.



No desembarque do Aeroporto Internacional John F. Kennedy, em Nova York, eu saí da cabine de pilotagem rapidamente para vê-la e tentar pedir desculpas, ou ao menos, informar que gostaria de conversar para fazê-lo, mas Heloísa não estava disposta e desceu da aeronave pela porta traseira.

Quando fui liberado das minhas funções e estava prestes a sair para pegar um táxi para o hotel que a companhia aérea sempre reservava, fui informado que houve um problema.

— Comandante, o hotel nos informou, cerca de meia hora atrás, que um dos quartos teve uma infiltração por uso inadequado de uma banheira e, por causa disso, dois quartos do andar de baixo foram afetados. Por coincidência, um dos quartos é o do senhor e o outro é o que duas comissárias de bordo dividiriam — Mily, uma das responsáveis pela direção da companhia aérea nesse aeroporto informou em inglês.

— Pelo tom da informação, não há mais quartos disponíveis no hotel para que eu e as tripulantes se hospedem, estou certo?

— Sim. Mas conseguimos outro hotel bem próximo...

— E qual o problema, Mily? — Levantei uma sobrancelha.

— Nós já fizemos a reserva, mas só há um quarto disponível.

— Eu e duas comissárias de bordo no mesmo quarto, que duvido que seja triplo?

Não era que eu tivesse problemas em ficar com duas mulheres no mesmo quarto. De forma alguma, mas era difícil demais ter que lidar com a fama de quem transa com todas as comissárias disponíveis, sem necessariamente ter feito isso com todas.

— Quem são as comissárias? — Perguntei, por fim.

— Rosa Souza e Ivy Borges — ela informou.

Já comentei sobre Rosa e sua capacidade de espalhar histórias. Era provável que toda empresa soubesse que fizemos uma orgia em solo americano antes que eu pudesse tirar o uniforme.

E a Ivy. Bem, com ela eu já tinha me envolvido uma vez.

— Mily, eu mesmo serei responsável por minha reserva. Não precisa se preocupar — afirmei e me despedi para procurar um hotel.



Janeiro era um mês movimentado na cidade. O inverno costumava atrair turistas e, por isso, nós fazíamos mais voos para N.Y. Por esses fatores não foi tão fácil encontrar um hotel disponível e já que eu mesmo teria que arcar com os custos, tive que ter critérios para a escolha. No fim das contas, havia conseguido um hotel três estrelas próximo aos principais pontos turísticos, situado na esquina da Broadway com a *54th St*, a poucos minutos do *Central Park* e do *Columbus Circle*. Para ir até a *Times Square*, não precisa nem pegar metrô, pode ir caminhando e vai chegar no coração da cidade em menos de 10 minutos.

Depois do *check-in*, pedi o almoço no quarto e descansei por duas horas. Olhando para a cidade pela parede imensa de vidro, decidi ir para a pista de patinação gratuita do Bryant Park.

Tinha dado algumas voltas completas na enorme pista de gelo antes de ver um pontinho vermelho hesitante em deixar a grade que circundava a pista. Não vi a Gizele quando me aproximei, mas vi o exato momento em que Heloísa se desequilibrou sozinha e caiu. Não era um tombo grave, era daqueles bem comuns a quem não tinha costume de estar no gelo.

Ela tentou se levantar da maneira errada e sua mão escorregou, fazendo com que desistisse e se deitasse na pista gelada.

— Precisa de uma mãozinha? — Perguntei, estendendo a mão.

Ela abriu os olhos e me encarou, como se não acreditasse no que estava vendo. Mas depois de alguns segundos aceitou a minha mão, mas acabou me puxando mais forte do que deveria e eu me desequilibrei, caindo sobre ela.

— Ai! — sua exclamação foi de dor.

— Desculpe, te machuquei?

Ela negou com um aceno de cabeça.

— Não consegue falar? Cadê a Gizele? Precisamos levar você para o hospital — concluí preocupado.

— Está tudo bem. Só estava dividida entre o constrangimento anterior e o atual.

Depois de alguns minutos de conversa em que tentei me desculpar e de pequenas aulas sobre equilíbrio, nós no movemos devagar na pista. Não soltei a mão dela e a conduzi para deslizar no gelo por alguns segundos antes de Gizele finalmente aparecer e não permitir que continuássemos o assunto.

Não sabia exatamente o que estava acontecendo, mas as conversas estavam implícitas entre as duas. No final daquela história em que ela me fez mentir sobre sua queda, eu havia me comprometido em acompanhá-la em um musical.



Nós combinamos de nos encontrar em frente ao teatro que exibiria o musical da Disney. Não há uma coisa mais nova-iorquina do que assistir um musical em um dos teatros da Broadway, por isso imaginava que tal visita estivesse no roteiro das meninas. Ao contrário do que a maioria que não conhece pensava, a Broadway não era um teatro, mas uma Avenida imensa da cidade e alguns quarteirões abrigam diversos teatros, acredito que atualmente sejam pouco mais de quarenta, por isso ficou tão famosa e associada aos espetáculos.

Eu já fui a um musical para assistir O Rei Leão uma vez, mas precisava confessar que não havia gostado tanto. O início foi emocionante, mas ao longo do espetáculo acabei achando tudo meio sem graça. Preferi ao filme.

Ela se aproximou e eu desviei a atenção de tudo ao meu redor para observá-la. Estava usando calça que parecia ser de lã grossa preta e um vestido também preto bem justo ao corpo. Um casaco branco, tipo um sobretudo do tamanho do vestido, estava aberto arrematando o visual de inverno americano.

— Você está linda! — Disse assim que ela parou na minha frente.

— Perdi alguns minutos pesquisando “qual roupa usar nos teatros da Broadway?”, estava com medo de vir de vestido longo e salto alto como se fosse o tapete vermelho do Oscar.

— Ia estar linda do mesmo jeito — elogiei.

— Você também está bonito, comandante.

— Estou o mais confortável possível. Nosso programa é descontraído e não requer formalidade alguma.

— Então, no verão o senhor viria de regata e bermuda?

— Com você? Não, porque existe a possibilidade de jantar depois.

— Faz frio dentro dos teatros? — Ela desconversou.

— Não acho que faça frio, pelo contrário: no inverno tudo que quero é passar duas horinhas confortáveis em um ambiente climatizado da Broadway.

— Então, eu tiro o sobretudo lá dentro...

Por mim você tiraria tudo.

— Vamos entrar? — Ela assentiu e eu indiquei o caminho.

Os lugares são marcados e elas haviam escolhido bem, no meio do teatro, onde a visão do palco era excelente.

— Você fala inglês? — Perguntei quando nos sentamos.

— Não sou fluente e entendo pouco, exceto quando os americanos falam rápido. Apenas leio porque foi necessário para o mestrado. Mas eu li na internet que mesmo quem não fala e nem entende nada de inglês, eles deram um jeito de salvar.

— A indústria do teatro é milionária aqui e as peças são cuidadosamente pensadas para atender todos os públicos, inclusive estrangeiros que são a grande maioria, com musicais didáticos e interativos.

— Obrigada, *ShowTrans* — ela perturbou erguendo o fone de ouvido com áudio em várias línguas, inclusive o português — vai começar.

O espetáculo era uma adaptação musical da animação Aladdin e tinha duração aproximada de 2 horas e 30 minutos. Quando as cortinas vermelhas se abriram fomos convidados a entrar no mundo mágico da história baseada nos contos árabes das “1001 Noites”. O cenário era deslumbrante e o figurino fiel a adaptação cinematográfica a qual eu havia levado meu sobrinho para assistir.

Durante o primeiro ato, fomos apresentados aos heróis: Aladdin e a Princesa Jasmine. O macaco Abu e o tigre da Jasmine, por motivos óbvios, não tinham espaço no espetáculo, mas não fariam falta no desenrolar da trama.

Desviei o olhar do palco para olhar para Heloísa. Ela mantinha os olhos fixos na apresentação e o sorriso estava

estampado em seu rosto. Pude notá-la vibrar e bater palmas no ritmo da canção.

No segundo ato acompanhamos a transformação de Aladdin em príncipe Ali. Até o desfecho da história, passando, como não poderia deixar de ser, pelo passeio no tapete mágico ao som de “Um Mundo Ideal.”

Ao fim da canção pude notar que as lágrimas rolavam deliberadamente pela face de Heloísa e não me contive, levando meus dedos para secar.

— Maldito Aladdin! — Ela disse, enxugando as lágrimas que se seguiram e eu gargalhei. — É completamente mágico! Me senti totalmente enfeitiçada e junto com o Aladdin sobrevoando a cidade.

— Confesso que também me senti enfeitiçado — disse, por fim, sem necessariamente estar me referindo ao musical.

— Vamos embora agora? — Ela disse, pegando o casaco branco.

— Não quer jantar?

— Acho que Gizele já deve ter voltado do desfile e eu não gostaria de deixar minha amiga sozinha.

— Tudo bem. Vou acompanhá-la até a porta do hotel e sigo para o meu.

Nós levantamos e seguimos o fluxo das pessoas que deixavam o teatro. Quando chegamos na rua, passei a seguir os passos que ela dava em direção ao seu hotel.

— Obrigada por ter aceitado vir, Murilo. Nunca perdoaria a Gizele se tivesse perdido os ingressos.

— Eu quem agradeço por ter me proporcionado uma das noites mais caras de Nova York sem gastar nenhum centavo — perturbei.

— Sobre mais cedo, não terminei de me desculpar.

— Você não precisa — desconversei.

— Preciso. Porque dei a entender que fugi porque me atacou...

— E não foi por isso que saiu correndo?

— Não fugi do senhor, comandante. Fugi de mim.

— Posso perguntar o motivo? — Desviei de duas amigas que estavam paradas na calçada, fazendo selfie.

— É complicado... — ela responde enquanto caminha olhando para as suas botas pretas.

— Você é casada? — Arrisquei.

— Não — respondeu de imediato.

— Noiva? — Insisti.

— Era para ser. Como disse, é complicado. Mas o resumo é que me desentendi com o meu ex-quase-futuro-noivo antes de ir para o Chile.

— Entendo... — Absorvi a informação com uma dose de análise.

Ela não estava comprometida no momento que fugiu de mim.

Mas também não estava livre.

Estava confusa? Provavelmente.

Isso me deixava confuso? Talvez.

Nossos passos foram dados, um após outro, sem que eu prestasse muita atenção no percurso. Quando ela parou em frente ao enorme prédio espelhado, observei confuso que havíamos seguido para o *meu* hotel e não para o dela.

A não ser que...

— Você está hospedada aqui? — Perguntei, por fim.

— Sim, achava que tinha dito o nome dos dois hotéis em que ficaria nessa viagem. Por quê?

— Aconteceu um problema no lugar que a empresa reservou para mim e eu pesquisei bastante onde ficar.

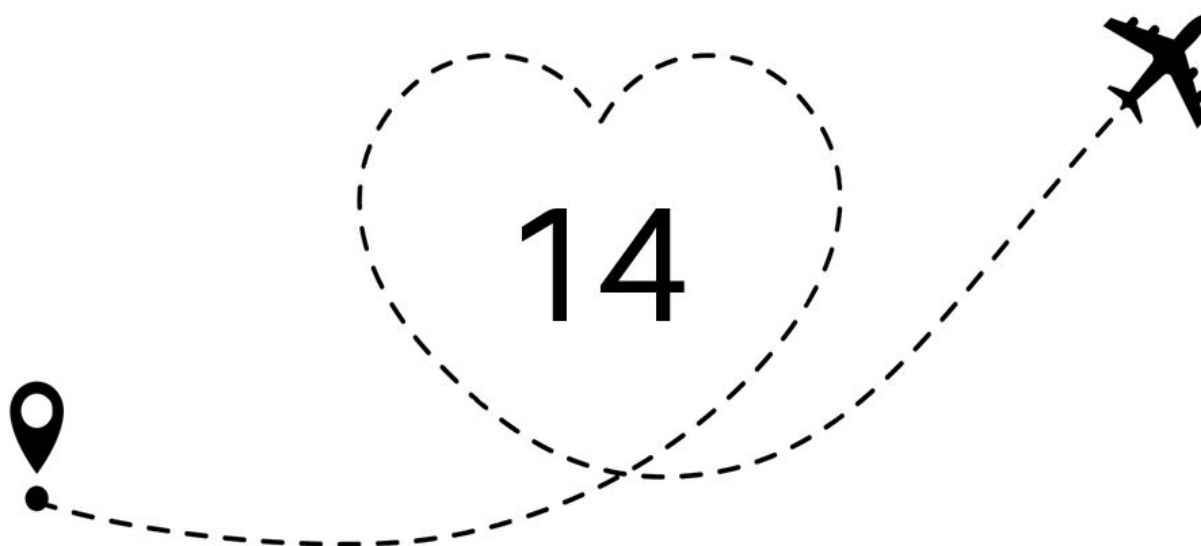
— Não vai me dizer que...

— Nós estamos hospedados no mesmo hotel — dissemos ao mesmo tempo.

Não sabia se era o destino alterando a minha rota para encontrar com a dela ou se o meu próprio inconsciente havia me feito fazer reserva ali. Realmente, não me lembrava o nome do hotel em que ela se hospedaria naquela ocasião. E, diante de toda a turbulência que foi esse dia, desde o momento em que a convidei para o nascer do sol, sequer havia me dado conta que poderia conferir o nome do lugar e me hospedar próximo propositalmente.

Não havia sido intencional.

Mas não sabia se era assim que ela enxergaria.



Helôisa

Você já teve um daqueles momentos em que tudo que deseja é não se responsabilizar e joga para o destino, ou qualquer coisa do tipo, a decisão que não quer tomar? Certa vez, estava querendo muito faltar aula para sair com as minhas amigas, mas aquilo não era o ideal e eu precisava decidir. O que eu fiz? Do estacionamento da escola fiquei encarando a rua, mentalizando: se passar um carro vermelho eu vou com as meninas, se for azul eu assisto aula. Passaram alguns carros brancos, outros pretos e por fim, um carro vermelho. Logo, o destino tinha decidido que eu devia ir com as minhas amigas. Obviamente, quando minha mãe foi informada que eu não tinha ido a aula tive que arcar com as consequências. Mas isso era outro assunto.

Nesse momento era como se o destino estivesse apontando na direção do Murilo. Antes de ir para o teatro fiquei me martirizando sobre estar fazendo a coisa certa e agora descobri, por acaso, que ele estava hospedado no mesmo hotel que eu...

Nós seguimos em silêncio, perplexos com a coincidência, até o elevador. Eu apertei o andar 49 e o observei escolher o 53. Antes que as portas se fechassem seis pessoas sorridentes entraram e nos cumprimentaram em inglês. Um dos homens que acabara de entrar no elevador selecionou o quinto andar e as portas se fecharam para que a gente começasse a subir. Eles conversavam bastante, riam e movimentavam os braços, ocupando bastante espaço. Eu, que tentava me manter um pouco afastado do meu acompanhante de teatro, precisei me aproximar dele para não ser atingida pela empolgação do grupo.

O andar de número cinco não demorou a chegar e nele todas as pessoas saíram do elevador, deixando o espaço estranhamente silencioso. Quando as portas se fecharam, desviei o olhar e encontrei o comandante me encarando.

Eu o observei de volta, fitando seu rosto atentamente. Foi inevitável lembrar da sensação que aquela barba causou ao arranhar meu pescoço. Os lábios dele não eram simétricos, o inferior era deliciosamente mais grosso e dava vontade de morder. O nariz era reto e masculino, fazendo um ótimo conjunto com os olhos escuros e as sobrancelhas. O comandante não era o homem mais bonito da face da terra, não tinha a cara clássica de príncipe encantado, mas ainda era muito bonito. Mesmo preso sob camadas de roupas de frio, o corpo dele me atraía.

Eu o queria naquele momento.

Era inegável.

Era irresistível.

— Acho que é um carro vermelho — disse em voz alta e ele ergueu uma sobrancelha, deixando claro que não tinha entendido.

Não esperei que ele verbalizasse a dúvida que surgiu. Tampouco que meu cérebro tentasse me convencer de que era melhor esperar o carro azul passar. Dessa vez, fui eu quem atacou.

Minhas mãos seguraram seu rosto enquanto minha boca se impunha com firmeza. A surpresa fez com que ele demorasse

alguns segundos para retribuir, cercando meu corpo pela cintura. Aprofundei o beijo, virando a cabeça e fazendo com que nossas línguas se encontrassem e se acariciassem com vontade. Com vontade também estavam os meus dedos que deixaram a barba para se enfiarem entre os fios de cabelos do comandante.

Suas mãos desviaram do casaco branco, deslizando sobre o vestido até chegar em minha bunda, pressionando com firmeza, me puxando para mais perto. A boca dele se afastou, beijando meu pescoço, fazendo com que eu prendesse a respiração por alguns segundos. Minha mão direita achou uma maneira de burlar suas roupas e tocar a pele quente do seu abdômen, mas os meus dedos queriam mais.

Mais pele.

Mais calor.

Mais.

A porta do elevador se abriu e nós nos afastamos para olhar quem entraria. Meu coração estava totalmente descompassado quando notei que havíamos chegado ao 49. O meu andar. Aquele que mais cedo eu reclamei que demoraria a chegar chegou tão rápido que eu nem notei. Sem hesitar, apertei o botão para que as portas se fechassem e seguissem para a parada seguinte.

— Espero que dessa vez não falte camisinha — disse, ao encará-lo.

— O hotel me conseguiu uma caixa cheia delas... — ele respondeu com um sorriso.

— Estava esperando receber visitas, comandante? — Ergui a sobrancelha.

— Um homem sempre pode ter esperanças, não pode? — deu de ombros.

O elevador parou novamente e agora era a nossa vez de desembarcar. Andamos alguns passos até a porta do quarto dele, o primeiro daquela área. Quando ele usou o cartão magnético para abrir, eu o encarei.

— Não me dê tempo para pensar — quase implorei.

Ele deu um sorrisinho.

— Quando a minha boca estiver percorrendo seu corpo, a última coisa que vai fazer é pensar — decretou, dando um passo em minha direção — gritar, talvez. Gemer? Com certeza.

A voz firme de quem estava acostumado a falar para uma aeronave lotada fez o meu corpo ficar em estado de alerta. Ele fechou a porta com o pé, sem se virar e partiu para a ação. Murilo me beijou, segurando em minha nuca e eu correspondi avidamente. Nós estávamos tentando absorver tudo um do outro através das nossas bocas.

O aquecedor do quarto estava ligado, mas o calor que eu começava a sentir vinha de dentro para fora. Enquanto nossas bocas se devoravam, meu corpo aumentava a temperatura gradativamente e estava cada vez mais difícil estar com tanta roupa. Eu mesma fiz com que meu sobretudo branco caísse no chão.

As mãos do comandante logo seguiram por minhas costas, passaram por minha bunda e se posicionaram abaixo dos meus quadris, na altura da barra do vestido preto de lã. Sem dificuldades, ele o suspendeu e nós paramos de nos beijar para que a peça pudesse deixar o meu corpo.

Abri, rapidamente, o zíper da jaqueta preta que ele estava usando. Jogando-a longe assim que escorregou pelo braço. Por baixo, ele estava usando uma camisa térmica da mesma cor, que logo foi descartada.

— O clima de Cancún estava bem mais agradável — eu disse, em referência a quantidade de roupas que estávamos usando.

— Sente aqui que vou desembrulhar o restante do presente — apontou para a cama. Eu me sentei.

Comandante Salles se ajoelhou próximo a mim e abriu o zíper da minha bota de cano médio. Repetiu o processo com o outro par e me livrou das meias. Os dedos dele massagearam meus pés

de uma maneira tão lenta que a vibração daquele gesto subiu pelas minhas pernas e se concentrou no meio delas.

Suas mãos acariciaram minha panturrilha direita e subiram até as coxas, fazendo o caminho inverso com a perna esquerda. O toque gentil esquentava levemente por onde passava, como se nas pontas dos dedos dele estivessem brasas acesas.

Seus dedos finalmente chegaram na minha cintura e a calça de lã grossa foi puxada de mim. Eu estava de calcinha e sutiã brancos e ele ainda possuía toda a parte debaixo intacta. Mas não por muito tempo. Os sapatos e meias foram dispensados com os pés mesmo, antes do botão e do zíper da calça serem abertos. Assim que se livrou dela, eu fitei a cueca boxer cinza que ele estava usando. Sua ereção era nítida e se esticava dentro do tecido, implorando para ser libertada.

Sentei-me no meio da cama e abri o fecho frontal do meu sutiã, enquanto ele dava alguns passos em minha direção.

— Comandante, você pode ser um cavalheiro depois, nesse momento eu só quero que esteja dentro de mim — disse quando sua boca se insinuou sobre a minha.

— Eu vou entrar em você, mas não tem pressa, pedido ou desespero seu nesse momento que me impeça de provar isso aqui antes — os dedos dele foram até minha boceta e afastaram a minha calcinha.

Deitei-me na cama e abri as pernas, em um convite para que ele fizesse o que desejava. Seu corpo se posicionou entre elas e sua boca deu uma longa chupada por cima do tecido. Rapidamente, sua mão afastou a renda molhada e sua língua me lambeu.

O toque da língua quente me fez querer mais e por isso mexi meu quadril em direção ao seu rosto. Ele sorriu e voltou a me lambe. Os lábios beijaram meu clitóris, sugando levemente e eu me contorci. Lambidas, chupadas e beijos foram alternados por algum tempo, me levando ao delírio.

Dois dedos entraram em mim, indo fundo, enquanto a língua se mexia de um lado para outro e de cima para baixo no meu ponto de prazer. Minha respiração estava mais acelerada a cada segundo e tudo ao meu redor estava resumido a calor. Os sons que saíam de mim não pareciam meus de tão incoerentes que eram e eu me aproximava cada vez da libertação.

— Ahhhhhhhhhhhh — quando eu explodi, foi com um grito que seria capaz de ser ouvido no térreo daquele hotel.

Fechei os olhos enquanto tudo parecia caos. Senti quando ele se afastou, ouvi quando abriu uma gaveta, mas só prestei atenção mesmo quando seu pau se posicionou na minha entrada.

Abri os olhos para enxergar seu rosto se contorcendo de prazer ao me preencher pouco a pouco. Quando ele entrou completamente, nosso olhar se cruzou por um breve momento, até que ele se afastou e entrou de uma só vez.

Ele entrou e saiu de maneira firme, como se quisesse ser lembrado que esteve ali. Eu o sentia escorregar para dentro e para fora fazendo com que, novamente, meu corpo começasse a esquentar. Me movi, levantando os quadris, porque não conseguia receber tudo aquilo quieta e os nossos corpos passaram a se chocar rapidamente.

Murilo fez com que suas mãos alcançassem os meus seios, um em cada mão e os apertou como se aquele fosse o apoio que precisava para ir cada vez mais rápido. Os sons que emitíamos eram uma mistura das exclamações pelo esforço e do desejo de ir além, associados ao barulho do encontro dos nossos sexos quando se chocavam.

A temperatura parecia insuportável e eu poderia jurar que estava suando. Meu coração e minha respiração não seguiam um ritmo cadenciado e tudo pareceu explodir, como fogos de artifício, quando uma de suas mãos deixaram meu seio e foram para o meu clitóris. O toque simples e leve na área sensível foi a gota d'água para o meu corpo, cheio de prazer, transbordar.

Eu o senti se retrain, duas estocadas depois, se entregando ao próprio gozo.

— Meu Deus! — Exclamou com um tom incrédulo quando deixou seu corpo cair sobre o meu.

Ele ficou alguns segundos ali e eu senti o coração dele martelando contra o meu. Aos poucos, nossa respiração foi ficando mais compassada e o corpo relaxado do Murilo passou a pesar sobre o meu.

— Estou esmagando você, me desculpe — rolou para o lado, finalmente saindo de dentro de mim.

Meus olhos estavam fechados, como se eu ainda não tivesse voltado para o meu corpo depois do êxtase.

— Você está bem, Heloísa?

Assenti.

— Quer que eu peça o jantar?

Assenti novamente.

— Quer escolher?

Ele perguntou, mas não me lembro se respondi.



— Hei, dorminhoca, o jantar chegou — ouvi-o dizer.

Ainda estou sonhando? Me mexi um pouco na cama e abri os olhos para me certificar de que, provavelmente, era a Gizele me chamando e eu estava bêbada de sono e, por isso, a voz parecia com a de um homem.

Mas o meu olhar se deparou com o comandante Salles, usando apenas cueca cinza, sentado ao meu lado na cama.

— Não se pode negar que eu consiga dormir em qualquer lugar, não é? — Perturbei.

— Dessa vez, pelo menos, espero que não tenha sido de tédio — piscou.

— Acho que acabei gastando uma quantidade grande de energia hoje... Você sabe — pisquei de volta — patinando no gelo.

Ele gargalhou e eu me sentei, puxando o lençol branco para cobrir meu corpo nu.

— Não há nada aí que eu não tenha admirado enquanto você dormia... — seu olhar me percorreu.

— Sabe que isso soa estranho, não é?

— Tudo bem, vou reformular: não há nada aí que eu não tenha admirado enquanto transávamos. Está bom?

— Acho que está tentando me provar que seu lado cavalheiro era uma farsa, capitão.

— Estou conseguindo?

— Precisa se esforçar um pouco mais.

— Vamos comer — ele convidou, me estendendo a mão como um perfeito cavalheiro e me fazendo rir.

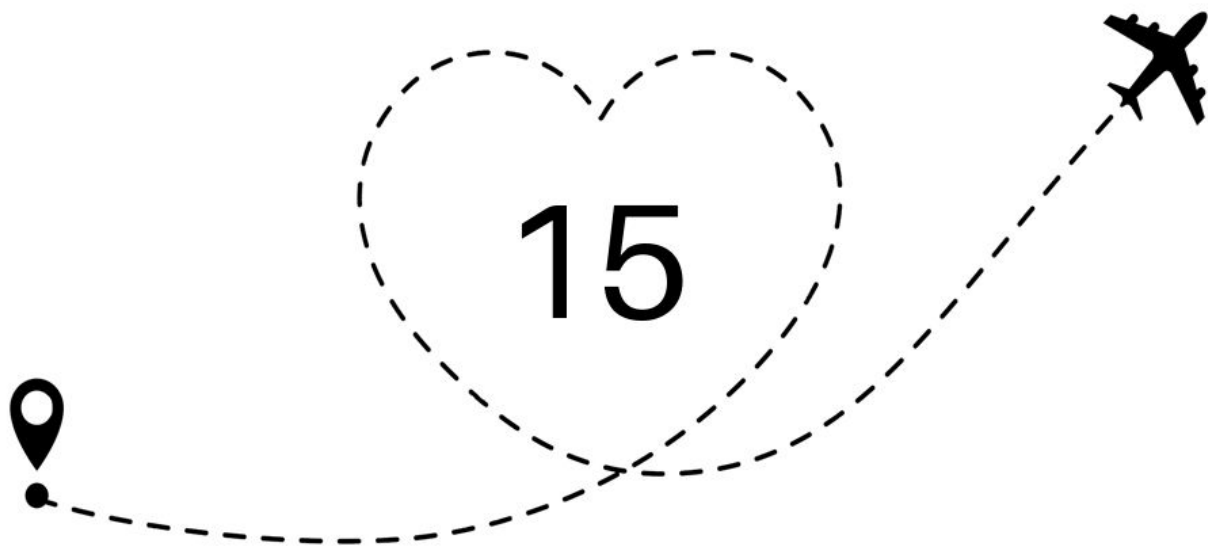
— Como não respondeu o que queria comer, pedi dois pratos de escalope de filé ao molho de vinho tinto com risoto de cebola caramelizada.

— Está perfeito. Vai beber, comandante? — Perguntei ao notar as taças de vinho tinto que acompanhavam o prato.

— Uma taça, voarei somente na madrugada de amanhã — explicou.

— Saúde, então — ergui a minha taça de vinho para brindar.

— Aos encontros em aeroportos — ele disse antes de tocar sua taça na minha.



Murilo

Heloísa não largou o lençol enquanto jantávamos. Ela o vestia como se fosse um longo vestido branco, mas o prendia no busto como as mulheres geralmente fazem com as toalhas. Quando seu prato estava limpo e a taça de vinho vazia, ela se levantou e andou pelo quarto até parar em frente a parede de vidro.

Por alguns segundos ela ficou ali, com as mãos no vidro, olhando a vista de Nova York. Eu me aproximei e observei o que ela via: carros passando, pessoas andando e muitas luzes acesas. Do alto daquele prédio, não dava para identificar mais do que pequenos pontos e carrinhos em miniatura.

Eu a abracei por trás, tentando aproveitar cada segundo de tempo. Ela não se mexeu quando minhas mãos circundaram sua cintura. E quando minha cabeça se encaixou na dobra do seu pescoço, ela descansou contra mim.

— É tudo tão pequeno daqui de cima... Como se não fosse real — disse, por fim.

— Parecem os brinquedos organizados do meu sobrinho — concordei.

— Muita coisa não parece real, ultimamente — continuou.

— O que fizemos naquela cama foi muito real — afastei o cabelo dela para pontuar a minha fala com um beijo no ombro nu.

— Não sei, pode ser uma fantasia coletiva — riu baixinho quando eu mordi onde tinha acabado de beijar.

— Você tem fantasias com pilotos de avião? — Perguntei, enquanto minhas mãos subiam até parar os seios, por cima do amontoado de lençol.

— Convenhamos que muitas mulheres fantasiam com homens de uniforme...

— Você faz parte desse imenso grupo? — Insisti enquanto desfazia o emaranhado que mantinha o tecido no lugar.

— Não sabia que fazia até ver você no aeroporto — confessou — não no do Chile, estava abalada demais para reparar no meu salvador.

— Em qual aeroporto, exatamente, meu uniforme passou a ser sua fantasia? — Insisti, afastando com os pés o lençol que havia deslizado até o chão.

Minhas mãos alisaram os seios dela lentamente, para cima e para baixo. Ela respirou fundo, as mãos continuavam coladas na parede de vidro.

— Cancún? — Questionei, apertando os bicos que já estavam endurecidos. — Nova York? Quando fugiu pelo fundo do avião para não me encarar? — Apertei um pouco mais forte, puxando as pontas.

— São Paulo — gemeu a resposta — quando me ofereceu carona.

— Estava com segundas intenções — minha mão direita deixou o seio e desceu pela barriga até chegar aos pelos aparados entre as pernas dela — enquanto eu era um cavalheiro?

— Não estava mal intencionada — respondeu. Deixe os meus dedos procurarem sua entrada, tocando de leve — hum... só que ali eu realmente enxerguei o quanto você ficava bem de uniforme.

Ela afastou um pouco as pernas.

— Eu deveria ter recebido você de uniforme quando foi devolver o celular... — um dedo meu deslizou para dentro da sua boceta. — Abra os olhos, Heloísa. Aquelas pessoas ali são de verdade — sussurrei enquanto movimentava o dedo para dentro e para fora — será que elas conseguem nos ver aqui?

Ela se inclinou, descolando as costas de mim e se aproximando um pouco mais da parede de vidro.

— Você ia gostar que alguém te visse assim, completamente nua e disponível? — Empurrei seu corpo mais para frente. As mãos dela saíram do vidro, repousando ao lado do corpo que se aproximava cada vez mais, até que seus seios estivessem colados na parede.

— Está muito longe, ninguém consegue ver... — Sussurrou.

— E se conseguir? Quer ir para cama, por garantia? — Ela negou com a cabeça — então você gostaria que alguém visse. E isso me deixa completamente maluco — encostei o meu pau, vestido na cueca, da bunda nua dela, me esfregando para que sentisse o quanto eu estava excitado.

— Hum... — gemeu em resposta.

Afastei-me rapidamente para me livrar da cueca e vestir o preservativo. Antes de me enfiar dentro da Heloísa, deixei meus dedos percorrerem desde o quadril até o tornozelo, me abaixando entre as pernas dela.

Com a minha carícia e pela minha posição, ela deixou claro o que queria, se inclinando e abrindo mais as pernas. A minha língua não se conteve e se enfiou onde desejava, percorrendo o máximo do caminho que podia dentro dela. Heloísa estava molhada,

recebendo bem os beijos que os meus lábios davam nos lábios dela e os seus gemidos começaram a se intensificar.

Ela afastou o rosto do vidro e voltou a posicionar as mãos para se empurrar contra mim. Eu firmei os joelhos no chão e me segurei em suas coxas quando ela passou a rebolar na minha cara. O momento era dela: linda, solta e incontrolável. Ela gemia e se mexia, se esfregando contra a minha boca, minha língua e, principalmente, a minha barba. A aspereza daquela combinação fez com que ela me lambuzasse inteiro com o seu desejo explícito.

Eu fiquei de pé e a virei de frente para mim. Ela ficou na ponta dos pés e saboreou a minha boca, como se precisasse sentir o próprio gosto que agora estava impregnado em mim. Com esforço, ela levou sua perna direita até a minha cintura e eu apoiei suas costas na parede de vidro para que pudesse tirar a outra do chão.

Guiei meu pau para sua entrada e ela desceu sobre ele com facilidade. A urgência era predominante ali. Nem se eu quisesse conseguiria fazer aquilo de maneira lenta. Meu pau saiu e se chocou contra ela. Uma, duas, três vezes. Mais rápido. Mais forte. Mais fundo. Entrei e saí pontuando as estocadas com respiradas curtas e ofegantes. Heloísa se apertava contra mim, suas unhas se cravavam nas minhas costas e nós parecíamos prestes a explodir.

Entre gemidos, suor e esforço, eu me perdi dentro dela.



Eu a soltei algum tempo depois.

Ela deslizou até os pés tocarem o chão.

Minha cabeça girava, minha respiração ainda estava alterada e o meu coração tentava voltar ao ritmo normal depois do gozo.

Heloísa se afastou e foi para o banheiro. Eu, me desfiz da camisinha cheia e dei um nó, descartando-a no lixo do quarto. Vesti a cueca novamente e peguei uma garrafa de água mineral no frigobar. Já tinha tomado mais da metade em pequenos goles quando ela saiu do banheiro, vestindo o roupão grande que o hotel disponibilizava.

— Quer água? — Perguntei quando ela se aproximou para pegar as peças de roupas espalhadas pelo quarto.

— Não, obrigada — respondeu rapidamente.

Munida de tudo que encontrou ela voltou para o banheiro, saindo alguns minutos depois completamente vestida e calçada. Não tínhamos combinado nada até ali, mas imaginei que ela fosse passar o restante da noite. De qualquer forma, não sabia se cabia a mim colocar essa informação.

— Comandante, preciso ir — anunciou sem me encarar.

— Aconteceu alguma coisa? Fiz ou disse algo que não gostou? — Perguntei com cuidado.

— Não — ele me olhou — obrigada pela companhia essa noite.

— A noite ainda não terminou — pontuei.

— Para nós sim — deu de ombros — nós não nos conhecemos, mas fomos marcantes um para vida do outro, de certa

forma. Aproveitamos o momento e foi isso. Agora, nós seguimos nossas vidas.

— O que aconteceu em Nova York ficará em Nova York? —
Questionei para ter certeza se era isso que ela queria dizer.

— Exatamente. A viagem dos sonhos está terminando e eu preciso voltar para a vida real. Mais uma vez: obrigada.

— Não precisa agradecer — fiquei de pé — fico feliz em ser o sortudo de uniforme a realizar sua fantasia erótica.

Ela me encarou como se tentasse ler aquilo como uma ofensa. Não era, mas não foi assim que ela entendeu.

— Está tentando fazer eu me sentir como se tivesse me aproveitado de você? Está me acusando só porque eu cedi ao desejo evidente que surgiu entre a gente?

— Eu nunca disse isso...

— Mas está agindo como se eu não pudesse sair daqui depois de ter fodido com você!

— Me desculpe — dei um passo em sua direção.

— Não — alertou para que não me aproximasse — já estou me sentindo mal o suficiente com isso.

Em poucos passos ela abriu a porta do quarto e saiu. E eu continuei parado, de cueca, sem entender nada do que tinha acabado de acontecer.



O dia seguinte passou rapidamente. Entre preparativos para voar, uma caminhada no Central Park e a incerteza de um reencontro, por acaso, com Heloísa e Gizele, os minutos viraram horas e logo estava novamente no aeroporto.

Depois de cumprimentar a tripulação, a mesma que me acompanhou desde que saí do Brasil, segui para a cabine. Dentro dela, eu e o primeiro oficial fizemos toda a preparação técnica do avião, inserindo os dados e plano de voo, analisando a meteorologia da rota, conferindo a programação de computadores e a configuração dos instrumentos, rádios e radares, até pedirmos a autorização junto a torre de controle.

Nós decolamos e fizemos todo o percurso tranquilamente. Aterrissamos no Brasil da maneira mais suave que nos foi permitida. No desembarque, me posicionei próximo a cabine e fui me despedindo dos passageiros.

Até que elas apareceram no meu campo de visão. Heloísa estava de óculos escuros, por isso não conseguia saber onde o seu olhar estava focado. Já Gizele, me encarava com um sorriso de quem sabia que havíamos aprontado, mas pelo visto não sabia de tudo ou não seria essa a cara que me apresentaria depois da interpretação que sua amiga havia feito dos fatos.

Quando elas se aproximaram, prontas para descer da aeronave, foi Heloísa que falou primeiro:

— Obrigada pela viagem, comandante. Até um dia! — O tom de encerramento não passou despercebido para mim, ela estava deixando claro, mais uma vez, que as coisas tinham ficado em solo americano.

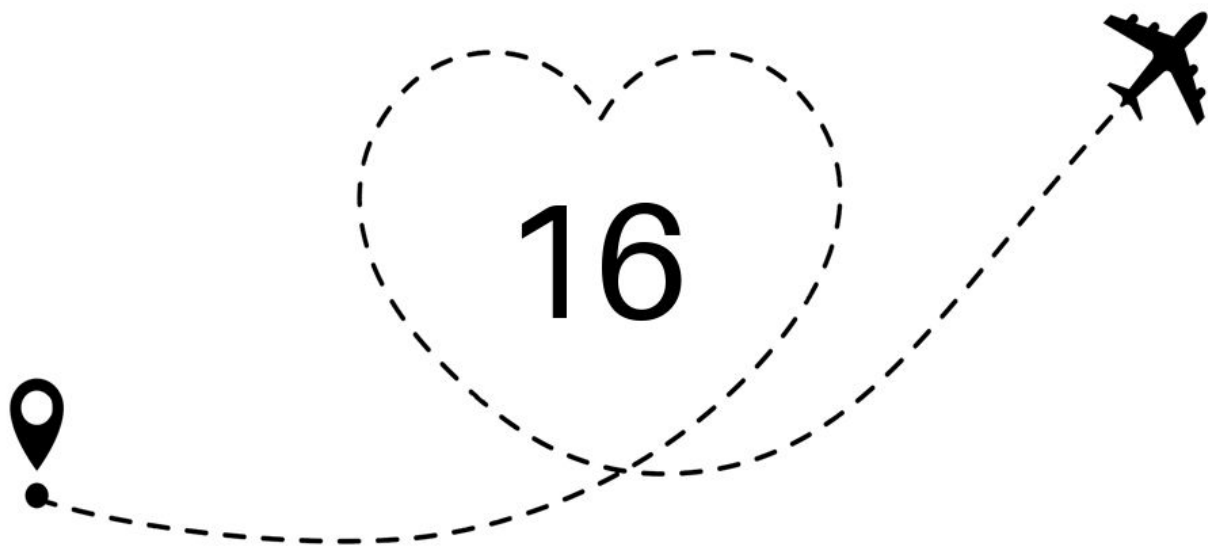
— A *Travel Airlines* agradece a preferência — repeti a frase que a tripulação geralmente usa para despedidas informais.

— Voar com você foi incrível, *capitão* — Gizele bateu continência com dois dedos na testa e eu sorri.

— Foi um prazer conduzi-las — Rosa observava atentamente nossa interação — assim como a todos os passageiros — completei.

— Tenho a sensação de nos encontraremos em breve — Gizele afirmou, piscando, antes de ser arrastada por Heloísa para fora da aeronave.

A viagem tinha terminado, assim como todo o drama que o encontro com a mulher no aeroporto do Chile carregava. Eu a havia ajudado, nós tínhamos passados alguns momentos agradáveis juntos e era hora de alçar novos voos.



Helôisa

Meu Deus, o que esqueci dessa vez?

Observei apreensiva Leandro se aproximar com um buquê de rosas vermelhas em mãos.

Meu cérebro buscou catalogar todas as datas importantes entre aniversários de sogros e do nosso namoro, mas hoje não era nenhuma dessas datas. Talvez, essas flores fossem para uma das suas tias. Era isso! Tia Josefa estava fazendo aniversário por esses dias, ao menos foi o que eu li através da barra de notificação do grupo da sua família.

— Boa noite, amor! — Digo, quando nossos lábios se tocaram levemente.

— Achei que já estaria pronta... — Ele me avaliou como se eu fosse um objeto e pela sua cara não gostou do que viu.

Eu usava uma legging verde piscina e um top da mesma cor. O que ele imaginou que uma instrutora de pilates estaria usando depois de terminar a aula? Vestido longo e salto alto é que não poderia ser.

— Eu tenho um cardigan longo preto no carro, jogo ele por cima, solto os cabelos e nem dará a impressão de que saí da academia — sorri — Além do mais todos olhares estarão todos na aniversariante. A propósito você acertou nas flores, ela vai amar!

— Aniversariante? — Ergueu as sobrancelhas.

— Hoje é o aniversário da tia Josefa, não é? Por isso as flores...

— Foi há três dias. As flores não são para a minha tia, são para você! — Estendeu as flores em minha direção e eu paralisei sem saber se deveria pegá-las e agradecer ou começar a me desculpar por algo que eu não fazia ideia.

Para amenizar o clima, peguei as flores e inalei seu cheiro, respirando fundo por duas vezes, tanto para ganhar tempo quanto para normalizar a respiração.

— Você esqueceu nosso jantar? — A pergunta tinha um tom acusatório.

— Essa semana foi uma confusão. Os últimos detalhes do casamento da Victória e todo o resto — comecei a me explicar e ele cruzou os braços na defensiva — mas nada justifica, eu não deveria ter esquecido.

— Mas esqueceu! — Disse em tom ríspido, chamando atenção de um grupo de alunas que saiam do estúdio de pilates.

— Será que podemos continuar essa conversa em outro lugar? — Ele assentiu e acompanhou os meus passos até o meu carro estacionado do outro lado da rua.

— Eu realmente não acredito que você esqueceu de novo... — Disse, batendo a porta depois de entrar do lado do passageiro.

— E eu peço desculpas por isso, mas agora estou aqui e podemos jantar.

— Você quer jantar assim? — Apontou para minha roupa.

— Qual o problema?

— Não parece o tipo de traje que alguém usa no Dalva e Dito.

A informação me atingiu em cheio, finalmente chegou o dia da nossa reserva. O restaurante era um dos mais disputados na capital paulista e o nosso nome estava na lista de espera há semanas.

— Podemos passar na minha casa e eu troco de roupa rapidinho. Para que horas é a reserva?

— Sinceramente, Helô, você acha que ainda tem clima para esse tipo de jantar? — Questionou cabisbaixo.

— Sério que você prefere ficar emburrado a tentar salvar a noite?

— A noite não precisaria ser salva se você lembrasse de um jantar importante com o seu namorado.

— Eu já pedi desculpas, o que você quer eu faça?

— Que me coloque em primeiro lugar pelo menos uma vez na sua vida.

— Leandro, foi um esquecimento bobo.

— Um em quantos, Heloísa? No seu planner não teve espaço para anotar jantar com o seu namorado? — Seu tom foi sarcástico.

— Você está sendo injusto comigo — olhei para o chão.

— Eu estou sendo injusto? Heloísa, passei semanas planejando essa noite, reservei o melhor restaurante, comprei flores, tentei tornar esse momento inesquecível... — De repente uma sensação estranha apoderou-se do meu corpo, a sensação era de que eu estava perdendo alguma coisa importante — Eu ia te pedir em casamento.

— Eu... — Gaguejei buscando as palavras — eu não tinha como saber. Não conversamos a respeito de casamento e...

— E precisava? Quando duas pessoas namoram e se amam, é natural que casamento seja o próximo passo. O que eu não sabia era que precisava marcar um horário e informar que isso seria uma pauta a ser debatida.

— Você está sendo patético...

— É assim que me sinto. Afinal, saí de casa com a sensação de que pedir a mulher que amo em casamento a mulher era a melhor decisão que já tomei na minha vida e quando chego aqui descubro que precisava debater os prós e contras com ela antes de fazer o pedido — bufou.

— Não sou a vilã que estraga os planos do príncipe, Leandro.

— Sinceramente? É exatamente esse o papel que você está encenando desde que me aproximei — as palavras me atingiram e tiveram efeito semelhante ao estalar de um chicote contra a minha pele.

Eu me encolhi.

— Eu tento — suspirei — estou tentando compensar as minhas ausências, me esforçando para ser o que você espera de uma namorada... Mas não consigo ser o suficiente.

— Desculpa, eu não deveria ter dito isso. Mas você precisa entender o meu lado...

— E quem compreende o meu lado? Meu trabalho é uma extensão de quem eu sou e ele é o motivo por todas as nossas brigas. Você me pressiona para escolher entre ele e você, não é o correto. Eu não sou completa sem ele, assim como não sou completa sem minha família, meus amigos e você. Como podemos casar se não estamos alinhados no básico? Casamento é mais que amor, é cumplicidade, compreensão, respeito. É sobre caminhar ao lado. É mais do que ter alguém para dividir a vida.

— Talvez não estejamos alinhados porque eu não tenha espaço para isso — a voz dele estava embargada — não consigo

fazer parte das suas prioridades. Estou sempre como um paciente que você encaixa de última hora porque não consegue dizer não... Mesmo assim eu amo você. Mesmo assim eu aceito ser o encaixe de última hora.

Ficamos em silêncio por alguns segundos com o peso de tantas verdades entre nós.

— Não era para ser aqui. Não era para ser assim. Mas eu sei que é para você — ele retirou do bolso da calça uma caixinha de veludo vermelha e revelou duas alianças douradas — casa comigo, Helô?

Era como se alguém tivesse aberto as comportas das minhas lágrimas. Elas desceram descontroladamente e eu não lutei para controlá-las. Deixei que elas dessem vazão aos sentimentos conflitantes dentro do meu peito.

SIM.

Eu deveria dizer sim.

Era o que meus pais esperavam. Minha mãe é a maior incentivadora do nosso namoro, sempre rasgando elogios ao Leandro. Ela ficaria radiante quando chegássemos ao Chile com nossas alianças de noivado. E a Victória? Minha irmã, assim que descobrisse do pedido, burlaria o tradicional “jogar o buquê da noiva” para entregá-lo em minhas mãos. Minhas amigas diriam que eu ganhei na loteria federal, afinal ele era o que se esperava de um bom pretendente.

Mas por que eu estava pensando nisso tudo ao invés de gritar “sim”?

— É tão difícil dizer sim?

— Me perdoa... — Disse com a voz entrecortada pelo choro — não consigo.

— Você não quer se casar comigo?

— Não é isso, Leandro... — Enxuguei as lágrimas — amanhã podemos conversar a respeito e...

— *Eu acabei de pedir você em casamento, Heloísa. E sabe o que você está fazendo? Transformando um momento que deveria ser único e especial em mais um item da sua agenda que pode ser transferido para o dia seguinte.*

— *Eu só preciso de um tempo — pedi, entre lágrimas.*

— *Não tem como dar um tempo na minha vida para você decidir se é possível ou não que ela se encaixe na sua — ele abriu a porta do carro e ficou em pé por um segundo.*

Ele estava me dando um segundo para mudar de ideia.

Mas eu permaneci estática, chorando silenciosamente.

Ele bateu a porta do carro e se afastou. Não só do meu carro, mas de tudo que eu representava em sua vida.

Ali, sozinha, eu senti angústia e medo. Mas não podia ficar ali para sempre. Eu precisava voltar para casa e me preparar para trabalhar durante todo o dia seguinte. E foi o que eu fiz.

— *Como tudo teria sido se eu simplesmente tivesse dito sim?*
— *Perguntei ao espelho do meu banheiro, depois de tomar um longo banho de banheira e reviver a cena inteira na minha mente — provavelmente não teria sido roubada em solo estrangeiro e não perderia o casamento da minha irmã mais velha.*

Também não teria conhecido o Comandante, meu cérebro quase gritou. Teria sido bem mais fácil se eu tivesse dito sim. Minha vida seguiria a rota planejada. Sem turbulências.

Será que dá para voltar no tempo?



Cinco e cinquenta e dois da manhã era o horário que meu relógio de cabeceira indicava. Oito minutos antes do meu despertador tocar. Levantei-me da cama e segui para a cozinha, um café forte era o que eu precisava para iniciar o meu dia bem.

Quando as portas automáticas da clínica se abriram e o som das crianças na sala de espera chegaram aos meus ouvidos, eu me senti feliz. Essa era apenas a primeira parte do meu dia de trabalho, mas não poderia estar mais animada.

Trabalhar era algo que eu fazia com amor. Em todas as áreas que eu atuava, mas com as crianças eu me sentia mais realizada. As da clínica e as da UTI.

Cumprimentei a todos com um animado bom dia e segui para a sala que divido com a terapeuta ocupacional Regina Teles. Regina e eu fazemos parte de uma equipe multidisciplinar formada por psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas, fisioterapeutas, neurologistas e pediatras voltada ao atendimento de crianças e adolescentes com o objetivo de ajudá-los no desenvolvimento total das suas potencialidades.

Peguei a ficha do primeiro paciente da manhã e consultei as minhas anotações:

Igor, 8 anos, transtorno do espectro autista.

- Coordenação motora em desenvolvimento.
- Em processo de construção da autonomia.
- Desenvolver as suas habilidades de psicomotricidade é objetivo.

Em conjunto com a terapeuta ocupacional do Igor estamos desenvolvendo a sua coordenação motora para que ele alcance a autonomia individual esperada para uma criança da sua idade.

Não é regra, mas crianças do espectro autista apresentam dificuldades relacionadas a psicomotricidade que engloba os movimentos do corpo, a noção de espaço, o equilíbrio e a coordenação motora. Esses itens não desenvolvidos amplamente podem comprometer a realização de atividades diárias como pentear o próprio cabelo ou escovar os dentes. Além disso, dificuldades para segurar o lápis, por exemplo, pode dificultar a aprendizagem da escrita.

Li a última também escrita pela Regina da última visita do Igor, em que eu não estava presente: a mãe apresentou como necessidade atual desenvolver a capacidade do filho em calçar sapatos com cadarço. Dona Ingrid, ao que parece, deseja trocar do sapato escolar com fecho de velcro para o modelo com cadarço, uma vez que, muito dos garotos da turma do filho usam esse último modelo e o próprio Igor observou a diferença.

A minha função era, por meio do lúdico, auxiliar a criança a atingir tal objetivo, trabalhando sua coordenação motora fina, que nada mais é que a capacidade de usar pequenos músculos em movimentos delicados, como escrever, pintar, abotoar e amarrar cadarços.

Caminhei até o armário onde guardamos os brinquedos pedagógicos e retirei dois grandes sapatos coloridos e uma pequena caixa com cadarços de diversas cores. Com os materiais separados, era hora de chamar o meu primeiro paciente.

— Igor — assim que chamei o seu nome ele entregou o *tablet* a mãe e veio correndo em minha direção.

Geralmente, peço que os pais aguardem na sala de espera. A minha experiência mostrou que, na maior parte dos casos, a criança se sente pressionada com a presença dos pais. O desejo de ver o filho cumprindo as atividades acabe criando uma áurea de tensão desnecessária no ambiente, então a menos que a criança necessite do acompanhante dentro consultório, somos apenas o paciente e eu.

— Bom dia, Igor.

— Bom dia, tia Helô — ele respondeu sem fazer contato visual e seguiu para a mesa infantil no meio da sala.

Puxou a cadeira e se sentou em seguida, apoiando as mãozinhas na mesa. O gesto durou poucos segundos e ele logo passou a bater as pontas do dedo na mesa, repetidas vezes.

— Hoje não vamos pintar? — Perguntou quando eu coloquei os dois pés do grande sapato sobre a mesa. Sentei-me no *puff* colorido, ao lado do Igor.

— Hoje vamos ajudar o Senhor Pé-Grande a calçar os sapatos — ele estudou os sapatos coloridos por alguns segundos.

— Ele também não sabe calçar os sapatos?

— Não, mas estamos aqui para ajudá-lo.

— Eu também não sei amarrar os fios dos sapatos, tia Helô — confessou cabisbaixo.

— Não tem problema, vamos aprender juntos — o garoto abriu um enorme sorriso — de qual cor você quer de cadarço?

— Verde, eu gosto muito da cor verde.

— Então será o verde — entreguei para ele.

— Você está pronto para ajudar o Senhor Pé-Grande a exibir seus sapatos de cadarço verde? — Ele balançou a cabeça em concordância — segurando na pontinha do fio — mostrei a ponta e ele repetiu o meu gesto — vamos colocar ela dentro do buraco e esperar ela sair do outro lado.

Ele seguiu a orientação devagar e quando o cadarço foi inserido corretamente, elogiei:

— Isso mesmo! Agora vamos fazer o mesmo com o outro buraco, esse ao lado.

Ele executou a ação e eu continuei incentivando enquanto ele seguia, aos poucos, o passo-a-passo.

Quando os trinta minutos da sessão terminaram, tínhamos um par de sapatos amarrados com cadarço verde.

— Você foi maravilhoso! — Elogiei — na próxima sessão vamos ajudar mais uma vez o Senhor Pé-Grande, ele tem uma festa de aniversário para ir.

— Pode ser o verde de novo? Eu gosto muito da cor verde, tia Helô.

— Sim, pode ser verde — sorri.

Igor levantou-se e na mesma rapidez com que entrou, saiu em disparada porta a fora.

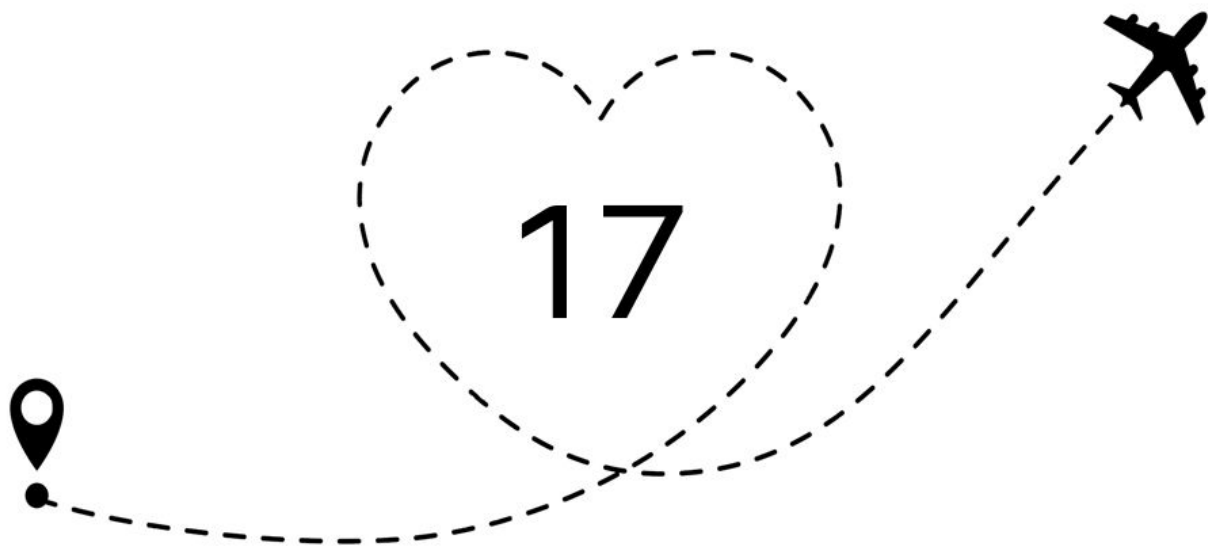
— Mamãe, mamãe eu consegui amarrar os fios do sapato do Senhor Pé-Grande — disse animado para Dona Ingrid.

— É mesmo, filho? Você é muito inteligente — ela beijou o rosto do menino — agora dá tchau a tia Heloísa.

— Tchau, tia Heloísa!

— Tchau, Igor.

Voltei para dentro da sala e anotei a atividade, bem como minhas análises na ficha do paciente, antes de chamar o próximo.



Heloísa

Desde que retornei ao Brasil eu não fazia outra coisa senão de trabalhar. Pela manhã, ia para a clínica médica. Pela tarde, trabalhava no Hospital & Maternidade e, três noites por semana havia voltado para as aulas de pilates. Havia recebido o convite para ministrar aulas em uma Faculdade particular, mas aquele convite ainda estava em análise.

Assim que minha mãe pisou em solo brasileiro, me ligou para me convidar para o almoço. Na verdade, era mais uma convocação do que um convite. Eu queria recusar, mas eu ainda me sentia culpada por não estar no casamento da Victória e cedo ou tarde precisaria encarar meus pais.

— Heloísa, não acredito que você esqueceu do almoço! —
Minha mãe me acusou, assim que atendi o telefone.

Era a quinta vez que ela me ligava. Se não a conhecesse tão bem, acharia que algo grave tivesse acontecido e não que ela

estava apenas se certificando que eu não faltasse mais um almoço de domingo.

Minha mãe não se contentava com ligações e mensagens diárias, ela sempre insistia em almoços aos fins de semana, aos quais nem sempre posso comparecer.

— Não esqueci, mãe. Dei uma passadinha na farmácia, mas... — Ela não me deixou concluir a frase.

— Você está doente?

— Não, parei para comprar absorvente e manteiga de cacau. Meus lábios estão um pouco ressecados, deve ter sido o frio...

— É óbvio que isso aconteceria, minha filha. Você esteve em outro país, outro clima, deveria ter comprado vitamina C também. Melhor ainda, vou fazer uma jarra de suco de laranja para o almoço.

— Não precisa, mãe — Dispensei a sua dose extra de amor.

— Claro que precisa.

— Sabe o que você pode fazer ao invés de fazer suco de laranja?

— O que?

— Abrir a porta e abraçar bem apertado a sua filha favorita. Estou aguardando a senhora fazer isso, tipo agora — parei em frente a porta do apartamento.

— Eu não tenho filho favorita — ela abriu a porta e me envolveu em um abraço afetuoso.

— Se tivesse certamente seria a Victória — respondi ainda presa em seu abraço.

— A Victória é mais doce e obediente, você precisa concordar.

— E eu não sou?

— Não, você puxou ao lado do seu querido pai — ele me abraçou — exceto profissionalmente — alfinetou.

— Ah, droga, está explicado por que minha irmã é a queridinha! — Resmunguei, tentando não levar a sério a alfinetada.

— Pais não tem favorita, não é Valmir — minha mãe reagiu.

— Não. Amamos todos os nossos filhos igualmente — ele deu de ombros.

Meu pai é médico, mais especificamente, um cardiologista. Minha irmã seguiu os passos dele e se formou em Medicina. Era meio óbvio que eu também fosse médica, não era?

Era. Mas eu não segui por aquele caminho. Queria trabalhar na aérea da saúde sim, mas nunca me senti atraída pela medicina (mesmo sabendo que seria mais bem remunerada e que não precisaria trabalhar em tantos lugares para ganhar melhor). Cheguei a cogitar psicologia, enfermagem, mas quando eu conheci a fisioterapia, me apaixonei. Achei muito mágico poder tratar as pessoas sem o uso da medicação, sabe? Claro que a medicação era necessária em muitos casos, mas o medicamento tratava o sintoma momentâneo enquanto a fisioterapia tratará a causa. E, muitas vezes, livra o paciente do uso de drogas.

Ainda assim, não ter optado pela medicina era um assunto delicado em almoços de domingo.

— Pai, quer ver como foi nadar com os golfinhos? — Ele assentiu — foi simplesmente maravilhoso!

Enlacei meu braço no dele e seguimos para o sofá e quando nos sentamos relatei todos os detalhes de como tinha sido estar em Cancun com a Gizele. Aproveitei para rever, mais uma vez, os vídeos e as fotos daqueles momentos inesquecíveis.

Em determinado momento, a campainha tocou e meu pai pareceu ficar tenso.

— Estão esperando visitas? — Indaguei para o meu pai que parecia esconder alguma coisa.

— A sua mãe, está — confessou.

Antes que eu pudesse perguntar quem era essa a visita misteriosa, minha mãe surgiu na sala.

— Filha, abre a porta — ela incentivou.

Estranhei, mas não ao ponto de recusar o pedido. Assim que abri a porta, meus olhos quase saltaram das órbitas, tamanha surpresa.

— Oi! — Leandro sorriu um pouco sem graça.

— O que você está fazendo aqui? — A pergunta saiu mais rápida do que meu pensamento — quer dizer, oi.

— Sua mãe me convidou para almoçar — ele respondeu sem graça — trouxe a sobremesa. Ela não falou que me convidou...

— Não — dei de ombros.

— Você quer que eu vá embora?

— Leandro, você chegou — minha mãe se aproximou antes — entre, querido vamos almoçar.

Ele esperou algum sinal meu e achei isso legal.

— Isso na sua mão é *mousse* de chocolate?

Havia uma doceria próximo à casa do Leandro e sempre que almoçávamos com meus pais, ele trazia *mousse* de chocolate e minha mãe amava.

— É sim — sorriu.

— Estava faltando uma sobremesa para o almoço mesmo — sussurrei — entre!

— Estou feliz que esteja aqui — Minha mãe reafirmou.

— Eu também — ele pareceu sincero.

— E eu estou com fome — foi o meu pai quem falou.

— Eu também — concordei com ele.

O almoço não foi uma torta de climão como eu achei que seria. Minha mãe conduziu toda a conversa, falando sobre a emoção de casar a filha mais velha e sobre os dias e passeios no

Chile. Meu pai complementou falando sobre todos os tipos de vinhos que meu cunhado o fez provar. Basicamente, a conversa girou em torno da Victória e do Chile e por mim estava tudo bem.

Minha mãe, graças a Deus, não cometeu a gafe de perguntar por que o Leandro não foi ao casamento. Isso, poupou-nos de um constrangimento terrível. Ela deve ter entendido que a gente não estava mais junto e o convidou para almoçar como uma maneira de fazer com que nós dois nos entendêssemos.

Após o almoço, ela designou o meu pai como ajudante para lavar a louça, com o claro objetivo de deixar Leandro e eu sozinhos. Depois de alguns minutos em que fingi prestar atenção no filme da TV, ele rompeu o silêncio.

— E aí o que aconteceu na viagem?

— Eu nem sei por onde começar...

— Eu imagino, deve ser muito ruim ser deportada. Quando a sua mãe me contou eu só imaginei que se eu estivesse com você, teria sido mais fácil.

— É péssimo — respirei fundo sentindo o ar voltando aos meus pulmões.

— Já retornou ao trabalho?

— Sim, eu estava morrendo de saudades dos meus pacientes. Viajar é maravilhoso, mas estar no meu *habitat* é toda a terapia que preciso para organizar os meus pensamentos.

— Eu entendo. Parece que o trabalho, às vezes, é o único lugar que não precisamos pensar em nada além das nossas funções — deu de ombros.

— Bem-vindo ao meu mundo — sorri.

— É por isso que você trabalha tanto?

— No início eu até pensei nessa possibilidade — confessei — mas acabei entendendo que ser a fisioterapeuta Heloísa Delfino ou simplesmente a tia Helô, é a minha melhor versão. Gosto muito quando é ela quem dita os caminhos da minha vida.

— Eu preciso discordar parcialmente. Você é uma amiga tão fantástica quanto é profissional.

— A Gizele te pagou quanto para dizer isso? — O sorriso voltou ao meu rosto.

— Se alguém tivesse que pagar aqui, esse alguém seria eu — sorriu — Você lembra quando a Gizele ameaçou que se eu fizesse você sofrer iria escrever no meu carro: Filho da puta!

Sou transportada para aquele dia. Era início de namoro e a aquela fatídica primeira vez que você apresenta o seu namorado aos seus amigos. Aproveitei que era festa de aniversário da Gizele, em uma boate, e ele foi como meu acompanhante.

Gizele se aproximou segurando um copo com bebida azul enfeitado com guarda-chuva e canudo coloridos.

— Parabéns amiga, você está maravilhosa! — Abracei-a e sussurrei ao seu ouvido que aquele era o famoso Leandro que eu tanto falava com ela através de mensagens. — Leandro essa é a Gizele, minha melhor amiga e a aniversariante da noite — Fiz as apresentações.

— Parabéns Gizele — ele disse. Ela sugou o resto da bebida de uma só vez antes de ele continuar: — É um prazer conhecer alguém de quem tanto só ouvi falar.

A minha amiga fitou Leandro longamente e naquele momento imaginei que ela ia dizer que já tinha ficado com ele ou qualquer outra coisa desesperadora para justificar aquele olhar fixo por tanto tempo. De repente, um sorriso se formou no seu rosto antes dela proferir as seguintes palavras:

— Eu não sou uma mulher de recados, então vou logo avisando a você: Se algum dia você fizer a Helô sofrer eu vou escrever com as minhas unhas postizas um grande “filho da puta” no seu carro! — Dito isso ela simplesmente vomitou aos pés do Leandro — Eu sinto muito.

— Acontece... — Foi a única coisa que eu consegui dizer como se tentasse me desculpar.

— *Eu vou tentar limpar os sapatos.* — Leandro avisou antes de desaparecer entre as pessoas e eu cuidei da Gizele e a levei para casa.

Depois disso nos reencontramos diversas vezes, Gizele não vomitou bêbada aos pés do Leandro novamente e ele não teve o seu carro pinchado até hoje.

— Ela não faria isso — ele me olhou descrente — *tá*, talvez ela pudesse fazer algum dia a depender do que você pudesse aprontar — concordei sorrindo.

— Cada vez que a gente se desentende o meu primeiro pensamento é: será que a Gizele cumpriu a promessa?

— E eu achando que seu primeiro pensamento fosse: meu Deus o que eu tenho que fazer para essa mulher maravilhosa me perdoar?

— Esse é o meu segundo pensamento. Você sabe o quanto eu amo o meu carro!

Arremessei a almofada em sua direção e ele desviou fazendo com que ela acertasse o porta-retrato e ainda derrubasse alguns dos elefantinhos coloridos do centro de mesa.

— Cuidado com os meus *bibelôs* — minha mãe gritou da cozinha.

— Desculpa, a culpa foi do Leandro — gritei em resposta.

— A culpa foi minha? — Arqueou a sobrancelha.

— Se você não tivesse desviado isso não teria acontecido — dei de ombros sorrindo.

— Na próxima, vou ficar parado esperando você acertar bem no meu coração — Disse em um tom melodramático.

— E eu vou pegar um pouco mais de *mousse* do chocolate que por sinal está delicioso — Levantei-me do sofá rapidamente.

— Eu vou estar aqui quando você retornar com *mousse*.

— Talvez eu fique na cozinha mesmo...

— Talvez eu seja obrigado a resgatá-la... — Entrou na brincadeira.

— Talvez eu tenha que sair escondido pela porta da cozinha, mas não é nada pessoal, *tá?*

— Então só me resta ficar aqui torcendo para você voltar...



A nossa aproximação foi lenta e gradual assim como o início do nosso namoro. Primeiro, ele voltou a reagir as minhas publicações nas redes sociais. Depois, passou a me mandar mensagens de bom dia... E assim, aos poucos, voltamos a fazer parte do dia-a-dia um do outro. Por isso, não foi uma surpresa quando seu nome apareceu na tela do meu celular.

— Oi... — Atendi a ligação.

— Oi, está podendo falar?

— Sim, estou na pizzaria D’Pietro — respondi.

— Não me diz que você pediu meia marguerita e meia quatro queijos?

— Como você sabe que... — Não completei a pergunta.

A minha mãe era a resposta. Eu devia ter suspeitado quando ela enviou mensagem me convidando para comer pizza no domingo à noite e *exigiu* que eu comprasse na sua pizzaria favorita, que com o tempo se tornou a do Leandro também.

— A sua mãe me convidou para o dia da pizza... E não te contou nada de novo — ele riu.

— Eu não devia estar surpresa, afinal isso é a cara dela.

— Foi por isso que te liguei, queria te avisar sobre o convite e dizer que eu não vou.

— Obrigada por ligar.

— Por nada, boa noite.

— Leandro, você não quer me encontrar na pizzaria? — Perguntei no impulso.

— Quero — respondeu imediatamente como se temesse que eu retirasse o convite — chego aí em dez minutos.

— Até já — encerrei a ligação e sorri para a tela do celular — eu quero fazer uma alteração no meu pedido, agora preciso que entreguem no Delivery, é possível? — o atendente assentiu — a marguerita deverá ser entregue no seguinte endereço... — Informei e solicitei um pedaço de papel e caneta para escrever um recado breve para a minha mãe “Eu descobri o seu plano! Boa pizza ;)”

Agradei e segui para uma das mesas para aguardar o Leandro.

Enquanto aguardava a sua chegada comecei a pensar nas consequências do meu convite. A verdade é que quando soube que a minha mãe estava querendo bancar o cupido pensei em confrontá-la faltando a armação dela. Mas assim que ele chegasse seríamos apenas ele e eu, como já fomos há muito tempo. Será que conseguiríamos ter uma interação tranquila sem a presença dos meus pais no cômodo ao lado ou terminaríamos a noite fadidamente, como aquela última vez?

A resposta caminhava em minha direção e o semblante sereno era o que eu precisava para relaxar os meus ombros tensos. A pizza chegou praticamente ao mesmo tempo que ele, o que me deu alguns minutos a mais para me preparar para conversar com Leandro.

— Eu te devo um pedido de desculpas por aquela ligação — parei com a pizza no caminho a boca — você tinha passado por tudo aquilo da deportação e queria estar com a sua amiga. Eu deveria ter sido mais compreensível e não exigir que conversássemos.

— Já que estamos conversando abertamente eu queria falar sobre a viagem...

— Antes de me dizer qualquer coisa, primeiro me escuta. Eu falei que não conhecia você, mas eu estava errado. Você ama o seu trabalho e é a única pessoa no mundo que conheço que sai de um

plantão exaustivo com um sorriso no rosto. Agora, eu sei que não é fã pedido de casamento surpresa — sorriu e meu riso se juntou ao dele — eu não sabia como lidar com isso porque parecia que eu era apenas um item da sua rotina e não tão importante quanto ela.

— Alguma coisa mudou?

— Mudou. Descobri que te amo mais do que eu tinha imaginado e quero você de volta na minha vida com a sua jornada de trabalho louca, sua impulsividade e acima de tudo, com o seu amor.

— Eu não sei se posso fazer isso mais uma vez — fui sincera — nós já fomos e voltamos, mas dessa vez nos machucamos com palavras, Leandro. Eu tenho medo.

— Eu tenho medo de não tentar — sua mão pousou sobre a minha — medo de sermos aqueles casais que não tentaram e sempre que se veem pergunta como seria se tivesse dado mais uma chance.

— Eu preciso pensar — olhei para a sua mão sobre a minha e o calor que ela me transmitia. Parecia tão certo aquele toque delicado.

— A gente deve isso a nossa história...

Ele tinha razão. Colocamos tantas pausas e interrupções e se precisávamos seguir em frente tinha que ser com certeza de que era a melhor decisão.

— A gente pode tentar — disse, por fim.

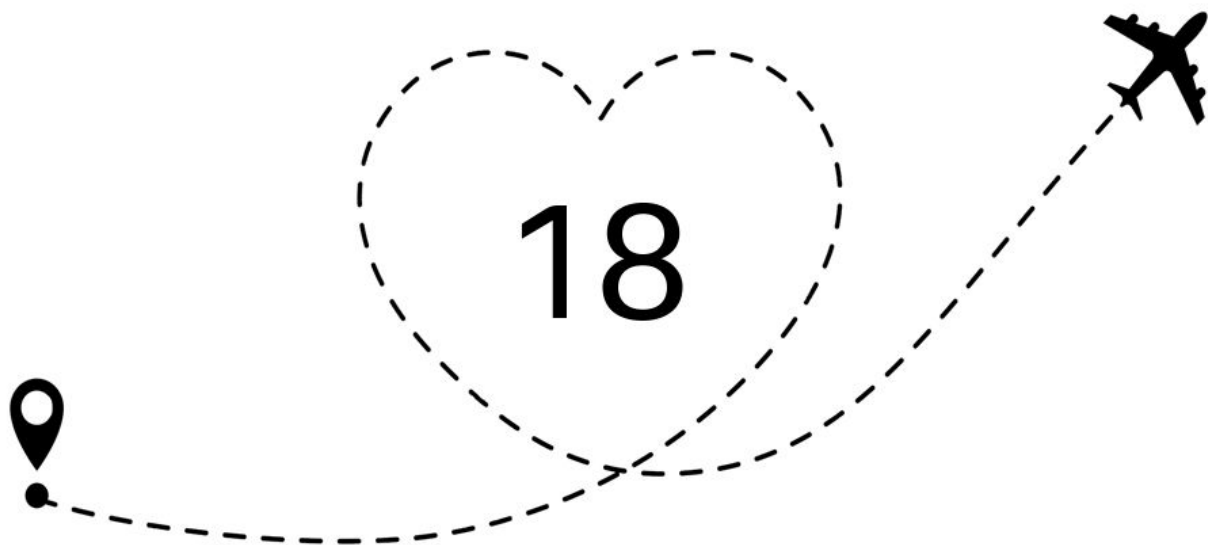
Ele vibrou eufórico com a minha resposta.

— Vamos ser muito felizes dessa vez!

— É, vamos ser...

Ele levantou e selou nossa volta com um beijo.

Naquele recomeço, eu enterraria tudo que aconteceu na viagem.



Helôisa

— Eu estava pensando em você — Disse antes que Leandro pudesse me dizer um oi na ligação.

— Isso é bom — sorriu — por quais motivos a minha linda namorada estava pensando em mim?

— Queria compartilhar com você sobre o Pedro. Você lembra dele, né?

Pedro era o “mascote” da maternidade. Ele nasceu prematuro, pesando pouco mais de dois quilos e tão pequeno que cabia na mão e desde então tudo que fazemos é acompanhar o seu desenvolvimento. E hoje, seis meses depois do seu nascimento, ele estava retornando para casa com sua capacidade respiratória recuperada e os quilininhos que se acumulavam no seu corpo em forma de dobrinhas.

— Sim, aconteceu algo com ele?

— Algo ótimo! — Vibrei — fiz o último atendimento dele hoje. Depois de tanto tempo ele finalmente vai para a sua casa e isso é tão maravilhoso!

— Mais um motivo para celebrar no nosso jantar.

Jantar? Droga, eu havia esquecido novamente.

— Tudo certo para o nosso jantar não é, amor? — Perguntou desconfiado.

— Sim — menti — qual o horário mesmo? — Busquei sondar mais informações.

— A nossa reserva está marcada para às 22 horas, mas a atendente pediu que chegássemos dez minutos antes para validar o cartão de crédito. No início pensei em ficar ultrajado com a desconfiança, mas é o D.O.M!

A informação me trouxe uma nova onda de náusea, juntando-se as outras que me acompanharam durante toda a semana. Um filme começou a passar pela minha cabeça: um jantar que eu não lembrava + a cena do pedido de casamento. Se houvesse reprise, eu alteraria o desfecho da narrativa.

— Amor, você ainda está aí?

— Sim — respondi — preciso voltar ao trabalho... Nos encontramos lá, então?

— Nos encontramos lá. Até mais tarde, Helô.

— Até.

Encerrei a sua ligação para iniciar outra.

— Me diz que você me ligou para me convidar para uma viagem em um lugar paradisíaco — Gizele falou assim que atendeu a minha ligação. Ela parecia tão desesperada quanto eu.

— O que aconteceu? Você está ofegando...

— A nova coleção que estreia daqui há dois dias atrasou e eu estou irritada querendo matar o burocrata da Receita Federal que

confiscou a mercadoria. Qual o problema de um produto com nota fiscal?

— Não faço ideia — respondi, por fim.

— Desculpa, não foi para isso que me ligou.

— Amiga, eu preciso de uma roupa para jantar no restaurante D.O.M. *Hoje*.

— O que tem duas estrelas Michelin? E você só me diz isso agora? — Berrou do outro lado da linha.

O berro da Gizele era justificável. O restaurante D.O.M é classificado como 2 estrelas na gastronomia internacional seguindo a classificação do Guia Michelin, que classifica o restaurante entre 1 e 3 estrelas. O nível 2 estrelas é dado aos restaurantes que valem a pena desviar o seu caminho em uma viagem, apenas para conhecê-lo. O D.O.M, comandado pelo *Chef* Alex Atala, ganhou fama pelos seus pratos elaborados com ingredientes totalmente inusitados. E foi o primeiro restaurante brasileiro a receber duas estrelas. Por isso, era alvo de disputa entre paulistas e turistas.

— O papel de surto é meu que esqueci o jantar com o Leandro, *de novo*. E você sabe o que aconteceu na última vez que eu esqueci um jantar...

— Fomos para Cancun e tivemos a melhor noite das nossas vidas no Coco Bongo? Talvez seja isso que você precisa para convidar a sua amiga para uma viagem inesquecível. Ilha Maldivas? Sim eu estou livre esse fim de semana.

— Muita engraçadinha, você.

— Eu tentei — sorriu — você pode passar aqui na loja para escolher alguma coisa?

— Então... Estou na maternidade.

— Do outro lado da cidade — afastei o telefone do ouvido antes que seus gritos me deixassem surda — Pensa Gizele... — Começou a falar sozinha — ela precisa de look completo, vestido, sandália, bolsa, joias e lingerie...

— Ei, não tem nenhum problema com a minha lingerie! —
Protestei.

— A menos que você esteja tendo um caso com o chefe da UTI, você não saiu para trabalhar com a calcinha mais sexy — fiquei calada — é, eu tenho razão. Vou separar tudo e pedirei para alguém levar tudo e entregar para a fisioterapeuta mais competente e gata: Heloísa Delfino.

— Eu não sei do que seria da minha vida sem você —
agradei — te amo.

— Eu também te amo. Ah, já ia esquecendo pede o vinho mais caro do restaurante como teste.

— Teste? — Indaguei tentando entender.

— Ele está tentando ser digno do seu amor — começou a explicar — e um homem nessa posição precisa estar dispostos a gastar.

— Você sabe que eu vou pagar apenas pelas roupas e não pelos seus conselhos, né? — Ela gargalhou — preciso voltar ao trabalho, Beijo.

— Beijo, não esqueça das lagostas e camarões... — encerrei a ligação antes que ela falasse mais bobagens.



— Você está deslumbrante! — Leandro exibia um enorme sorriso no rosto.

— *Look by Gizele!* — Dei uma voltinha exibida.

Eu usava um vestido midi vinho, de mangas curtas e busto drapeado, evidenciando os meus seios empinados pelo sutiã meia taça de renda da mesma cor. Quando minha amiga disse que providenciaria tudo, ela não estava exagerando, desde o *scarpin* preto até as pulseiras douradas no meu pulso que compunham o *look* que me deixava incrivelmente linda.

— Não é o vestido, é você.

— A Gizele discordaria disso, mas obrigada pelo elogio — sorri.

— Podemos parar de falar um pouco da Gizele e nos concentrar em nós? — Ele enlaçou a mão a minha e entramos no restaurante no horário combinado.

— Será que vamos conhecer o *chef* Atala?

— Eu trago você para jantar aqui e você está interessada no *chef*? — Fingiu indignação.

— Você acha que tudo isso é para você? — Apontei para mim — está terrivelmente enganado — Leandro sorriu alto antes de beijar os meus lábios.

— Senhor Melo e senhora Delfino, queiram me acompanhar — a elegante *hostess* nos guiou até a nossa mesa, disposta em frente ao janelão de vidro da cozinha, onde podíamos observá-la funcionando a pleno vapor.

— Você não queria ver o *chef* em ação? Aqui é o lugar ideal — Leandro disse ao puxar a cadeira para eu me acomodar.

— Se os senhores desejarem, eu posso colocar o nome de vocês na lista para o *chef* conhecer. Ele escolhe duas mesas para conversar por noite.

— O meu namorado ficaria muito feliz. Ele é um grande admirador do *chef*.

— Vou anotar. Tenham uma excelente noite — a jovem mulher se despediu e se afastou.

— Eu sou o grande admirador? — Leandro sorriu.

— Você acha que eu não percebi por que estamos aqui? Nunca chegamos a conhecer o Dalva e Dito — restaurante que também pertence ao Alex Atala e no qual ele havia feito reserva anteriormente — então, está aqui é o nosso recomeço e o momento de você finalmente comer as iguarias feitas pelas mãos do talentoso *chef*.

— É isso, você adivinhou.

— Senhor Leandro e senhora Heloísa, sou o Amadeu e serei o garçom de vocês nesta noite. Vocês desejam algo em específico?

— Eu pensei no menu degustação — Leandro respondeu.

— Excelente escolha — o homem disse de forma cortês — em um instante voltarei com a entrada.

— Obrigada — agradei e olhei o ambiente ao redor — esse lugar é lindo!

Confesso, que pensei em encontrar um ambiente chiquérrimo com lustres grandes e elegantes, porcelanato e inox dominando o ambiente, mas tudo que encontramos foram tons pastéis nas paredes e piso de madeira. Apesar de todo o *glamour* envolvido ao falarmos em D.O.M., o ambiente do restaurante é aconchegante. E não falo apenas pela cordialidade e simpatia dos funcionários, mas pelo espaço em si. A decoração tem traços indígenas e outros itens que simbolizam a bagagem que o Alex Atala adquiriu em suas viagens.

— Estamos no restaurante mais conceituado do Brasil e ainda assim é como estar no nosso restaurante favorito — Leandro concluiu.

— Isso, é como estar em um ambiente familiar — concordei.

Prato a prato, fomos guiados por uma experiência gastronômica inesquecível. Viajamos através das texturas, sabores e aromas inspirados no Brasil. Amadeu nos explicava sobre os pratos e seus ingredientes – maior parte deles retirados da gastronomia brasileira – e tudo aquilo tornava o jantar incomparável.

Apesar disso, algo me fazia não estar totalmente ali, no presente. E o Leandro percebeu.

— Está tudo bem, amor? — Leandro indagou preocupado.

— Está... — Assenti com a cabeça.

— Então, por que não respondeu a minha última pergunta?

— Desculpa, eu estava longe.

Mais precisamente no teste de gravidez na bolsa em meu colo. A noite estava tão incrível que meu cérebro acionou um alerta que algo de errado estava para acontecer, como se um balde água gelada estivesse prestes a ser jogada sobre nós. E o balde de água fria estava sobre mim e eu precisava derramá-lo de vez ou seguir ignorando-o.

Comprei um teste de farmácia, no quinto dia do atraso.

Heloísa, por que você não fez um exame de sangue se trabalha em hospital?

Porque eu queria manter a esperança de que aquilo era um pequeno atraso e o teste estava na minha bolsa apenas para o caso de eu estar preocupada demais, qualquer dia, e quisesse eliminar uma hipótese quase remota.

Mas as náuseas começaram a aparecer e agora, com oito dias de atraso, e esse jantar incrível com o homem que já me pediu em casamento, eu comecei a ficar desesperada.

Um filho nesse momento poderia fortalecer o nosso amor, mas também poderia nos distanciar de vez. Trabalho em maternidade e já ouvi e presenciei vários relatos de casamentos que terminam após o nascimento do filho. Os pais, em especial, não sabem qual o seu papel no nascimento do bebê. Já as mães dedicam-se exclusivamente ao filho e o conflito começa. Casais apaixonados se desmancham nessa equação maluca que é uma vida a dois com o acréscimo de um bebê.

— Eu preciso ir ao banheiro — Leandro assentiu.

Levantei-me rapidamente e marchei em direção a placa que indicava o banheiro. Entrei em uma das cabines e fechei a porta. Antes que eu recuasse, abri o exame e urinei sobre a ponta do objeto de plástico, pelo tempo recomendado na embalagem.

Cinco segundos depois eu aguardava ansiosamente pelo resultado do exame. Dentro de cento e oitenta segundos eu teria uma resposta que alteraria toda a minha rota. O que acontece nesse pequeno intervalo de tempo?

Pessoas nascem, outras morrem. Casais se beijam, outros brigam. Você escuta a sua música favorita em três minutos. Você é pedida em namoro ou pode ter seu coração destruído na mesma fração de tempo. Infinitas possibilidades cabem em cento e oitenta segundos, mas na minha mente foi tempo o suficiente para o filme da minha vida passar. E nenhum momento da história, vislumbrei um filho.

Como uma criança poderia nascer em meio a minha correria diária? Um filho exige planejamento e pé no freio. Seria preciso diminuir a minha jornada de trabalho, preparar todo o enxoval, montar o quarto do bebê. E meus pacientes? Eles precisariam encontrar uma nova fisioterapeuta e isso demandava tempo. O Igor, por exemplo, demoraria a se adaptar a outra rotina.

As lágrimas ameaçaram escapar dos meus olhos quando a imagem do Leandro surgiu na minha mente. Ele seria o tipo de companheiro que seguraria a minha mão e diria, com convicção, que tudo ficaria bem. E ainda que o cenário fosse desanimador, sei

que eu acreditaria nele. Ele seria um pai carinhoso e prestativo, iria secar as minhas lágrimas e me acalantar quando eu sentisse o mundo desmoronando ao meu redor. A gente podia fazer isso dar certo, podíamos ter um filho.

Respirei fundo antes de encarar o teste em minhas mãos. O resultado em minhas mãos indicou que eu não estava grávida e isso me trouxe algo próximo entre ao alívio e o pesar. Aquele atraso, provavelmente, era por causa do estresse.

O resultado era um carro vermelho ou azul?

O que o destino estava decidindo por mim naquele momento?

— Já estava indo saber se tinha acontecido alguma coisa — Leandro disse assim que me aproximei da nossa mesa.

— Está tudo bem — sorri — tudo como deveria estar.

— Posso pedir a conta?

— Claro.

A noite foi incrível como todas as outras desde que reatamos. Leandro escutou atentamente eu compartilhar a evolução dos meus pacientes, compartilhou comigo os novos projetos que estava desenvolvendo e fizemos planos para as nossas próximas férias. Para fechar a noite com chave de ouro, brindamos com espumante francês, caro e saboroso, e tive certeza de que Gizele aprovaria as escolhas do Leandro.

Do lado de fora do restaurante, aguardávamos o manobrista trazer o meu carro. Leandro, que havia bebido apenas uma taça de espumante durante a noite, seria o motorista da rodada.

— Qual a probabilidade de você não sair correndo se eu me ajoelhar e te pedi em casamento? — Ele se afastou do meu abraço e me fitou longamente.

— Pequena... — Respondi apreensiva.

— Você vale o risco — ele retirou uma caixa vermelha do bolso e se ajoelhou — Eu poderia começar o meu discurso sobre o

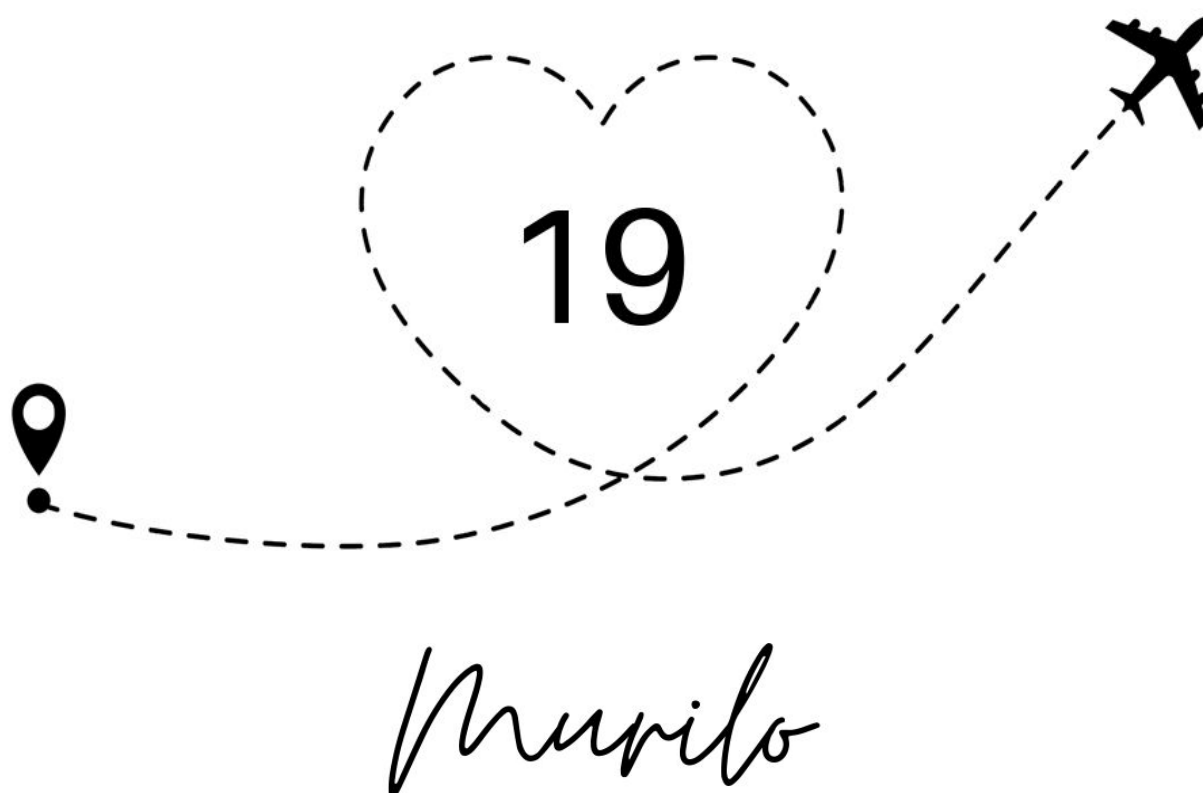
quanto sou um homem de sorte por ter você na minha vida, mas meu joelho está começando a doer — sorri — então vou direto ao ponto: Quando eu penso em construir uma família e dividir os meus dias é você que eu desejo ao meu lado. Quando eu penso em crianças correndo pela casa, é você que eu penso ao meu lado. Você daria a honra de ser a mãe dos meus filhos, minha companheira e minha esposa?

Carro vermelho. O discurso dele combinava perfeitamente com o que eu estava sentindo mais cedo. Era o destino decidindo.

— Sim... — respondi com um sorriso.

E o sorriso com o qual ele me presenteou foi gigantesco.

Leandro levantou e colou os nossos lábios, selando nosso pedido, antes de trocarmos as alianças e seguimos para o meu apartamento.



Muitas pessoas têm medo de ficar sozinhas. Ou até de se sentirem sozinhas. Eu nunca havia pensado a respeito disso com profundidade. Estar só, geralmente, era um alívio para mim. Meu trabalho era um dos mais fascinantes que se pode sonhar. Já imaginou, almoçar em um país e jantar em outro? Acordar em um país e adormecer em outro? Era incrível, mas havia também quem achasse solitário.

No início da minha carreira, quando comecei a voar com frequência, fiquei muitos dias longe de casa, família e amigos. Ainda morava com meus pais e essa sensação de estar sozinho era algo que eu não tinha experimentado antes. A emoção e a felicidade de viajar para novos destinos, conhecer novas pessoas, me familiarizar com uma nova cultura e a comida era um nível de emoções diferente para mim. E mesmo com o passar dos anos, já são dez

como piloto, ainda me sentia bem com os momentos de viajante solitário.

Desde a infância, eu sabia que às vezes precisaria sacrificar algumas emoções para fazer bem meu trabalho. E essa consciência me veio do meu pai, que era piloto. Às vezes, ele tinha que ir trabalhar em dias de comemorações familiares e eu precisei lidar com isso desde cedo. Meu pai, às vezes, estava ausente no natal ou na festinha de dia dos pais da escola e aquilo me deixava triste e chateado, mas toda vez ele tentava me explicar que aquele era o seu trabalho e que faria o possível para compensar assim que voltasse do voo. No fim, fiquei tão encantado com suas explicações que comecei a entendê-lo e compartilhar seu amor por voar.

Eu nunca tinha me sentido sozinho.

Voltar para casa não fazia com que eu me sentisse assim.

Agora faz.

Não conseguia expor em palavras o motivo daquela sensação, mas depois que a minha vida se chocou contra a de Heloísa, ela passou a ocupar espaços que antes era apenas meu.

Eu voltei a Nova York e Cancun na mesma rota que havíamos compartilhado e foi como se eu pudesse assistir as cenas novamente. Obviamente, não fui a musical, não patinei e não me hospedei no mesmo hotel, mesmo assim parecia que ia me bater com ela, por acaso, a qualquer momento.

No meu apartamento, sentir o cheiro da lasanha que sempre comia me fez lembrar do dia que ela esteve ali para devolver o meu celular. E que me levou a olhar para o sofá e praticamente nos enxergar dormindo ali.

Sim, eu sabia que era ridículo porque não tínhamos compartilhado mais que alguns momentos, aparentemente sem muita importância, mas aquilo ia e voltava na minha mente de maneira repetitiva.

Eu pensei em ligar para ela. Mas pela maneira como ela havia entendido as bobagens que falei no nosso último encontro, eu

duvidava que fosse me atender. Além do mais, eu ligaria para dizer o que? “Oi, quer viajar comigo de novo?” Por favor, a mulher tinha a própria vida.

E a prova disso estava ali na minha mão naquele segundo.

Eu havia começado a segui-la no Instagram logo depois que me devolveu o celular, antes mesmo de viajarmos. De alguma maneira, desde que voltamos de Nova York eu buscava ali alguma forma de interação, curtindo suas fotos. Mas não recebia o mesmo gesto de volta. Nenhuma curtida nas dezenas de fotos de viagem que postei na minha rede social. Naquele segundo a atualização me fez paralisar olhando para a tela do aparelho.

Heloísa estava com um vestido simples, curto e branco, abraçada a um homem em uma praia. O foco da imagem era a palma da sua mão que estava no centro do ângulo. Na palma dela estava escrito, em letras maiúsculas e de caneta azul, a frase: eu disse sim.

Ela ia se casar.

E eu não sabia explicar o motivo de aquilo me afetar tanto.



Todos os anos, desde que eu era criança, meus avós maternos reuniam toda a família para a reafirmação do amor e do casamento deles. Portanto, se havia uma data que que sempre tentava conciliar com as minhas viagens, era essa. Nem sempre conseguia, mas a cada vez que tudo se encaixava e dava certo, minha avó reagia com extrema felicidade.

— Você está aqui, querido — ela disse com um sorriso de felicidade no rosto.

— E quando eu não estive? — Me aproximei e beijei o seu rosto.

— Eu posso listar algumas datas, mas eu não seria uma boa mãe — foi a minha mãe quem respondeu com o seu bom humor característico, fazendo a minha avó e eu rimos alto.

— Ainda bem que você é a melhor mãe do mundo.

— E sendo boa mãe é meu papel te apresentar a Carla. Na verdade, vocês se conhecerem por conta própria me poupará trabalho já que ela estará sentada ao seu lado na mesa.

Essa era outra tradição da família Vidal os lugares na mesa serem marcados. O objetivo era evitar grandes conflitos, já que os pequenos não podiam ser evitados. Não que eles se odiassem, mas qual a família não tem os seus desentendimentos? Com os lugares pré-definidos ninguém seria obrigado a sentar-se com o tio que faz piadas preconceituosas ou com o seu ex-marido.

Sim, os ex eram comuns na família Vidal. Os relacionamentos terminavam, mas eles continuavam como membros da família e minha avó não perdoaria se, por acaso, alguma ex-nora ou ex-genro fizesse a desfeita de perder festas familiares

importantes apenas para não ter que interagir com o ex-companheiro.

Por isso, os lugares marcados serviam para evitar essas coisas. Eu, como não tenho par, sou a figura volátil das cadeiras (ou mesas, a depender da ocasião). Já estive no meio dos primos, na mesa dos pais de primeira viagem e até na das tias-avós, nessa última respondendo, pacientemente, cada vez que elas perguntavam pelas namoradinhas.

Pelo visto, dessa vez estaria ao lado da Carla, uma mulher que eu não fazia a mínima ideia de quem fosse.

— Mãe, não quero ser apresentado a mais uma mulher incrível que poderia ser a sua futura nora — repreendi francamente — agradeço a preocupação, mas eu estou bem sozinho.

— Eu não estou dizendo para vocês se casarem, mas vocês podem ser amigos e se conhecerem melhor. Ela é doceira de mão cheia. Sabe o bolo do ano passado que você tanto gostou? — assenti — foi ela quem fez. Se trata de uma garota doce e encantadora.

— Eu já disse que não gosto que me elogiem na minha ausência. Deixe para fazer isso, quando eu estiver presente — minha irmã escolheu o melhor momento para aparecer.

— Estávamos mesmo falando sobre você — concordei.

— Você mente muito mal — Renata gargalhou — mas fico feliz pelos seus elogios, comandante.

— Onde está o meu sobrinho? Estou morrendo de saudades — continuei mudando o foco antes que minha mãe ganhasse uma aliada.

— Emburrado em algum canto porque eu o forcei a vestir camisa social ao invés das suas camisetas regatas.

— Ele deve estar lindo usando calça social e camisa — enlacei o meu braço ao dela e me preparei para me afastar da minha mãe e avó — se as senhoras me dão licença, eu preciso ver o André.

— O que eu perdi? — Renata perguntou, de forma cúmplice, enquanto passávamos entre as mesas sem estabelecer contato visual

— Mamãe estava rasgando elogios a doce e encantadora Carla — minha irmã franziu o cenho, sem entender de quem eu estava falando — é a responsável pelo bolo do ano passado.

— Então, precisamos voltar lá e deixar que ela prossiga — parou de andar — eu namoraria com a tal Carla se ela topasse, o bolo dela é a coisa mais perfeita desse mundo. Você precisa ficar com ela, Murilo.

— Seria mais simples termos o telefone dela e pedirmos bolo sempre que quisermos — pisquei em sua direção.

— Mais simples para quem? — Arqueou a sobrancelha — se ela fosse a sua namorada não pagaríamos pelas tortas de aniversário e como somos seis em casa — ela estava incluindo na conta, além de nós dois, os nossos pais, seu filho e seu marido — seria uma economia significativa ao final de ano.

— Quando você se tornou uma pessoa tão capitalista? — Indaguei sorrindo.

— Quando me casei com um economista — deu de ombros.

— Por falar nele, como o Augusto está?

— Nesse momento, eu apostaria que tão emburrado quanto o filho — sorrimos juntos — o Augusto, se pudesse, viria hoje vestido com a camisa do Flamengo. Mas ele sabe que se fizesse isso eu seria obrigada a pedir o divórcio.

— Ele é um homem sábio e veio vestido socialmente...

— Eu diria que ele é prudente — sorriu — quais os seus próximos destinos, comandante?

— Bariloche, Chile e Montevideu — informei minhas viagens seguintes.

— Isso que é uma vida boa! Viver sem rotinha, acordando em lugares diferentes, conhecendo novas pessoas e explorando

novas possibilidades...

— Você faz parecer menos trabalhoso do que é — sorri.

— Seus olhos brilham quando você fala da sua profissão, maninho... Além do mais, já te vi em ação comandante e sei que quando você está com o seu traje completo você é o homem mais realizado do mundo.

— Não posso discordar — Renata pegou duas taças de champanhe de um garçom que passou por nós — você sabe que eu não bebo antes de viajar, né?

— E quem disse que isso é para você? Mas segure essa taça para eu não parecer a neta que se embriaga na renovação dos votos dos avós — peguei a taça que ela me entregou.

Nossos passos nos levaram até a área externa e lá, andamos até o gramado verde com um banco, no qual nos sentamos, sob o carvalho. Eu fiquei em silêncio por alguns segundos, observando as pessoas conversando.

A notícia do casamento da Heloísa mexeu comigo e desde então não parei de pensar naquilo. Em casa, ela retornou para o solo conhecido, para braços que poderiam abraçá-la por mais que algumas horas...

— Você trocaria a sua vida para seguir a minha? — Perguntei, antes que pudesse frear as palavras para mantê-las apenas em meu pensamento.

— Não — respondeu sem titubear — eu gosto de viajar e conhecer novos lugares, mas o que eu amo mesmo é voltar para casa. A minha cama, os brinquedos do André espalhados pela casa, o Augusto na cozinha preparando o jantar... Por quê? Você sente falta disso?

— Do Augusto preparando o jantar? Não, ele não é tão bom cozinheiro quanto acha — perturbei e ela acertou meu braço com um soco leve — não sei se sinto falta, Renata. Você sabe que minha profissão é bastante solitária e poucas mulheres estão dispostas a se relacionar com alguém que vive mais longe do que perto.

— Você não precisa abandonar a sua profissão para ter uma companheira — ela me fitou com carinho — o papai e a mamãe são a prova viva que há amor além das aeronaves. E por mais que a sua vida esteja no céu, o seu coração pode estar em terra firme esperando por você.

— Que romantismo é esse? O que fizeram com a minha boca suja?

— Ela está usando um vestido bem menininha e se comportando como uma boa moça — ela trocou a sua taça vazia pela minha e deu um grande gole — agora vamos voltar para o salão antes que a mamãe prometa a sua mão para todas mulheres solteiras da festa.

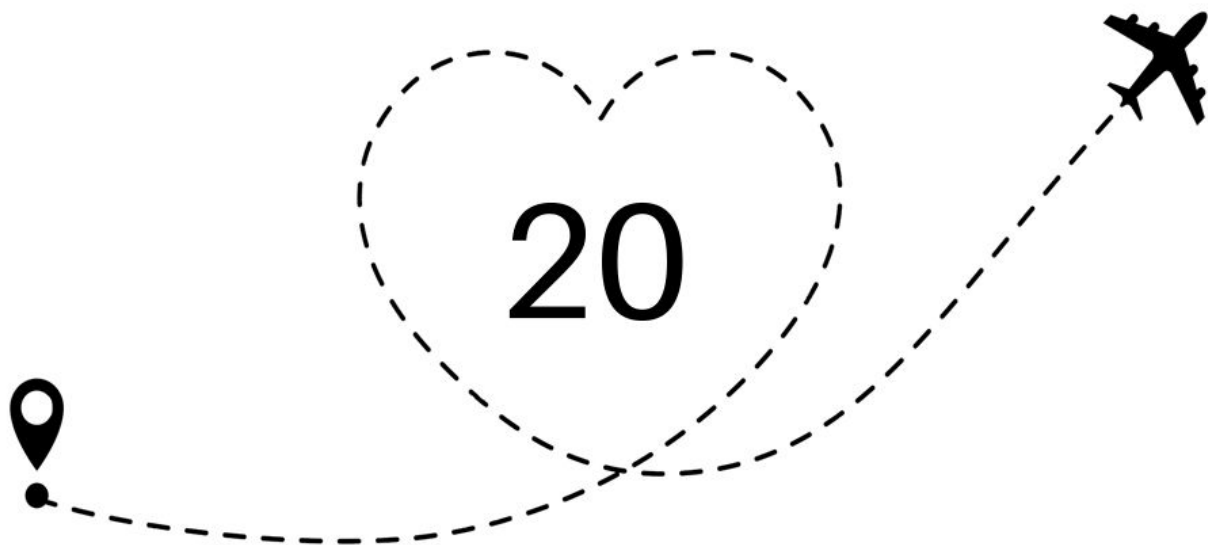
— Você acabou de me dar mais um motivo para permanecer aqui — sorri — eu chego já.

— É muito bom ter você aqui, maninho! — Beijou o meu rosto antes de seguir o caminho de volta.

Retirei o meu celular do bolso e chequei o aplicativo de mensagens. Havia várias no grupo da tripulação de amanhã, incluindo o convite da aeromoça Grassi para comemarmos seu aniversário em Bariloche. Apesar do convite ser para todos, foi o meu nome que ela marcou no fim da mensagem com o *emoji* de carinha com olho piscando.

Visualizei e não recuso o convite. Mas também não confirmei a presença.

Não era bom criar conflito com as pessoas com as quais passará os próximos dias a bordo. Além do mais, nunca sabemos o que a viagem nos reserva. Talvez, esteja em Bariloche a solução para mudar o rumo dos meus pensamentos.



Helôisa

Três meses depois

SIM!

Há três meses eu dizia sim para o Leandro na porta de um dos mais renomados restaurantes de São Paulo. Diante da aliança no meu dedo direito, não havia mais motivos para esperar. Estávamos juntos há dois anos e alguns meses, entre idas e vindas. Leandro estava certo quando dizia que não era prioridade na minha agenda e foi por esse motivo, atendendo a um desafio, marcamos a data para o mais próximo possível.

Gizele estranhou por ser tão de repente, mas não hesitou quando a convidei para ser minha madrinha. Ela me deu de presente, no dia seguinte à eu avisar sobre me casar, um ensaio fotográfico. Fizemos as fotos típicas de noivos, inclusive a que eu escrevi na palma da minha mão: EU DISSE SIM.

Foi com essa foto que anunciei nas redes sociais que mudaria nosso estado civil. E desde então tudo que vivemos não me preparou para esse momento. O branco que usava agora não era o tradicional do jaleco da minha profissão, mas sim o do reluzente vestido de noiva. Estar usando aquela peça em frente para um enorme espelho ainda parecia irreal. Um vestido de renda com cauda longa que abraçava o meu corpo e me protegia de todas as minhas inseguranças.

Quando pedi cinco minutos a sós para a equipe de profissionais que havia acabado de me arrumar para o casamento, queria olhar para a Heloísa que eu sou pela última vez. Eu ainda tinha muitas dúvidas sobre minhas escolhas, mas naquele dia do segundo pedido o Leandro era o carro vermelho. Era o destino dizendo que me casar com ele era o certo. Meus pais o amavam como um filho, minha irmã o aprovava e eu o amava. Esses foram motivos suficientes para fazer com que o dia de hoje se tornasse prioridade na minha agenda.

Apesar disso tivemos alguns impasses. O primeiro foi a cerimônia, eu queria algo intimista apenas para amigos íntimos e familiares. Enquanto o Leandro, na verdade minha sogra, insistiu por ser o casamento do seu único filho, queria um evento grandioso. Além disso, ela fazia questão que houvesse cerimônia religiosa, mas demoraria mais para a igreja que ela desejava ter uma data disponível. Muitas conversas depois acabamos, todos cedendo um pouco, decidindo que a cerimônia aconteceria para 200 convidados no Villa Valentim Buffet.

Com uma combinação perfeita entre os ambientes, a Villa Valentim tinha um espaço marcante que proporcionava diferentes sensações em seus espaços. O gazebo na área externa, onde aconteceria a cerimônia, comportava até 250 pessoas sentadas e encantava com sua sofisticação e delicadeza em cada detalhe. O piso de vidro espelhado era o ponto alto do ambiente, ao invés de caminhar em direção ao altar sobre o tradicional tapete vermelho, eu seguiria pelo extenso corredor de vidro com pétalas de rosas espalhadas pelo caminho. Além disso, optei pela decoração com

velas suspensas e flores naturais em todo ambiente deixando o ambiente em clima romântico e acolhedor.

Agora estou na suíte da Villa Valentim, um dos atrativos principais para escolhermos esse lugar, eu não queria me atrasar no meu grande dia. Então, quando a funcionária da casa informou que eles disponibilizavam suíte para a noiva, decidi que aquele era realmente o lugar ideal.

Duas batidas na porta anteciparam a entrada do meu pai.

— Você está linda, pequena — ele se aproximou com os olhos marejados.

— São seus olhos — tentei camuflar as minhas emoções com humor — você está lindo e elegante, pai.

— Isso definitivamente são seus olhos — sorriu alto — pronta para se casar?

— Sim.

— Então, vamos mostrar a todas aquelas pessoas o quanto somos os mais belos do salão.

— Ei, hoje é o meu dia de brilhar! — Perturbei sorrindo.

— Desculpa, mas você terá que dividir esse momento com o seu pai lindo e elegante.

— Eu posso fazer isso! — Aceitei o braço que ele me ofereceu e seguimos para o Gazebo de vidro onde aconteceria a cerimônia.

A equipe de fotógrafos e os convidados mais curiosos registraram o minuto inicial que meu pai e eu aparecemos na entrada. No exato momento em que o som do violino e trompete iniciaram a marcha nupcial, todos os olhares se voltaram para nós.

Senti o frio na barriga por ter tanta gente a nossa espera. Mas respirei fundo e tentei não direcionar os meus olhos em nada além de Leandro. Ele estava lindo com o seu terno preto com três peças completo e trazia uma rosa no paletó, a mesma flor que compunha o buquê. Nossos olhos só se encontraram quase no fim

da minha caminhada, mas eu me concentrei naquela profundidade de sentimentos contidos nos últimos segundos antes de ser entregue a ele.

— Eu te amo! — Meu pai beijou o meu rosto antes de se virar para o Leandro — cuida bem, dela! — ele disse e o meu noivo assentiu em resposta.

— Boa noite, caríssimos e caríssimas. Estamos aqui para celebrar o amor desse jovem casal, Heloísa Delfino Maia e Leandro Silva e Melo... — O juiz de paz iniciou o ritual da cerimônia, todavia confesso que não prestei muita atenção nas palavras dele, o meu coração batia descompassadamente.

Ainda estava nervosa e tudo que eu queria era a mão de Leandro segurando a minha, me transmitindo calma, mas ele estava com as duas dentro do bolso e o olhar fixo no juiz.

— Você está bem? — Sussurrei para meu noivo em determinado momento da cerimônia.

— Apenas nervoso — se limitou a responder.

— Eu também estou, mas estamos juntos nessa — estendi a mão esquerda e aguardei que ela fosse capturada pela sua. Ele o fez, mas senti que ele estava gelado.

Será que estava passando mal?

— Chegou o momento de os noivos trocarem os votos — o homem anunciou e estranhei, pois não havíamos preparados os votos, iríamos seguir diretamente para o “sim”.

— Acho que houve um engano, não preparamos nossos votos — tratei de corrigir baixinho.

— Teremos sim. Mas não se preocupe, farei por nós dois!

Leandro pegou o microfone e se voltou em direção aos convidados:

— Eu queria começar dizendo que não foi fácil chegar até aqui. E não estou falando apenas dos desencontros do nosso relacionamento. Eles foram muitos, é verdade. Mas não é sobre eles

que vou falar agora. A decisão mais difícil da minha vida foi vestir esse terno e estar aqui em frente aos meus amigos e familiares. Eu cogitei dezenas de vezes, enquanto aguardava a sua chegada, se não deveria ir embora. Seria menos vergonhoso para nós dois. Eu pensei em poupar você Heloísa, isso não é irônico?

— Querido, o que está acontecendo? — Indaguei buscando compreender o seu discurso confuso.

— Você vai descobrir, *querida* — a forma como ele falou a última palavra foi um chute no meu estômago, roubando por alguns segundos o ar dos meus pulmões — eu pensei em poupar você, mas você não pensou em fazer o mesmo por mim. Sabe essa mulher que vocês veem ao meu lado? Foi ela quem eu escolhi para ser a mãe dos meus filhos. Mas ela... Ela é uma completa filha da puta! — Ele bradou alto e eu dei dois passos para trás com medo da sua agressividade repentina.

— Leandro, vamos conversar em outro lugar, por favor — supliquei.

— Agora você quer conversar? — Leandro voltou o olhar em minha direção, mas eu preferia que não o tivesse feito. Pois, não foi amor e emoção que eu enxerguei no seu olhar, mas uma faísca do que poderia ser descrita como ódio, decepção ou desprezo. Ou tudo isso junto em um combo explosivo — por que não conversou comigo antes? Você estava pronta para casar comigo enquanto me traía! Quando você pretendia me contar? Depois que metade dos meus bens fossem seus?

O salão explodiu em interjeições de surpresa, burburinhos e conversas cochichadas. Meu rosto esquentou e antes que eu pudesse reagir, lágrimas emergiram dos meus olhos abundantemente.

— Acredito que vocês possam resolver isso em outro lugar — o juiz de paz buscou interferir, mas Leandro reagiu.

— Não tenho nada para dizer a Heloísa que não possa ser dito na frente de todos os presentes.

Dessa vez, a voz dele não soou amplificada pelo microfone. Ainda era assustadoramente alta, mas o objeto não estava mais em suas mãos.

— Veio defender a sua parceira de crime? — Ele indagou para Gizele que se colocou entre nós. Ela tinha roubado o microfone dele.

— Do que você está falando? — Minha amiga questionou.

— Eu não sou idiota! — Rebateu.

— Então pare de agir como se fosse um e acabe com esse show de horrores! Eu não sei que merda está passando pela sua cabeça, mas respire e converse como um homem racional.

— Homem racional? — Ele riu com sarcasmo — eu deveria me casar com ela depois de descobri a traição?

— Vamos conversar apenas eu e você, posso te explicar e...

— Eu te amava, estava disposto a tolerar os seus defeitos, as suas ausências e falhas. Mas traição? Isso é algo que não consigo passar por cima — ele transpirava e seus olhos estavam cada vez mais arregalados enquanto falava — você pretendia manter o seu amante depois de nos casarmos?

— Me perdoa... — Minha voz saiu trêmula pelo choro compulsivo que fazia todo o meu corpo tremer.

— Perdão? Você é indigna de perdão.

— Quem é você para dizer isso a ela? — Gizele interferiu novamente.

— Eu não sou a porra do cúmplice! — Rosnou — como você pode aceitar ser madrinha? Você é tão nojenta quanto ela.

— E você é um filho da puta covarde e repugnante — Gizele avançou sobre ele, mas foi contida pela segurança que eu nem sabia que estava ali perto — maldito covarde!

Eu queria sumir.

Desaparecer feito fumaça.

Sem deixar rastros para que um dia fosse achada.

Mas meus pés não obedeciam aos meus comandos e tudo que eu fazia era chorar, inerte.

— Senhoras e senhores, o casamento não vai acontecer. Mas gastamos tanto, por que não celebrar? — Leandro falou alto para ser ouvido. — Vamos brindar pelo dia que revelei a todos a mulher infiel e mentirosa que é Heloísa Delfino.

Abracei o meu próprio corpo e deixei o soluço de desespero escapar dos meus lábios.

— Minha mãe tinha razão: eu mereço alguém melhor que você! — Leandro praticamente cuspiu as últimas palavras.

Eu não conseguia identificar as vozes ou o que eles diziam ao meu redor, mas podia apostar que estavam me xingando. Ergui os olhos e encontrei diversos olhares em minha direção, mas foi o dos que eu mais amava que fez meu coração se despedaçar por inteiro. Minha mãe me fitava como se concordasse com cada palavra que Leandro acabou de dizer e a minha irmã parecia envergonhada, desviando do olhar do meu. A gota d'água foi o meu pai. Ele parecia decepcionado, fitava-me como se eu não fosse mais a sua pequena, mas sim a ovelha negra da família.

— Me desculpa — sussurrei para eles.

Ergui o vestido e, com dificuldades, dei passos trôpegos para sair daquele palco. Dessa vez, enquanto fazia o caminho inverso do altar, não foram olhares de admiração que me fitavam, mas sim de julgamento e repreensão.

— Heloísa, me espera! — Gizele gritou, mas não olhei para trás e continuei na minha busca pela saída.

— Eu preciso ficar sozinha — pedi quando ela acompanhou os meus passos.

— Você precisa de uma amiga e eu estou aqui — sentenciou — quer voltar lá e me ajudar a destruir a cara dele?

— Me leva para longe de tudo...

— O meu carro está ali— ela apontou na direção ao estacionamento e seguiu seus passos.

No que pareceu uma eternidade depois, estávamos dentro do carro nos afastando dos olhares curiosos e comentários maldosos.



Gizele não perguntou para onde eu queria ir, mas ela acertou ao não me levar de volta para casa. Tinha presentes de casamento espalhados pelo apartamento e eu não queria vê-los agora, eram a prova concreta de que o que acabou de acontecer foi real.

Na sala do apartamento dela, eu desabei por completo. O meu choro era carregado de culpa, medo e vergonha. As lágrimas que escorriam pela minha face junto com a maquiagem eram o retrato da Heloísa desmascarada. Ali, estavam exposto os meus erros, as minhas falhas, os meus medos e, principalmente, as minhas inseguranças.

Eu estava envergonhada pela minha família, pelos meus amigos e colegas de trabalho. O chefe do meu setor estava lá, como ele me veria como profissional séria depois de tudo? E minha irmã e meu cunhado que vieram do Chile para um casamento que não aconteceu?

Não sei quanto tempo passei sentada no chão, com o corpo encostado no sofá, apenas me debulhando em lágrimas. Mas não deve ter sido muitos minutos, logo Gizele me entregou um copo de água com um pequeno comprimido.

— Beba isso! A Victória disse que iria te ajudar.

— Ela deve me odiar — disse após ingerir o comprimido.

— Ela te ama. Assim como seus pais e seus amigos — ela acariciou a minha mão.

— Eu não mereço o amor deles. Não mereço a sua amizade...

— Heloísa, você não pode fazer isso com você...

— Não posso assumir os meus erros e reconhecer que sou a responsável por tudo que aconteceu?

— Você não pode deixar que as acusações de Leandro se tornem verdades. Você não é a mulher que ele pintou.

— Eu sou! — As lágrimas voltaram a molhar o meu rosto — e o pior é que ele acha que você é minha cúmplice, mas eu menti para você — respirei fundo — eu fiquei com o comandante em Nova York e não te contei. No fundo, eu sabia que era errado. Sabia que quando eu verbalizasse o que aconteceu a culpa iria me corroer então eu preferir fingir que nada aconteceu.

— Tudo bem não ter me contado, embora eu praticamente pudesse ler o que tinha feito no modo como ficou apreensiva depois do musical. Você não fez nada errado, amiga.

— Não me diga o que eu quero ouvir, Gizele...

— Sabe o que eu vejo quando olho para você agora? — Neguei com a cabeça — uma mulher foda! Você é a pessoa mais forte e determinada que conheço, capaz de sorrir em momentos difíceis. Uma profissional exemplar e talentosa, uma amiga leal e companheira, uma filha amorosa. Você é incrível Heloísa! E eu vou repetir isso até você acreditar.

— Eu não me sinto assim agora. Me sinto a Heloísa de dezesseis anos morrendo de medo de decepcionar os pais.

— Não há nenhum problema em se sentir com medo — se sentou ao meu lado no tapete — assumir a sua vulnerabilidade te torna uma mulher ainda mais corajosa. Você está segura aqui, pode chorar — pousei a cabeça no seu colo e logo as suas mãos foram aos meus cabelos, ela começou a retirar os grampos que os prendiam em um a trança lateral.

Após se livrar dos grampos, ela desfez a trança e passou a fazer cafuné na minha cabeça exatamente como a Victória fazia quando éramos crianças. O toque delicado e carinhoso fez o meu corpo relaxar e as lágrimas descenderem de maneira mais lenta.



— Bom dia, dorminhoca — Gizele abriu a porta do quarto e colocou apenas a cabeça para dentro — praticamente tive que te arrastar da sala até aqui.

— Podia ter me deixado no chão da sala — resmunguei de olhos fechados.

— Tem uma pessoa especial que veio te ver.

Meu coração acelerou com a informação. Estava me sentindo um lixo e não queria ver ninguém.

Mas porta foi totalmente aberta e, atrás dela, surgiu a minha irmã.

— Posso entrar?

— Você não deveria estar no aeroporto? Seu voo era para hoje...

— Eu não poderia voltar para o Chile sem ver você — se sentou ao meu lado na cama — como você está?

— Bem... — Menti e Victória franziu o cenho — eu vou ficar bem.

— Vai mesmo e sabe por quê? Você é uma Delfino e as mulheres Delfino não desmoronam. Elas até tropeçam, às vezes caem, mas quando se erguem são ainda mais fortes.

Eu a encarei e lembrei do seu olhar fugindo do meu ontem.

— Desculpa por tudo... — Comecei com os olhos marejando.

— Você está louca, Helô? Eu que peço desculpas por não ter defendido você. Fiquei tão assustada com aquela cena que não consegui reagir, assisti tudo como espectadora.

— Não precisa se desculpar — funguei.

— Preciso. Eu devia ter feito igual a Gizele, sou sua irmã... Não sei o que aconteceu, mas nada justifica o que aquele babaca fez humilhando você na frente dos nossos amigos e familiares.

— Ele tinha razão quando me chamou de mentirosa, Victória — as lágrimas se escorreram — no aeroporto do Chile eu conheci uma pessoa e ele me convidou para viajar. Aconteceu de ficarmos e...

Seus braços me envolveram em um abraço apertado, abraço de irmã que tem poder de curar e acalmar os corações mais despedaçados.

— Você não precisa se justificar para mim, Helô. Eu te conheço desde que você nasceu e eu sei o quanto você é incapaz de fazer mal para alguém de forma intencional.

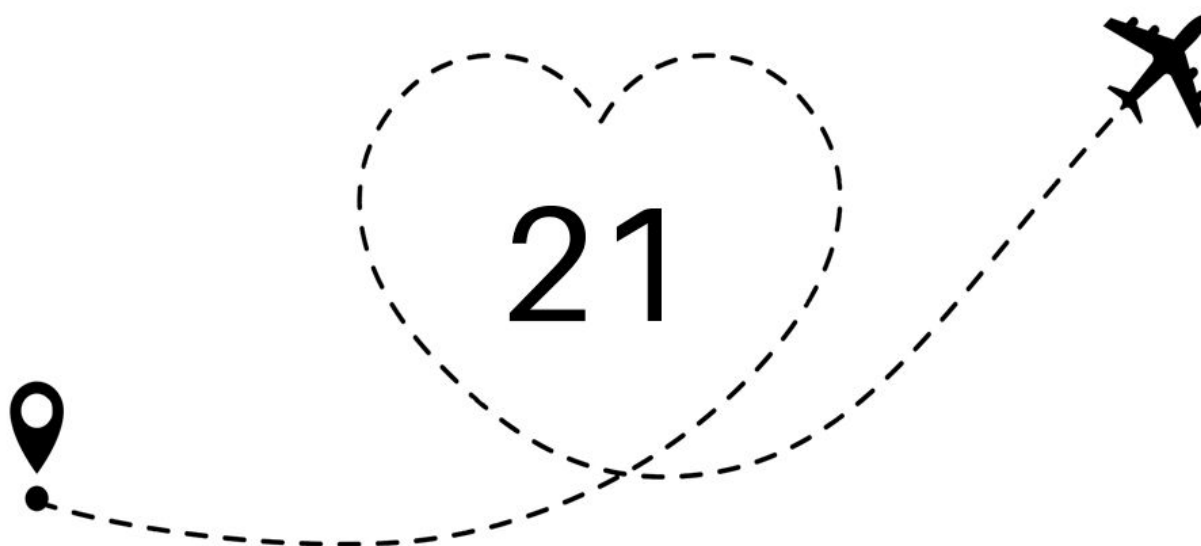
— Não importa se foi intencional ou não — expliquei — estou envergonhada por colocar vocês na situação vexatória.

— Se você continuar assim eu colocarei meu marido no voo de volta para o Chile e ficarei aqui até você parar de falar bobagem.

— Não faça isso ou me sentirei ainda pior.

— Então, erga essa cabeça e levante para comer.

Naquele momento a irmã mais velha e médica estava em ação e eu sabia que não adiantava argumentar a falta de apetite. Victória não iria embora até se certificar que estava alimentada e minimamente bem.



Helôisa

Deixar os problemas para trás e seguir em frente é garantir um futuro melhor.

Eu li isso em algum lugar e, naquele momento, era o mantra ideal para eu recitar.

Depois que Victória se certificou que eu comi e tomei banho, ela se foi. Ainda deu tempo de pegar o voo para o Chile e por isso, não acrescentei um gasto financeiro a mais na lista de “culpas da Helô”.

Minha irmã deve ter acalmado meus pais e dito que eu estava bem, graças a Deus, assim não precisei recusar a ligação deles por não ter coragem de atender. Minha melhor amiga, Gizele, olhava para mim com ternura e preocupação, mas sei que no fundo ela também sentia pena. E eu não queria que ela gastasse nenhum desses sentimentos comigo. Além disso, ficar ali faria com que ela deixasse de fazer o que tinha de fazer para ficar me paparicando.

Gizele tinha uma loja para tocar e eu uma vida para seguir. Por isso, poucas horas depois da ida da Victória, eu deixei claro que estava bem, mas preferia ir para o meu apartamento. Como era de se esperar, ela não gostou da decisão e passou uma noite comigo em casa. Gizele juntou todos os presentes no quarto de hóspedes e trancou a porta, me auxiliando no processo de seguir em frente.

Seguir em frente significava não pensar no que aconteceu.

Apagar da memória.

Ou, pelo menos, jogar o fato em um canto da mente e tentar não olhar para aquele canto escuro e triste. E para fazer isso, só focando em outra coisa. Só o trabalho poderia me ajudar nessa difícil missão. Assim, no dia seguinte, eu voltei para a clínica, para a maternidade e para as aulas de pilates.

Na clínica, pela manhã, as coisas foram mais fáceis. Meus pacientes, em sua maioria, eram crianças e elas tinham o poder de me animar com as conversas e até com as reclamações das sessões de fisioterapia. Quando eu percebi, as horas tinham voado e eu precisava encerrar as atividades naquele espaço. À noite, no estúdio de pilates, foi menos agradável. Tive que fingir não notar os cochichos das mulheres quando cheguei e depois que encerrei as aulas isso se repetiu. Era tentador demais não especular sobre a vida da professora que ia se casar, mas foi abandonada no altar. Não as culpo. Mas tentei não me senti péssima com aquilo.

Já no hospital...

— Boa tarde — cumprimentei o pessoal da recepção quando entrei.

E recebi olhares intensos e surpresos como resposta.

Sim, é a segunda-feira em que eu deveria estar em lua de mel e eu estou no trabalho, qual é o problema? Quis perguntar, mas segui quieta pelo corredor branco.

Deixei minha bolsa e meus objetos pessoais no guarda-volumes da sala reservada aos funcionários e antes que eu pudesse correr para a UTI, fui interceptada por Evelyn, uma das enfermeiras.

— Heloísa, sinto tanto por você — ela disse e eu olhei para o chão — que situação chata, não é? — Insistiu.

Situação chata? Eu ser humilhada no altar ou ser a traidora infiel que merece ser abandonada?

— Preciso começar meu turno — eu me desvencilhei e fugi da mulher.

Lavei as mãos, troquei minha roupa e coloquei o gorro nos meus cabelos presos. A roupa privativa deve ser utilizada única e exclusivamente nos setores a que se destinam, no meu caso, a UTI.

Era comum se perguntarem o que um fisioterapeuta faz em uma UTI, uma vez que o senso comum que nunca esteve no local imagina que apenas médicos e enfermeiros sejam essenciais naquele local. Ledo engano. Na Unidade de Terapia Intensiva, a fisioterapia faz parte da equipe multidisciplinar no atendimento aos pacientes críticos, sendo que sua atuação se faz presente em diversos momentos do tratamento intensivo. Vou citar um exemplo simples e bastante comum: Síndrome do Imobilismo. Se trata de um conjunto de alterações que ocorrem no indivíduo acamado por um período prolongado, ou seja, por ficar muito tempo parado a musculatura atrofia, as articulações ficam rígidas. Muitas vezes, quando saem da UTI, os pacientes não estão aptos a desenvolver as suas atividades diárias, como andar. Além disso, é preciso trabalhar a parte respiratória. Se um paciente está respirando por aparelhos, são os fisioterapeutas que ajustam a máquina para que o paciente receba exatamente a quantidade de oxigênio que ele precisa, nem mais e nem menos.

E tendo meu papel essencial naquele lugar crítico, eu me sentia satisfeita. Útil. Quase vital. Por isso, foi ali que eu me joguei de cabeça. Além das minhas seis horas diárias, que geralmente cumpria a tarde ou em dobras no fim de semana, me ofereci para os plantões de outras duas fisioterapeutas colegas. Dessa maneira, ocupei as noites que não dava aula e preenchi o primeiro final de semana pós-casamento fracassado.

Mas não consegui cumprir tudo.

Cento e vinte horas depois de voltar ao trabalho, fui obrigada a parar. Não por vontade, apenas porque tudo escureceu enquanto eu andava pelo corredor. Foi um pequeno instante em que tudo se apagou e não vi, nem senti mais nada. Quando abri os olhos, estava em uma maca sendo avaliada por Dra. Cássia, outra colega de trabalho.

— O que aconteceu? — Perguntei, confusa.

— Você desmaiou — ela respondeu enquanto avaliava meu pulso — quando foi sua última refeição?

— Ando sem fome ultimamente, mas tomei um iogurte hoje antes de vir para cá — informei.

— Antes das sete da manhã? — Me repreendeu — são quase três da tarde, Helô. E quantas horas você dormiu?

— Umas oito — menti.

— Na última noite? — Insistiu porque minhas olheiras escuras demonstravam a mentira — sente-se para eu terminar de avaliar.

— Na última semana — confessei enquanto me sentava.

— Dormiu duas horas por dia, não está se alimentando direito, está trabalhando em excesso... Me espanta que tenha demorado tanto para desmaiar de exaustão — disse, enquanto posicionava o medidor de pressão arterial no meu braço.

— Não estou exausta, Cássia. Eu amo meu trabalho, estou feliz aqui e quero continuar ajudando...

— Você não ajudará ninguém ficando doente. Vou fazer uns exames de sangue e pedir um *checkup*, mas pelo que estou vendo você perdeu peso — olhou o medidor — sua pressão está baixa.

— Estou bem — insisti.

— Veio dirigindo?

— Não, vim de Uber.

— Porque sabia que não estava bem o suficiente para dirigir, mas acha que está apta a cuidar dos outros? — Jogou a acusação em minha cara.

E aquilo doeu.

— Sou profissional e estava fazendo tudo corretamente, só não comi tão bem hoje, mas vou melhorar assim que me alimentar.

— Não estou duvidando da sua capacidade profissional, Helô. Mas você precisa descansar. Vou te dar um atestado de cinco dias e se você se recusar a cumprir e vier para cá, vou falar com o seu chefe — decretou — vou chamar a Lúcia para colher seu sangue e colocar um soro em você. Ligue para alguém vir ficar com você.

Ela não esperou por minha resposta, saiu do quarto e me deixou ali encarando a parede branca.



— Gigi — disse assim que ela atendeu o celular.

— Oi — ela respondeu imediatamente.

— Está ocupada? Pode vir aqui no hospital. Estou tomando soro e...

— O quê? — Ela gritou e quase afastei o celular da orelha para não ficar surda.

— Fique calma, estou bem.

— Não me peça para ficar calma, Heloísa.

— Só venha até o hospital que trabalho, tudo bem? Quando você chegar aqui a gente conversa. Mas eu estou bem. Respire fundo...

— Ok, estou a caminho daí — ela encerrou a ligação.

— Espero não está te atrapalhando, amiga — sussurrei para o telefone mudo.

Não demorou muito para ela invadir o quarto em que eu estava, abrindo a porta com rapidez e entrando no aposento feito um furacão.

— Você está péssima — disse assim que me viu deitada.

— Que gentil da sua parte — perturbei.

Ela se aproximou e segurou minha mão.

— O que houve, exatamente?

— Estava andando e de repente tudo ficou escuro. Quando acordei já estava aqui.

— Vantagens de trabalhar em hospital — deu de ombros — o que o médico disse?

— Fadiga — bufei — e disse que preciso descansar. Me deu atestado.

— Olhando você assim, com essa cara de zumbi, nem precisava ser médico para saber que precisa descansar. Eu devia ter passado a semana inteira com você — lamentou.

— Não devia não, eu só peguei uns plantões a mais e dormi pouco, foi isso. Em vinte e quatro horas estarei ótima.

— Heloísa, você está de atestado médico. *Vai descansar.*

— Estou bem... — Repeti mais uma vez.

— Não está. E sabe que não está. Eu sei que é difícil admitir isso depois de tudo. Sei que seguir em frente e fingir que nada aconteceu é o mais fácil... Mas veja só, você capotou, amiga. Você não está bem, mas vai ficar.

Fechei os olhos quando senti as lágrimas vindo. Respirei fundo e mudei de assunto:

— E aí, como estão as vendas na *Liber*?

Ela sorriu e puxou a poltrona para perto da cama.

— Entendi. Vamos fingir que não tem um elefante branco na sala.

— Eu te amo — disse, abrindo os olhos para encarar minha parceira de vida.

— Eu também — respondeu — deixe eu te contar o que uma sem noção fez na loja ontem...

Ela narrou uma história maluca atrás da outra. Enquanto as gotas do soro pingavam lentamente. Quando me liberaram, ela me ajudou a trocar de roupa e andar para fora daquele quarto.

Quando chegamos no corredor, meu olhar foi atraído para o homem sentado na cadeira azul.

Não era possível.

O que ele estava fazendo ali?



— Gizele? — Indaguei enquanto me aproximava da mulher agachada ao lado de um Corolla Preto. Ela se assustou com a minha voz e deixou cair o objeto pontiagudo que estava em suas mãos.

— Péssima hora para aparecer, comandante — Gizele pegou rapidamente o objeto do chão. Quando cheguei mais perto notei que o objeto era um cortador de unha em inox, ela usava a parte da lixa que vinha integrada.

— O que você está fazendo? — Meus olhos fixaram na porta do veículo onde estava rabiscado as letras “F I” de tamanhos consideráveis. Eu havia interrompido a continuação da palavra, mas seja lá o que ela pretendesse escrever não parecia uma declaração de amor ao proprietário do automóvel.

— Me vingando de um cretino! — Rosnou em resposta enquanto forçava o objeto contra a tinta do carro.

— Não sei o que ele te fez, mas acho que não vale a pena você gastar seu réu primário com esse cretino.

— Ah vale — ela deu de ombros e concentrou em escrever a próxima letra, deslizou a lixa formando um traço vertical — se eu não tivesse uma reputação a zelar, eu o atropelaria na saída, a avenida é movimentada e há pontos sem câmera de segurança, ele não descobriria...

— Pelo visto você pensou em tudo — me coloquei ao lado do carro para impedir que algum transeunte a flagrasse, assim como eu fiz.

— Eu tive muito tempo para pensar. Você vai ficar aí?

— Não tenho nada melhor para fazer — não era uma completa uma mentira.

Após assinar a renovação do contrato do aluguel do meu apartamento, para mais dois anos, eu pretendia seguir para casa, pedir comida no delivery e fazer absolutamente nada o resto da tarde. O encontro repentino com a Gizele se mostrou mais animador. Era interessante acompanhar de perto alguém infringindo a lei. Isso era o mais perto de aventura que cheguei nos últimos meses.

— A sua companhia é agradável, mas eu não posso continuar com você ao meu lado. Por mais que você não diga, sei que deve estar pensando que eu sou uma louca agachada ao lado de um carro, destruindo um bem.

— Eu não acho você uma mulher louca, embora as circunstâncias indiquem o contrário — cocei a cabeça — talvez eu te ache um tanto quanto raivosa, mas eu não diria isso para uma mulher com um objeto pontiagudo nas mãos.

Gizele gargalhou a ponto dos seus ombros sacolejarem, o que acabou provocando um desequilíbrio, fazendo com que ela tocasse o chão com seu traseiro. Estendi a mão para ela e

rapidamente e a ajudei a se erguer. De pé, ela passou a mão na calça jeans para tirar a sujeira.

— Você não deveria estar aqui — ela enxugou as lágrimas que escaparam dos seus olhos decorrência do riso descontrolado — e eu não deveria estar sorrindo enlouquecidamente, isso enfraquece o meu personagem de justiceira.

— Por que não deixa de lado esse personagem e volta a ser a mulher incrível que você é. Não sei o que o tal cretino te faz, mas honestamente? Acho que ele não merece nenhum segundo da sua atenção, ele não merece que você gaste sua energia deteriorando o carro dele.

— Comandante — suspirou — não sou a pessoa que o cretino magoou, mas alguém que eu amo muito. E eu brigo pelos que amo. acredite, eu teria acertado um chute bem nas bolas dele, mas seria uma dor momentânea. Escrever “filho da puta” no carro dele dará o recado que tanto precisa.

Não sei o que o tal cretino fez com essa pessoa, mas a determinação da Gizele e o olhar perdido enquanto falava dele me fez ponderar se a atitude dela era completamente insana. Ela não estava agredindo fisicamente o cara e tinha optado por dano material ao invés de atropelamento. Então, era mais prudente deixar que ela prosseguisse na vingança ou amanhã ela pensaria em algo mais criminoso. Além do mais, eu também comprava as brigas e dores dos que eu amo e isso não nos tornava pessoas ruins.

— Vá em frente então — incentivei — termine o que começou.

— Sério?

— Eu vou ficar aqui te dando cobertura, mas se a polícia aparecer irei dizer que estava tentando te impedir. Estamos combinados?

— Claro, comandante — sorriu.

Mas antes que ela pudesse dar continuidade as palavras que formariam o recado ao cretino, o toque do seu celular roubou sua

atenção.

— É a Helô! — Falou ao ver o nome na tela.

A simples menção ao nome dela foi o suficiente para o meu coração acelerar e todas as perguntas que eu vinha evitando fazer estavam prestes a sair da minha boca. Eu queria saber como ela estava. Saber por que não me enviou novas mensagens. Saber por que me deu migalhas de esperanças para sair mais uma vez da minha vida. Todavia, não fiz nenhuma pergunta pelo contrário fingi desinteresse a sua ligação.

— Oi — Gizele disse assim que atendeu — o quê? Não me peça para ficar alma, Heloísa. — Não sei qual era o assunto que elas falavam, mas parecia algo estranho pela expressão da Gizele — ok, estou a caminho daí.

— Você tem como me dar uma carona? — Voltou-se para mim — no caminho eu te explico o que aconteceu.

— Claro. Meu carro está ali na frente — indiquei o caminho e ela seguiu meus passos.

Gizele não cumpriu a sua promessa durante o trajeto até o endereço informado, o hospital da zona norte de São Paulo, mas eu não a pressionei. Ela fez algumas ligações durante o caminho, falou sobre pagamento de fornecedores, solicitou uma barca de comida japonesa para o endereço de sempre e despejou uma série de palavrões para alguém do outro lado da linha.

Assim que estacionei o carro, em uma das vagas de visitantes do hospital, ela logo desatou o cinto de segurança e se preparou para descer rapidamente. Mas a impedi antes que me deixasse sem nenhuma explicação.

— Aconteceu alguma coisa com a Heloísa?

— Desculpa, eu sei que prometi te explicar, mas...

— Me diga apenas se ela está bem.

— Ela está — respirei aliviado — ela teve um pequeno mal estar no trabalho e me ligou para não ter que preocupar os pais.

— Espero que ela fique bem.

— Eu também...— Parecia que tinha algo errado acontecendo, a forma como ela falou, era como se houvesse pesar na sua voz — comandante, obrigada pela carona.

— É sempre um prazer ser o responsável pelo seu trajeto — sorri.

— Murilo — ela chamou pelo meu nome antes de fechar a porta do carro — você poderia me dar o seu número de telefone? Acabei excluindo depois da viagem — justificou — é que talvez precise de você para ajudar uma amiga — estendeu seu aparelho para mim.

— Não sei se essa amiga quer uma ajuda minha — ponderei — mas de toda forma esse é o meu número — digitei os números no seu celular e dei um toque para o meu antes de devolver.

— Até breve, comandante.

— Até Gizele.

Dei partida no carro, mas não saí do lugar.

Eu deveria seguir o meu caminho, mas desde que você apareceu, Heloísa, eu não consigo seguir adiante. E aqui estou mais uma vez desviando a minha rota para saber se você está bem, querendo ocupar um lugar que não é meu. Mas que eu poderia fingir que era por alguns minutos.

Contrariando toda a minha racionalidade, saí do carro e segui para a recepção do hospital. Eu esperaria pela saída da Gizele com notícias e depois iria embora.

Cinquenta e oito minutos depois, sim eu estava contando os minutos, ela apareceu no corredor seguido por Heloísa. Ela usava calça e camiseta branca, os cabelos presos em um coque e era notável a ausência de brincos ou qualquer adereço ao corpo. Trazia manchas marrom ao redor dos olhos, daquelas que aparecem quando ficamos muito tempo sem dormir, e o nariz vermelho como se estivesse passado as últimas horas chorando.

Ainda assim, ela continuava linda. Exatamente como a lembrança que eu trazia em minha memória.

— O que você está fazendo aqui? — Ela indagou quando me coloquei de pé.

— Eu queria saber se você estava bem...

— Quem te contou sobre... — não completou e se virou para a amiga — Gizele!

— Ele foi a minha carona até o hospital — justificou.

— Por que ele seria a sua carona?

— A história é longa, mas envolve um Corolla Preto — ela disse pausadamente como se para minimizar o impacto da frase.

— Puta que pariu! — O palavrão soou como um raio na recepção silenciosa do ambiente.

— Acho melhor continuarmos essa conversa em outro lugar — Gizele sugeriu e uma Heloísa mortificada aceitou.

— Você não fez o que acho que fez. — Heloísa disse assim que estávamos do lado de fora do hospital.

— Depende do que você acha que ela fez. Ela estava cogitando atropelamento — tentei quebrar o clima com o tom brincalhão.

— Comandante, achei que tivéssemos um segredo — Gizele sorriu.

— Eu fui claro nas minhas condições... Não conte comigo para esconder o corpo — sorrimos, mas não conseguimos fazer Heloísa sorrir, ela parecia triste e irritada.

— Vocês dois parem de agir como se fossem amigos de longa data — bradou — parem de agir como se eu não fosse o problema — as lágrimas molharam a sua face — eu estava seguindo em frente, concentrada no meu trabalho e agora estou com uma droga de um atestado que me impede de fazer o que eu mais amo na vida por cinco dias! Ele conseguiu arrancar até isso de mim! — A falha na voz antecedeu o choro compulsivo.

Gizele segurou o seu corpo antes que ela se chocasse contra o chão e a envolveu em um abraço apertado. As duas amigas choraram abraçadas por algo que eu não sabia do que se tratava, mas poderia apostar que era algo que envolvia o tal cretino.

— Quem é ele? — Verbalizei o pensamento.

— Não importa — Heloísa respondeu e enxugou as lágrimas — eu quero apenas ir para casa.

— Vamos, eu vou levar vocês! — Me ofereci e elas não protestaram.

Heloísa e Gizele seguiram mudas no banco de trás até o apartamento.

Assim que parei em frente ao condomínio, Heloísa saltou do carro rapidamente e iniciou a sua fuga sem ao menos olhar para trás. Gizele agradeceu mais uma vez e desceu do carro para acompanhar a amiga.

— Quem é ele, Gizele? — Tornei a repetir a pergunta.

— É uma história complicada. Mas um dia ela te explicará com calma... —desconversou.

— É o tal cretino, não é?

— É... — Limitou-se a responder.

— O que ele fez com a Heloísa? É o chefe dela, algum ex, o marido? Não vai embora e me deixe sem respostas, por favor — implorei.

— Era o noivo da Heloísa.

— Noivo? Eles não se casaram?

— A cerimônia não aconteceu — seus olhos marejaram — ele a deixou no altar.

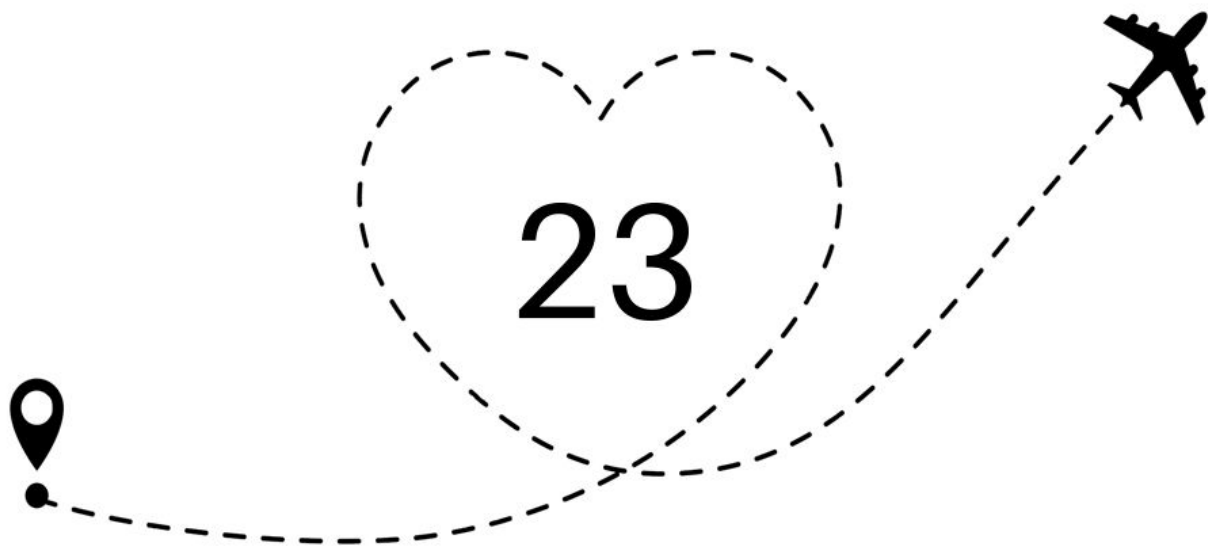
— Filho da puta! — Bati com força contra o volante e ela se assustou.

— Agora você entende o motivo de eu parecer uma louca destruindo aquele carro? — Assenti com a cabeça — eu preciso

subir, a Helô precisa de mim.

— Cuida dela!

— Pode deixar.



Helôisa

Era difícil seguir em frente.

Ainda mais quando estavam me impedindo de fazer a única coisa capaz de me deixar satisfeita e plenamente concentrada em algo bom. Um atestado de cinco dias era a pior coisa que poderia me acontecer nesse momento.

Não que dar de cara com o Murilo e pegar carona ao sair do hospital tenha sido a melhor coisa dos últimos dias.

— Não acredito que você pediu carona ao Murilo, Gizele! — Esbravejei quando abri a porta do apartamento.

— Foi bem por acaso, Helô — disse simplesmente.

Deixei meu sapato de trabalho no hospital embaixo do aparador e a bolsa e as chaves sobre ele, antes de entrar de vez na sala de estar.

— Pode continuar calçada, Gi — disse ao ver que ela repetia meus gestos — sempre tiro porque pode estar contaminado do hospital.

Sentei-me no sofá marrom de três lugares e dobrei as pernas observando o tapete cinza no chão. A decoração do meu apartamento me deixava confortável. Eu escolhi um rack baixo, de madeira marrom, para a TV de 50 polegadas e para os meus retratos. O apartamento em que eu ia morar com o Leandro era três vezes maior que o meu. Ele o havia comprado há algum tempo e havia reformado e mobiliado sem pedir a minha ajuda. Será que eu me sentiria à vontade na minha casa nova ou ia me sentir como uma mera visitante?

Gizele se sentou ao meu lado no sofá, fazendo com que eu me concentrasse nela.

— Você vandalizou o carro do Leandro? — Perguntei de uma vez.

— Ele vai gastar menos com os reparos do que eu gostaria... — deu de ombros.

— Como assim?

— Não consegui escrever “filho da puta”, mal terminei a letra l quando você me ligou e aí tive que correr para o hospital — justificou.

— Não quero nem imaginar a cara que ele fará quando ver... — Fechei os olhos e quase gemi de frustração.

— Pois, eu imagino. Dentro de uma camisa engomadinha, ele vai ficando bem vermelho. Quase roxo... Ao ponto de a cabeça quase explodir de raiva, como uma bola de assopro cheia demais.

Eu ri baixinho quando imaginei a cena que ela descreveu. E, um segundo depois, a risada virou uma gargalhada alta. Meus olhos encheram de lágrimas e minha barriga doeu quando não consegui parar de rir.

— Você é maluca — gargalhou — você não existe, sério Gizele.

— Eu fiquei quase assim naquele circo que ele armou no casamento de vocês...

Eu fungei, enxugando as lágrimas.

— Eu evitei lembrar daquela cena — confessei.

— Imagino, amiga. Ele não podia fazer aquilo... Leandro foi mau e cruel.

— Ele achava que tinha razão, Gigi.

— Não tem justificativa. Ele devia ter conversado com você a sós, você nem o traiu, porra. Vocês tinham dado um tempo!

Pensei a respeito. Quando eu viajei para o Chile nós tínhamos nos desentendido, logo quando fiquei com o Murilo estava em um vácuo no nosso relacionamento. Apesar disso, eu me sentia culpada.

Tinha me deixado levar pelo momento e paguei com as consequências.

— Como ele soube do comandante? — Gizele perguntou depois de alguns segundos.

— Não pensei a respeito... — Confessei.

— Só estávamos nós três em Nova York, você postou ou tem em seu celular alguma foto comprometedora?

— Não! Nunca tirei foto com o Murilo e da viagem só tem fotos nossa — esclareci. — Ele passou a noite anterior a cerimônia aqui e parecia tudo bem...

— Vocês transaram?

— Sim, mas o que tem a ver?

— Curiosidade — riu — foi bom?

— Normal — respondi.

— Ainda bem que não se casou com alguém que faz sexo normal uma noite antes — riu alto — tem que coisas que a gente não perde, se livra.

— Cala a boca, Gizele.

— Você sabe que estou certa, só gosta de parecer boazinha demais para admitir isso — ela jogou uma almofada sobre mim. — E o sexo com o comandante? Te levou para as nuvens? — Questionou erguendo as sobrancelhas.

— Gizele...

— Vou ter que testar para saber?

— Provavelmente é o seu tipo de sexo.

— Opa, sexo quente e em todos os lugares... Quero detalhes, Heloísa.

— Outro dia — desconversei — estou realmente querendo entender como o Leandro soube.

— Cadê o seu celular? Pode ter alguma pista nele.

Me levantei e andei até o aparador próximo a porta e procurei o aparelho que ultimamente não tinha minha atenção.

Quando me joguei no sofá novamente, vasculhei a minha galeria de fotos buscando algo que pudesse me ajudar a entender, mas não havia nada. Olhei o histórico de ligações feitas e recebidas, mas também não tinha nenhuma informação relevante. Por fim, abri o WhatsApp que venho renegando desde o fatídico dia e fui rolando o dedo na tela até a data da cerimônia.

— Tem mensagem do Murilo no dia do casamento — disse, surpresa, antes de clicar sobre a conversa.

— Ai, meu Deus — Gizele chegou mais perto de mim para que pudesse ver o celular. — Você falou com ele no dia?

— Não. Não falava com o Murilo desde que desembarcamos da nossa viagem.

— Puta merda, Helô. Leandro mandou mensagem como se fosse você... — deduziu — mas não tem nada demais aí. Apenas implícitos — concluiu ao terminar de ler.

— Ele me humilhou na frente de todo mundo com base em uma dedução? — Balbuciei descrente. — Era só ter me perguntado assim que viu o contato do Murilo...

— E você teria explicado que tinham dado um tempo quando rolou. E se ele não entendesse e desse uma de machista possessivo que se fodesse. Mas ele preferiu a humilhação pública de propósito!

— Meu Deus, não sei nem o que pensar. Eu errei em não contar, mas ele poderia ter me questionado...

— Você não errou porque não devia satisfação. Mas poderia ter contado sim, porque queria. Se bem que duvido muito que ele fosse aceitar de boa que você tivesse se envolvido com alguém além dele.

— Ai, Gigi... — lamentei, com os olhos cheios de lágrimas.

— Quer que eu vá terminar a mensagem no carro daquele imbecil do caralho?

As lágrimas escorreram e o meu sorriso apareceu ao mesmo tempo. Como não amar minha amiga?



Gizele pediu o jantar e passou a noite comigo. Nós vimos um filme de ação para não correr o risco de nos debulharmos em lágrimas e depois dividimos a cama do meu quarto. Pela manhã, preparou café e me mimou com altas doses de açúcar e gordura. Ela também garantiu que eu almoçasse e só depois disso informou que precisaria ir até o próprio apartamento e me chamou para acompanhá-la. Eu recusei. Disse que precisaria em lugar naquela tarde.

— Oi — ele abriu a porta e me olhou.

O tipo de olhar que se assemelha a uma tomografia computadorizada, avaliando cuidadosa e milimetricamente cada parte do meu ser. E pela primeira vez em anos, eu temi um diagnóstico.

— Não vai me convidar para entrar?

— Você não precisa ser convidada. A casa é sua, filha — meu pai abriu espaço para que eu entrasse.

— A mamãe está em casa? — Questionei, diante do silêncio do ambiente completamente o oposto quando ela estava.

— Ela saiu para acompanhar tia Irandir ao médico.

— Tia Iran está bem?

— Sim, é mais um exame de rotina que os velhos precisam fazer. E você?

— Eu ainda não cheguei a essa fase.

— Engraçadinha — sorriu — estava procurando uma foto minha com os meus colegas de faculdade e achei o álbum de nascimento da sua irmã. Você quer ver?

— Claro — caminhamos até o seu escritório e não encontrei a habitual organização do espaço, mas sim a desordem de caixas de papelão espalhadas pelo piso. Afastamos algumas caixas e nos sentamos entre elas.

— Na minha época não tinha essa super produção que é o registro do nascimento de um bebê, mas eu tinha uma *polaroide* e isso foi mais que suficiente para registrar o nascimento das minhas meninas — meu pai me entregou um álbum com fotos da Victória pequena e eu sorri de volta para o bebê sorridente das imagens.

— Nós sempre quisemos um bebê e quando descobrimos que a sua mãe estava grávida ficamos maravilhados. O filho era o que faltava para consolidar a nossa família — ele parecia perdido nos próprios pensamentos — no segundo trimestre da gravidez, sua mãe apresentou um sangramento e o nosso mundo desmoronou. Foi um balde de água gelada na nossa felicidade e daquele dia em diante passamos todo o tempo ansiosos e temerosos que a gestação não fosse concluída. Quando a sua irmã nasceu nós dois choramos mais que ela própria no nascimento — sorriu — nosso bebê era uma menina saudável, forte e corajosa e a ela demos o nome de Victória.

Eu cresci ouvindo que o nome da minha irmã era muito significativo e que representava muito a sua personalidade.

— Essa foto aqui foi um flagra dela observando você dormir...

Eu encarei a imagem. Nela, Victória estava na pontinha dos pés, me fitando com um sorriso no rosto. Eu estava no centro da cama de casal parecendo um pacotinho cor de rosa, envolto em inúmeras camadas de roupas e manta.

— Ela olhava para você e repetia: ela é tão lindinha, mas tão lindinha que parece um pacotinho de jujubas. Você sabe que jujuba era o maior elogio que alguém pode receber da Victória, né? — Sorri porque era verdade, ela sempre foi viciada em jujubas, em especial nas vermelhas. — O nascimento da Victória nos apresentou ao amor incondicional, mas foi a sua chegada que nos deu o verdadeiro significado de família.

As lágrimas de afeto inundou os meus olhos, escorrendo pelo meu rosto devagar.

— Se você chorar, seu velho pai também vai — ele enxugou rapidamente a lágrima solitária que escapou.

— Pai — segurei a sua mão — eu sinto que decepcionei o senhor tanto...

— Você nunca me decepcionou, amor — acariciou a minha mão sobre a sua.

— Eu deveria ser médica como o senhor, deveria seguir os passos da Victória e ter prestado vestibular para medicina. Era o que todos esperavam que eu fizesse.

— Fazer o que todos esperavam não é coisa que um Delfino faria, principalmente Heloísa Delfino, a menina de personalidade forte e coração gigante.

— Você só fala isso por que é o meu pai, mas... — Ele não me deixou concluir.

— Eu falo isso porque te amo e me orgulho muito de ser pai de uma mulher que traça o seu próprio destino. Tenho orgulho e acho que eu deveria ter verbalizado isso mais vezes para você e não apenas para os meus amigos. Você é referência na sua área de trabalho, é uma filha amorosa e uma irmã parceira. Você faz jus ao seu nome: combatente gloriosa. Não há uma batalha que você tenha iniciado sem sair vitoriosa.

— Eu queria ser essa Heloísa, mas eu perdi a minha última batalha de forma vergonhosa — as cenas se projetaram mais uma vez na minha mente — sinto muito pelo que aconteceu no meu casamento — minha voz saiu entrecortada pelo choro — tudo aquilo deveria apenas me atingir e não respingar em vocês. Se eu pudesse eu faria tudo diferente, alteraria qualquer atitude e ação para não os decepcionar.

— Não se preocupe com isso...

— E isso me dói tanto, sabe? — Funguei — me casar com o Leandro era o que todos esperavam que eu fizesse e no fim, foi

aquele desastre.

— Sabe o que me dói? Não ter defendido você. Deixei você lá ouvindo aquelas coisas horríveis e isso ainda martela na minha cabeça. Eu sou seu pai, deveria protegê-la, deveria ter tomado as suas dores...

— Você estava decepcionado com tudo que descobriu.

— Não foi isso. Eu estava assustado por não ter visto o verdadeiro Leandro. Ele tinha todo o direito de não querer se casar com você, mas preferiu transformar a dor dele em um espetáculo. E isso é imperdoável.

— Preciso que saiba que eu deveria ter sido franca com o Leandro — confessei envergonhada — na viagem eu fiquei com uma pessoa e deveria ter dito a verdade como o senhor sempre me ensinou.

— Sabe o que também eu ensinei nesses anos e você esqueceu? — Eu temi pela resposta, já era doloroso demais saber que meu pai sofreu pelas minhas escolhas — a paz de espírito de ser quem você é. Eu nunca quis que as minhas filhas fossem médicas, apenas queria que elas fossem felizes. Queria que vocês fossem felizes independentemente da profissão, estado civil ou social. E achei que tinha propiciado isso a vocês — as lágrimas dele já desciam de maneira frequente — mas eu sinto que falhei como pai quando constato que você está presa aos que outros pensam de você.

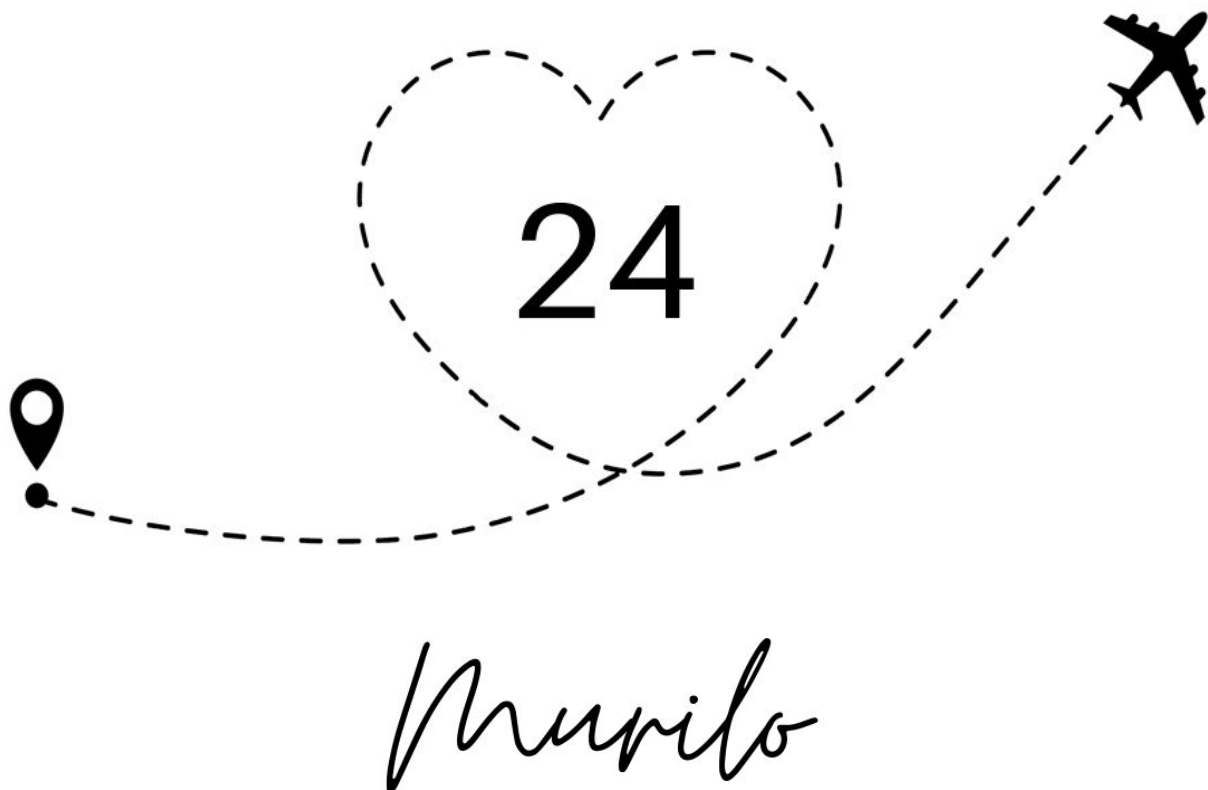
— Você é o melhor pai de todo o universo — verbalizei o que sempre escrevi nos cartões de dia dos pais da escola — você sempre priorizou a família e o seu amor nunca foi uma dúvida para nós. Eu te amo e acho que deveria te dizer mais vezes para recordá-lo do quanto eu sou feliz por ter você em minha vida.

— Eu também te amo, minha filha.

Abraçados, choramos juntos. Nos meus braços do meu pai, encontrei a verdadeira força que eu precisava para prosseguir a minha vida. Eu ainda tinha muitos medos e dúvidas, mas o abraço

dele me recordou que eu não sou a pior pessoa do mundo e que eu merecia ser feliz.

Essa felicidade estava perdida em algum lugar dentro de mim, mas eu iria encontrá-la.



A cerimônia não aconteceu, ele a deixou no altar.

Fiquei surpreso ao ouvir aquelas palavras da boca da Gizele. Talvez, se fosse o contrário e Heloísa o tivesse deixado, fosse mais fácil de acreditar. Aquela mensagem que ela mandou, me perguntando se ia ao seu casamento e se eu a encontraria depois meio que poderia ser a explicação: ela teria se apaixonado por mim e havia desistido de se casar.

Mas ele o abandonar no altar? Por qual motivo? Não sabia a resposta, mas esperava não ter atrapalhado as coisas para ela. Heloísa estava muito pálida quando teve alta do hospital e depois de descobrir o motivo, uma preocupação pareceu se infiltrar em minha mente.

Peguei o celular algumas vezes durante a noite, pensando em enviar uma mensagem para ela. Mas não sabia se Heloísa gostaria de recebê-la. Por isso, um dia depois de ter novamente o

número da sua melhor amiga, era para a Gizele que eu precisaria recorrer.

Era quase três da tarde quando, por fim, apertei no contato para fazer a ligação.

— Oi comandante, estava mesmo pensado em você! — Gizele me surpreendeu com a animação ao atender no primeiro toque.

— Estava?

— Sim, estou na loja, mas vou precisar fazer uma viagem de última hora. Você já pensou em táxi aéreo? Eu seria a sua cliente número um.

— Se um dia eu quisesse alterar o meu plano de carreira, pensarei com carinho na sua proposta — sorri — mas enquanto isso posso te indicar um amigo.

— Por acaso esse substituto é gato como você?

Paralisei com o rumo da conversa, aquilo não podia se transformar em um flerte. E achei que estivesse claro para ambos.

— Comandante? — Ela chamou diante do meu silêncio.

— Gizele... — Comecei sem saber como dizer aquilo sem soar arrogante.

— Quando um homem pronuncia o meu nome e depois dá um suspiro, duas possibilidades se formam na minha mente: ou ele vai dizer que o problema é *e/le* e não eu ou vai se declarar, dizendo que me acha uma mulher incrível, e está perdidamente apaixonado por mim. E, honestamente comandante, espero que não escolha a segunda opção. Caso contrário, precisarei pichar a sua aeronave com um grande “cafajeste”!

— Graças a Deus! — Sorri aliviado — Eu estava achando que...

— Eu estava dando em cima de você? — Completou sorrindo — Murilo, seu jeito de bom moço aliado a áurea de piloto sexy é uma explosão magnífica, mas não é o meu tipo. Ainda, eu

conheço uma amiga que se encaixa perfeitamente no seu perfil... — Insinuou.

— É sobre essa sua amiga a minha ligação — disse, por fim.

— Jura? E eu achando que era para elogiar as minhas unhas de gel — sorriu — do que precisa?

— Não consigo esquecer o que me disse ontem, sobre o casamento dela e tudo o mais. Ela me mandou mensagem no dia e isso não sai da minha cabeça. Amanhã eu saio em viagem, mas ao contrário das outras vezes não é a felicidade em realizar o meu trabalho que antecede o meu voo, mas sim a angústia — confessei — é algo que não sei traduzir.

— Que discurso fervoroso...

— Estou sendo sincero. Eu teria ligado para ela, mas creio que não me atenderia. A única coisa que sei é que preciso falar com a Heloísa, mesmo que seja por um minuto para saber se ela está bem.

— Entendo...

— Isso é um sim? Se não for o suficiente posso recorrer a parte em que digo que o destino de centenas de passageiros está em suas mãos, pois elas terão um voo longo sob o comando de um piloto preocupado e disperso...

— Ora, ora... Temos um chantagista — ela gargalhou — o que você quer que eu faça?

— Eu não cheguei a pensar nessa parte — confessei — achei que não conseguiria te convencer tão facilmente.

— Está me chamando de fácil, comandante?

— Pelo contrário, estou te chamando de amiga leal e protetora. Eu estava convencido que você me dispensaria com um “lamento Murilo, mas não posso fazer isso”.

— Esse foi o meu primeiro pensamento — ela sorriu — mas quero que a Helô fique bem e você pode ser um aliado nessa tarefa.

— Então, o que vamos fazer? — Perguntei animado.

— Você precisa seguir as minhas orientações — alertou.

— Tudo que você disser, Gizele!

— Como é bom ouvir essas palavras fora do local de trabalho — sorri — vou para a casa dela daqui há um minuto, você pode me encontrar lá?

— Claro!

— Então veja o que pensei... — Ela começou a discorrer sobre a sua ideia.

Escutei com atenção enquanto colocava a chamada em viva-voz para substituir a bermuda por uma calça jeans. O plano era simples e a prova de falhas, Heloísa aguardava Gizele em seu apartamento e quando ela abrisse a porta para receber a amiga seria eu quem estaria do outro lado. Para isso acontecer, eu seria o acompanhante da Gizele na identificação da portaria e, uma vez dentro do prédio, ela me guiaria até o apartamento da amiga.

— Se você não voltar em quinze minutos, entenderei que está tudo bem e irei embora — assenti — não faça eu me arrepender, comandante — ela disse quando as portas do elevador se abriram — o apartamento é aquele ali.

— Pode deixar — sorri — ah, obrigada por isso aqui — levantei a caixa de bombons que Gizele comprou para que eu entregasse — espero que esses chocolates sejam o passaporte de entrada.

— Eu também espero ou terei que providenciar algo bem mais caro para que a minha própria entrada seja liberada. Agora toque essa campainha que estou nervosa... — a porta do elevador se fechou.

Passei alguns segundos encarando a porta antes de tocar a campainha. Mal deu tempo de respirar fundo quando a porta se abriu.

— Que bom que você chegou, eu... — Seu semblante alterou de alegria para surpresa.

— Eu trouxe chocolate! — Estendi a caixa na sua direção e ela ponderou se deveria ou não pegar — são da Gizele, ela disse que são os seus favoritos.

— O que mais aquela traíra disse?

— Ela não é traíra, eu sou o culpado... — Observei-a em seu pijama composto por uma calça com estampa em xadrez vermelho e a camiseta cinza. Os cabelos estavam amarrados em um coque desleixado no alto da cabeça e as olheiras ainda estavam ali, rodeando os olhos de quem chorou há pouco tempo.

— Por que você está aqui e não a Gizele?

— Eu precisava saber como você está...

— Bem, se era isso, já viu que estou sobrevivendo — tentou fechar a porta, mas o meu pé direito impediu que conseguisse.

— Heloísa, eu queria falar sobre o que aconteceu...

— Não temos nada para conversar, Murilo.

— Por favor, só me escuta... — empurrei a porta até poder enxergar seu rosto.

— Esse não é um dos meus melhores dias. Estou exausta emocional, física e psicologicamente — sua expressão era de derrota.

— Desculpa, eu não deveria ter insistido. Mas eu estava tentando entender as mensagens...

— Eu não as enviei — admitiu — fiquei tão surpresa quanto você quando descobri sobre elas.

— Mas eram do seu número... — me certifiquei.

— O Leandro deve ter enviado.

— Sinto muito...

— Não, não foi sua culpa. Ele entendeu tudo errado e não me deu a chance de explicar.

— Eu preferia que tivesse sido você a enviar as mensagens... Quis acreditar que você também pensou em mim nos últimos

meses.

— Murilo... — Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Amanhã farei o mesmo roteiro da nossa viagem. Por que não me acompanha? Sei que está de atestado...

— Eu não quero voltar a página e repeti o mesmo erro.

— Aquilo não foi um erro para mim.

— Murilo, por favor vá embora.

— Eu vou, mas se mudar de ideia amanhã estarei no aeroporto te aguardando — assisti ela fechar a porta sem nenhuma confirmação.

— E aí? — Gizele indagou curiosa quando me juntei a ela na recepção do condomínio.

— Ela adorou os chocolates — dei de ombros.

— Não desista, ela vale a pena.

— É por isso que estou aqui — sorri — agora eu preciso ir.

— Até breve, comandante.



Heloísa não respondeu a mensagem que enviei com o bilhete eletrônico da viagem, ainda assim eu criei expectativa queria que ela estaria no meu voo. Foi com decepção, portanto, que recebi do Erick – integrante da tripulação – a informação de que a poltrona 21 A estava vazia e que o embarque havia sido encerrado. A partir daquele momento, joguei a informação para o compartimento de “assuntos a não serem pensados” e concentrei toda a minha atenção na decolagem.

O voo foi tranquilo, sem turbulências ou transtornos com a tripulação. Sim, eles são raros, mas existem. Há alguns dias, um casal de namorados iniciou uma discussão sobre um motivo aleatório e coube a comissária de bordo intervir na situação e trocá-los de poltrona para garantir o bem-estar dos demais passageiros. Dessa vez, somente o meu conflito interno aconteceu, mas nada que afetasse a viagem.

Aguardava as instruções da minha empresa aérea para iniciar o desembarque, quando fui informado que a escada da porta traseira apresentou algumas irregularidades e, para garantir a segurança, o desembarque aconteceria somente pela porta dianteira.

— Ótimo! Vou acompanhar o desembarque — me apeguei ao último fio de esperança de que Heloísa estivesse no voo. Ela poderia ter remarcado o assento ou trocado de lugar com alguém e toda a sensação de perda que tive durante o voo possa ter sido apenas uma brincadeira do destino.

— Ótimo? — Hugo, o copiloto, franziu o cenho — Você entendeu o que eles disseram? Todo mundo desembarcando por uma única porta. Isso vai nos atrasar por, no mínimo, trinta minutos — olhou para o relógio de pulso.

— Eu não tenho compromisso para as próximas horas, você tem? — Ele bufou irritado e retirou o celular do bolso, eu ri — vou informar aos passageiros:

Senhoras e senhores, é o comandante Salles novamente. Por problemas técnicos com a escada traseira, o desembarque será feito exclusivamente porta dianteira da aeronave. A Travel Airlines lamenta o ocorrido e informa que tal detalhe nunca colocou nosso voo em risco. Obrigado por viajar conosco.

Comunicado feito, me levantei imediatamente para acompanhar o desembarque. O Hugo não mentiu quando falou sobre o tempo que levaria o desembarque de cerca de 300 passageiros por uma única porta. Uma a uma, as pessoas seguiram pelo corredor enquanto reversávamos em falar o discurso da companhia aérea sobre o prazer de tê-los no nosso voo e toda aquelas frases costumeiras. Quando a última passageira, uma mulher com cara de poucos amigos, se aproximou foi a minha vez de falar:

— Bem-vinda a solo mexicano e tenha uma boa estadia!

— Depois desse demora, duvido muito... — Ela respondeu entredentes e seguiu pisando firme.

— Acho que alguém precisa de uma boa noite de sono — Erick, que acompanhou o desembarque comigo, falou quando a mulher saiu do nosso campo de visão.

— Eu concordo — respondi sentindo todos os meus músculos doerem.

— Dormir é a única coisa que eu quero fazer em Cancún — Nara, a nova comissária, informou animada e se inclinou em minha direção — é a minha primeira vez aqui. Alguma sugestão do que fazer, comandante?

— Nada além do que os guias dizem, qualquer coisa em Cancún é único.

— Ainda mais se for feito em boa companhia — ela mordeu os lábios em um sinal descarado das suas intenções.

— Precisamos iniciar a conferência da aeronave e dar prosseguimento as outras funções.... — Erick me salvou da situação delicada.

— Meu quarto é o 220! — Ela sussurrou antes de seguir os passos dos colegas.



O clima estava mais frio do que de costume. Esse detalhe, me fez questionar a minha escolha por sandálias de dedo ao invés de tênis. Mas eu não pretendia me exercitar e depois de ter meus dedos acomodados em um sapato social por mais de nove horas, eles mereciam descanso. Eu só não contava com o vento frio enviando uma onda de arrepios por todo o meu corpo.

Mas isso não me impediu de, mais uma vez, contemplar o nascer do sol. Assisti em silêncio, o segundo em que o astro rei ocupou o seu lugar de destaque e, inevitavelmente, pensei nela. E em toda a explosão de sentimentos que o nosso primeiro beijo desencadeou... Seus lábios contra os meus, sua mão dentro do meu moletom e todo o prazer dos nossos corpos explorando um ao outro. Com meus pensamentos, o clima pareceu esquentar instantaneamente.

Levantei antes que todo aquele calor se transforma em uma ereção. Com passos lentos, segui pela extensa faixa de areia molhada onde as pequenas ondas batiam antes de retornar para o mar. A sensação da água fria tocando os meus pés fez com que meus pensamentos se concentrassem no agora. Contemplei aquele céu incrível enquanto caminhava até que meu pé esquerdou afundou alguns centímetros areia adentro.

— Porra! — Xinguei, quando senti a dor irradiar por minha perna.

Tirei a sandália dos pés e as segurei, dando meia volta. Aquilo foi apenas uma virada no meu pé, que afundou rápido demais na areia molhada. Mas não sentia mais vontade de percorrer um longo percurso com dor.

Quando cheguei ao hotel meu pé esquerdo me deixava desconfortável ao pisar, mas nada que um pouco de água gelada e descanso resolvesse. Ao menos foi o que acreditei. No meio da tarde, um inchaço surgiu no meu tornozelo. Meu pé parecia uma massa de pão inchado e quando eu pisei no chão para dar doze passos até o banheiro a dor se intensificou e foi então que cogitei a hipótese de procurar atendimento médico. Lembrei que a esposa do Erick era ortopedista e enviei uma foto do estado atual do meu para ele, para que encaminhasse e ela me dissesse se deveria repousar ali mesmo ou se deveria procurar assistência.

A resposta da esposa do meu amigo comissário foi um áudio que recomendava e deixava claro que era preciso ser avaliado por um profissional porque, provavelmente, era preciso fazer um raio-x para ver se era uma simples entorse ou algo mais grave.

E assim eu fiz. Acompanhado de Erick, procuramos uma emergência médica e assim que entrei, apoiado pelo meu amigo, me trouxeram uma cadeira de rodas. Fui guiado até uma sala e auxiliado a subir em uma maca forrada com papel toalha descartável.

Tentei não gemer quando o médico tocou meu tornozelo. Mas não sei se consegui. Ele foi cuidadoso, mas era preciso avaliar o caso e por isso ele o movimentava e fazia perguntas. Aguardei firme até que passei para a sala de exames. Cerca de quarenta minutos depois, eu aguardava na maca o retorno do médico de plantão com o resultado.

— *Di que puedo correr mañana* — fiz piada perguntando se já poderia correr no dia seguinte.

— A boa notícia é que apenas uma entorse no grau 1, foi apenas um estiramento muscular — respirei aliviado quando traduzi o que ele falou em espanhol — mas precisa de repouso pelas próximas 48 horas para não forçar a região e aumentar a gravidade.

— Tenho um voo amanhã de manhã, sou piloto — informei.

— Não poderá ir, senhor. Alguém precisará assumir sua função — o médico foi enfático — precisará de atestado?

— Não tem outra solução? Algum remédio? — Insisti.

— Senhor Salles — consultou o meu nome no prontuário — hoje o seu tornozelo tem um inchaço do tamanho de uma laranja média. Amanhã, com o uso de anti-inflamatórios, aliado ao gelo e repouso total, o inchaço reduzirá para o tamanho de uma bolinha de ping pong. Mas ainda assim você continuará com um incomodo na região, duvido até que consiga calçar sapato fechado — explicou didaticamente.

— Isso significa que não poderei trabalhar pelos próximos dois dias? — Perguntei na esperança de fazer a viagem de retorno de Nova York para o Brasil.

— Quatro dias, no mínimo — sentenciou — vou te passar a medicação, um imobilizador e preciso que siga o que vou dizer — explicou o resto do tratamento enquanto eu digería a ideia de não pode trabalhar.

— Qual o próximo destino capitão? — Erick indagou quando retornei para a recepção sentado em uma cadeira de rodas.

— Brasil! — Apontei para bota ortopédica.

— Eu nunca vi uma pessoa triste em voltar para casa. Eu mesmo trocaria de lugar com você para estar no aniversário da minha esposa amanhã.

— Você quer eu passe por cima do seu pé com a cadeira de rodas? — Sorri para aliviar o clima e ele gargalhou.

— Tenho certeza de que ela prefere um belo presente ao marido em sua festa de aniversário — sorriu — ela me deu uma extensa lista de produtos de maquiagem.

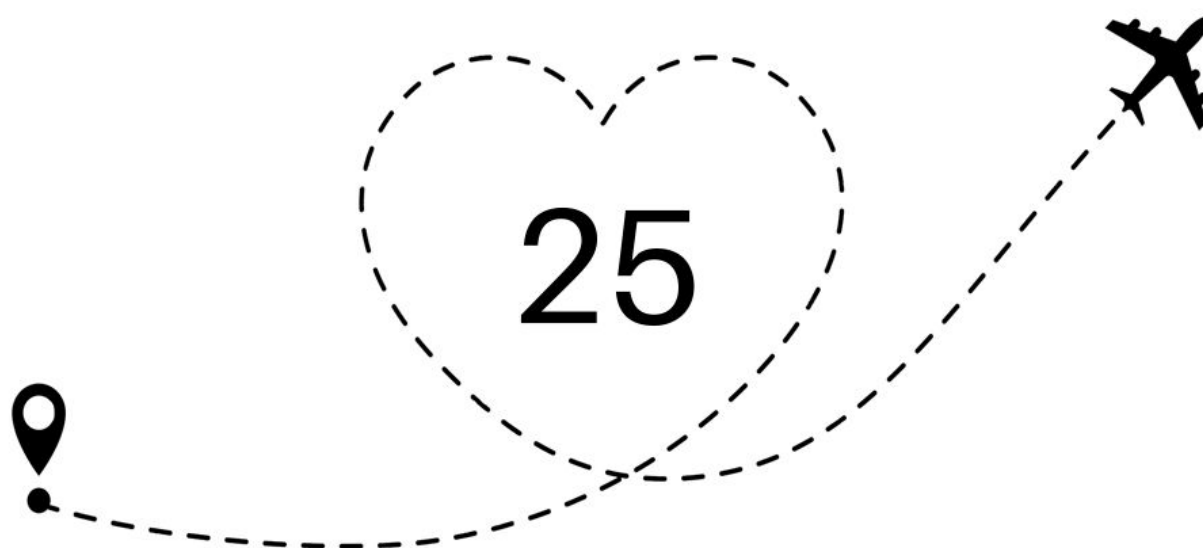
— Boa sorte, cara — sorri.

— Viu só que você não é o único azarado? — Sorri — você poderia estar andando nas ruas lotadas em busca de produtos que você desconhece a existência, mas estará no conforto da sua casa

rodeado de quem te ama. Tudo é uma questão de olhar o lado bom das coisas, não é? Talvez algo incrível te espere no Brasil e você nunca saberia por que estaria em outro país.

Ele tinha razão.

Tudo tinha um motivo.



Helôisa

Murilo: Ocupada?

A mensagem dele foi seguida de uma foto. Era a imagem de um pé em uma bota ortopédica preta. Aquele era um dispositivo que imobilizava os pés, tornozelos e panturrilha, sendo indicado para manter os membros seguros durante o tratamento de alguma lesão, luxação ou após a retirada do gesso.

Aquilo foi o suficiente para que eu despertasse de uma vez por todas. Havia acordado há algumas horas, feito a minha higiene pessoal e me alimentado decentemente. Frutas e pão integral compuseram a minha refeição, minha irmã ficaria orgulhosa das minhas escolhas.

O clima em São Paulo estava frio e eu me esquentava embaixo do edredom enquanto olhava as redes sociais quando a mensagem dele tomou a minha tela.

Eu: O que aconteceu?

Digitei e enviei rapidamente, preocupada com a hipótese de um machucado extremamente grave, somente aquilo explicaria a mensagem repentina.

Ele não me respondeu por mensagem, seu nome surgiu na tela do meu celular em uma ligação. Atendi imediatamente.

— O que aconteceu? — Tornei a repetir a pergunta.

— Eu tive um incidente na minha última viagem...

— Que tipo de incidente? — Interrompi — onde você está? Já foi atendido por um médico? Foi realizada uma radiografia? — As perguntas saíram sem controle.

— Eu prometo que respondo todas as suas perguntas depois, mas agora quero saber se você está ocupada e... Se pode me buscar em Congonhas.

O silêncio imperou por alguns segundos de ambos os lados. O silêncio dele, provavelmente ocasionado por aguardar, com expectativa, pela minha resposta. Já o meu... Uma luta estava sendo travada entre o meu cérebro e os meus sentimentos. Mas o que prevaleceu foi o sentimento de gratidão. O comandante Salles me ajudou no momento que eu mais precisei e eu tinha uma enorme dívida com ele. Precisava começar a pagá-la imediatamente.

— Não queria preocupar os meus pais e pensei que você poderia me ajudar, mas se não puder, entenderei... — Ele completou depois do meu silêncio.

— Estou a caminho — afastei o edredom e me coloquei de pé rapidamente — só me responde se você está bem... — Coloquei o celular no viva-voz enquanto eu me enfiava no jeans apertado.

— O máximo que alguém pode estar após um longo voo sem mexer uma das pernas... — Disse em um tom dramático.

— Me aguarde sentado — instruí — mesmo que a vontade de caminhar seja gigante, não force. Mantenha o pé elevado.

— Eu estou em uma cadeira de rodas e sem licença para pilotar pelos próximos dias, não posso ir a lugar nenhum...

— Ótimo.

— Eu não me sinto ótimo — lamentou.

— O que o médico receitou?

— Analgésico e repouso.

— Já deveria estar fazendo efeito... — Estranhei. — Foi feita uma radiografia?

— Meu celular vai descarregar — interrompeu o meu fluxo de pensamento — encontro você na saída C de Congonhas, beijo!

— Beijo. — Respondi para o *tum-tum* da chamada encerrada.

Troquei a velha camiseta gasta pela primeira que apareceu na minha frente e segui para ajudar o comandante.



Assim que cheguei ao nosso ponto de encontro, o avistei. Murilo estava usando calça de moletom preta e uma camisa branca, seu look estava completamente diferente do que veríamos se estivesse no seu posto de comandante, como era esperado no aeroporto. Eram duas versões do mesmo homem, ambas interessantes de se observar.

— O seu celular não estava descarregando? — Arqueei a sobancelha diante do aparelho em suas mãos.

— Lembrei do meu carregador portátil — ele sorriu — que bom que você chegou.

— Você parecia bem pior ao telefone — estudei atentamente o seu rosto.

— Mas ainda me sinto mal — Murilo fez uma careta de dor que não estava ali quando eu me aproximei. Ele parecia um paciente manhoso querendo afago. Ou talvez ele estivesse verdadeiramente mal, mas tentando esconder isso por trás da fachada do comandante imponente. — Podemos ir para casa? — Ele fez menção de se levantar, mas eu o impedi com o meu olhar — eu consigo caminhar.

— O máximo que você conseguirá fazer na sua situação é mancar. E isso tornaria a simples tarefa de chegar até o estacionamento uma atividade árdua e cansativa, tudo que você não precisa nesse momento. Então continue sentado aí que irei guiá-lo até o meu carro. Aconselho que aperte os cintos, pois ao contrário de você, não sou boa em guiar — fiz uma piada boba e ele sorriu.

— Cintos apertados...

— Aqui vamos nós! — Usei a mão direita para guiar a cadeira de rodas e a esquerda para levar a sua mala de bordo.



— Finalmente em casa! — Ele suspirou visivelmente aliviado por termos concluído a nossa missão particular.

O comandante era um homem grande e musculoso, então não foi tão fácil (como eu fiz parecer) ajudá-lo a entrar no carro e depois a sair. A cadeira de rodas do aeroporto foi devolvida e eu precisei auxiliá-lo, servindo de apoio, durante o trajeto entre o estacionamento do prédio e seu apartamento, de modo que quando ele finalmente se aconchegou no seu sofá macio, eu suspirei aliviada.

— O que você estava fazendo para conseguir essa beleza da ortopedia? — Apontei para a bota de imobilização.

— Você quer a verdade ou a mentira que eu criei para não parecer tão idiota?

— A verdade! — Respondi enquanto me sentava ao seu lado no sofá.

— Eu não sei se já te contei, mas Cancún tem o mais belo nascer do sol — insinuou sorrindo e eu enrubesci com a lembrança do nascer do sol e do que tinha acontecido quando o vi — dessa vez, ele não era tão belo quanto da última vez que estive lá, mas ainda assim parei para contemplá-lo. Eu caminhava sereno à beira mar quando o meu pé afundou na areia fofa e molhada. E o resultado é o que você está vendo — apontei — uma entorse que me trouxe de volta ao Brasil.

— Ainda bem que não foi nada grave, né? — Indaguei sorrindo.

— É, mas é vergonhoso ser derrotado pela areia molhada de Cancún. Agora você entende por que inventei uma desculpa para justificar isso? — Seu sorriso se juntou ao meu.

— Agora estou curiosa para saber qual é a mentira.

— Eu estava em uma balada quando me envolvi em uma briga e acabei sendo empurrado do camarote — começou — na queda, fui amparado por um grupo de pessoas que dançavam na pista. Por sorte, tive apenas algumas escoriações e um pé...

Ele não precisou completar a mentira para eu gargalhar como não fazia há muito tempo.

— Isso é tão ruim quanto a verdade! — Disse entre uma risada e outra — nessa suposta queda você teria fraturado uma costela e mais alguns ossos do corpo. Falta verossimilhança na sua história, comandante.

— Vou trabalhar um pouco mais nessa mentira — sorriu.

— Além do mais, isso não é do seu perfil — completei.

— Qual é o meu perfil? — Perguntou, me fitando longamente.

— Aquele que contempla o nascer do sol...

— Solitário e deprimente.

— Livre e aventureiro. Imagino quantas histórias incríveis de nascer do sol você tem para contar. Esse capítulo inclui uma entorse em Cancún, tem gente que torce o tornozelo na estação de metrô lotada, sabia?

— Agora me sinto um pouco egoísta por estar olhando para o meu próprio umbigo. Mas é a primeira vez que sou impedido de trabalhar e ainda mais por uma simples torção.

— Eu entendo perfeitamente você. Fui obrigada a desacelerar e até que não é tão ruim quanto achei que seria. O lado bom é que pude ajudá-lo agora, coisa que eu não conseguiria se estivesse trabalhando os três turnos.

— Talvez devêssemos estar aqui um para o outro — assisti, estática, a sua mão seguir do sofá até encontrar a minha.

— Eu... — Suspirei com o toque — acabei de ser deixada no altar e tudo ainda está confuso dentro de mim — ele não cessou o contato e continuou acariciando a minha mão.

O toque simples e gentil fez o meu corpo recordar do seu.

— Você gostou dos nossos encontros em Cancún e Nova York?

— Sim, mas me relacionar é a última coisa que eu quero agora — fui sincera.

— Não estou te pedindo em namoro — deu de ombros — podemos ficar juntos quando sentirmos vontade e enquanto nos fizer bem.

— Não sei como isso pode dar certo, e... — Ele me interrompeu.

— Agora, por exemplo, eu quero beijar você. Você quer me beijar de volta?

— Murilo...

— Só seja sincera, Heloísa, você sente vontade de me beijar agora?

Eu o encarei. Aqueles olhos escuros que me avaliava, a barba espessa capaz de causar arrepios e boca apetitosa. Sim, eu me perderia naquela boca agora.

— Sim — expressei o pensamento.

Ele sorriu.

— Então, vem cá. Estou minha mobilidade reduzida ou eu faria questão de te pegar no colo e te levar até a minha cama — ele riu.

— Achei que tinha falado sobre beijo — insinuei, chegando mais perto dele no sofá.

— Nas duas vezes que nos beijamos sentimos vontade de algo mais, não lembra? — sorriu — acho que é o meu charme irresistível.

— Você acha? — Estava sentada bem perto agora.

Nossos rostos bem próximos, meu nariz distante do dele por pouquíssimos centímetros. Meus olhos iam dos dele para a boca,

rapidamente, sem saber onde se concentrar. Tudo naquele rosto gritava por atenção.

— Não, não acho. Mas tem alguma coisa que nos puxa um para o outro — sussurrou — não sei o que é, mas não me importo contanto que me leve até você.

Eu sorri diante da frase, mas não respondi. Agi como se eu fosse a agente da “coisa” que nos une, encostando nossos lábios. O toque suave foi como o clique de uma fechadura. A partir do click, a porta se abre e você adentra no espaço para o qual a porta era o divisor.

Eu estava entrando em um espaço que conhecia pouco, mas que havia visitado uma vez. A sensação que prevalecia era que a visita anterior foi agradável, por isso dava para se sentir confortável naquele lugar. Aos poucos, fui explorando novamente o espaço. Minha língua fez isso, devagar, buscando caminhos na boca dele. Procurando alguns cantos escondidos, reconhecendo outros. Logo, me senti em casa. Fiquei à vontade e travei uma batalha com a boca dele, aprofundando cada vez mais o beijo.

Senti quando a mão de Murilo segurou meu cabelo, amarrado em um rabo de cavalo, fazendo com que minha cabeça ficasse à sua mercê. Ele sugou meus lábios e brincou com minha boca enquanto eu deixei que as minhas mãos explorassem livremente. A direita, tocou a barba espessa e escorregou até a nuca. A esquerda, se permitiu descer pelo braço até cair em sua cintura.

Ele me puxou, tentando me conduzir para o seu colo.

— Você está machucado... Precisa elevar o pé — Informei, afastando nossas bocas.

Ele aproveitou a deixa para beijar meu pescoço e o toque da sua língua na minha pele me arrepiou.

— Deixe seu lado profissional de lado, tem outra parte minha bem elevada nesse momento — disse, mordendo de leve a região.

Eu ri baixinho.

— Não existe um botão para desligar meu lado *humana* que se compadece por saber que você sentirá muita dor, comandante — me afastei um pouco para pensar com clareza — já a fisioterapeuta precisa fazer você tirar esse pé do chão agora. Quer ir para a cama?

— Vamos continuar nosso beijo lá? — Perguntou, acariciando meu rosto.

— Se você se comportar. Tem travesseiros lá ou levo essas almofadas?

— Tem — suspirou.

— Então, vamos — fiquei de pé e estendi a mão para ele — de qualquer forma, como da primeira vez, não ia adiantar nada me sentar no seu colo sem estar com preservativo...

— Bem lembrado — ele gargalhou e aceitou minha mão, fazendo uma careta para ficar em pé — na gaveta do meu quarto tem.

Bem devagar, instruindo para que ele não colocasse o pé no chão, eu o ajudei a chegar no quarto. Assim que o deixei sentado na cama, liguei o ar-condicionado em uma temperatura agradável e o vi tirar a camisa.

— Eu disse para cuidar do pé, o que a camisa tem a ver com isso? — Perturbei usando dois travesseiros, um sobre o outro, para formar um monte elevado para ele apoiar a bota.

— Estou com calor — deu de ombros — pode me ajudar a tirar a calça? — piscou e eu gargalhei.

— Estou tentada a olhar seu pé para saber se isso tudo não passa apenas de um plano de sedução...

— Estou tendo êxito?

— Não sei o que fazer com você, comandante... — suspirei me sentando na cama.

— Tenho algumas sugestões, se você as aceitar — sugeri.

— Tem, me diga uma.

— Volte a me beijar — pediu.

— Acho que posso fazer isso.

Ele já tinha apoiado o pé esquerdo nos travesseiros e estava recostado em mais um, contra a cabeceira. Eu fiquei descalça e engatinhei sobre a cama, até chegar perto dele. Ao invés de beijá-lo na boca, dei um selinho em sua bochecha, outro no queixo e ergui seu rosto para beijar o pescoço. Senti quando ele engoliu em seco e passei a língua ali, provocando a região.

Minha boca seguiu salpicando beijos de um lado ao outro do seu peitoral definido. Ele provavelmente se depilava, pois a julgar pela sua barba era muito provável que houvesse pelos naquela região. Passei a língua em aprovação a sua pele lisa e bem cuidada, até chegar em um dos mamilos pequenos. Beije ali, sugando um pouco antes de seguir meu caminho.

O abdômen era de um homem que se exercitava com frequência, com gomos definidos, mas sem ser muito seco. Havia mais pele que dureza, era uma delícia de beijar. Levei minha mão direita para me ajudar a analisar aqueles músculos. Meus dedos o tocaram levemente e minha língua seguiu, molhando o caminho.

Era visível que Murilo estava excitado. E eu não me referia ao modo como se remexia embaixo da minha boca ou aos pequenos suspiros que emitia. Sua ereção era notável na calça de moletom. Ali estava um pau que merecia ser apreciado e que eu não havia prestado atenção da outra vez. O modo como sua calça folgada estava marcada me deixava com vontade de arrancá-la de uma vez.

Meus beijinhos voltaram a atacar e foram de um lado para o outro até o limite do cós de elástico da calça.

— Você está me matando... — disse, com uma voz abafada.

— Estou beijando você, como sugeriu — respondi, da maneira mais inocente que consegui.

— Beijar mais embaixo é a minha sugestão — ordenou.

— Aqui? — Dei um selinho na ereção, mas por cima da calça.

— Heloísa...

— Tudo bem, como você está sentindo dor vou tentar te ajudar — informei.

Minha mão esquerda ergueu o cóis da calça e se deparou com o da cueca, que logo foi erguido também. Minha mão esquerda se enfiou ali e ajudou a ereção a se libertar. Empurrei a calça por seus quadris apenas até o meio das coxas. Acariciei levemente e o senti pulsar em minha mão. Ele era grande e grosso o suficiente para que eu tivesse vontade de pular sobre ele, mesmo sabendo que podia ser bem desconfortável.

O cheiro de sabonete e limpeza poderia indicar que ele tomou banho há alguns minutos e não que tivesse vindo de outro país. Movi minha mão para cima e para baixo, antes de me inclinar e o colocar na boca. Eu o suguei, levando-o até onde podia. Depois o retirei e repeti o movimento.

Murilo passou a emitir gemidos incompreensíveis, seguidos de “sim” e “isso” quando passei a mover a mão e a boca ao mesmo tempo. Cada vez mais rápido, meus dedos o apertava e masturbava. E a minha cabeça subia e descia enquanto o chupava.

— Hei, não vou aguentar muito mais — gemeu enquanto falava.

Era um aviso. Ele estava quase lá.

E eu não parei até que se derramasse na minha boca.

— Isso foi melhor do que qualquer sugestão que eu pudesse dar — suspirou quando eu me afastei.

— Agradeço o elogio — ponderei — eu acho. Posso usar seu banheiro?

— Você pode tudo e qualquer coisa, Heloísa.

Sorri e me levantei para ir até o banheiro. Lá, assim que fechei a porta, soltei um longo suspiro.

O que aquele homem fazia comigo, meu Deus? Eu mal me reconhecia.

Abri a torneira da pia e lavei as mãos antes de usá-las como concha para levar um pouco de água para lavar minha boca. Encarei o espelho e notei os fios do meu cabelo soltando do rabo de cavalo. Tirei o elástico que o prendia e deixei solto.

—Você devia ir para casa — disse para o espelho.

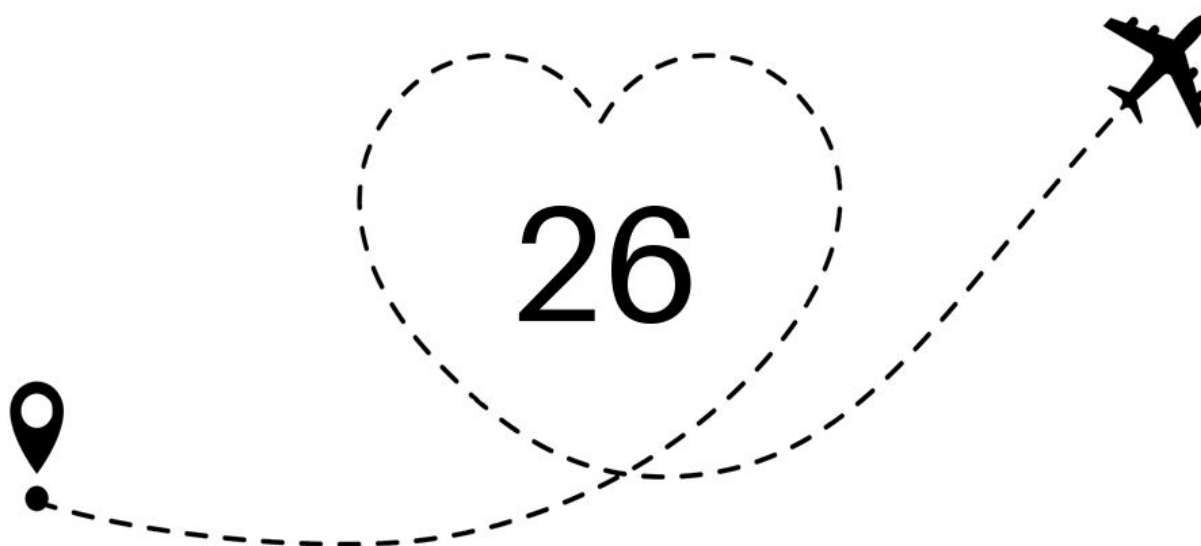
— O que tem para fazer lá? — A Heloísa refletida perguntou.

— Bem, lá não tem um homem desses — respondi.

— Nem homem nenhum. Só você e seus pensamentos. Suas análises e listas infinitas que acha que agora precisa fazer para não se perder na sua própria vida — o espelho jogou na minha cara.

— Nossa, preciso marcar minha terapia — concluí, lavando o rosto inteiro.

Abri a calça para fazer xixi e depois que me limpei e vesti a calcinha, senti que aquela força que me leva a fazer loucuras sussurrava em meu ouvido novamente. Basicamente eu deveria tirar a calça jeans e voltar para aquela cama. Pelo menos por enquanto. Ainda não era nem meio-dia e mais tarde eu poderia voltar para o meu apartamento vazio.



Murilo

Quando estava na aeronave, na condição de passageiro e com uma bota ortopédica nos pés, eu imaginei como minha mãe ficaria preocupada se eu pedisse para ir me pegar no aeroporto porque tinha me machucado. Pensei então em ligar para a Renata, minha irmã, mas ela estaria trabalhando. E então, a imagem de Heloísa surgiu na minha mente. Será que eu deveria ligar para ela? Eu tinha outras opções, é claro, mas depois que pensei nela nenhuma outra fazia sentido.

Se eu ligasse por vídeo e mostrasse o meu pé, provavelmente Heloísa iria. Se não por querer me ajudar, pela dívida de gratidão que ela achava que tinha comigo. Não era nenhum pouco cavalheiresco da minha parte usar essa situação para me aproximar, mas a vida havia me dado uma laranja (no pé, que doía bastante), então por que não fazer um suco com ela? Não literalmente, obviamente.

E foi assim que ela acabou na minha cama.

Depois de um sexo oral sensacional que quase fez com que eu esquecesse a dor, ela foi ao banheiro e eu me preparei para ouvi-la dizer que precisava ir embora. Assim como em Nova York, depois de se entregar, Heloísa dava outra ótica para a situação e recuava.

Respirei fundo quando ouvi a tranca da porta do banheiro se mover. Mas assim que ela saiu de lá usando apenas a blusa azul e uma calcinha preta, eu soltei o ar aliviado.

— Você é a mulher mais sensual que já vi usando camiseta e calcinha — disse, percorrendo seu corpo com olhar, desde os seus pés descalços, passando por suas pernas torneadas até chegar em seu rosto. — Por favor, me deixe retribuir o que acabou de fazer...

— Talvez outra hora, você precisa de repouso — se aproximou da cama em passos lentos.

— Meu pé está repousando — indiquei com a cabeça — minhas mãos e minha boca não interferem nisso.

— Você é o pior paciente que já tive — bradou.

— Pegue aí na gaveta da mesinha umas camisinhas, por favor — pedi gentilmente.

Ela foi até o móvel e jogou apenas uma embalagem sobre a cama.

— Você não pode me julgar por querer você quando está seminua na minha frente...

— Deve ser porque sou irresistível, não é? — Perturbou, fazendo pouco caso de si mesma.

— Você é! — Pontuei.

— Você resistiu quando dormiu comigo no aeroporto. E quando dormi em cima de você — lembrou.

— Já disse que eu não me sentiria bem me aproveitando da sua vulnerabilidade, mas eu te garanto que naquele aeroporto eu fiquei de pau duro quando você saiu da cama vestindo uma camisola preta — lembrei — e quando eu me sentei para comer a

lasanha daquela vez, era você quem eu queria que fosse o prato principal.

— Uow...

— Se as coisas demoraram uns dias a mais para acontecer e você saiu correndo de mim, como teria sido se eu tivesse agido como um animal no cio?

— Você tem razão — suspirou — e eu não digo isso para atingir você. Só não me acho irresistível assim. Se fosse, talvez meu noivo não tivesse me deixado no altar.

— Olhe para mim — toquei seu rosto — você é linda, gostosa e sua boca faz milagres. Ele, posso provar, foi imbecil, filho da puta e estúpido. Mas eu preciso agradecê-lo por isso. Se você tivesse se casado não estaria aqui agora.

— Estaria trabalhando — concluiu — como sempre.

— Helô... Posso te chamar assim? — assentiu — não há nada de errado em gostar de trabalhar. Sou completamente maluco pela minha profissão. Se alguém fez você se sentir culpada por isso, se livre dessa culpa. Ou vamos dividi-la porque já fui acusado algumas vezes pela minha mãe e por minha avó — sorri.

— Tudo bem, vou pegar mais camisinhas — disse sorrindo e eu gargalhei — seu discurso é bem motivador.



Ela acabou passando a noite e o dia seguinte comigo. Me ajudou a tomar banho e a colocar gelo no pé inchado, várias vezes, e aquilo doía demais. Pediu comida para todas as refeições e nós assistimos alguns filmes. Era como se o apartamento dela não existisse, estávamos vivendo aquele momento sem pensar no que veio antes ou no que viria depois dali.

Mas o momento havia chegado. Hoje terminava o atestado de Heloísa e ela estava animada para retornar ao trabalho. Uma parte minha, a racional, estava feliz, pois também não via a hora de voltar pilotar. Mas a outra, a irracional, gostaria de ter mais tempo com ela e temia a despedida.

— Eu assustaria você se dissesse que gostei da sua companhia? — Indaguei quando Heloísa saiu do banheiro com a toalha em volta dos cabelos.

— Isso é um teste, comandante? — Arqueou a sobrancelha sorrindo.

— Não sei, responda você — desconversei também sorrindo.

— Eu também gostei desses dias com você — se aproximou da cama onde eu me encontrava sentado, com o pé sobre dois travesseiros, e me deu um selinho.

— Gostou? — Meus braços envolveram a sua cintura.

— Mais do que eu poderia admitir — sorriu quando meus lábios tocaram o seu pescoço.

— Conte-me mais sobrei isso... — Beije o seu colo e ela recuou vagorosamente como se estivesse dividida entre permanecer e fugir para as suas obrigações.

— Paramos aqui, comandante! — Colocou a mão entre nós — a vida real me aguarda lá fora e se eu não sair correndo agora atrasarei toda a minha agenda — ela continuou falando enquanto calçava as sandálias que estavam aos pés da cama — eu ligo mais tarde para saber como você está — me deu um beijo rápido, pegou seus pertences na mesinha de canto e saiu em disparada.

— A toalha! — Avisei antes que ela passasse pela porta.

— Droga! — Livrou-se rapidamente dela e colocou na maçaneta.

— Bom trabalho — falei para as paredes, ela já tinha sumido do quarto.

Heloísa havia me indicado um ortopedista e eu já havia agendado a consulta para dali a três dias, para reavaliar minha entorse e, se Deus quisesse, voltar a trabalhar. Assim que ela saiu, peguei meu celular para ligar para os meus pais. Ninguém da minha família estava sabendo que eu já estava no Brasil. Em minha defesa, não precisava preocupá-los quando tinha uma fisioterapeuta competente cuidando de mim.

— Oi, filho — meu pai atendeu no segundo toque.

— E aí, capitão. Como estão as coisas?

— Está tudo bem por aqui e com você?

— Estou em casa — comecei.

— Mas já? Não era a rota São Paulo – Nova York? — Perguntou desconfiado.

Meu pai, que também foi piloto sabia exatamente os motivos pelos quais eu poderia ter largado uma viagem no meio.

— Torci o pé — disse, por fim.

— É muito grave? — ele perguntou — Grave? É o Murilo? O que houve? O que é grave? Me dá o telefone — ouvi minha mãe falar antes de arrancar o aparelho do meu pai.

— Oi, mãe, fica tranquila. Só torci o pé. Está tudo bem, não quebrei nada...

— Onde você está? Vou para o hospital!

— Em casa, mãe, estou bem.

— Como assim em casa? Como vai ficar aí se não pode fazer nada com o pé machucado... Vamos para lá agora, Rômulo!

— Mãe — falei e aguardei até que ela me ouvisse — já estou em casa há dois dias. O pior já passou. Estou mesmo bem e daqui a pouco vou voar.

— Dois dias. Mas... Você estava acompanhado? — A voz continha um tom de surpresa nessa pergunta, mas também era notável certa animação.

— Estava com uma amiga — informei — não planeje casamento, ela é só uma amiga e já foi embora.

— Uma mãe não pode nem sonhar? — suspirou — Seu quarto de hóspedes está liberado? Eu vou ficar aí, fazer comida e mimar você.

— E o papai? — Questionei.

— Se ele quiser pode ir, caso contrário eu vou fazer como ele quando viajava por uns dias. Sempre volto — eu ri com a indireta.

— Se é assim, vou amar ter a senhora aqui — fui sincero.

— Até mais tarde, meu amor.

— Até mais, mãe.



Minha mãe cumpriu o que prometeu. Nos três dias que se seguiram ela me mimou bastante. Fez os pratos que eu mais amava, colocou minhas roupas para lavar e me ajudou a me locomover para sala quando me cansei do roteiro que fazia da cama para a suíte. Heloísa também cumpriu a promessa de me ligar. Ela o fez todos os dias, sempre rapidamente, quando tinha um tempo livre entre as suas muitas horas de trabalho. Minha fisioterapeuta ficou feliz em saber que eu estava bem cuidado por minha mãe e me lembrou de continuar com o maldito balde de gelo para combater o inchaço.

No dia da consulta, meu pai nos levou e aguardou do lado de fora enquanto minha mãe fazia seu papel coruja dentro do consultório. O médico, Dr. Gurgel, explicou para minha mãe todos os detalhes (os quais eu já tinha escutado no México).

— Existem tipos de entorse e a do seu filho foi a mais leve. A entorse em inversão é a mais comum de ocorrer e acontece quando o pé vira para fora causando dores do lado externo do pé. E, por sorte, a dele foi de grau 1 — esclareceu — ele seguiu as orientações, imobilizando o pé e ficando de repouso. Então, já se recuperou do trauma.

— Graças a Deus — minha mãe suspirou.

— Já vou poder voltar a trabalhar? — Perguntei.

— Você disse que é piloto, então fica mais tempo sentado do que em pé, não é? — assenti — pode retomar as atividades laborais, mas nada de correr na praia, jogar futebol ou atividades físicas por mais uns dias — ele escreveu uma receita — tome um comprimido se sentir muita dor e continue usando gelo.

— Obrigada doutor Gurgel — minha mãe agradeceu antes que eu pudesse fazer.

— Obrigado — apertei sua mão antes de sair do consultório — me livrei dessa bota horivelmente quente — disse para o meu pai quando me aproximei.

— Que bom, então já vai voar? — Perguntou empolgado.

— Com certeza. O céu é o limite — bati com os dois dedos na testa como se fosse uma continência. Ele riu.

— Acho que você deveria tirar férias — minha mãe informou.

— Mas ele já vive viajando — meu pai respondeu.

— Exatamente por isso. Está na hora de manter os pés no chão por um tempo.

— Vou pensar, mãe — pisquei para ela e meu pai negou com a cabeça — vamos almoçar? Eu pago e depois vamos até a empresa avisar que estou liberado.

E assim o fizemos. Como outro piloto estava cumprindo minhas escalas eu ia ficar com voos nacionais pelos próximos dias. Isso significava que se me mantivessem em rotas no Brasil, eu passaria mais noites fora de casa do que antes. Existem pilotos de voos nacionais que chegam a ficar até seis dias consecutivos fora de casa, voando pelo país e dormindo em hotéis. Pilotos de voos internacionais, geralmente fazem menos viagens, porque como os voos são longos atingimos a cota mensal de horas mais rapidamente. Mas para começar, ainda por causa do meu atestado médico, eu acabei recebendo uma escala de três dias.



Quando minha escala foi cumprida e eu cheguei em casa, tomei um longo banho e me preparei para decidir o que ia comer. Antes mesmo que eu pudesse evitar, pensei em convidar Heloísa para jantar. Ela tinha o poder de entrar e sair da minha vida sem que eu tivesse controle e isso me excitava na mesma proporção que me assustava. Por essa razão, eu não podia ficar de braços cruzados e esperar outra brecha do destino para que a gente se encontrasse novamente. Por isso, ia ligar para ela mesmo sendo quase oito da noite e fosse provável que ela já tivesse comido.

Selecionei seu contato e deixei que a chamada se iniciasse. Ela atendeu rapidamente:

— Oi, comandante como você está? — Perguntou assim que atendeu, havia barulho onde estava.

— Boa noite, Helô. Já jantou?

— Hum, na verdade não.

— Então, quer jantar comigo?

— Estou finalizando minha aula de pilates agora. Não estou em trajes para restaurante e mesmo que troque para a roupa que tenho na mochila não é nada chique.

— Eu não me importaria em vê-la em uma roupa apertadinha de academia... — ela riu da minha resposta — mas se preferir trocar, você que sabe. Podemos ir onde você se sentir à vontade. Onde te pego?

— Vou te mandar a localização.

— Até daqui a pouco — desliguei e aguardei ela enviar a localização antes de me vestir.

Enquanto eu dirigia, cerca de cinco minutos depois de receber a mensagem com o endereço, meu celular começou a tocar. Olhei-o no painel e notei que era a Heloísa. Será que estava desistindo de jantar? Não atendi, seguindo o caminho que o GPS indicava até ele indicar que eu “havia chegado ao meu destino”.

Quando parei em frente a calçada na qual ela estava parada, baixei o vidro do lado do passageiro.

— Tentei te ligar — disse, se aproximando do carro.

— Estava dirigindo — respondi tranquilamente — aliás, belo traje.

Ela estava usando um macacão, daqueles que algumas mulheres usam para malhar, longo de duas cores. Embaixo era preto e a parte de cima parecia uma blusa, branca, com um longo zíper preto que ia do decote até o umbigo.

— Obrigada! Mas eu liguei para dizer que aceitei o convite sem pensar. Meu carro está aqui, além do detalhe da roupa...

— Eu posso trazer você até o seu carro ou, se preferir, ser seu motorista amanhã — ofereci.

— É sério, Murilo, isso não faz o menor sentido.

— Entre no carro, Heloísa, vamos pelo menos dar uma volta depois de eu ter saído de casa — apelei e ela me encarou, colocando a mão na maçaneta — sente no banco de trás.

Já que ela estava tentando me dispensar e muito provavelmente conseguiria, daríamos uma pequena volta e eu a levaria em seguida para onde quisesse. Enquanto ela entrava pela porta de trás desloquei o banco do passageiro, puxando para frente, para dar mais espaço na parte de trás. E então, pensei em levá-la para minha casa, pediria alguma coisa para comer por aplicativo, depois de muitos beijos e gemidos.

Mas talvez fosse melhor algo diferente.

Eu a encarei pelo espelho retrovisor interno e recebi de volta o seu olhar cheio de expectativas. Minha vontade era parar o carro

ali mesmo, no meio da avenida movimentada e pular para o banco de trás. Acho que ela não se oporia.

— Que tal se eu cozinhar? — Perguntei, enquanto acelerava.

— Você sabe? — Questionou surpresa.

— Não é uma coisa de que me orgulhe, mas fritar ovo e fazer macarrão não é difícil — ela gargalhou — vou passar no supermercado rapidinho, tudo bem?

— Me mostre seu melhor, comandante — desafiou.

Dirigi por alguns minutos até chegar a um grande e espaçoso supermercado, dei sinal para entrar no estacionamento subterrâneo e fiz algumas manobras até encontrar uma vaga em um local com menos carros. Ajustei o meu banco, puxando-o bem para frente, antes de descer pela porta do motorista. Em um segundo, antes mesmo que Heloísa pudesse sair do carro, me juntei a ela no banco de trás.

— Só preciso sentir o gosto da sua boca de novo — informei, antes de segurar seu rosto.

Não hesitei. Minha boca se apossou da dela como se ali fosse seu local de pouso. Heloísa retribuiu, abrindo os lábios para me receber. O beijo já começou quente, com lábios e línguas sendo sugados e venerados. E quando ela gemeu baixinho na minha boca, eu soube que não daria para esperar.

Meu corpo estava com saudades do dela mesmo que fizesse apenas uma semana desde a última vez que eles haviam se encontrado. Parecia anos. Eu sentia a urgência de tocá-la em todos os cantos quando minhas mãos deixaram seu rosto. Enquanto meus dedos percorriam todos os espaços cobertos pela malha justa e nossas bocas se devoravam, a temperatura do carro parecia aumentar gradativamente mesmo com o ar-condicionado ligado.

Heloísa impulsionou o corpo até se sentar no meu colo, com as pernas ao abertas, uma de cada lado. Senti o sabor da sua pele quando meus lábios beijaram seu pescoço, enquanto minhas mãos apertavam os seios com vontade.

— Não pare... — Ela se contorceu sobre mim, quando rocei minha barba em seu colo.

Eu não parei. Abri o zíper da frente do macacão apertado, libertando os seios dela. Ela se inclinou, me oferecendo, e a minha boca devorou o bico rosado que endureceu sob meus lábios.

Empurrei a peça de roupa por seus braços até chegar a cintura e suspirei quando não consegui ir além.

— Roupa difícil — gemi contra a pele dela.

Ela riu baixinho e saiu do meu colo, se sentando no banco para se desfazer da peça. Abri minha calça jeans e a empurrei junto com a cueca, me livrando delas junto com as sandálias. Logo, Heloísa estava completamente nua enquanto em mim restava apenas a camisa preta.

Ela se deitou, apoiando as costas no assento do banco e eu rapidamente peguei a camisinha da minha carteira e a desenrolei no meu pau. Me posicionei sobre ela, que abriu as pernas para me receber e me enterrei de uma só vez.

— Ahhhh — ela gritou e eu empurrei minha boca na dela para abafar o barulho.

— Se quiser que sejamos pegos, continue gritando assim — incentivei contra seus lábios, quando sai de dentro dela para logo entrar de novo — você me deixa maluco.

Minha boca procurou seu seio esquerdo e eu o suguei quando ritmei as estocadas. Heloísa mordeu o lábio inferior para se conter os gritos, mas os arquejos e gemidos escapavam dela e preenchiam o carro de maneira deliciosa.

Meu sangue corria mais rápido, o calor tomava conta de mim e tudo ao meu redor se resumia a ela. Seu corpo. Seu cheiro. Seus gemidos. Sua boceta se contraindo ao redor do meu pau e a minha vontade louca de continuar metendo tudo cada vez mais fundo.

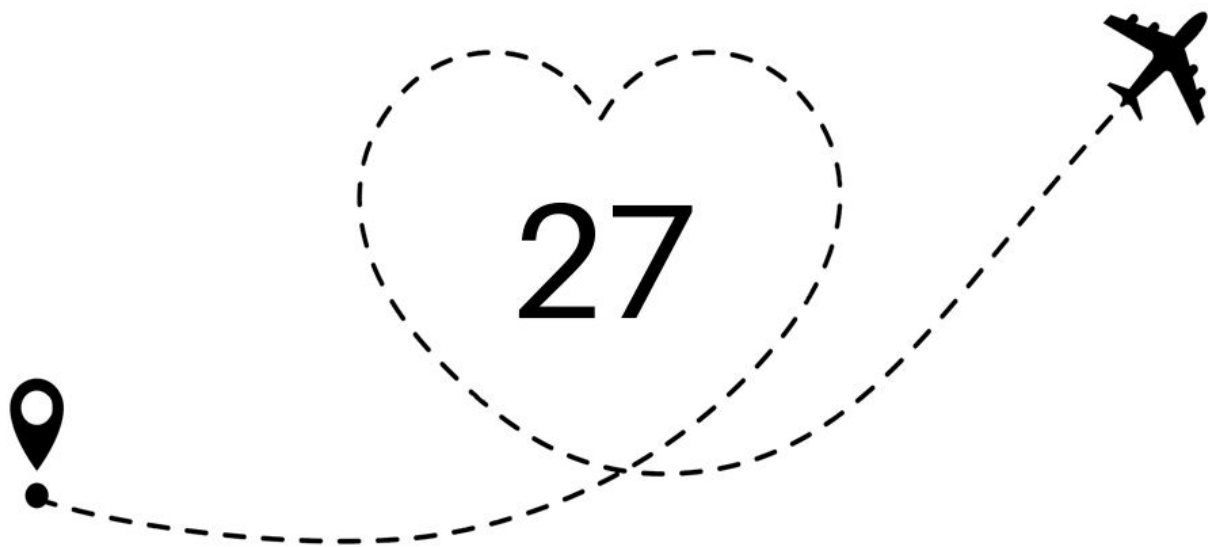
Afastei minha boca do seio e mudei meu ângulo, ficando praticamente sentado, apenas o meu pau era o elo entre nós. Levantei sua perna direita, apoiando no encosto do banco em que

estávamos e mantive ali. Minha mão direita estava livre e foi diretamente para sua boceta, auxiliar na tarefa de fazê-la gozar antes que eu mesmo explodisse sozinho. Ela se mexeu, louca para que eu continuasse a fodê-la.

Respirei fundo e, ainda parado dentro dela, usei meu polegar para acariciar o clitóris. Heloísa choramingou, mas me mantive firme por um minuto, manipulando aquele pedacinho de paraíso. Quando o senti firme, voltei a me mover.

Meu corpo estava quase lá e eu precisava levá-la comigo. Voltei a fodê-la com força, mas dessa minha mão estava completamente a disposição do prazer dela. Eu gemia entredentes, enquanto ela arfava. Eu empurrava. Ela se contorcia. Com meus dedos e o meu pau se enterrando repetidamente lá no fundo, Heloísa se entregou ao êxtase, tapando a boca com a própria mão para não gritar muito alto.

E enquanto eu observava seu rosto se perder de prazer, liberei o meu próprio, me perdendo completamente naquele espaço apertado.



Helôisa

Virar a página.

Essa frase simples era o conselho que nove entre dez pessoas davam para alguém que passou por uma desilusão amorosa. Apesar de ser comum ler nos textos motivacionais e ouvir da boca dos outros, não era tão simples na prática. Mas confesso que quando cheguei a um lugar que poderia ser classificado como fundo do poço (ficar sem comer e dormir até precisar receber atestado médico porque meu corpo estava em colapso), encontrei uma corda para sair dali.

O apoio da minha melhor amiga no primeiro dia foi fundamental, eu precisava de colo. No segundo dia, foram as palavras e o incentivo do meu pai quem me fez subir mais um tanto em direção à saída. E, por fim, eu me senti novamente útil quando ajudei o Murilo. Ele precisou de mim por alguns dias e não foi só como profissional. Nós passamos boas horas dividindo nosso tempo. Assim, quando voltei a trabalhar não parecia que tinham sido

apenas cinco dias afastada, era como se cinco meses tivesse passado para que eu pudesse encarar as pessoas e retomar a minha vida.

Para isso, destranquei o quarto que continha as lembranças do dia da humilhação. Meu quarto de hóspedes não merecia o meu desprezo, por isso eu o abri e encarei de frente aquele amontoado de presentes. Comecei devolvendo aquelas coisas para os seus donos. Gigi me ajudou nessa tarefa, mesmo me perturbando e dizendo que eu poderia usar tudo aquilo. Nada ali me pertencia, nem os faqueiros de prata, tampouco os copos de cristal. Eram presentes para serem usados por um casal feliz que nunca existiria em uma casa em que eu nunca moraria. Quem se disponibilizou a comprar, receberia de volta por consideração. Era melhor devolver para quem gastou do que doar. Com a ajuda da Gizele, enviamos alguns por uma empresa de transporte e outros nós mesmas entregamos. Quer dizer, ela me poupou de presenciar os olhares de pena e as frases típica de consolo, pois fazia questão de entregar enquanto eu ficava no carro.

O passo seguinte foi me livrar de quaisquer resquícios do Leandro no meu apartamento. Uma camiseta, fotos e presentes que eu ganhei durante o nosso relacionamento viraram uma pilha e foram incinerados em uma pequena fogueira na varanda do meu apartamento. Tudo com cuidado para não tocar fogo no prédio, não se preocupem. Assisti sozinha tudo virar pó enquanto eu tomava uma taça de vinho chileno que há algum tempo esperava para ser aberto.

Por fim, busquei ajuda profissional. Eu sabia que trabalhava demais e que aquilo, por mais que eu gostasse, me ajudava a não lidar com outros aspectos da minha vida. Além disso, já havia trabalhado alguns casos como as expectativas dos meus pais sobre mim e a medicina e não me achar boa o suficiente em algumas sessões de terapia. Mas havia mais de um ano que eu não voltava ao consultório do meu terapeuta e sabia que aquilo era fundamental para escrever os novos capítulos da minha vida.

Liguei para o consultório de terapia e marquei uma sessão de urgência. Dessa maneira em menos de uma semana eu consegui os elementos necessários que me ajudaram a sair daquele poço.

E o Murilo?

Bem, já faz um mês que daquela noite em que fizemos sexo dentro do carro no estacionamento do supermercado. E desde então, eu não conseguia parar de pensar nele. Todos os nossos encontros, desde a primeira vez no aeroporto, conseguiram me marcar de alguma forma. E era ao fato de nunca saber como ou quando seria a próxima vez que eu atribuí a os pensamentos frequentes.

Ele tinha a própria vida e os horários malucos, assim como eu, então nossas tentativas de encontros não foram compatíveis com nossas agendas nos dias que se seguiram, por isso nossas conversas estavam sendo através de ligações e mensagens. Sem cobranças. Sem pressão. Apenas dois amigos que, de vez em quando, faziam sexo.



— Atrapalho? — A imagem da minha irmã surgiu tela em uma chamada em vídeo.

— Você nunca atrapalhar, Vic! — Olhei discretamente para o ponteiro do relógio de parede: cinco minutos.

— Quantos minutos eu tenho antes do seu próximo paciente? — Indagou sorrindo. Ela me conhecia melhor que qualquer pessoa.

— Cinco minutos! — Sorri.

— Tempo suficiente para que Martín e eu converse com você.

— Conversar? Aconteceu alguma coisa com vocês? — Perguntei enquanto cenários catastróficos surgiam na minha mente.

— Oi, cunhada — Martín acenou.

— Você está cada dia melhor em seu português, cunhado — sorri.

— Bondade sua!

— Pronta para a notícia? — Victória perguntou e eu assenti — nós estamos grávidos! — Ela alisou a pequena barriga.

— Sério? Ah meu Deus! — Vibrei — estou tão feliz por vocês! É um menininho ou uma menininha? Quantas semanas? A mamãe já sabe? — Emendei uma pergunta na outra.

— Calma — ela sorriu — não queremos saber o sexo do bebê. Vamos deixar para descobrir no dia do nascimento — Victória respondeu calmamente.

— *Queremos que nuestro hijo entienda que lo amamos sin importar el sexo* — Meu cunhado completou, devagar e em espanhol, mas era facilmente traduzido o amor daquela frase.

— Vocês querem que eu morra de ansiedade até o dia do nascimento!?

— Não ouse morrer! — ela foi enfática — pois, o baby precisa da sua madrinha vivinha.

— Madrinha? — Indaguei surpresa.

— Sim, você aceita ser a madrinha dele ou dela? Na família do Martín a madrinha é muito mais que a simbologia do batizado religioso, é um uma segunda mãe. É para que a criança pode correr na ausência dos pais — as lágrimas se acumularam nos meus olhos e eu respirei para controlá-las. — E quando descobrimos a gravidez a primeira pessoa que pensamos para cuidar do nosso filho foi você. Você nos daria a honra de ser a madrinha do nosso filho?

— Eu não sei serei uma boa madrinha — deixei que a emoção transbordasse e as lágrimas molharam o meu rosto — mas eu amarei, cuidarei e mimarei muito o meu afilhado como se fosse o meu próprio filho. Mesmo morando em países diferentes!

— Eu não tenho a menor dúvida disso — minha irmã também chorava — agora eu preciso desligar para contar aos nossos pais. Se a mamãe perguntar, diga que ela foi a primeira a saber, combinado?

— Combinado! — Sorri. — Amo vocês!

— Também amamos muito você tia Helô — Victória disse e meu cunhado acenou.

Encerrei a ligação transbordando de emoção.

Respirei fundo e tomei um gole de água da minha garrafinha térmica. Guardei o celular no jaleco e me preparei para assumir o papel de fisioterapeuta.

— Igor? — Chamei o meu paciente e ele entrou feito um furacão na sala. Ele seguiu direto para a mesa educativa e me juntei a ele — tudo bem com você?

— Sim — desviou o olhar dos brinquedos a sua frente e me olhou por alguns segundos. — Você estava chorando?

Droga! Meus olhos devem estar bem vermelhos para ele perceber.

— Sim, mas era de felicidade.

— A felicidade não traz sorriso?

— Traz — concordei — mas às vezes a gente fica tão feliz, mas tão feliz, que a felicidade transborda através dos olhos.

— Que estranho — ele coçou a cabeça.

— É, coisa de adulto é um pouquinho assim estranho — fiz o sinal com a mão juntando dois dedos.

— Acho que é um *tantão* assim — ele abriu os braços para demonstrar.

Eu sorri.

— Mas, vamos deixar as coisas de adulto e pensar em coisa de crianças. Que tal?

— Coisas de crianças são mais legais.

— Então, vamos colocar cadarços em seu sapato novo! — Anunciei

— E o Senhor Pé Grande? — Fez menção ao pé do brinquedo que usamos em várias das sessões anteriores.

— Ele já tem o sapato dele, você ajudou-o a calçar, lembra?

— Sim, um monte de vezes... Ele sempre desfazia o cadarço.

— Ainda bem que ele teve a sua ajuda, não é?

— É — disse orgulhoso — mas quem vai me ajudar a gora?

— Eu! Você sabia que eu sou uma boa ajudante?

— Às vezes um pouco atrapalhada é verdade, mas é boa sim — sorri alto com a sinceridade infantil.

— Vamos escolher um cadarço bem lindão? — Abri a caixinha com os cadarços coloridos dentro.

— Eu quero o verde. Eu já falei que gosto muito da cor verde?

— Verde também é a cor favorita da minha irmã — concordei.

— É a minha também! — Ele repetiu.

Havíamos solicitado a mãe do Igor um par tênis para passar para a fase 2 do treinamento de calçar os sapatos. Esse era o momento da transição do lúdico para concreto, o sapato propriamente dito, gerava expectativa no paciente e, principalmente, nos seus pais.

A expectativa da mãe dele era que o filho aprendesse o ensinado rapidamente, por se tratar de uma tarefa simples. E eu compreendia, o desejo de progredir é inerente ao ser humano. Mas para o Igor, por exemplo, as sessões são como uma brincadeira. Entretanto, esse brincar era o recurso que utilizávamos para ajudar nossos pacientes. Então, seguimos o nosso próprio ritmo e muitas sessões depois acredito que ele esteja capaz de atingir o objetivo.

— Vamos seguir o mesmo modelo do sapato do pé grande, certo? — Apontei para o par de sapato em nossa frente.

— É um pouco mais difícil aqui... — Ele confessou com dificuldade de repetir o movimento praticado tantas vezes no brinquedo enorme.

— Mas, você consegue! Eu acredito em você — incentivei e orientei a pegada correta do cadarço.

A cada casa que o cadarço entrava eu vibrava internamente, no ritmo calmo e concentrado, característica do Igor, ele prosseguiu sem desistir. A cada vez que o cadarço escapava das suas mãos ele pegava rapidamente e recomeçava.

— Eu consegui tia, Helô! — Bradou feliz e bateu palmas.

— Eu sabia que você ia conseguir! — Elogiei — e aqui está a medalha pelo seu feito.

Eu costumava presentear meus pacientes infantis com medalhas.

— Igor, você é oficialmente o melhor colocador de cadarço do Brasil. Eu posso colocar em você a medalha?

Essa era uma das coisas que aprendi com a prática, trabalhando na clínica. Em geral, os profissionais da saúde realizam as tarefas sem pensar em coisas básicas como pedir consentimento ao tocar em um paciente, é automático: você segue os procedimentos. Já presenciei crianças arredias na urgência ortopédica e não apenas por fruto da dor que a levou até ali, mas do toque do médico. Algumas crianças do espectro autista, e o Igor se encaixava nesse grupo, se sentem desconfortáveis com toques. Incluindo beijos, abraços, apertos de mão... E isso precisa ser respeitado pelos que os cercam. Cabe ao profissional fazer uma triagem e respeitar as individualidades de cada paciente.

— Unrum — ele assentiu com a cabeça e coloquei a medalha em seu pescoço evitando prolongar o contato.

— Agora eu posso mostrar a minha mãe a medalha? — Ele já estava pronto para correr ao encontro da mãe quando o impedi.

— Antes vamos trocar a sua sandália por esses lindos sapatos com cadarço verde maneiro, certo?

— Sim!

— Você precisa de ajuda?

— Eu posso fazer isso sozinho — assisti, como uma mãe orgulhosa, ele substituindo um calçado pelo outro.

Quando Igor chegou aqui ele era dependente exclusivamente do auxílio dos pais, para calçar e vestir as roupas e em um ano de tratamento já conseguia vestir a própria roupa. Esse era um dos muitos momentos que fazia todas as horas de sono acumuladas e finais de semana de aprimoramento profissional valerem a pena. Era como um afago e um abraço quentinho dizendo que estava no caminho certo.

— Está certo? — Ficou de pé e esperou a minha resposta.

— Perfeito! — O sorriso dele competia com o meu.

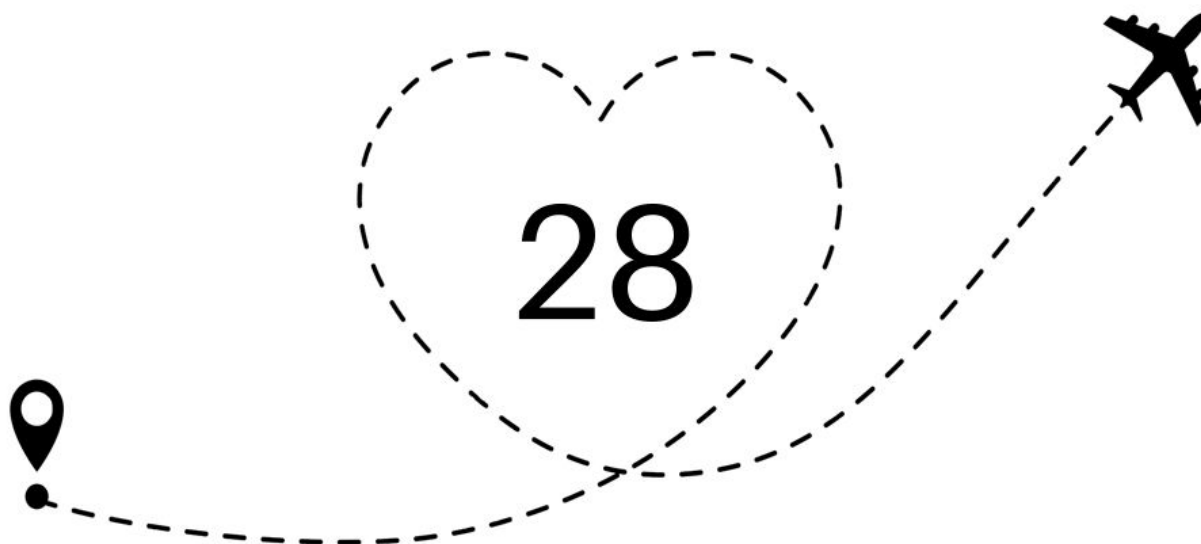
— Agora possa mostrar a minha mãe?

— Sim!

Igor correu e me agachei para pegar sua sandália para devolver a mãe. Quando os alcancei ele exibia o sapato e falava de como amava a cor verde. A mãe chorava e sorria ao mesmo tempo. Assisti em silêncio a interação deles

— Eu não sei nem como te agradecer — a mãe me fitou com carinho.

— O mérito é todo do Igor — Respondi, com sinceridade.



Murilo

Eu, que sempre amei a falta de âncoras na minha vida e seguia por águas serenas curtindo apenas o momento, me vi querendo atracar em um porto e fixar moradia. Para usar a analogia coerente com o piloto de avião que sou, me vi querendo aterrissar em um aeroporto fixo: o coração da Heloísa. Era piegas, clichê, incoerente e inexplicável, eu reconhecia. Mas, era o meu sentimento atual. Não sabia ao certo quanto tempo levava para se apaixonar por uma pessoa... Dias, horas ou meses? Eu sei que, despretensiosamente, um dia eu acordei e não consegui tirar Heloísa da cabeça. Nesse dia, desejei ligar para ela para compartilhar as minhas angústias e convidá-la para as minhas vitórias. E foi naquele momento que eu constatei que estava apaixonado. E que era uma merda sentir isso e estar há quilômetros de distância dela.

A prova cabal do que estava dizendo era que, em pleno domingo ensolarado em Mykonos, Grécia, estava lamentando o fato de ser um homem comum e não um super-herói com o poder de teletransporte para me transportar em um segundo para o céu cinzento de São Paulo. O motivo do meu desejo era uma fisioterapeuta linda que povoava os meus pensamentos e ocupava cada vez mais um espaço na minha vida, ainda que ela não o reivindicasse. Eu mudaria toda a minha rota para estar ao seu lado.

Nos últimos quatro anos essa hipótese era inconcebível. Não havia espaços na minha vida para relacionamentos amorosos. Eu sabia que quando escolhi ser piloto de avião eu teria uma vida de abdicação, tinha o exemplo do meu pai em casa. Enquanto as famílias se reuniam ao redor da mesa na ceia do Natal o lugar do meu pai na ponta da mesa estava sempre vazio, as festas de aniversário eram adiadas para uma data que ele estivesse presente e todos aprendemos a lidar com essa ausência justificada, de modo que era natural para mim. Esse era o ônus de se relacionar com um piloto de avião, lidar com suas ausências, administrar a saudade e fazer valer cada momento junto.

A minha última tentativa de relacionamento não durou mais do que oito meses, e isso foi há tanto tempo que eu nem lembro como é tentar fazer dar certo. Foi a incompatibilidade de agendas que fez com que ela colocasse um ponto final no namoro. E não a julgo, sei que é difícil manter um relacionamento com alguém que você vê de quatro a cinco vezes em um mês. Jéssica cansou de justificar para as pessoas o motivo da minha ausência nas festas em família e da minha presença pontual em dias e horários incontroláveis. Ela disse que merecia alguém que estivesse ao seu lado sempre que precisasse e ela tinha todo o direito de querer mais.

Temia que Heloísa também percebesse que merecia um homem dedicado e solícito a suas vontades no primeiro toque do celular e esse homem eu não poderia ser por mais que eu quisesse. Porém, se ela confiasse em mim e fosse paciente, eu poderia provar que a distância era um obstáculo a ser superado. Eu queria estar

com ela, queria ouvir ela compartilhar o seu dia e fazê-la sorri com as minhas piadas bobas, fosse em uma chamada de vídeo ou presencialmente. Estar longe dessas pessoas me ensinou a apreciá-las mais, a valorizar a presença delas em minha vida e a entender o quanto as amo e esses sentimentos fizeram entender que preciso me esforçar mais para manter um relacionamento em boa forma.

Eu queria muito que desse certo com Helô, mas eu não iria pressioná-la e me restava apenas deixar as coisas seguirem seu próprio ritmo. Agora, estava deitado em uma espreguiçadeira, contemplando o mar azul enquanto aguardava uma ligação que eu sabia que não receberia, pelo menos não agora. Mykonos estava seis horas à frente do horário de Brasília e a essa hora Heloísa deveria estar no seu plantão. Isso significava que não consultaria o celular pelas próximas horas.

Minutos depois, meu celular vibrou sobre a mesa e o meu coração acelerou em expectativa ao recebimento a uma ligação surpresa sua, mas não foi o nome dela que apareceu na tela.

— Comandante Salles, como está o clima em Mykonos? — A voz da coordenadora da *Travel Airlines* soou animada do outro lado da linha

— Ensolarado e convidativo a um mergulho no mar.

— Que inveja — lamentou — mas você é um homem de sorte, comandante. O comandante Dantas teve um problema pessoal e você pode assumir o voo dele e continuar desfrutando do clima do mediterrâneo dessa vez na Sicília. O que me diz?

Eu era a primeira opção da Mary sempre que um dos pilotos da companhia área apresentavam indisponibilidade de seguir as suas escalas. Pois, eu sempre estava disponível para assumir o lugar de qualquer colega de profissão. Todavia, dessa vez eu hesitei na resposta e ela pareceu notar.

—Você não está completamente recuperado da sua lesão? Sentiu novas dores? — Ela perguntou durante o meu silêncio.

— Está tudo bem — informei — é que dessa vez estou cogitando a hipótese de recusar. Você consultou os outros pilotos?

— Ainda não. Você é o primeiro nome na minha lista para cobrir escalas.

— Você pode ligar para os outros e caso não tenha sucesso de resposta, eu assumo a escala do comandante Dantas.

— Ok. Não se preocupe, comandante Salles. Bom descanso e faço uma boa viagem de volta.

— Obrigado.

— A *Travel Airlines* agradece os seus serviços — ela disse a frase da companhia ao encerrar o atendimento.

— Mary — chamei antes que ela desligasse — eu queria tirar os meus dias de folga na empresa. Ainda não sei para quando, mas queria que considerasse essa hipótese na próxima escala.

— Um momento — ela ficou em silêncio por alguns segundos — desliguei o botão de gravação das ligações — Avisou. Esse era o mecanismo de segurança adotado pela companhia para garantir transparência nas chamadas entre seus colaboradores — pode me falar o que está acontecendo, Murilo. Deseja agendar uma avaliação psicológica? Você não será penalizado por isso. Quem está aqui agora é a sua amiga — ela me lembrou da sua amizade. Os anos na empresa nos tornaram amigos. Inclusive fui o padrinho do seu casamento com o comandante Maciel, outro grande amigo.

— Está tudo bem, acredite! — Tratei de tranquilizá-la — só gostaria que soubesse que estou pensando em tirar as folgas.

— Tem alguma mulher na sua vida?

— Está tão na cara assim? — Sorri.

— Sim — foi a vez dela sorri — o comandante Salles conhecido por acumular muitas quilometragens área está querendo arremeter o avião, só poderia ter dedo de mulher nisso. Quando vou conhecê-la para trocarmos figurinhas sobre a vida de mulher de piloto de avião?

— Eu ainda estou na etapa da conquista e não quero assustá-la com o ônus dessa relação.

— Vai dar tudo certo!

— Assim espero. Manda um abraço para o Maciel — me despedi.

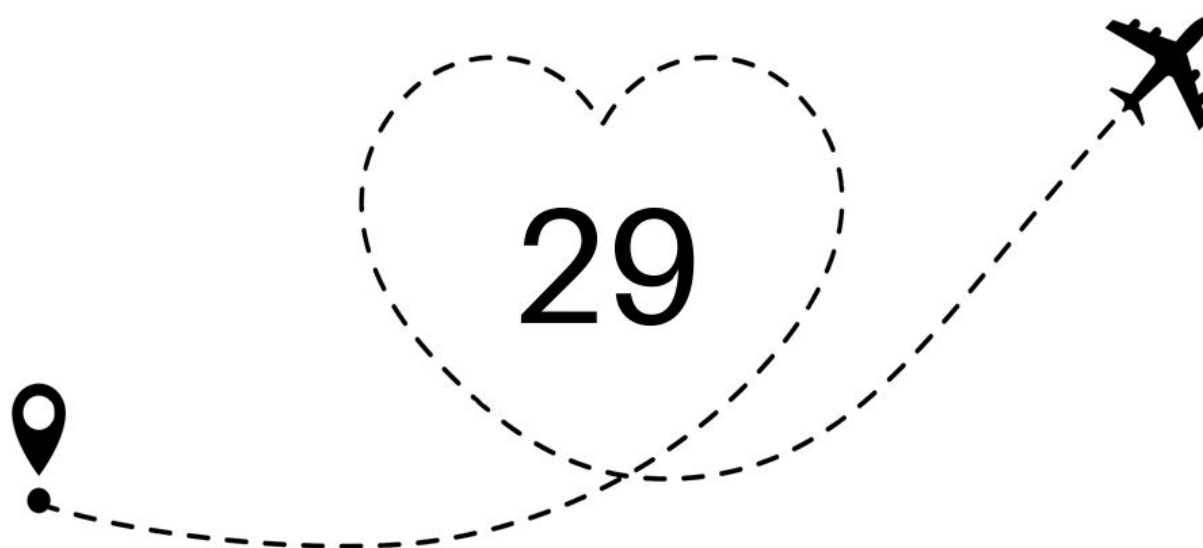
— Pode deixar. Beijo.

— Outro — Encerrei a ligação.

Voltei minha atenção para o mar enquanto imaginava o que ela diria se estivesse ali do meu lado. Era assim agora. Além de apreciar os países pelos quais passava a trabalho, eu me pegava imaginando o que ela acharia deles. Que expressão faria ao experimentar um sabor diferente e tudo o que poderíamos fazer juntos nas camas de todos os hotéis pelos quais passava.

Definitivamente, eu já a amava.

Só me restava agora esperar o momento certo para dizer isso para Heloísa.



Helôisa

Fazer compras, definitivamente não era a minha atividade favorita. Passear de corredor em corredor, observando imensas prateleiras lotadas e empurrando um carrinho era tedioso. Ler rótulos, observar a data de validade dos produtos, comparar preços... Nossa, era exaustivo. E acabava deixando sempre para depois, ou seja, quando os armários e geladeira estava praticamente vazios.

Estava na sessão de biscoitos quando me distrair olhando uma criança com sua mãe. Era uma garotinha de cabelos encaracolados, sentada na parte específica para crianças, do carrinho de compras. A menina estava segurando uma garrafinha cor-de-rosa e, distraída, deixou que o conteúdo transparente caísse de dentro do recipiente para o chão. Aquilo provavelmente era água e tinha formado uma pequena poça no chão do supermercado. A mãe seguiu em frente, ignorando o feito, e eu voltei a ler o rótulo da

embalagem de um pacote de rosquinhas, procurando a quantidade de gordura *trans* que continha.

Não havia prestado atenção que uma senhora tinha entrado na seção. Quando devolvi a embalagem que estava analisando, notei que ela estava pisando no lugar molhado pela criança e, antes que eu pudesse abrir a boca para impedi-la, ela deu um passo para o lado, escorregando rapidamente.

A mulher caiu por cima do braço esquerdo enquanto eu abandonava o carrinho de compras para ajudar.

— Oh, meu Deus! — Ela gritou de susto quando atingiu o chão.

— A senhora está bem? — Perguntei me abaixando ao seu lado.

— Acho que sim. Bem, pelo menos estou viva — sorriu baixinho — devo estar parecendo um saco de batatas caído — disse, bem humorada, e respirei aliviada por não estar gemendo de dor.

— Uma garotinha derramou água aqui e se eu tivesse visto a senhora entrar, teria avisado — lamentei.

— Não se preocupe, eu deveria ter prestado atenção. Você me ajuda a levantar?

— Claro! Está sentindo dor?

— Um pouquinho, mas acho que é normal depois de ter me estabanado... — estendi uma mão para ela e com a outra, apoiei suas costas para auxiliar no movimento.

— Quantos anos a senhora tem? Se não se incomodar em responder...

— Sessenta. Mas não tenho osteoporose — explicou — não precisa se preocupar.

— Eu me chamo Heloísa, sou fisioterapeuta, e acho que é melhor dar uma passadinha no hospital, só por desencargo de

consciência. Alguns acidentes, por mais simples que pareçam, precisam ser avaliados só para garantir.

— Meu nome é Maria. Você é muito gentil, Heloísa. Se te deixar mais tranquila, eu vou ao hospital, só tenho que chamar o meu marido — ela procurou o celular na bolsa e alguns segundos depois levou o aparelho à orelha — fora de área ou desligado.

— Eu posso acompanhá-la, o que acha? E no caminho a senhora tenta novamente o contato com ele.

— E as suas compras? Não quero atrapalhá-la.

— Não vai — falei meia verdade, afinal aquela eram as compras que eu estava evitando há semanas e minha geladeira estava vazia. Mas eu não podia continuar comprando sabendo que alguém precisava de ajuda. — A senhora está de carro?

— Sim.

— Vamos nele até o hospital e depois retorno para pegar o meu, tudo bem?

— Estou te dando muito trabalho, querida.

— Não é nada. Vamos? — Deixei o meu carrinho abandonado no corredor, bem como o de Maria, e seguimos para o estacionamento.

Maria era bem-humorada e durante o trajeto até a urgência de um hospital particular onde seu convênio médico atendia, ela tagarelou sobre a sua ida ao supermercado. Disse que não era para ela estar ali naquele momento, que alterou o seu trajeto habitual para comprar alguns pães de queijo que eram vendidos na padaria daquela rede de supermercados. Segundo ela, havia acabado no chão do supermercado porque não controlou o seu desejo de comer pão de queijo.

— Só pode ser o destino querendo que eu conheça uma mulher tão gentil... — disse com um sorriso e eu retribuí a expressão.

Assim que chegamos no hospital, ela conseguiu falar com o marido que disse que estava a caminho. Não demorou para que fosse chamada para ser atendida e entrou para, provavelmente, realizar alguns exames. Aguardei na recepção, para não ser muito invasiva. Demorou cerca de quarenta minutos até que me dessem notícias, permitindo que eu fosse até a enfermaria.

— Nenhum osso quebrado — comemorou — mas depois que você passa da casa dos cinquenta os médicos te veem como um jarro de cristal frágil. Ele me pediu que eu fique por algumas horas em observação.

— Eles querem apenas garantir que a senhora está bem.

— Amor, está tudo bem com você? — O homem de cabelos grisalhos exibia um semblante preocupado quando entrou na enfermaria.

— Não se preocupe, está tudo bem e graças a Heloísa.

— Obrigado, Heloísa — o homem me encarou e estendeu a mão — eu me chamo Rômulo.

— Não precisa agradecer. Agora que seu marido chegou, a senhora não precisa mais de mim — sorriu — foi um prazer conhecê-la — me aproximei para cumprimentá-la com um beijo no rosto.

— O prazer foi todo meu, Heloísa. Será que você me dar seu telefone para eu ligar caso precise de uma fisioterapeuta?

— Claro — procurei um cartão de vistas na minha bolsa e entreguei para ela — mas espero não receber uma ligação sua para isso. Talvez para conversamos sobre a alta do tomate no supermercado, o que acha?

— Acho uma excelente ideia — concordou, sorrindo.

— Tchau! — Me despedi e segui de volta para a minha rota anterior.

Quando cheguei ao estacionamento do supermercado, minha disposição para compras estava ainda menor. Por isso, entrei no

carro com a promessa que voltaria outra hora. Por hoje, pediria comida pronta de algum restaurante.



Maria me ligou no dia seguinte para informar que estava tudo bem e que apenas alguns hematomas denunciavam que ela levou o maior tombo da sua vida. Em gratidão, ela me convidou para jantar em sua casa na sexta-feira. Tentei argumentar que não era necessário, mas ela foi insistente e acabei aceitando o convite. O dia chegou e, por mais cansada que eu estivesse, jantar com ela e o marido era unir o útil ao agradável: eu estava com fome e eles eram uma companhia agradável.

Dirigi até o endereço que ela me passou, seguindo o GPS, e estacionei na rua antes de me apresentar na portaria do condomínio. O porteiro interfonou e liberou rapidamente minha entrada.

— Você veio, querida! — Ela me abraçou afetosamente assim que abriu a porta — estávamos apenas aguardando você chegar para jantarmos.

— Que bom que eu cheguei, então — sorri — obrigada pelo convite.

— Não precisa agradecer — ela me guiou até a sala de estar, aconchegante e espaçosa, como casa de vó. Mas quando cheguei na sala de jantar, percebi que não era um jantarzinho simples, a mesa estava posta de forma impecável, com direito a *souplasts* delicados, talheres que pareciam terem sido polidos por horas e taças lindas.

— Acho que eu deveria voltar para minha casa e trocar de roupa — estava usando uma calça jeans escura e uma blusa com estampa floral. Minha maquiagem era quase inexistente e, depois de um dia inteiro de trabalho, achei que os dois fossem me receber de maneira bem mais informal.

— Ela queria impressionar, tirou o faqueiro que ela ganhou no nosso casamento e é utilizado apenas em condições especiais — o marido dela explicou sorrindo quando se aproximou.

— Eu não queria dar todo esse trabalho — sorri.

— Não é trabalho, nenhum — Maria olhou feio para o marido por soltar aquela informação sobre o tal faqueiro.

— Mãe, não encontrei os guardanapos de tecido cor-de-vinho... — Eu conhecia aquela voz? O dono dela apareceu para confirmar as minhas suspeitas e o meu corpo inteiro se arrepiou.

— Você? — Dissemos ao mesmo tempo.

Não era possível. Qual é a sua, destino? Questionei mentalmente enquanto avaliava o comandante usando calça jeans e camiseta preta.

— Vocês se conhecem? — Maria alternou o olhar entre ele e eu.

— É uma longa história — Murilo sorriu.

— Eu gosto de longas histórias... — Ela disse animada.

— Essa não é tão legal assim... — Desconversei.

— Vamos comer antes que a comida esfrie — o marido sugeriu e eu agradeci, pois, minhas pernas estavam trêmulas com a coincidência. Jamais imaginei que a mulher que ajudei no supermercado pudesse ser a mãe do Murilo e agora eu estava no seio da sua família sentindo toda a pressão que aquela coincidência acarretaria.

Murilo sentou-se na cadeira de frente a minha e me fitava com um misto de curiosidade e felicidade. Eu tive vontade de puxar ele para um canto e explicar como acabei aceitando o convite para o jantar da sua mãe, mas principalmente para beijá-lo. Estava com saudades do seu toque na minha pele. Estávamos há dias falando apenas por telefone e agora, de frente um para o outro, não podíamos nos tocar.

Maria fez o meu prato e colocou uma generosa quantidade de fricassê de frango e arroz branco. Complementou com salada antes de me entregar. Antes que eu pudesse levar a primeira garrafada a boca, ela fez a pergunta que deveria estar rondando a sua cabeça desde que soube que seu filho me conhecia.

— Onde vocês se conheceram?

— Aeroporto! — Respondemos ao mesmo tempo.

— Ela tinha acabado de receber a notícia que seria deportada para o Brasil — Murilo completou.

— Eu não sou nenhuma criminosa — fiz questão de esclarecer — meus documentos foram furtados e só me dei conta em solo Chileno.

— Que horror, querida — sua expressão era de choque — deve ter sido terrível.

— E foi — concordei — não entendia nada do que eles diziam e estava apavorada. Aí seu filho apareceu e me ajudou.

— Eu fui apenas o tradutor dela — deu de ombros.

— Não seja modesto, você foi o meu salvador.

— Eu não imaginaria nada diferente do Murilo. Não é porque ele é o meu filho, sabe? Mas é um bom rapaz, com um enorme coração e disposto a ajudar a todos sem esperar nada em troca.

— Mãe, se continuar assim a Heloísa vai achar que está na sessão de classificados do jornal — não contive a risada.

— E qual o problema de elogiar os filhos? — deu de ombros — Você é comprometida Heloísa? — Aquela era a pergunta de um milhão de dólares. A minha relação com o Murilo não tinha rótulos, ainda não tínhamos conversado a respeito.

— É complicado — cocei a cabeça.

— Você está constrangendo a visita, amor — o marido interveio.

— Não é a minha intenção, querida — ela sorriu — apenas queria dar uma forcinha para o Murilo, ele vive para trabalhar e acho que está na hora do coração dele pousar em algum lugar seguro.

— Mãe, eu ainda estou aqui! — Murilo a repreendeu, sorrindo.

— Eu também tenho esse defeito — admiti — trabalho muito.

— Mais um ponto em comum entre vocês — piscou para o filho que retribuiu o gesto.

O resto do jantar foi divertido, o pai de Murilo lembrou seus tempos de piloto e a mãe compartilhou o desejo desde criança do filho em seguir os passos do pai. A família do comandante Salles fez com que eu me sentisse acolhida e apreciasse não somente a refeição, mas também a companhia deles.

— Obrigada mais uma vez pelo jantar — me despedi depois dela recusar que eu lavasse os pratos.

— Tão cedo, querida? Pensei em preparar um café enquanto você e o Murilo conversam.

— Não posso mesmo...

— Eu também preciso ir, trabalho amanhã — Murilo sorri — sua comida estava deliciosa, mãe — ele a beija no rosto.

— Comandante, bom voo — o pai desejou.

— Obrigado — ele abraçou o pai.

— Foi um prazer conhecê-los.

— Tenho certeza de que nos encontraremos mais vezes — Maria disse enquanto me abraçava.

Os pais de Murilo aguardaram a chegada do elevador enquanto permanecíamos, um ao lado do outro, em silêncio. Assim que a porta da caixa metálica se abriu, entramos nela e acenamos em despedida. Quando a porta se fechou, nossos corpos se procuraram imediatamente. Murilo me prendeu contra a parede e sua boca reivindicou a minha. Eu gemi com o contato e o puxei mais

para mim. Minhas mãos iam e vinham freneticamente tocando em todos os lugares que era possível.

A parada do elevador deveria fazer a gente nos afastar, mas continuamos nos agarrando como dois adolescentes com os hormônios em ebulição.

— Isso é um condomínio de família — a voz rude foi um balde de água fria que me fez parar.

— Desculpa, a culpa é de toda dessa mulher! — Murilo respondeu sorrindo enquanto eu sentia meu rosto esquentar. Provavelmente estava vermelha como um tomate maduro de vergonha!

A mulher com idade para ser minha avó não achou graça, pois se colocou entre nós com cara de poucos amigos. Para nosso azar ela seguiu até o térreo em nossa companhia.

— Tenha uma boa noite — ele desejou para a mulher que não se deu ao trabalho de responder.

— Estou me sentindo mal por ser flagrada no elevador. E se ela for amiga dos seus pais?

— Minha mãe iria soltar fogos de artifício com essa notícia. A função dela é encontrar um par para mim e você foi a eleita.

— Eu não fazia ideia de que ela era a sua mãe.

— Você é o anjo que a salvou — ele sorriu — eu deveria saber que você era a linda fisioterapeuta que a ajudou no supermercado. Cogitei muitas vezes em não ficar para jantar porque sabia que ela iria querer me apresentar ao seu anjo da guarda — confessou.

— E por que ficou?

— Porque a comida da minha mãe é deliciosa — deu de ombros.

— É um bom argumento — sorri — ela faz isso com frequência? Achar mulheres para você?

— Sim, ela adora bancar o cupido. E dessa vez parece que ela acertou.

— Como assim?

— A sua cota está em alta com ela. Então, talvez eu convide você para jantar qualquer um desses dia — insinuou.

— Talvez eu aceite o convite — respondi o flerte.

— E quem sabe nesse jantar eu te peça em namoro? Assustei você?

— Não, é que... Eu não sei se pode dar certo o nosso namoro.

— Eu passo os meus dias pensando em você, querendo estar com você e me perguntando se você surtaria se eu dissesse que quero mais que ser o seu amigo colorido. Quero ser seu companheiro, quero ser seu, Helô. O que me diz?

— Uau! — Meu coração batia descompassadamente — também penso muito em muito e conto as horas para te encontrar. Mas tenho medo de não dar certo, entende? Temos os nossos trabalhos entre nós. Nem sempre estarei disponível para jantar ... — Ele levou os dedos aos meus lábios para me silenciar.

— O destino colocou a minha mãe na sua vida e ela aprova você. Você não vai contrariar a uma mãe ansiosa por ver o filho namorando, vai?

— Isso é chantagem — sorri.

— É? — Arqueou a sobrancelha — vamos para o meu apartamento que irei te mostrar todo o meu arsenal.

— Eu estava pronta para dizer sim, mas vou fingir ponderar enquanto você tenta me convencer.

— É um bom plano! — Ele segurou a minha mão — está com seu carro? — assenti — então, vamos nele, vou deixar o meu na vaga de estacionamento deles. — Prepare-se para me dizer sim.

— Sim.

— Já?

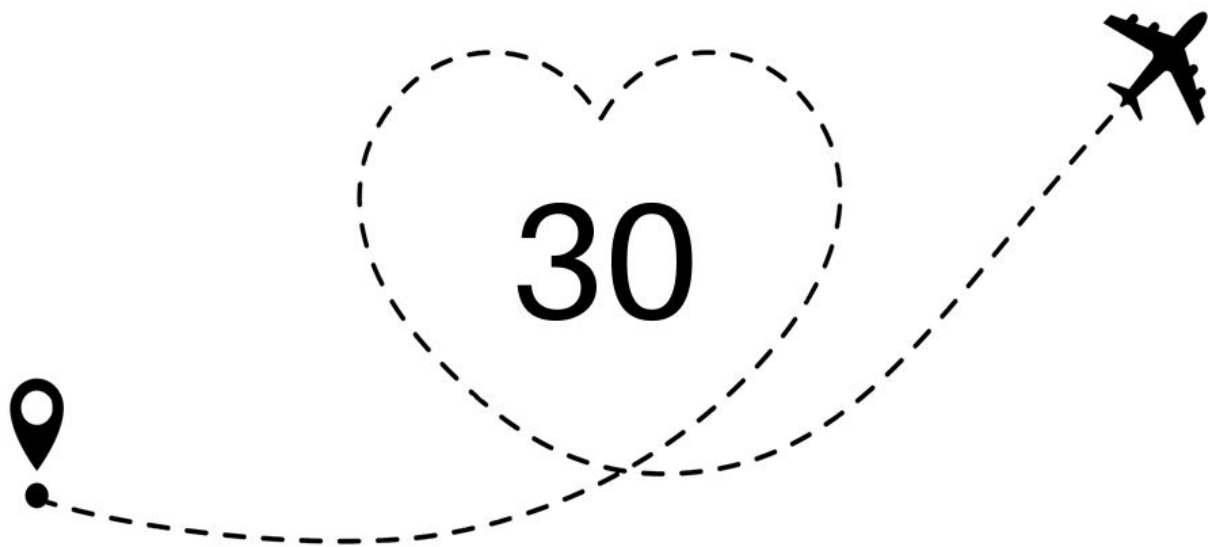
— Não.

— Estou confuso...

— Estou preparada para dizer sim, mas só o farei quando você conseguir as palavras de mim.

Eu o desafiei.

E ele venceu.



Helôisa

Voltar a terapia foi uma das melhores decisões que tomei nos últimos tempos. Ali, deitada no divã expus todas as minhas alegrias, tristezas, sonhos, fraquezas, medos, dúvidas e incertezas. Ao fim de cada sessão eu tinha a sensação de estar seguindo em frente, ainda que as lágrimas nublassem a minha visão vez ou outra quando tínhamos que trabalhar minha sensação de culpa.

Hoje, depois de mais uma hora de conversa, eu me despedi do terapeuta e aguardei minha carona de pé, em frente ao prédio comercial do qual tinha acabado de sair.

— Tudo isso é para o seu terapeuta? — Murilo ergueu os óculos escuros e seus olhos percorreram o meu corpo, demorando a atenção nas minhas pernas expostas pelo vestido curto.

— Essa roupa velha? — Dei uma voltinha que fez a saia do meu vestido girar.

A roupa era um dos muitos vestidos esquecidos no meu guarda-roupa, habitualmente uso calça jeans e *legging* e decidi usar vestido para surpreender o Murilo. E a julgar pelo seu olhar, havia conseguido.

— Você também não está nada mal nesse uniforme de piloto sexy — Murilo havia acabado de retornar de viagem e saiu do aeroporto direto ao meu encontro.

— Sexy é? — Ele não aguardou a minha resposta, sua boca se colou a minha e me perdi naquele beijo que tinha gosto de saudade, desejo e quero mais — onde está o seu carro? — Indagou enquanto a sua mão descia da minha cintura em direção a minha bunda onde cravou os dedos.

— Nós vamos jantar — tentei me soltar das suas mãos ágeis incendiava minha pele ainda que por cima do tecido.

— A gente pode pular para a sobremesa... — Sussurrou no meu ouvido.

Um pigarro seguido de uma palavra que eu não compreendi fez com que eu me afastasse dos braços do Murilo rapidamente. Virei o rosto em direção a voz e encontrei meu terapeuta nos encarando. Eu desejei que um buraco se formasse aos meus pés, fui flagrada pelo meu terapeuta no maior amasso em frente ao seu consultório.

— Vocês estavam impedindo a passagem — ele explicou.

— Desculpa — respondi mortificada.

Murilo analisava o homem em nossa frente, tentando identificar quem tinha interrompido o nosso momento. Sua mão voltou até a minha cintura e segurou ali com firmeza.

Eu finalmente me lembrei de apresentá-los:

— Dr. Yuri, esse é o Murilo.

— Sou o namorado — Murilo estendeu a mão para meu terapeuta que prontamente aceitou o gesto.

— Prazer, namorado — Dr. Yuri sorriu e logo em seguida um carro parou do outro lado da rua, buzinando. Ele acenou em direção — Preciso ir, boa noite.

— Boa noite! — Respondi.

— Ele é o seu terapeuta? — Murilo perguntou com os olhos fixos no Dr. Yuri que atravessava a rua.

— Sim, algum problema?

— Eu o imaginava como um senhor careca de barba branca. Ele é mais jovem e *bonito* do que poderia imaginar...

— Você está com ciúmes dele? — Sorri — achei que tivesse deixado claro que o meu fetiche é em homens fardados — segurei a lapela do seu terno azul e deixe meus dedos seguirem para baixo — principalmente os que pilotam avião.

— Não é ciúmes — ele garantiu — só fiquei surpreso. Vamos aproveitar que estou fardado para resolver esse seu fetiche por piloto. Onde está seu carro?

— Ele acabou de chegar — apontei para o carro cinza com o pisca-alerta ligado que acabou de parar em local proibido — vamos antes que um homem de uniforme e caneta na mão desfaça o meu fetiche por uniformes — fiz menção aos guardas que multavam os motoristas.

Antes que entrássemos no carro, o vidro do motorista desceu e a voz calorosa de Gizele chegou até nós.

— Comandante? — Indagou surpresa e animada com a presença dele.

— Gizele! — Ele sorriu.

— Que milagre o senhor por aqui...

O olhar dela seguia do meu rosto para o de Murilo, tentando juntar todas as pecinhas do que nós dois juntos, aquela hora e na rua, significava.

— Vim lhe trazer esse humilde presente — ele apontou para mim, lembrando as falas do seriado mexicano que já tinham

utilizado em Cancún.

— Será que vocês podem parar com essa imitação ruim de Chaves? — Revirei os olhos e os dois caíram na risada.

— Você poderia abrir a mala, por favor? — Murilo solicitou e foi para o fundo do carro.

— Claro, comandante! — Gigi bateu continência e eu sorri enquanto me sentava no banco do carona ao seu lado.

— Agora está explicada essa cútis, esse sorriso, o bom humor... Você está trepando loucamente sob o comando do seu piloto.

— Se você quer dizer que estamos nos encontrando, às vezes quando ele não está viajando ou eu trabalhando até quase cair, sim.

— Que vadia sortuda! — Vibrou — e por que me convidou para jantar? Você deveria estar tirando o uniforme dele com a boca para depois se sentar na cara dele!

— Péssima hora!? — A voz do Murilo dentro do carro nos recordou que não estávamos a sós.

— Ai Meu Deus! — escondi o rosto entre as mãos — você e a sua boca gigante, Gi.

— Comandante, estou tentando convencer a Helô a sentar na sua cara ao invés de irmos jantar. É uma escolha fácil, você não concorda?

— Você é uma boa amiga, Gizele — ele sorriu.

— Eu sei — respondeu convencida — e é por esse motivo que estou querendo salvar a sua noite, comandante.

— Você já está salvando, acredite — o sorriso não saia do rosto dele — eu havia esquecido como é bom assistir à interação de vocês. A cada palavra sua o rosto de Heloísa vai atingindo novos tons de vermelhos e ela fica ainda mais linda tímida. Você não acha?

— Sim — minha amiga respondeu eufórica — sabe o que eu também acho? Que vocês deveriam se casar para reproduzir a beleza. O filho de vocês seria a coisa mais linda desse planeta!

— Gizele, cale essa sua linda boca e coloque esse carro em movimento — lancei um olhar mortífero para ela, mas minha amiga era imune a ele.

— Claro, amiga! Sua casa ou restaurante? — Arqueou a sobrancelha.

— Restaurante! Por que eu achei que essa seria uma noite divertida?

— Estou me divertindo e você, Gizele? — Murilo respondeu.

— Eu também e você, Helô?

— Eu estou começando a me arrepender de um dia ter apresentado vocês. Vocês são terríveis juntos! — Lamentei.

— Olha a audácia dessa safada, comandante... — Gigi começou, mas eu interrompi:

— Comandante Salles, cuidado com as suas próximas palavras ou ficará sem sobremesa — ameacei e ele fez um sinal de zíper com a boca.

— Que homem sábio! — Gizele elogiou e ele gargalhou.



Quando convidei Gizele e Murilo para jantar era para me redimir com os dois. Eu não estava conseguindo ser uma amiga presente e também estava ausente no papel de namorada. Da última vez que vi o Murilo estava saindo do plantão e tudo que consegui foi ir até a porta do hospital para me despedir com um beijo rápido antes dele seguir para mais uma viagem. Além disso, cancelei duas vezes com a Gizele, pois estava cansada demais para fazer qualquer coisa que não fosse dormir.

Com esse jantar entre nós, meio que ficava claro para os dois que eles eram importantes para mim. E que eu me importava com ambos. Era difícil conseguir unir as nossas agendas e quando a oportunidade surgiu, marquei o jantar sem que um soubesse da presença do outro. O resultado foi uma noite leve e divertida, exatamente como eu imaginei que seria na companhia deles. Gigi tinha o poder de me fazer gargalhar nos momentos mais tristes e Murilo se encaixou perfeitamente na nossa amizade. Éramos os mais animados do restaurante, rindo alto e falando uma bobagem atrás da outra, formávamos um bom trio.

— Eu queria compartilhar algo que aconteceu comigo.

— Você está grávida? — Gizele perguntou e Murilo me encarou de olhos arregalados.

— Não! — Neguei enfaticamente — o que eu tenho a falar não envolve filhos, sua louca. Então: eu decidi desacelerar.

— Tem certeza de que não está grávida? — Ela arqueou a sobrancelha.

— Certeza absoluta, Gizele — respondi de maneira séria — percebi que preciso me dedicar mais a outras esferas da minha vida. E isso inclui em não furar o cinema de sábado à noite com a

amiga — estiquei a mão para ela, que a segurou — ou ter tempo para curtir meu namorado na folga — segurei a mão do Murilo — eu não sou a super mulher que achei que fosse. Estava sobrecarregada com o trabalho e não estava me dedicando a Heloísa pessoa. Todas as minhas partes precisam estar conectadas para eu estar bem.

— Você está feliz com essa decisão? — Murilo indagou.

— Sim, o Dr. Yuri me fez compreender que eu não preciso abraçar o mundo, pois tenho apenas dois braços pequenos — sorri — e neles eu quero envolver mais as pessoas que me fazem bem. Ontem foi a minha última aula no estúdio de pilates. Não vou aceitar mais plantões dos meus colegas, nada de pacientes particulares e vou reduzir os meus atendimentos na clínica.

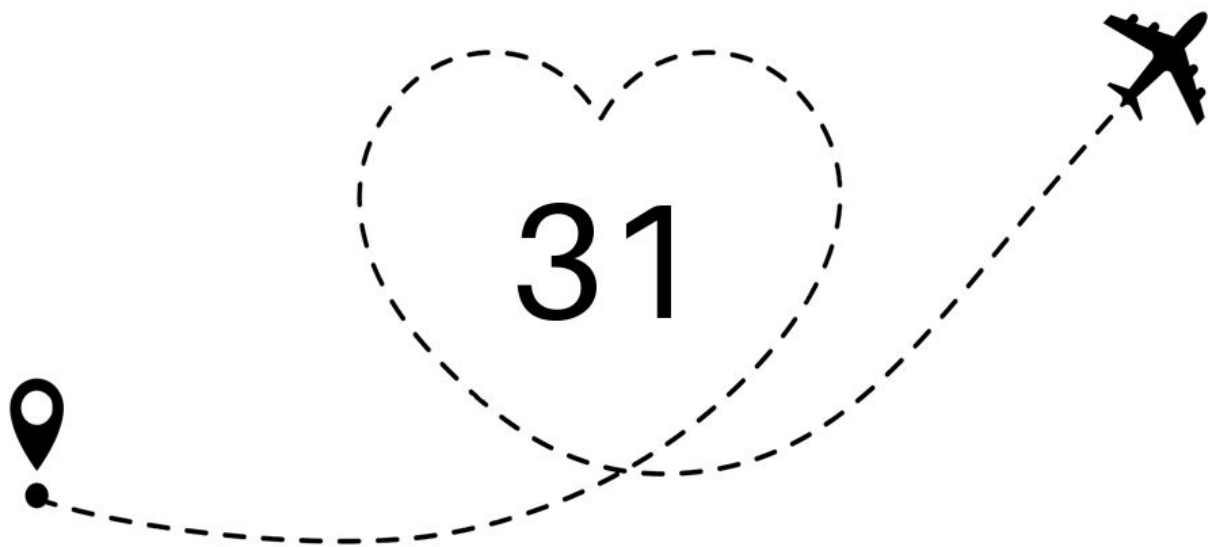
— Mais pobre você deve ficar, mas com certeza muito mais feliz e presente — Gizele concluiu e eu gargalhei.

— É, por mais que eu ame a minha profissão preciso trabalhar muito para receber uma remuneração mensal satisfatória. Mas estou estudando umas maneiras de melhorar isso — sorri.

— Um brinde a você, Helô — Gizele ergueu a sua taça de água com gás. Afinal, ela era a motorista da rodada — uma das mulheres mais incríveis que eu conheço!

— Incrível e corajosa — Murilo continuou o brinde, levantando a taça de vinho.

— A nossa amizade — sugeri e o tilintar das nossas taças brindou aquele momento.



Helôisa

Estar em casa todas as noites era bom. Eu conseguia fazer o jantar (e diminuir os gastos com aplicativo de comida), ver televisão e descansar. Aquele tempo a mais, só para mim, também me fazia sentir falta do Murilo. O que era assustador, de certa forma. Eu, que sempre fui acusada de não ter tempo para me dedicar a uma relação, estava quase acusando alguém por fazer o mesmo.

Não era como se ele não me procurasse, Murilo me ligava todos os dias, de qualquer lugar do mundo onde estivesse. Só era estranho estar tão disponível e ele não. Talvez fosse assim que o Leandro se sentisse antigamente. Ao contrário do meu ex, nunca cheguei a comentar com o Murilo como me sentia.

Como se soubesse que meus pensamentos estavam nele, meu celular começou a tocar, indicando uma ligação do meu namorado.

— De qual parte do mundo você fala, comandante? —
Atendi.

— De Buenos Aires, segundo a minha escala — suspirou —
não importa onde estou, mas sim onde queria estar.

— O que? Não vai me dizer que não está curtindo um tango
por aí? — Perguntei, me sentando no sofá e torcendo para que ele
disse “claro que não”.

— Tango é aquela dança sensual? — deu uma pausa — não
tenho interesse.

— Mentiroso — gargalhei — mas mantenha aquela Rosa
bem longe do seu espinho.

— Você não existe, Helô... — disse entre gargalhadas — me
ligaram para que eu cubra um voo...

— Então, não vai estar em casa amanhã?

— Infelizmente não, eu aceitei porque não tinha mais
ninguém disponível — explicou — vou para Natal algumas horas
depois de pousar em Guarulhos.

— Entendi...

— Por que não vai comigo? Vou chegar de madrugada e
passar o dia, depois faço escala no Rio e finalmente São Paulo.

Eu não queria ser a chata que cobra a presença dele. Não
queria ter que voar para encontrá-lo só porque não aceitava que ele
mudasse a rota que havíamos combinado.

— Acho melhor não. Vou começar a organizar um
cronograma para me preparar para o doutorado...

— Decidiu mesmo se inscrever?

— Sim. Vou estudar um pouco mais agora para trabalhar um
pouco menos futuramente, recebendo muito mais — suspirei. —
Vou cancelar nossa reserva para jantar amanhã.

— Desculpe por isso.

— Não se preocupe, trabalho é trabalho.

— O que você está fazendo agora? — Perguntou, tentando iniciar uma conversa que ia acabar como tantas outras: com toques e gemidos. Mas não estava a fim. Eu o queria ali e não apenas sua voz.

— Estou jantando — menti — por sinal, minha comida está esfriando, nos falamos amanhã, comandante.

— Boa noite, Helô — ele disse e eu encerrei a chamada.

Me deitei no sofá e fechei os olhos.

O que está acontecendo com você, Heloísa?

Gizele com certeza me xingaria horrores se soubesse que acabei de dispensar sexo por telefone. Abri os olhos e procurei o número dela na agenda. Disquei e fiz a ligação.

— Oi, Helô — Gigi atendeu no segundo toque.

— Tá podendo falar?

— Sim, estou em casa, o que houve?

— Não sei, exatamente...

— Brigou com o piloto gostoso? — Perguntou.

— Não. É só que... Ele não vai poder vir amanhã porque vai cobrir outro piloto.

— Parece que o jogo virou, não é mesmo? — Perturbou.

— É exatamente esse o problema. O que está acontecendo comigo? Não deveria me incomodar com isso. Sei que é trabalho, já fiz o mesmo muitas vezes.

— Mas você não era apaixonada antes — concluiu.

— Esse é o seu diagnóstico? — Bufe. — Eu gosto dele sim, mas o que tem a ver?

— Não estou falando de gostar. Você gostava do imbecil do Leandro e era apaixonada por ser trabalho, então não era um problema desmarcar com ele porque precisava dobrar o plantão — explicou — agora, você diminuiu sua carga horária...

— Não foi por ele, foi por mim — corrigi.

— Eu sei, mas de alguma forma foi *depois* dele. Então, você tem mais tempo livre e uma nova paixão: um comandante gostoso que te faz gozar muito, mas que também te faz sentir uma princesa da Disney. É mais do que natural que você queira *praticar* essa paixão.

— Talvez você tenha razão...

— Eu tenho. Admita que está completamente apaixonada, amiga.

— Ok, Gizele, estou fodidamente apaixonada. E agora?

— Ele não vai poder vir amanhã, mas não vai ficar fora para sempre. Conte para ele como se sente...

— Ele vai para Natal e me chamou, mas recusei o convite — lamentei.

— Faça uma surpresa! Compre uma passagem e vá encontrar seu piloto. Se arrisque! Pare de apenas molhar o pé na água fria e se jogue nessa piscina de uma vez, Helô...

— Você está me parecendo tão coerente hoje, o que houve com você, Gigi?

— Sou um poço de coerência — gargalhou — se afogue na minha sabedoria.

— Eu te amo, amiga — declarei.

— Sim, sim, eu sei. Também amo você agora desligue o telefone e compre a passagem.

— Não quer ir comigo?

— Dessa vez, você precisa fazer isso sozinha — ela riu — beijo — encerrou a chamada.



Havia apenas um voo saindo de Guarulhos com destino a Natal, no Rio Grande do Norte. Por isso, foi fácil saber para que aeronave comprar a passagem. O que não foi tão fácil? Fazer uma mala de bordo, me arrumar e sair de casa até a meia-noite. O voo estava previsto para sair 01h da manhã e duraria cerca de 03h10min até pousar em Natal. Mas eu consegui e agora que estava a bordo, sentia meu coração martelar freneticamente contra o meu peito. Eu não o avisei que ia viajar.

Decolagem iniciada. Voz do piloto causando arrepios. Aeronave estabilizada. Tudo certo... A não ser pelo pouco espaço que me destinaram. Passagens de última hora podem vir acompanhadas de pequenas desvantagens, como por exemplo, se sentar na última fileira de poltronas. Aqueles eram, definitivamente, os piores assentos porque não dava para reclinar e o passageiro da frente reclinou a poltrona dele. O que resultou em pouco ou quase nenhum conforto naquela viagem.

Além disso, dava para ouvir os comissários de bordo no fundo do avião. Bandejas sendo manuseadas, embalagens sendo descartadas e algumas risadinhas eram perceptíveis aos meus ouvidos. O avião estava com luz baixa, para que os passageiros pudessem dormir um pouco, mas eu estava alerta. E, em algum momento, pensei em ter ouvido alguém falar a palavra comandante.

Você deve ter ouvido errado, Helô. E mesmo que tenha ouvido certo, é normal a tripulação se referir ao comandante do próprio voo, não é?

Provavelmente era. Mas a minha curiosidade não me deixaria em paz e, de repente, uma vontade enorme de fazer xixi surgiu. Destravei meu cinto e me levantei, quase me contorcendo inteira para sair dali com o encosto da poltrona da frente abaixado em

minha direção. Antes de empurrar a trava da porta do banheiro, olhei em direção a equipe de bordo e pude observar que naquele dia era composta por quatro mulheres.

Dentro do diminuto espaço, coleí meu ouvido na porta em busca de algum som exterior. Alguns segundos se passaram até que elas recomeçaram a conversa.

— Hoje ele não me escapa! — Alguém disse entre risos.

A conversa era baixa, mas eu estava me esforçando bastante para captar o que diziam. Estava quase sem respirar com medo de que uma inspirada fosse me fazer perder uma palavra.

— Aproveite, o comandante é capaz de levar as nuvens sem sair do chão — outra respondeu como se tivesse conhecimento de causa.

Não deve ser ele. Existem muitos comandantes.

— Você ficou com ele no seu aniversário mesmo?

Não.

— Sim. E foi o melhor presente que eu poderia pedir... Será que Salles topa nós duas hoje?

Salles? Devia ter ouvido errado.

Descolei meu ouvido da porta porque já não conseguia entender mais nada porque o som do meu coração batendo forte ressoava em meus ouvidos.

Calma, Heloísa. Você nem sabe quando foi o aniversário dela, provavelmente um ano atrás.

Mas ela questionou se ele toparia um encontro hoje.

Ele recusaria.

Será?

— Cala a boca — disse em voz alta para mim mesma e abri a porta para sair daquele lugar sufocante.

Quando eu saí, todas as comissárias estavam me olhando. Será que eu gritei alto para calarem a boca?

— Desculpe, estava em uma ligação — disse e me arrependi no mesmo segundo.

— Senhora, não pode fazer ligações durante o voo — uma delas, a de olhos verdes, me lembrou. Olhei o seu nome no crachá: Grassi.

— Isso não vai se repetir — esclareci — você poderia me dar um copo d'água, por favor?

— Sim, senhora. Pode se sentar que eu levo — assenti e fui para o meu lugar.

Não demorou até que ela viesse me servir e não conseguir controlar a inspeção que fiz na mulher. Pernas definidas, aparentemente sem barriguinha e seios bem grandes. Além dos olhos verdes, belíssimos, ela tinha cabelos escuros que estavam presos em um coque profissional. Grassi era uma mulher muito bonita e antes que eu pudesse evitar, estava me comparando a ela.

— Obrigada — agradei depois de pegar o copo — vou te devolver já.

Um passageiro da parte da frente acionou o comando e ela foi até ele, enquanto eu bebia a água sem ter um pinga de sede. Quando ela voltou, eu abri a boca sem pensar.

— O piloto tem uma voz tão sexy, não é? É impossível não ficar imaginando se a pessoa combina com a voz — disse em tom conspiratório.

— Sim, o comandante Salles tem uma bela voz — respondeu de maneira profissional, mas quando foi pegar o copo da minha mão se inclinou para completar baixinho: — E, sim, a voz combina com o dono.

Engoli em seco.

— Será que vou conseguir vê-lo, estou curiosa...

— Ele é um dos poucos comandantes que acompanham o desembarque, talvez consiga, não posso dar certeza porque é um voo de madrugada.

— Ok... E na estadia? Será que eu consigo encontrar vocês pela rua e aí você me apresenta. Ou só pisca para eu saber quem é.

A mulher me encarou por alguns segundos e provavelmente achou que eu fosse uma desesperada caçadora de homens. Eu também acharia no lugar dela.

— Vamos ficar pouco tempo. E, se tudo der certo, ele estará bem ocupado... Comigo.

— Oh... — arregalei os olhos, mas a expressão era genuína.
— Desculpe por isso.

— Não se preocupe — ela sorriu e se retirou levando meu copo.

Grassi levou também meu ânimo.

E talvez, o meu coração.



Sim, Grassi estava certa. Por se tratar de um voo de madrugada, ou por qualquer outro motivo, Murilo não acompanhou o desembarque. Como estava no final do avião seria, inevitavelmente, uma das últimas a sair, uma vez que apenas a porta dianteira estava disponível para desembarque. Se dependesse de mim, eu continuaria no avião até ele retornar para São Paulo, como os ônibus e metrô fazem quando chegam ao final da sua linha. Mas não dava para fazer aquilo, sabe-se lá para onde ia aquele avião e nunca me permitiriam ir junto com ele para onde quer que fosse. Malditas burocracias aéreas.

Depois de passar pela ponte de embarque que ligava o avião ao aeroporto, arrastei minha mala de bordo por alguns metros até encontrar um banco para me sentar. Eu precisava fazer uma reserva, pegar um táxi e providenciar a passagem de volta. Talvez, o melhor fosse fingir que aquela viagem nunca existiu e, quando ele chegasse em casa, conversar como dois adultos. Era um bom plano.

Enquanto buscava por hotéis próximos ao aeroporto em um site da internet, notei que a tripulação começava a desembarcar. Um homem usando um uniforme igual ao do Murilo passou pelas portas de vidro acompanhado de duas comissárias. Meu coração disparou em alerta, mas eu não tinha como sair dali e me esconder, o aeroporto estava quase vazio.

Então, eu o vi. Nunca cansaria de admirar aquele homem usando aquele uniforme. O comandante Salles exalava sensualidade. E poder. Um homem capaz de tirar do chão uma máquina daquele tamanho tinha todo o poder nas mãos. Todo poder e todas as mulheres que quisesse. Inclusive, aquelas duas que estavam ao lado dele, quase babando. Grassi e uma outra

comissária que não prestei atenção no nome andavam próximas, uma de cada lado, do homem que me fez sair de casa em tempo recorde.

Era como se eu fosse uma mera espectadora de uma série erótica da Netflix que envolvia uma tripulação aérea. Quase podia ver os três em um quarto, tirando as roupas e...

Pare com isso, Heloísa.

Fiquei de pé e, sem pensar, coloquei um pé na frente do outro até que ele virasse o rosto em minha direção. Não só ele, a aeromoça de olhos verdes se virou e devia estar achando que a passageira louca do avião estava prestes a pular em cima do *seu* comandante. Ela não estava errada. Só não sabia se era para encher ele de beijos ou de tapas.

Os olhos dele encontraram os meus quando ainda estava a alguns passos de distância. Não sei se pela surpresa de me encontrar ali ou pelas companhias com as quais estava, ele não veio ao meu encontro. Murilo ficou parado enquanto eu marchava em sua direção. Era como um teleguiado procurando o alvo. Eu explodiria assim que o tocasse.

O impulso com que cheguei fez com meu corpo se chocasse com força contra o dele. E por mais que minha raiva fosse enorme, meus braços se agarraram ao tronco dele em um apertado abraço de urso. Senti seus braços me envolverem e levantei o rosto para falar baixinho próximo ao seu ouvido.

— Eu quero matar você — sussurrei e ele deu uma risadinha — não é brincadeira. Tem dois segundos para que eu perca o controle e comece a gritar tudo que está entalado na minha garganta desde esse maldito voo.

Ele se afastou rapidamente e olhou para o meu rosto, provavelmente notando que o que acabei de dizer era verdade.

— O que foi? — Perguntou preocupado.

— Um, dois — encerrei a contagem de dois segundos e ele me puxou pela mão.

— Comandante? — Grassi chamou com um tom um pouquinho indignado.

— Podem dividir um táxi — informou — tenho algumas coisas para resolver.

— Vamos, Grassi — a outra chamou — pelo visto ele trocou de companhia essa noite.

Respirei fundo enquanto era arrastada para perto dos banheiros. Havia uma fileira de bancos ali, além dos caixas eletrônicos, mas me recusei a sentar quando ele ofereceu.

— Estou surpreso por você estar aqui — disse.

— Ah, eu imagino o quanto...

— Eu amei que veio. Estava morrendo de saudades e...

— Ia matar essa saudade nos braços daquelas duas — concluí.

— De onde você tirou essa loucura?

— Da boca das próprias — informei — ouça, já me arrependi de ter vindo. Tudo que eu queria era que seu maldito avião desse a volta e me levasse para casa de novo. Mas não era possível, então desembarquei e estava procurando um lugar para passar a noite. Aí você apareceu com as duas modelos da *Victoria Secret* e eu pirei.

— Ei, respire — pediu e se aproximou, tocando meu rosto — não sei o que ouviu, mas posso te garantir que quando chegasse ao hotel passaria a noite apenas com os travesseiros e lençol da cama.

— Não minta para mim, comandante — pedi.

— Não tenho motivos para mentir, Heloísa. Pode me perguntar o que quiser.

— Você já ficou com a aeromoça Grassi? — Fui direto ao ponto.

— Sim, mas...

— Quando foi o aniversário dela?

— Você ia se casar. Eu tinha acabado de ver um monte de fotos suas com anel de noivado e corações — explicou — eu fiquei com ela enquanto você estava noiva.

— Certo... — Pensei nas datas.

— Agora, como soube disso?

— Já disse, da boca delas. Estavam conversando no fundo do avião e eu ouvi — ele me puxou para os seus braços e me apertou ali.

— Fiquei com a Grassi apenas uma vez. Você estava comprometida. Nunca fiquei com a Rosa e, definitivamente, não ficaria com nenhuma das duas hoje. Acredita em mim?

— Nem com as duas de uma vez? — Ele riu.

— Nem com as duas de uma vez — garantiu — a única mulher que desejo passar os dias e as noites está nos meus braços nesse momento. E eu não quero que ela saia deles nunca...

Suspirei.

— Agora nós vamos sair daqui ou entrar naquele banheiro?

— Você precisa descansar. Uma passageira pode ficar no quarto do comandante?

— Se não puder, eu derrubo o hotel — gargalhei — vamos lá, estou louco para agradecer por essa surpresa.

— Agradeça mesmo e muito bem, porque vim na última fileira quase sem poder me mexer...

— Coitadinha da minha namorada — lamentou enquanto caminhávamos para fora do aeroporto — vou te compensar pelas próximas horas.

E ele compensou.

Nós passamos as horas disponíveis trancados no quarto do hotel. A visita ao Morro do Careca, praia de Genipabu e todos os pontos turísticos de Natal teria que ficar para outra data. Nós transamos no chuveiro assim que chegamos ao quarto e ele se

dedicou bastante para conseguir fazer com que eu ficasse menos irritada. Descansamos, fizemos nossas refeições e fizemos amor na cama.

O tempo voou e quando menos esperamos estávamos de volta ao aeroporto. Eu fazendo *check-in*, ele embarcando para preparar a decolagem. Assim que entrei no avião, fui recebida por duas comissárias de bordo, como de costume.

— Bem-vinda — a que agora sabia que se chamava Rosa deu um sorriso sem graça.

— Obrigada. Será que eu poderia dar uma palavrinha com o comandante antes da decolagem? — Perguntei sem encarar Grassi.

— Não é possível, senhora. Isso atrasaria o voo, a empresa não permite — foi Grassi quem respondeu — por sinal, os passageiros estão aguardando a senhora passar para embarcar.

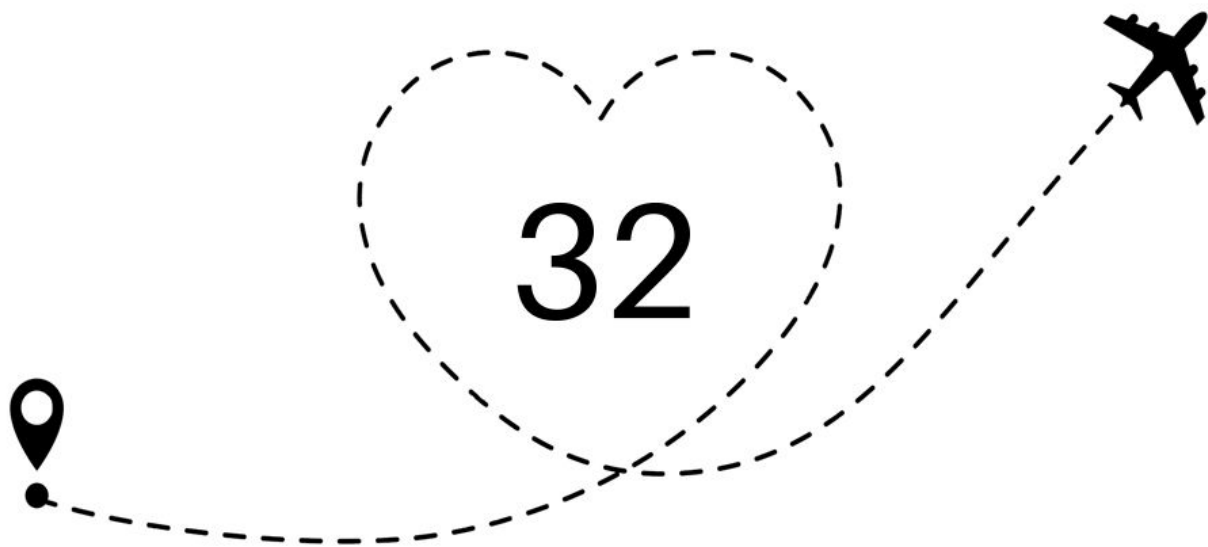
Assenti e andei até o meu assento. Dessa vez, ele ficava próximo a saída de emergência, por isso era bem espaçoso. Guardei minha bagagem na parte superior e me sentei na janela, afivelando meu cinto antes de colocar minha bolsa no colo. Peguei meu celular e ativei o modo voo e o guardei de volta, me preparando para decolagem.

— Senhoras e senhores, aqui quem fala é o comandante Salles. Bem-vindos ao voo número 2705 da *Travel Airlines*, partindo do Aeroporto internacional de Natal com destino ao Aeroporto Internacional Tom Jobim. Nosso tempo de voo é de aproximadamente 3h04min. O clima no Rio de Janeiro está bom e a previsão é que nossa viagem seja tranquila — a voz grave do piloto preencheu o ambiente — antes de desejar bom voo, gostaria de mandar um beijo especial para uma passageira, ela se chama Heloísa. Se estiverem vendo uma loira linda aí, é a minha namorada, por favor, cuidem dela para que eu possa pilotar em paz.

Vários passageiros sorriram com a declaração do Murilo e eu quase dancei no meu assento. Mais do que um recado para mim, ele estava deixando claro para as comissárias que estava em uma

relação e que não haveria mais presentinho de aniversário saindo de sua cueca.

Mandou bem, comandante!



Helôisa

— Vamos para a maternidade! — Disse, com o fôlego alterado.

— Tenha calma, vamos de táxi — Murilo disse, acenando para o carro que já estava parado — vai assustar o bebê desse jeito — riu da minha cara.

Quase não conseguia acreditar que estava no Chile novamente. Dessa vez, porém, tinha conseguido passar pela imigração. Minha sobrinha e afilhada Luana tinha nascido e eu não estava presente no momento. Agora, depois de desembarcar, estava quase correndo a pé até a maternidade.

Murilo achava que nós deveríamos passar no hotel para deixar as malas, mas eu não queria perder nem mais um segundo da vida da minha princesa. Assim que sai do avião, do qual o comandante Salles era piloto, fui surpreendida com as mensagens da minha mãe. Ela havia enviado fotos de Luana e eu me senti

dividida entre a gratidão por saber que tinha nascido saudável e a culpa por perder mais um momento importante da minha irmã. Já não havia estado no casamento e agora no nascimento da sua primeira filha.

Quando meus olhos viram aquelas bochechas grandes e rosadas na tela, meus olhos se encheram de lágrimas que logo passaram a transbordar e molhar meu rosto.

— *Déjà vu?* — o homem de terno azul, sapatos lustrados e sorriso lindo disse ao se aproximar — creio que já vi essa cena: mulher chorando no aeroporto do Chile.

— Já nasceu — funguei — perdi o nascimento dela — virei o celular para que ele visse a foto na tela.

— Você está aqui, ela se adiantou porque provavelmente estava bem apertado lá dentro. Já imaginou como deve ser claustrofóbico estar dentro de uma barriga?

Ele me fez rir. E eu o amei um pouquinho mais naquele momento.

— Você é inacreditável — eu o abracei — obrigada por estar aqui comigo.

— Alguém tem que garantir sua segurança para o caso de ser deportada novamente — perturbou — além disso, finalmente vou conhecer sua família. Estou mais nervoso do que quando fui fazer o teste para piloto comercial.

— Não tem com o que se preocupar, vão te adorar — deixei claro.

— Espero que sim — ele sorriu.



Assim que entramos na maternidade, todos os olhos se voltaram para nós. Talvez não seja comum um piloto de avião ainda fardado e arrastando malas estar naquele ambiente, afinal.

— Acho que notaram sua beleza — sussurrei e ele sorriu enquanto nos direcionávamos para a recepção.

Depois da atendente quase babar no balcão por olhar para o Murilo fardado, recebemos adesivos com a palavra “visitante” e fomos encaminhados para a segunda recepção que dava acesso ao quarto onde Victória estava.

Meu pai estava sozinho na segunda recepção, sentado em uma poltrona branca e aparentemente confortável, com um livro nas mãos. Nos aproximamos e os olhos dele recaiu sobre mim primeiro para, em seguida, analisar o Murilo.

— Então, você é o responsável por ela não ter sido deportada hoje? — Perguntou sem se levantar.

— Não. Sou apenas um acompanhante. Ela fez tudo sozinha — Murilo respondeu ao meu lado.

— Que bom que não se colocou como um herói — meu pai sorriu.

— Definitivamente, sua filha não precisa de um — retribuiu o sorriso.

— Oi, pai, estou bem aqui — chamei atenção com um aceno — ele ficou de pé e me abraçou — esse é o Murilo, meu namorado — apresentei.

— Prazer em conhecê-lo — meu pai estendeu a mão e Murilo aceitou — estou de olho em você.

— Pai! — repreendi — cadê a mamãe?

— Alguém me chamou? — ela se aproximou segurando dois copos de café. Entregou um ao meu pai e deixou o outro na mesinha ao lado da poltrona. — Esse é o piloto?

— O próprio — ele sorriu — muito prazer — estendeu a mão e minha mãe aceitou o gesto.

— Bem, todos apresentados, posso ver minha irmã?

— Claro! Vou chamar o Martín para que vocês dois possam entrar no quarto — ela se afastou.

— Veio com as malas? — Meu pai constatou o óbvio.

— Não quis passar no hotel, mas não vou demorar, um beijo na Vic e vou fazer o check-in — expliquei.

— *Hola cuñada, tu hermana está louca por verte* — Martín disse em Portunhol.

— Estou estudando espanhol, da próxima vez que vier aqui vamos *hablar* — ele riu e eu o abracei e parabeneizei pelo nascimento da filha — esse é o Murilo e ele fala espanhol, vocês podem conversar depois, agora queremos ver a Luana.

Todos sorriram enquanto eu praticamente corria para o quarto de Victória. Assim que entrei, a vi deitada na cama de hospital, com os cabelos lisos e escuros moldando o seu rosto sorridente. Ao lado da cama estava um bercinho, com mosquiteiro cor-de-rosa clarinho e um grande laço da mesma cor. O espaço estava decorado com balões e flores. Além desses móveis, havia um sofá branco, uma poltrona e uma mesa repleta de lembrancinhas.

Antes de me aproximar, apertei o *dispenser* na parede para colocar álcool em gel nas mãos. Murilo fez o mesmo, higienizando as mãos antes de nos aproximarmos.

— Uau — ela disse encarando o Murilo — você trouxe o piloto com farda e tudo — assentiu em aprovação.

— Você está ótima, pelo visto — sorri e me aproximei para abraçá-la — Murilo, essa é a minha irmã Victória.

— Oi, parabéns pela filha — ele sorriu — já vi por foto e é encantadora.

— Oi, Murilo. Obrigada! Pode ver pessoalmente, ela está no berço — fez sinal com a cabeça e ele se aproximou.

— Perdi seu casamento e seu parto, como conseguirei seu perdão? — Voltei minha atenção para Vic.

— Você está aqui e vai conhecer sua afilhada em seu primeiro dia de vida, é o que importa. Não tenho que te perdoar por nada... — me puxou para mais perto — talvez por não me contar cada detalhe do que esse homem é capaz.

Eu ri alto e a abracei.

— Estou tão feliz por você e por Martín. Você sempre quis ser mãe!

— Sim, por isso não esperei muito depois do casamento — ri — por mais que eu ame ser médica, vou amar muito mais cuidar do meu próprio ser humano. Vai, eu sei que você está louca para ver a Luana.

— Vou só ver, não vou pegar porque vim direto do aeroporto — andei até o lado do Murilo para olhar a bebê no bercinho — oi, Lu... Que linda você está nessa roupa rosa. Parece um ursinho — falei com voz infantil — dindinha não pode apertar você agora, mas assim que tomar um banho você não me escapa!

— Ela é linda — Murilo comentou — como a mãe.

— Você é um cavalheiro — minha irmã comentou.

— É, ele é — concordei — vou para o hotel e volto novamente no próximo horário de visitas.

— Descanse, o voo é longo, depois venha. Estou bem e devidamente paparicada por todos ao meu redor.

— Vantagens de ser médica — perturbei.

— Quando você vier novamente ela vai estar acordada e com certeza você conhecerá a potência vocal dessa garota.

— Até depois — abracei-a e beijei seu rosto — você está maravilhosa, nem parece que acabou de parir.

— Mamãe me ajudou — sorriu — estou feliz que esteja aqui, Helô.

— Eu também — concordei.



— Estou exausta — disse assim que entramos no quarto de hotel que havíamos reservado, em Santiago.

Tirei os sapatos com os pés mesmo e os deixei em um canto enquanto tirava a blusa.

— Quão exausta está? — Ele perguntou ao depositar o terno azul escuro em uma cadeira.

Murilo tirou rapidamente a gravata e passou a abrir os botões da camisa social branca. Impecável depois de horas de voo. Meus olhos se fixaram nos gestos lentos que seus dedos faziam para tirar cada botão de dentro da sua casa.

— Não o suficiente para apreciar você tirando a camisa — sorri e abri a minha calça jeans. — Vou tomar banho.

— Quer companhia? — Ele já havia dobrado a camisa e a depositado cuidadosamente sobre a mesa.

— Te espero lá — respondi antes de abrir a mala de bordo e pegar minha *necessaire* com meus itens pessoais. Sabonete líquido, esponja, shampoo e condicionador em mãos: hora do banho.

Tirei as peças íntimas e andei até o espaçoso box de vidro transparente. Abri os chuveiros em busca da temperatura perfeita, ou seja, nem quente escaldante e nem inverno do Alasca como costuma ser na maioria dos hotéis. Assim que consegui sentir a água de maneira agradável, entrei embaixo do chuveiro e deixei meus cabelos serem molhados.

Não demorou nem vinte segundos depois que comecei a me molhar para ele chegar. Estava de frente para a parede quando senti suas mãos passando por baixo dos meus braços para ir direto

para os meus seios. Ele se encostou em mim, por trás, e eu me aconcheguei contra o seu corpo quente.

Sua boca beijou meu pescoço e o toque da sua barba na minha pele me causou arrepios. Os dedos apertavam o bico do meu peito que respondia ficando cada vez mais duro e a água escorrendo entre nós deixava cada toque mais acentuado.

Eu me virei e afastei nossos rostos da água que caia para que nos beijássemos sem o risco de afogamento. Minha boca se abriu para moldar a dele. Senti sua língua na minha e a partir daí passamos a nos devorar.

— Eu pretendia te ensaboar antes... — Sussurrou ao afastar os lábios.

— Não precisa, estou mais do que pronta para receber você — levei minha mão ao seu pau e o toquei devagar. Ele também estava pronto. — Voos longos te dão tesão, comandante?

— Não. Eles me deixam maluco porque fazem com que minhas mãos fiquem longe do seu corpo — respondeu, apertando a minha bunda. — Você me dá tesão, meu amor.

— Boa resposta — apertei seu membro — agora me mostre quanto tesão eu te dou.

Levantei minha perna direita para posicionar ao redor do seu quadril. Murilo usou as duas mãos na minha bunda e me deu impulso para que eu tirasse o outro pé do chão. Logo, estava me segurando em seus ombros enquanto ele conduzia sua ereção para minha entrada molhada. Deslizei sobre ele com facilidade e quando o senti bem fundo, gemi baixinho.

Ele andou alguns passos até apoiar minhas costas contra a parede fria do banheiro. E então saiu de mim para entrar com força. Eu gritei, sentindo-me mais do que preenchida, e ele continuou.

— Isso... Não... Chega... Nem... A metade... Do tesão... — Cada uma dessas palavras foram ditas entre suspiros e estocadas.

Meu corpo molhado estava quente. Quase fervendo e pronto para explodir. Murilo acendia um fogo inexplicável, como se jogasse

álcool no meu sangue e cada um dos seus menores toques fossem fósforos acesos. Tinha sido assim desde o nosso primeiro beijo em Cancún, quando seus lábios causaram curto circuito no meu cérebro.

— Murilo... — gritei seu nome quando a estocada alcançou um ponto específico dentro de mim — assim!

Ele repetiu o movimento dos quadris várias vezes, alcançando aquele lugar, e eu me perdi em um orgasmo maravilhoso. Enquanto o mundo explodia dentro do meu corpo, eu o apertei e ele gozou.



Depois do nosso banho para lá de quente, nós caímos em um sono profundo. Ele, exausto do trabalho, eu cansada do orgasmo. Ok, da viagem também. Quando acordamos nós jantamos no restaurante do próprio hotel e então eu liguei para minha irmã.

Assim que amanheceu nós tomamos café e saímos para a maternidade. Dessa vez, comprei flores para minha irmã e levei os presentes que trouxe do Brasil para Luana. Nossa visita durou quase duas horas até que fomos expulsos para que a família do meu cunhado pudesse visitar minha afilhada.

Murilo tinha preparado um pequeno roteiro para me fazer conhecer o Chile. Nós passaríamos apenas três dias, mas ele prometeu me mostrar tudo que fosse possível naquele curto espaço de tempo.

— Então, esse é o Palácio de La Moneda — apontou para o prédio antigo que tomava quase um quarteirão inteiro — esse belo prédio do início do século 19 é onde se encontra a sede do governo chileno, por isso ele é muito importante para a história do país. Foi aqui, por exemplo, que Pinochet deu o golpe de 1973 e a ditadura no Chile começou.

— Lindo e por que tem essa proteção ao redor da praça? — Estávamos na parte mais de grama verde, mas a parte de cimento continha uma cerca ao redor.

— É para que o público acompanhe a troca de guardas sem avançar no espaço onde fazem a apresentação. Acontece às 10 da manhã, pena que não deu tempo de ver. Os guardas tocam instrumentos, andam a cavalo, os turistas gostam bastante.

— Sensacional. Vou querer ver da próxima vez que viermos — sorri para ela que me encarava.

— Voltaremos muitas vezes — garantiu — tanto que vai enjoar do Chile.

— De jeito nenhum! Agora que entrei nesse país, vou voltar todo ano. Ainda mais porque quero paparicar bastante minha afilhada.

— Vamos, vou te mostrar a rua mais colorida que já viu!

Realmente nunca tinha visto uma rua tão colorida! Era como um enorme grafite, pintado no asfalto, que estende por quase quatro quarteirões. Tem três seções: a primeira é inspirada na história pré-hispânica do Chile, a segunda reflete a atual diversidade do país, desencadeada pela imigração e mudanças culturais e a terceira, procura retratar o futuro por meio de móveis mais modernos e cores mais fortes. Enquanto nós caminhávamos, Murilo me explicava tudo isso e ainda servia de fotógrafo para todas as poses que fiz naquele lindo e gigantesco mural.

— Está cansada?

— Um pouco, mas ainda quero ver a Catedral onde minha irmã se casou — respondi animada.

— Então vamos a Plaza de Armas — estendeu a mão e me guiou pelas ruas até que chegamos ao local.

A Plaza de Armas era a principal praça de Santiago do Chile. Era considerada o marco zero da capital, ou seja, onde foi fundada a cidade de Santiago por Pedro de Valdivia em 1541.

A praça era enorme e ao redor dela estão localizados alguns edifícios históricos, como o prédio dos Correios e o Museu Histórico Nacional. Além da a belíssima Catedral Metropolitana de Santiago. Quando disse belíssima era porque não encontrava outro adjetivo para descrever a igreja. Era enorme, possuía diversos vitrais, ornamentos, altares dourados e prateados e diversas outras formas de Arte Sacra distribuídas ao longo do corredor até o altar principal.

— Incrível — disse encantada depois de percorrer o espaço e observar os detalhes da construção que foi concluída em 1800 — é um misto de luxo e fé. Me sinto maravilhada pelos detalhes, mas

tocada pelo poder espiritual desse lugar. Pode me esperar só um pouquinho?

— É claro — o celular dele tocou — vou atender minha mãe lá fora.

Eu fui até um dos muitos bancos vazios e me ajoelhei. Não costumava fazer aquilo com frequência, mas estava movida por um sentimento de gratidão inexplicável.

Obrigada, Senhor, por me tocar nesse momento incrível. Obrigada pelo nascimento e saúde da minha sobrinha, por meus pais e irmã estarem bem e por me proporcionar essa viagem. Eu sei que não sou das filhas mais obedientes, tampouco das que tem muita fé, mas hoje eu vejo que o Senhor fez tudo à Sua maneira para que eu estivesse nesse país há pouco mais de um ano. Hoje, consigo agradecer por ter sido furtada. E deportada. Até por ter sido abandonada no altar. Tudo tinha um propósito e eu o aceito e agradeço. Estou muito feliz com o rumo que as coisas estão tomando em minha vida, obrigada por me sondar sempre e me conduzir. Amém.

Eu me levantei e encarei as pinturas no teto da igreja antes de me retirar.

— Minha mãe mandou um beijo — Murilo disse quando me aproximei dele, do lado de fora da Catedral.

— Então, me dá — sorri e ele beijou minha boca de leve.

A praça era muito bonita e agradável, com muitas árvores, um belo chafariz, esculturas e bancos para você se sentar e relaxar. Nós andamos até o lado oposto ao da Catedral, onde tinha aquelas letras grandes, típicas de ponto turístico, com as iniciais da capital do Chile. Era para lá que estávamos indo, mas alguns metros antes Murilo me parou.

— Esse é Pedro de Valdívia — apontou para a enorme escultura de um homem em cima de um cavalo — suba aí.

A escultura estava em um lugar elevado, da altura de 3 degraus de escada, mais ou menos. Eu subi com facilidade e fiz

pose, achando que ele queria registrar mais um dos meus momentos de turista.

— Você lembra do que eu te disse quando estava se achando uma mercadoria barata, no dia que nos conhecemos? — Perguntou debaixo.

— Mais ou menos — confesso — estava tão atordoada que frases exatas são demais para minha memória — sorri.

— Se eu pudesse te colocaria no meio da Plaza de Armas, no centro de Santiago, para que todos pudessem te enxergar — ele repetiu as palavras — e por mais que estejamos mais para o lado do que no centro da praça, acho que esse é o ponto mais alto.

— Que fofo... Mas estou começando a ficar com vergonha. O pessoal quer tirar foto, Murilo — olhei ao redor e uma pequena aglomeração estava formada mesmo. Em quase todos os pontos que fomos tinha gente para tirar fotos. E como estávamos em um monumento, o pessoal estava ansioso para fotografar.

— *Mira lo hermosa que es esta mujer. Ella es el amor de mi vida* (Vejam como esta mulher é linda. Ela é o amor da minha vida) — ele disse e atraiu ainda mais olhares sobre mim. — Você merece ser admirada e eu soube disso desde o primeiro dia que te vi.

Ele me estendeu a mão e eu aceitei para me auxiliar a descer.

— Eu já disse que te amo? — Perguntei olhando naqueles olhos pretos que lembravam buracos negros no universo: profundos e devastadores.

— Na verdade, não — sorriu — mas ficarei feliz em ouvir porque assim vou poder dizer sem medo todas as vezes que tiver vontade. E sim, eu já quis te dizer isso muitas vezes.

— Eu te amo, comandante Salles. Amo o seu cavalheirismo e o seu lado safado que sabe me pegar de jeito. Amo seus cuidados e a sua preocupação sobre os meus sentimentos. Amo você de uniforme e te amo ainda mais pelado.

— Nunca recebi uma declaração dessa — ele riu — conseguiu fazer meu coração acelerar e uma ereção surgir ao mesmo tempo, Heloísa.

— Eu te amo — repeti porque era verdade e porque era libertador dizer aquelas três palavras.

— Amo você — ele me respondeu e aproximou nossos lábios.

Nosso beijo foi breve, um leve roçar de lábios porque estávamos em público. E tínhamos um público atento, porque assim que minha boca encostou na dele, aplausos e assobios nos rodearam.

Ali, em solo Chileno onde tudo tinha começado, nosso amor estava declarado.

FIM



Murilo

3 anos depois

Minha profissão me permitiu aprender a viver boa parte do tempo e viajar sozinho. Ao contrário do que muitas pessoas pensam, pilotos ou tripulações de cabine não passam, obrigatoriamente, suas escalas juntos. Cada um de nós temos planos próprios e a não ser que os planos coincidam, cada um decide o que fazer no tempo livre entre um voo e outro.

Não vou mentir, já passei bons e quentes momentos com algumas comissárias. Era cômodo, uma vez que não tínhamos ninguém esperando por nós em terra. Por mais glamour que possa haver em relação a trabalhar nas alturas, era bem comum que os aviadores não tivessem relacionamentos. A aviação exige dedicação total, paixão absoluta e amor. Portanto, às vezes, era muito duro encontrar alguém que entendesse isso. Não eram todas as pessoas que conseguiam lidar com os “contras” de se relacionar com alguém que vive nos ares. Como por exemplo, trabalhar nos

finais de semana, feriados, perder festas de aniversários e até funerais. Além disso, existe o ciúme. Estar viajando muito para diferentes destinos, conhecendo muitas pessoas diferentes requer muita confiança. Além do fato de a relação parecer ser a distância. Não dava para esperar que seu parceiro estivesse em casa todas as noites ou todos os dias após as 18h.

Dessa maneira, era quase impossível que eu encontrasse alguém que estivesse disposto a passar por tantas provações, não era?

Era. Mas eu encontrei.

Nunca serei grato o suficiente a Deus por ter mudado minha rota naquele dia, me enviando para o Chile no lugar de outro piloto. Eu não sabia naquele momento, mas estava estendendo a mão para o grande amor da minha vida.

Não sei especificar quando a atração por aquela mulher linda se transformou em amor. Talvez, tenha sido no exato momento em que ela me deixou sozinho no quarto de hotel em Nova York. Ali, vendo-a sair, eu senti um pequeno vazio que se ampliou dia após dia até tê-la novamente.

Houve muitos acontecimentos antes que isso acontecesse. Mas agora, ela era o meu porto seguro. Há três anos era para os braços dela que desejava voltar cada vez que precisava me afastar.

— Não acredito que finalmente vou viajar ao seu lado e não sendo guiada por você — ela disse, sentada na poltrona da janela.

— É tão ruim assim quando estou pilotando? — Perturbei, enquanto ajustava o cinto de segurança.

— Claro que não — sorriu — mas prefiro ter a sua mão para segurar durante uma turbulência do que imaginar o que você está fazendo lá na cabine para passar por ela — me inclinei para dar um beijo em seus lábios.

— Férias nas Bahamas... Quem diria que você se tornaria uma fã de carteirinha do Mar do Caribe?

— Quem, em sã consciência, não é fã daquela perfeição? — deu de ombros — e depois que mostrou todas aquelas fotos de Exuma era impossível não querer ir.

As Exumas são um arquipélago, que fica no país das Bahamas, formado por mais de 365 ilhas e ilhotas divididas em 3 principais áreas: *Great Exuma*, *Little Exuma* e *The Exuma Cays*. As duas primeiras ilhas que citei são interligadas por uma pequena ponte e são conhecidas pela atmosfera mais simples, apesar de terem alguns hotéis luxuosos. Mas não se comparam a os *Exuma Cays* que possuem muitas ilhas particulares de milionários e celebridades. Nós nos hospedaremos em *Great Exuma*, mas preparei alguns passeios especiais surpresa.

— Uma semana de mar turquesa, sol e você nua — sussurrei as duas últimas palavras no ouvido dela.

— Mal posso esperar, comandante — ela riu.

Pegamos um voo de Guarulhos para Miami que durou quase nove horas. De lá, embarcamos em um novo voo de 1h40min até o Aeroporto Internacional de GeorgeTown. Quando fizemos *check-in* no Resort *Grand Isle Resort & Spa*, tudo pelo que mal podíamos esperar era dormir.



Quando acordamos, fizemos amor lentamente, como se fosse um alongamento para o nosso primeiro dia explorando as Bahamas. Depois, tomamos banho e descemos para tomar café da manhã no resort.

No hotel mesmo contratamos uma empresa que nos levaria em um passeio privado pelos pontos turísticos principais. O passeio podia ser feito em grupo, mas preferia um pouco de exclusividade nessa viagem. O *tour* começou passando rapidamente pelas muitas ilhotas do arquipélago e seguiu para *Pig Beach*. Pois é, uma ilha cheia de porcos nadadores habitam o local e vêm receber cada um dos barcos com turistas que chegam na praia.

— Meu Deus, como esses porcos vieram parar aqui? — Heloísa perguntou um pouco assustada com os enormes animais.

— Não se sabe exatamente como vieram. Há quem diga que acabaram “acidentalmente” porque um navio naufragou com eles que nadaram para sobreviver... Outros comentam que um senhorzinho tinha porcos na ilha e eles se reproduziram. Enfim, mas não parece natural.

— Acho que estou com pena dos porcos — Helô disse analisando os bichinhos — podemos seguir para a próxima praia?

Ela falou diretamente com o capitão do barco que nos guiava. Ao longo dos anos, Heloísa se propôs a praticar inglês e espanhol. Para treinar a fluência na conversação, passamos vários dos nossos dias usando outras línguas para nos comunicar e deu muito certo, ela estava falando e entendendo bem em inglês.

Passamos pela praia das Iguanas e pelo nado com tubarões bem rapidamente. Heloísa não gostava muito de atividades envolvendo animais, acha que estavam explorando os bichos e não

podia discordar. Segundo ela, depois do nado com golfinhos em Cancún passou a ler mais sobre o assunto e preferia evitar tal tipo de “turismo exploratório”, mas como fazia parte do roteiro principal passamos apenas sem fazer as atividades.

Até que chegamos na *Thunderball Grotto*.

— A gruta recebeu esse nome do filme de espionagem de James Bond de 1965 "Thunderball", que foi filmado aqui. Foi também o local de outro filme de James Bond, "Never Say Never Again" em 1983, também baseado no romance Thunderball — o capitão explicou.

— Uma caverna Aquática? — Exclamou encantada — podemos mergulhar?

— Sim, se sabem nadar. A maré está baixa, então podem ir sem equipamento específico de mergulho.

— Vamos lá, amor — incentivei e nós caímos no mar.

A caverna aquática era linda e super escondida dentro de uma ilha repleta de vida marinha exótica e um caleidoscópio de recifes de corais e peixes de cores brilhantes. Nadamos por alguns minutos e retornamos, com medo de a maré subir e ficarmos presos ali.

— Vamos encerrar os passeios do dia por aqui? — Perguntei quando voltamos ao barco.

— Mas e os famosos bancos de areia? — Perguntou rapidamente.

— Amanhã nós vemos. Quero te mostrar de cima...

— Sério? Consegue um avião aqui? — Aguarde e verá — prometi.

Helôisa

Aquele lugar era o paraíso. Assim como Cancún, Exumas era inacreditavelmente perfeito. Em comum, o Mar do Caribe e suas águas azul turquesa tão claras e convidativas que me deixavam de boca aberta.

Nós conciliamos nossas férias e estávamos aproveitando cada segundo dela. Hoje nós iríamos fazer um passeio aéreo para que eu pudesse ver os bancos de areia por cima. Não sabia como, mas o Murilo tinha conseguido autorização para pilotar um avião ali.

Acordamos às seis da manhã para nos preparar e sair cedinho, a maré baixa estaria perfeita às 8h30min e, portanto, perfeita para tirar fotos maravilhosas no meio do mar. Eu coloquei uma saída de praia longa, em forma de vestido, rendado e branco, por cima do biquíni da mesma cor. Na bolsa, coloquei uma toalha, protetor solar, brilho labial e uma outra muda de roupa para o caso de me molhar. Murilo estava usando uma bermuda jeans branca e uma camisa polo da mesma cor. Estávamos combinando e nem tínhamos nos visto escolhendo as roupas para o passeio.

— Vamos tirar fotos lindas assim, combinando — sorri quando nos aproximamos do avião.

— A empresa possui fotógrafos para fazer fotos mais profissionais, posso ligar e solicitar, o que acha?

— Pode ser! Vamos montar um lindo álbum das nossas férias — concordei empolgada.

Ele se afastou um instante para receber as instruções para o voo e para pedir que um fotógrafo nos encontrasse em um dos bancos de areia. Poucos minutos depois, ele voltou com um sorriso enorme.

— Está pronta? — Perguntou beijando minha bochecha.

— Me leve ao céu, comandante — pedi.

Nós entramos na pequena aeronave. Murilo me explicou que se tratava de um hidroavião, por isso ao invés de trem de pouso (as rodas para o solo) ele continha flutuadores para pousar na superfície da água. Me acomodei no banco ao lado e o Murilo se acomodou no lugar do piloto. Ele apertou alguns botões e a hélice começou a girar rapidamente. Logo, estávamos no ar.

— Uau, é de perder o fôlego — comentei olhando para baixo pela janela de vidro.

Acima de nós havia um céu azul quase sem nuvens e abaixo um mar da mesma cor. Um era o reflexo do outro e espelhavam a grandeza daquele lugar. Passeamos por cerca de meia hora, com o Murilo conduzindo tudo com uma facilidade absurda. Certo momento, peguei meu celular para registrar aquele homem maravilhoso fazendo o que mais amava.

Ele deu uma longa volta, fazendo meu corpo se mexer de um lado para outro, mesmo preso no cinto de segurança, por causa da mudança de rota.

— Por favor, não me mate, lembre-se que eu amo você — ele disse e eu não compreendi o que aquilo significava.

Por que eu o mataria?

E então eu vi.

Em um comprido banco de areia branca, no meio do mar azul, escrito com letras vermelhas e maiúsculas: MARRY ME?

Casa comigo?

Senti que meu coração estava batendo tão rápido que poderia sair pela minha boca assim que eu a abrisse. Minhas mãos começaram a suar e eu fui levada imediatamente ao dia do meu casamento. O que não aconteceu. Depois daquele dia eu tinha visto o Leandro algumas vezes. Só visto mesmo. Ele tinha feito questão de virar a cara, trocar de caminho ou me ignorar todas as vezes que nos encontramos por acaso. Nunca tive a oportunidade de jogar na

cara o quão ruim e egoísta tinha sido por não ter conversado comigo sobre algo que ele deduziu.

As lágrimas começaram a formar uma poça nos meus olhos e eu olhei para o comandante que pilotava ao meu lado. Ele desviou os olhos para mim e sorriu.

— Eu te amo. Vou repetir isso lá embaixo quando pousar, mas quero que saiba aqui em cima, diante desse céu e desse mar como testemunhas, que eu sou apaixonado por você e quero oficializar isso. Você é livre para dizer não...

Não respondi. Olhei lá para baixo mais uma vez e agora que estávamos mais próximos notei que havia gente lá. Provavelmente o fotógrafo que ele mencionou para registrar o pedido.

Ele pousou bem no rasinho, só precisei levantar um pouco o vestido para não molhar e quando meus pés tocaram a areia branca eu vi quem estava nos esperando embaixo de dois sombreiros brancos: Gizele e os meus pais. Além de dois fotógrafos que já estavam clicando tudo desde o avião no ar.

— Não acredito — disse chorando quando os vi se aproximar.

Murilo que veio logo atrás de mim se aproximou e eu me virei. Ele se ajoelhou e eu tive vontade de fazer o mesmo, mas fiquei de pé o encarando abrir uma caixinha de veludo vermelha.

— Heloísa, nós já dividimos um nascer do sol e eu quero muito que possamos dividir tantos outros — disse, segurando minha mão — em cada um dos meus dias. De qualquer parte do mundo, enquanto o sol nascer e um novo dia surgir, eu serei seu. Quero compartilhar minha vida contigo. Você quer se casar comigo?

Eu me ajoelhei, atendendo a minha vontade inicial, e olhando em seus olhos comecei a falar:

— Na primeira vez que nos vimos, lá no Chile, não roubaram apenas os meus documentos e dinheiro. Meu destino foi roubado. Meu coração foi roubado. E a partir daquele dia, tudo que fiz ou pensei esteve ligado a você — disse, enxugando as minhas lágrimas e respirando fundo antes de continuar — meu destino era

você. Sempre foi. Meu coração é seu. Meu corpo é seu. E eu aceito dividir cada um dos seus dias de folga, suas escalas e rotas, comandante!

Ele me beijou e eu retribuí apertando-o em um abraço carinhoso.

— Acho que tinham que colocar as alianças antes do beijo — ouvimos a voz de Gizele e eu me afastei para rir.

Murilo ficou de pé e me ajudou a levantar. Ele colocou a aliança dourada no dedo correspondente ao noivado, na mão direita, e eu repeti o gesto antes de sorrir e me virar para encarar a minha melhor amiga.

— Você sabia disso e não me disse nada?

— E estragar a surpresa do cara que pilota o avião? — Gargalhei e a abracei enquanto meu noivo ia falar com os sogros.

— Estou tão feliz por você, Helô!

— Obrigada, Gigi. Quase pulei do avião quando vi aquelas palavras em inglês ali — apontei.

— O Murilo me contou tudo e quando comentou que estava com medo de escreverem errado em português, sugeri que deixasse em inglês porque minha amiga era poliglota!

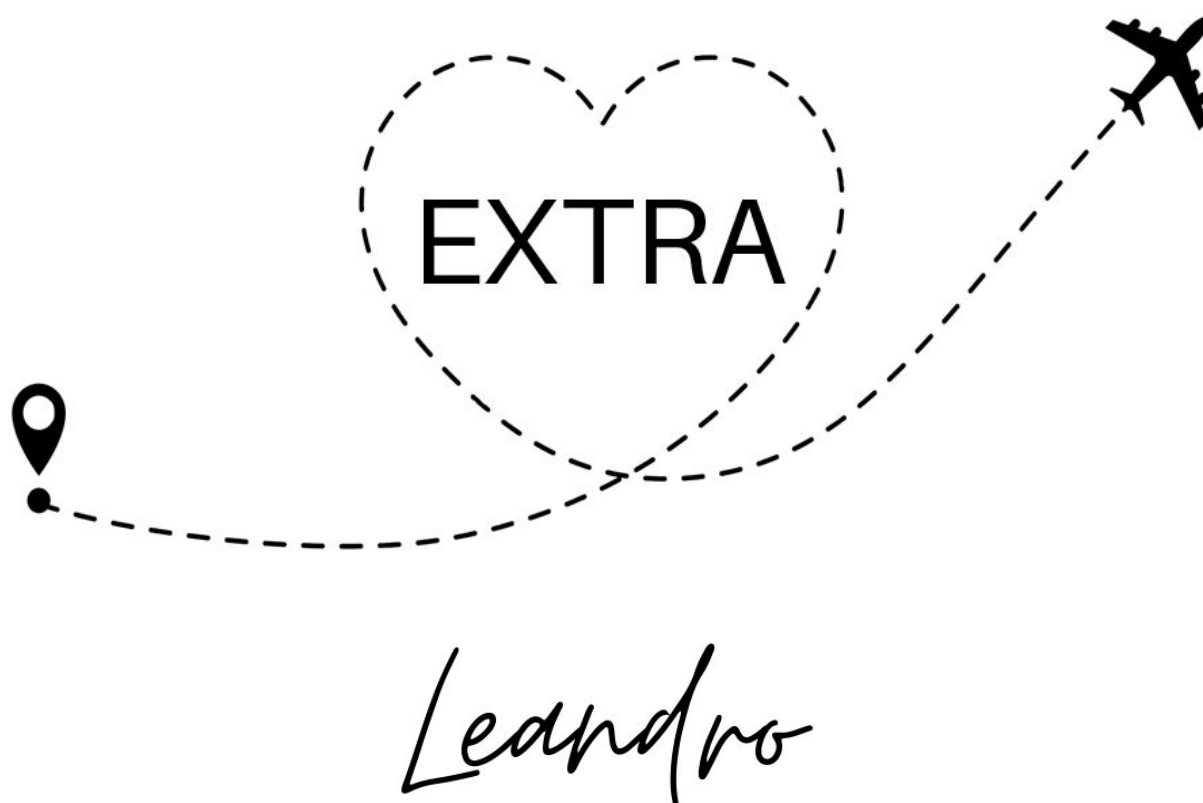
— Arrasou muito na sugestão — sorri e me virei para ir até os meus pais — vocês dois de complô com o comandante?

— E sua irmã também, mas não dava para ela vir com a Luana, ela vai te ligar mais tarde — minha mãe disse ao me abraçar — seja feliz, minha filha!

— Obrigada, mãe. Obrigada por estar aqui.

— Nós amamos você, pequena — meu pai me apertou em seus braços.

Ali, no meio do Mar do Caribe, tive o meu próprio pedaço de paraíso.



Apesar de estar cansado de bater sempre na mesma tecla, eu achava que nós estávamos dançando no mesmo ritmo. Heloísa e eu nos conhecemos em um encontro de aniversário de amigos da Victória, quase dois anos e meio atrás. Estávamos em um barzinho com música ao vivo e eu estava ali porque o Júnior insistiu, ele estava ficando com uma das meninas que estavam na festinha e queria fazer uma média.

Quando eu a vi, conversando e sorrindo com a irmã, passei a observá-la com atenção. Nós conversamos naquela noite e terminamos trocando o número de celular. Depois, veio o primeiro encontro. O primeiro beijo. E outros depois dele que compuseram a nossa relação.

Relação de altos e baixos, é verdade. Mas qual não tem, não é? Nós trabalhávamos demais e tínhamos diferentes opiniões sobre muitas coisas, mas nos gostávamos demais.

Sou arquiteto e as obras se acumulavam no meu escritório e a jornada de trabalho dela nunca ajudou. Heloísa era uma *workaholic* do pior tipo. Viciada ao extremo, não sabia dizer não a nada que lhe ofereciam e acumulou o cargo na UTI da maternidade, atendimento em uma clínica particular e, por fim, inventou de dar aulas de Pilates em uma academia.

Mesmo cansado de trabalhar o dia inteiro, eu me desdobrava em mil versões para estar disponível. Sempre partia de mim o esforço para estarmos juntos, para nos vermos, mas isso foi me deixando exausto.

As coisas melhoravam por um tempo, depois pioravam de vez, o que culminava em um término. Sempre que conseguia dar um passo para frente, ela voltava três. Nas nossas discussões, ela fazia parecer que o problema era eu cobrar sua presença e não o que de fato era, a ausência dela.

Era como se eu estivesse nadando e nadando e ela estivesse na margem com uma corda nas mãos. Por mais que torcesse para que eu não me afogasse, era incapaz de jogar a corda para me salvar.

Eu queria ser prioridade e achava que finalmente tinha conseguido depois da sua deportação e retorno ao Brasil. Havíamos voltado, o pedido de casamento finalmente foi feito como se deve e nós corremos contra o tempo – e as nossas agendas – para realizar o dia mais importante das nossas vidas.

Eu estava extremamente feliz porque nós estávamos escolhendo juntos cada detalhe do nosso futuro. O apartamento novo, que eu havia comprado um ano atrás para um dia ser nosso lar, estava pronto e nosso “sim” era o próximo passo.

A partir dele, seríamos felizes para sempre.



Falta um para o nosso casamento.

A caminho do escritório, parei na floricultura e escolhi um buquê de rosas cor de rosa. No cartão, escrevi:

Amanhã será o dia mais importante das nossas vidas. Mas quero estar com você hoje. Aceita dormir comigo? Prometo que vou me comportar.

Paguei as flores e informei o endereço da clínica na qual Heloísa estava para que lá fosse entregue.

O dia pareceu muito mais lento, talvez porque não via a hora de estarmos oficialmente unidos. Na hora do almoço, minha mãe me ligou, atendi no terceiro toque.

— Oi, mãe.

— Lê, meu filho, como você está?

— Estou um pouco ansioso, mas é normal, não é?

— Acho que sim — disse sem muita convicção — amorzinho, tem certeza de que quer fazer isso? Não é tarde demais.

— Mãe — suspirei — achei que a senhora já estava convencida.

— Convencida sim, conformada ainda não. Vocês estão se casando rápido demais. Não tem um acordo pré-nupcial com garantias, nada...

— Está insinuando, um dia antes do meu casamento, que a Heloísa pretende me dar o golpe?

— Não estou insinuando nada, só acho que você deveria ser mais atento. Vocês viviam como gato e rato e, de uma hora para outra, vão se casar. Três meses? Ela está grávida e vocês estão tentando encobrir?

— Mãe, por favor... Nós nos amamos e é só isso.

— Que você a ama eu não tenho dúvidas, mas se ela o ama por que só aceitou agora se casar?

— Não devia ter contado sobre a recusa anterior — verbalizei.

— Você chegou em casa transtornado, querido, sou sua mãe e notaria mesmo que ficasse mudo.

Respirei fundo.

— Preciso desligar — informei — por favor, tente não me dizer mais nada disso daqui por diante...

Ela ficou em silêncio por alguns segundos antes de respirar fundo e se despedir:

— Eu te amo, Leandro. E me preocupo com você. Agora, vou ali ver se meu vestido de mãe do noivo está tão perfeito quanto me lembro...

— Também te amo, mãe — encerrei a chamada.

Fechei os olhos e recostei a cabeça na cadeira. Minha mãe me amava e estava com medo de perder o único filho, tinha consciência disso. Mesmo assim, com aquela ligação, ela me fez pensar por um segundo se havia algum motivo escondido para que Heloísa tivesse cedido e aceitado casar em tão pouco tempo.



Depois do expediente, passei em casa e tomei banho para ir para o apartamento dela. Quando cheguei lá, desviei de muitas caixas de presentes espalhadas pela sala.

— Eles deveriam ter mandado tudo direto para a casa nova — disse, beijando com leveza a boca da minha noiva.

— Pois é, vamos ter um trabalhinho para levar tudo para lá. Como foi no trabalho?

— Parecia que não passava nunca. E você?

— Até que passou rápido, a turma do Pilates não quis ter aula e disse que hoje deveria ser a despedida de solteira — piscou para mim.

— Despedida de solteira? Quer dizer aquelas festas com homens quase pelados?

— Você está com ciúmes? — dei de ombros — pelo amor de Deus. Elas levaram um monte de lingerie e fizeram umas brincadeiras. Só isso.

— Ufa, achei que você poderia se apaixonar por outro um dia antes e me largar — brinquei, mas ela ficou rígida e não reagiu a minha perturbação.

— Vamos jantar? Fiz uma comidinha leve porque não é recomendado ter a noiva com dor de barriga no casamento — me puxou para a cozinha.

Nós jantamos e lavamos a louça. Depois, seguimos para o quarto dela.

Enquanto eu me despia e me deitava na cama, Heloísa estava no banheiro, provavelmente escovando os dentes. Assim que se juntou a mim, estava usando uma camisola preta e transparente.

— Essa é a nossa última noite como noivos — informou ao se aproximar de mim.

— Mal posso esperar para todas as noites de casados — beije sua boca antes de deitá-la de costas na cama — será que conseguimos engravidar na lua de mel?

— Você já quer ter um filho?

— Você não? — Joguei a pergunta, enquanto beijava o pescoço dela.

— Talvez a gente devesse esperar um ano ou dois... Nossa rotina é maluca.

— Meus pais me encomendaram na lua de mel, seria incrível repetir a história da minha vida...

Eu baixei as alças da camisola.

Ela não me respondeu sobre o filho na lua de mel.

Nós fizemos amor devagar e calmamente. Ela não gemeu tanto quanto eu achei que faria, mas acreditei que fosse por não se concentrar no momento, preocupada com o dia seguinte.



O celular dela tocou. Era o despertador informando que o grande dia chegou.

Heloísa me balançou para que eu acordasse.

— Diz que dá azar o noivo ver a noiva antes do casamento — resmungou.

— Achei que fosse em relação ao vestido — me espreguicei.

— Vou tomar banho e quando sair, espero não encontrar mais o senhor meu noivo aqui. Vou tomar café na Villa Valentin e ter o meu dia inteiro lá. Nos vemos no altar — ela me deu um beijo e correu para o banheiro.

O celular dela tocou novamente. Dessa vez, indicando uma série de mensagens.

Eu peguei o aparelho e encarei a tela desbloqueada.

Instintivamente, meus dedos foram para o aplicativo de mensagem que estava abarrotado de notificações.

Muitas amigas desejavam parabéns pelo grande dia. A mãe dizia que estava indo para o local combinado e muita coisa desse tipo.

Rolei a tela por alguns minutos, procurando algo que nem sabia o que era.

Mas encontrei.

Havia uma conversa antiga com um homem que nunca vi na vida. Ele tinha barba, usava óculos escuros e tinha um sorriso muito branco. A foto era típica daqueles homens desocupados que vivem viajando.

Cliquei na foto suspeita.

E não entendi exatamente o motivo pelo qual minha noiva estava dando seus dados para o estranho.

Passagens emitidas. Em que hotel vão ficar? O babaca havia enviado. E ela? Respondeu com os nomes dos hotéis.

Rapidamente, pesquisei os nomes e tive a confirmação que se referia a Cancún e Nova York. A viagem que ela tinha feito depois de ser deportada do Chile. A viagem que ela me disse que era para acompanhar a amiga.

— Que porra é essa? — Sussurrei enquanto meu coração acelerava.

Ouvi a movimentação no banheiro.

Ela voltaria a qualquer momento.

Printei as informações e o nome do filho da puta. Enviei para mim no WhatsApp e apaguei os envios.

Aquilo tudo não podia ser o que eu estava pensando...

O cara poderia ser um ficante da Gizele, não era?

Encarei a tela e vi o momento exato em que o *visto por último* se transformou em *online*.

Antes que eu pudesse respirar, enviei a mensagem.

Heloísa: Oi

Murilo: Olá

Ele respondeu imediatamente. Como se não causasse estranhamento o contato às cinco da manhã.

*Heloísa: **Você vem pro casamento?***

Alguns segundos se passaram antes que ele enviasse:

*Murilo: **Você quer que eu vá? Achei que não.***

Então, ela tinha convidado o cara???

*Heloísa: **Se não for boa ideia, podemos nos encontrar depois?***

Meus olhos quase saltavam dos glóbulos enquanto esperava a resposta. Meu coração estava descompassado.

*Murilo: **Claro que sim.***

Claro que sim.

Claro.

Que.

Sim.

A tela passou a tremer. Não, não era a tela. Eram as minhas mãos. Estava tremendo e sentindo o meu rosto esquentar na mesma proporção.

Ela tinha um amante.

A filha da puta estava me traindo.

Com essa conclusão e quase cego, saí daquele apartamento.

Estava sufocado.

Eu ia me casar com uma mentirosa.



A cerimônia estava marcada para as quatro da tarde. E em cada segundo que demorou até esse horário eu não tive paz. Me perguntei, diversas vezes, como posso ter sido tão idiota. Ela nunca fez questão de estar comigo. Será que mantinha mais de um caso? Provavelmente se esfregava com algum enfermeiro no hospital.

Como me deixei levar por alguém que sempre me colocou em último na lista de prioridades? A verdade sempre esteve estampado em frente da minha cara: ela nunca me amou e sempre que pode me substituiu por outro.

Eu sentia o ódio crescer dentro de cada célula do meu corpo. As pessoas ao meu redor agiam como se tudo continuasse igual, viviam e respiravam normalmente enquanto eu sufocava com a raiva que me impedia de gritar.

Pensei em ir até ela, mandar parar os preparativos finais e dizer que tinha descoberto tudo.

Cogitei fingir que não sabia de nada e fazê-la pagar depois que fôssemos casados.

Uma ideia atrás da outra passavam tão rapidamente em minha mente que eu ficava zozinho.

Poderia ter bebido todas e ter feito um vexame, expondo tudo na frente da equipe e de todos da família que a estivessem acompanhado no dia de noiva. Mas eu não beberia, porque queria lembrar de cada segundo. Fazia questão de ver a máscara dela cair. A verdadeira Heloísa se revelaria hoje, diante do altar que deveria nos consagrar como marido e mulher.

Quando a vi entrar, de vestido longo e branco, senti vontade de chorar.

Aquele era para ser o momento mais especial da minha vida e em pouco tempo se tornaria o mais terrível. Desviei o olhar porque

não suportei encará-la sem me prostrar e vomitar de nojo por tudo que tinha me feito.

Quando a cerimônia começou, ela pediu a minha mão. Quando a toquei, senti o gelo ser transmitido através dos dedos. Eu suei frio aguardando os segundos até o juiz de paz finalmente chegar nos votos.

— Eu queria começar dizendo que não foi fácil chegar até aqui. E não estou falando apenas dos desencontros do nosso relacionamento. Eles foram muitos, é verdade. Mas não é sobre eles que vou falar agora. A decisão mais difícil da minha vida foi vestir esse terno e estar aqui em frente aos meus amigos e familiares. Eu cogitei dezenas de vezes, enquanto aguardava a sua chegada, se não deveria ir embora. Seria menos vergonhoso para nós dois. Eu pensei em poupar você Heloísa, isso não é irônico?

— Querido, o que está acontecendo?

— Você vai descobrir, *querida* — encarei-a com desprezo — eu pensei em poupar você, mas você não pensou em fazer o mesmo por mim. Sabe essa mulher que vocês veem ao meu lado? Foi ela quem eu escolhi para ser a mãe dos meus filhos. Mas ela... Ela é uma completa filha da puta!

Cuspi as palavras como se fossem abelhas que estivessem ferrando a minha língua.

— Leandro, vamos conversar em outro lugar, por favor — ela tentou me lançar um olhar desesperado, mas tudo que enxerguei li escrito era a palavra: mentira.

— Agora você quer conversar? Por que não conversou comigo antes? Você estava pronta para casar comigo enquanto me traía! Quando você pretendia me contar? Depois que metade dos meus bens fossem seus?

— Acredito que vocês possam resolver isso em outro lugar — o juiz de paz se meteu, mas eu não tinha acabado com ela ainda.

— Não tenho nada para dizer a Heloísa que não possa ser dito na frente de todos os presentes — a humilhação era o mínimo

que ela merecia depois de acabar com a minha vida, mas alguém havia puxado o microfone das minhas mãos.

Encarei a melhor amiga da traidora e se eu pudesse a reduziria a pó por sempre pagar de defensora e não passar de uma mentirosa tão suja quanto.

— Veio defender a sua parceira de crime? — Acusei.

— Do que você está falando? — Ela se fingiu de desentendida.

— Eu não sou idiota! — Berrei.

— Então pare de agir como se fosse um e acabe com esse show de horrores! Eu não sei que merda está passando pela sua cabeça, mas respire e converse como um homem racional.

— Homem racional? — Eu ri alto — eu deveria me casar com ela depois de descobri a traição?

— Vamos conversar apenas eu e você, posso te explicar e...
— Heloísa tentou falar novamente, mas a voz dela era insuportável aos meus ouvidos.

— Eu te amava, estava disposto a tolerar os seus defeitos, as suas ausências e falhas. Mas traição? Isso é algo que não consigo passar por cima — respirei fundo antes de fazer a pergunta que rondava em minha mente: — você pretendia manter o seu amante depois de nos casarmos?

— Me perdoa... — ela disse entre as lágrimas falsas.

— Perdão? Você é indigna de perdão.

— Quem é você para dizer isso a ela? — A defensora bradou mais uma vez.

— Eu não sou a porra do cúmplice! — Gritei, perdendo o restante da minha paciência. — Como você pode aceitar ser madrinha? Você é tão nojenta quanto ela.

— E você é um filho da puta covarde e repugnante — ela partiu para cima de mim, mas foi impedida pelo segurança que se aproximou — maldito covarde!

Pronto, os disfarces tinham caído.

— Senhoras e senhores, o casamento não vai acontecer. Mas gastamos tanto, por que não celebrar? — anuncie — vamos brindar pelo dia que revelei a todos a mulher infiel e mentirosa que é Heloísa Delfino. Minha mãe tinha razão: eu mereço alguém melhor que você!

Olhei ao redor e vi que minha mãe me observava, como se dissesse através do seu olhar: eu te avisei.

Heloísa fugiu, como a rata que era, sem coragem de encarar as pessoas depois de ser desmascarada.

Agradecimentos

Chegamos ao final de mais uma história! Uau, cada vez que escrevemos “Fim” a sensação de dever cumprido prevalece, mesmo que saibamos que escrever é a apenas a primeira etapa para que esse livro chegue até vocês.

Mudança de Rota foi baseado em um fato real. Ano passado eu fui para o Chile e uma das pessoas que viajou comigo foi deportada. Ela nem sonha que eu escrevo e não consegue nem imaginar o quanto me ajudou na construção da Helô. A você, querida, meu muito obrigada. Espero um dia poder te contar que aquele fato ruim e triste me possibilitou escrever esse livro lindo.

Gostaríamos de agradecer a Júlia Rol, por ler e comentar com todo o amor do mundo. Nos incentivando em todas as redes sociais possíveis. Você, Júlia, é admirável e somos gratas por ter você conosco.

A você que me cobrou uma data de lançamento para esse livro no Instagram, que pediu por mais capítulos no Wattpad e que participa das interações no Facebook: muito obrigada. Vocês são as melhores leitoras do mundo.

De Ane para Ane: quero te agradecer por pilotar o voo enquanto a copiloto aqui precisava de máscara de oxigênio.

Se eu puder te fazer um pedido depois de chegar até aqui nessa leitura: avalie o livro. Nos mande uma mensagem dizendo o que achou e se gostou, recomende para suas amigas. Sem vocês, não existimos.

Com amor, Ane Pimentel.

Demais Obras

[Belo Mentiroso](#)

[Prazer em conhecê-los](#)

[Acordo Pré-nupcial](#)

[É para o meu próprio bem](#)

[Segundo Tempo](#)

[Quando a vida real não basta](#)

[No Divã](#)

[Pai do ano](#)

[Chegou a minha vez](#)

[Domine meu coração](#)

Redes Sociais

Estamos sempre com ideias novas e adoramos dividir com vocês. Nos acompanhe nas redes sociais para ver os book-trailers, quotes e todas as novidades!

Instagram: [@autoraanepimentel](https://www.instagram.com/autoraanepimentel)

Perfil Facebook: [Ane Pimentel](https://www.facebook.com/AnePimentel)

Grupo (secreto) no Facebook: [Autora Ane Pimentel](https://www.facebook.com/AutoraAnePimentel)

Fanpage: [Autora Ane Pimentel](https://www.facebook.com/AutoraAnePimentel)

Wattpad: [@AnePimentel](https://www.wattpad.com/@AnePimentel)